

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE DOUTORADO

MARLON GONSALES ASEFF

NO PORTÃO DA FÁBRICA
Trabalho e militância política na fronteira de Santana do Livramento/Rivera
(1945-1954)

PORTO ALEGRE
2017

MARLON GONSALES ASEFF

NO PORTÃO DA FÁBRICA

Trabalho e militância política na fronteira de Santana do Livramento/Rivera
(1945-1954)

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como
parte dos requisitos para a obtenção do
título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susana Bleil de Souza

PORTO ALEGRE
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Aseff, Marlon Gonsales

No portão da fábrica: trabalho e militância política na fronteira de Santana do Livramento/Rivera (1945-1954) / Marlon Gonsales Aseff. -- 2017.

217 f.

Orientadora: Susana Bleil de Souza.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Comunismo. 2. PCB. 3. Chacina. 4. Fronteira. 5. Frigorífico Armour. I. Bleil de Souza, Susana, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MARLON GONSALES ASEFF

NO PORTÃO DA FÁBRICA

Trabalho e militância política na fronteira de Santana do Livramento/Rivera
(1945-1954)

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como
parte dos requisitos para a obtenção do
título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susana Bleil de Souza

Aprovada em 31 de julho de 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^o Dr.^o Rodolfo Porrini
Universidad de La República URUGUAY (UDELAR)

Prof.^o Dr.^o José Remedi
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Prof.^o Dr.^o Cesar Augusto Barcellos Guazzelli
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

PORTO ALEGRE
2017

Aos meus pais,
Jesus e Maria Helena

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós Graduação em Historia da UFRGS e a CAPES, que me permitiu dedicação exclusiva para o estudo da tese nos dois primeiros anos desta pesquisa.

A minha orientadora, professora Susana Bleil de Souza, por ter acreditado e incentivado este projeto desde o início.

Aos professores da banca de qualificação, Profa. Dr^a Regina Weber, aos professores da banca de defesa, César Augusto Guazelli, Rodolfo Porrini e José Remedi, grato pela leitura e considerações finais, tão importantes para minha formação profissional. Aos funcionários da Biblioteca Nacional do Uruguai, que sempre se mostraram solícitos.

Aos queridos tios, Marlene e Chico Valério (in memorian) pela carinhosa acolhida ao estudante dos primeiros semestres do curso em Porto Alegre.

A historiadora Vera Albornoz, que gentilmente me cedeu entrevistas que fazem parte de sua pesquisa sobre o Frigorífico Armour, material ainda inédito.

A professora Olga Santana, que colaborou com entusiasmo nesta pesquisa. (in memorian)

As funcionárias do Museu Municipal David Canabarro, de Santana do Livramento, Terezinha, Ilza e *in memorian* Cleuza, sempre empenhadas e cuidadosas com o acevo, que mesmo estando em estado fragilizado (como ainda hoje se encontram os periódicos raros) nunca se negaram auxiliar a pesquisa. Também Rosi Trindade, do Memorial Ivo Caggianni, da Câmara Municipal de Vereadores de Santana do Livramento, foi fundamental na recepção a esta pesquisa.

Ao Professor Dr^o Hernán Camarero, da Universidad de Buenos Aires (UBA) que me acolheu em minhas inquietações sobre o universo operário fabril argentino e suas possíveis relações com a fronteira, na primavera de 2010.

As fontes, em especial, Sônia Valdez Cabeda, viúva do escritor Arlindo Coitinho e militante comunista que disponibilizou o acervo de sua família à pesquisa.

Ao Pedro D'Avila de Mello, amigo que muito aportou com nossas conversas apaixonadas sobre seu pai, a fronteira e o Uruguai. A Marlova Souza Canabarro, Ilza Costa Soares Neto e Denise Simões Pires pelo suporte das memórias de seus familiares.

Aos amigos Humberto Setembrino Carvalho, Nubem Medeiros, Jair Kriscke, Antônio Apoitia Neto, Luciano Machado que entusiasmados, sempre atenderam minhas questões, apoiando o projeto desde o início. Também a generosidade do pesquisador- historiador João Batista Marçal, que acolheu minha investigação com sincero entusiasmo.

A Família Santana, em especial a Luís Carlos de Oliveira Santana, que generosamente, após o falecimento de seu pai, Perseverando, confiou parte de seu acervo a mim, o que conferiu novos rumos à pesquisa. Também, A Sergio Alves, filho de Hélio, que pacientemente, sempre atendeu as minhas dúvidas. A Maria Amália Santana Medina, que compartilhou sua memória familiar.

A Família de Hugo Nequesaurt, especialmente a Delma, esposa e companheira admirável, deste homem que deixou bons frutos em sua trajetória no movimento operário santanense e fronteiriço.

A Família de Santos Soares, sua viúva Gessy, aos irmãos Vladimir e Vladecir Fagundes Soares, que com todo carinho foram incansáveis em rememorar as lembranças do grande líder comunista da fronteira.

Ao colega Lauro Manzoni Bidinoto, companheiro e amigo do curso de doutorado. A colega Adriane Canan, pelo apoio e amizade.

Ao amigo, escritor e jornalista, Guillermo Garat, pela amizade e fiel acolhida, pois muitas foram às viagens à Montevideo, e que sempre abriu, prazerosamente, as portas de sua casa para pesquisar nos acervos uruguaios. Ao colega Lauro Manzoni Bidinoto, companheiro e amigo do curso de doutorado.

Aos amigos de Rivera, a bibliotecária Magali Ivañez, Enrique da Rosa e a historiadora Selva Chirico, que apoiaram e estimularam a pesquisa.

Dedico um agradecimento especial *in memoriam* aos notáveis comunistas desta fronteira, Santos Soares, Perseverando Santana, Hugo Nequesaurt, Hélio Santana, Lúcio Soares Neto e Eustáquio Apoitia.

Aos mestres e amigos, professores doutores Paulo Pinheiro Machado, Adriano Duarte e Benito Bisso Schmidt, que compartilharam saber e indicaram caminhos.

“{..} Libertador, un mundo de paz nació en
tus brazos.
La paz, el pan, el trigo de tu sangre
nacieron:
de nuestra joven sangre venida de tu sangre
saldrá paz. pan y trigo para el mundo
que haremos {...}”

Pablo Neruda (1948)

Resumo

A presente pesquisa trata das relações entre trabalhadores, militantes ligados ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e a comunidade fronteiriça de Santana do Livramento e Rivera, a partir da instalação na região do Frigorífico Armour, e especialmente durante o período de redemocratização da sociedade brasileira que se seguiu ao final do Estado Novo, em um recorte que compreende o período de 1945 a 1954. Tem por objetivo revelar as articulações políticas e lutas operárias que tiveram como protagonistas os militantes ligados ao PCB e a sociedade fronteiriça no período em que o partido viveu um breve momento de legalidade, que por fim iria desaguar em forte repressão e na chacina ocorrida em 24 de setembro de 1950, na linha divisória entre Brasil e Uruguai. Dividida em quatro capítulos, busca historicizar a trajetória de homens e mulheres que tomaram parte dessa busca por direitos e justiça social em uma sociedade que tinha na grande fábrica multinacional o motor de desenvolvimento e também de concentração de poderes. Para tanto utiliza um conjunto de fontes composto por entrevistas, periódicos, acervos particulares, Anais da Assembleia Nacional Constituinte de 1946 e da Câmara de Vereadores de Santana do Livramento, textos literários e manuscritos.

Palavras- Chave: comunismo, PCB , chacina, fronteira, Frigorífico Armour.

Abstract

This thesis concerns about the relations between workers, militants linked to the Communist Party of Brazil (PCB) and the border community of Santana do Livramento and Rivera, since the installation in the region of the Armour meat packers company, and especially during the period of redemocratization of Brazilian society which followed the end of “Estado Novo”, in a cut that covers the period from 1945 to 1954. The objective is to reveal the political articulations and workers' struggles that had as protagonists the militants linked to the PCB and the border society in the period in which the party lived a brief moment of legality, which would eventually lead to strong repression and the slaughter that occurred on September 24, 1950, on the dividing line between Brazil and Uruguay. Divided into four chapters, it seeks to historicize the trajectory of men and women who took part in this search for rights and social justice in a society that had in the great multinational factory the motor of development and also concentration of powers. In order to do so, it uses a set of sources composed of interviews, periodicals, private collections, Annals of the Constituent Assembly of 1946 and the Council of Councilors of Santana do Livramento, literary texts and manuscripts.

Key-words: communism, PCB, slaughter, border, Armour.

Abreviaturas e Siglas

APCD-BD - ANAIS- Portal da Câmara dos Deputados, Biblioteca Digital
AJBM- Acervo João Batista Marçal
APFS- Acervo Perseverando Fernandes Santana
ALN- Aliança Libertadora Nacional
APERS- Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
BMA- Biblioteca Municipal Artigas – Rivera (ROU)
BNU- Biblioteca Nacional- Uruguai
BSCSH\UFRGS-Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais e Humanidades UFRGS
CTB- Confederação dos Trabalhadores do Brasil
FDLN- Frente Democrática de Libertação Nacional
HDBN- Hemeroteca Digital Brasileira - Biblioteca Nacional
IHGRGS- Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - ASJP- Acervo Sandra Jatahy Pesavento
MUT- Movimento Unificador dos Trabalhadores
MCSHJC- Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa
MMDV- Museu Municipal David Canabarro
PCB- Partido Comunista do Brasil
PCB- Partido Comunista Brasileiro
PL- Partido Libertador
PSD- Partido Social Democrata
PSP- Partido Social Progressista
PTB- Partido Trabalhista Brasileiro
PRL- Partido Republicano Liberal
PRP- Partido de Representação Popular
PRR- Partido Republicano Riograndense
TSE- Tribunal Superior Eleitoral
UDN- União Democrática Nacional

Introdução	13
 Capítulo 1- UMA FRONTEIRA SINGULAR	
1.1- Revelando as cidades	28
1.2-O Frigorífico Armour	32
1.3- Os espaços organizados	42
 Capítulo 2- A FABRICA E A CIDADE	
2.1- O cotidiano operário	49
2.2- Os safristas	57
2.3- Vigilância e controle.....	62
 Capítulo 3- TEMPO DE LUTAS	
3.1- Legalidade e militância	64
3.2- Os pecuaristas contra o Frigorífico	72
3.3- O confronto parlamentar	77
3.4- A greve de 1949	87
3.5- A chacina do Parque Internacional	94
3.6- Lúcio Soares Neto acusa	114
3.7- Unidade, a voz operária da fronteira	118
 Capítulo 4- MISTERS, OPERÁRIOS E MILITANTES	
4.1- Representações da luta operária na literatura de Arlindo Coitinho....	133
4.2-O Partido e seus protagonistas	140
 Considerações Finais	183
Fontes	187
Referências Bibliográficas	193
Anexos	206

Introdução

(...) Poeta, irmão, sonhemos juntos
um mundo sem amarguras.
Sonhemos juntos, plantemos.
A terra está como um fruto
em pleno amadurecer.
Espalhemos nossos versos,
como quem joga sementes,
para a terra devolver (...)"

Lila Ripoll - Cantiga

O imponente esqueleto da velha fábrica de conservas de carne e derivados, desativada há quase 20 anos, ainda marca o imaginário da cidade de Santana do Livramento, localizada na fronteira gaúcha com o Uruguai. O Frigorífico Armour foi por mais de seis décadas a principal indústria do município, que viveu anos de apogeu econômico, impulsionado pelo aporte que os capitais ingleses e norte-americanos conferiram a região. Inaugurado em 1917, o frigorífico encerrou melancolicamente suas atividades no final dos anos 90, após períodos de incertezas, fechando um ciclo de desenvolvimento e, conseqüentemente, detonando uma crise social e econômica que veio com o desemprego decorrente do final da industrialização dos produtos de origem pecuária.

No bairro que surgiu em torno da grande fábrica, as velhas casas guardam as marcas de um tempo bastante distinto dos tranquilos dias atuais. Para os antigos moradores que viveram a efervescência do trabalho em torno dos processos de abate do gado e da industrialização da carne, as ruas empedradas que hoje exalam uma rara calma, remetem a um local onde outrora se gerava a força econômica do município e o coração pulsante de um bairro chamado “industrial”. Por décadas, a fábrica marcaria o cotidiano da fronteira, com o som potente do apito que assinalava a troca de turnos, a invadir indistintamente os lares e as classes sociais.

Na memória dos trabalhadores que construíram suas vidas em torno da enorme fábrica que a todos envolvia – do ex-gerente de compras à filha de operários - o frigorífico emerge como a recordação de um tempo de esforço, superação e lutas em comum. “Aqui todo mundo trabalhava bem, e com um soldo era possível sustentar uma família com dois filhos”, recorda Carlos Henrique Civeira Bassedas, que conviveu com chefes e operários, dentro e fora dos portões da fábrica, durante 47 anos. “Quando eu nasci, em 1929, tinha quatro ou cinco casas, mas o frigorífico já estava ali”, lembra Ramão Vargas, que por mais de 40 anos trabalhou na fábrica. “Foram anos de muita organização dos trabalhadores, de reuniões e estudos escondidos no porão de casa”, assinala Olga Santana, filha do líder sindical Jovelino Santana, de forte atuação entre os trabalhadores do frigorífico, nos anos 1940.

As recordações das décadas passadas em torno do trabalho na grande fábrica, as vivências das tarefas cotidianas e os protestos persistem nas lembranças dos ex-operários que habitam o antigo bairro. Mas na cidade que viveu anos de apogeu econômico impulsionado em grande parte pelos dividendos gerados pela fábrica, uma questão aflora: muito pouco dessa trajetória foi historicizada, e no que concerne aos trabalhadores e suas experiências, restaram registros esparsos e descontextualizados.¹ Portanto, esse vácuo na historiografia desta região de fronteira constituiu-se como um dos fatores que motivou a escolha de questões centrais que nortearam esta pesquisa. Trata-se de entender como a comunidade fronteiriça conviveu, em suas instâncias de trabalho e poder político institucionalizado, com a emergência do frigorífico, em um período histórico que compreende o final do Estado Novo, a redemocratização e a breve legalidade do Partido Comunista do Brasil, até os conflitos que marcaram momentos de crise na década de 1950 e o período seguinte, em que a instabilidade política só iria crescer, até desaguar no golpe civil-militar de 1964.

Quem eram as lideranças políticas e comunitárias que respondiam aos dilemas impostos pelo trabalho massificado e serial dentro da fábrica, quais os elementos que as

¹ A cidade de Santana do Livramento recebeu no final do século XIX e início do XX, junto com a implantação das primeiras charqueadas, imigrantes de origem européia, que se somavam a emergente atividade do abate e processamento da carne de gado. Se a atividade produtiva do município baseava-se em pecuária e comércio, sendo este último um importante fator de expansão econômica e urbana, as atividades fabris ligadas às charqueadas e posteriormente aos frigoríficos, agregaram valor e trouxeram a composição étnica da região, imigrantes especialmente europeus, que somavam-se também aos árabes e aos oriundos das regiões de mineração no Uruguai, que rumavam à fronteira.

identificavam com essa classe trabalhadora?² Como esse grupo, muitos deles ligados de alguma maneira ao Partido Comunista do Brasil (PCB) interagiam com esses trabalhadores e que propostas acresciam ao seu leque de reivindicações? Qual o papel de homens e mulheres nessa trama de trabalho, lazer e busca por direitos, que a cada dia impulsionava a comunidade fabril e seu entorno?

Moveu-me, fundamentalmente, a necessidade de aprofundar uma investigação que desvendasse a atuação de um grupo de homens de origens muitas vezes distintas, porém irmanados na luta pela justiça social e o enfrentamento dos grupos poderosos que de alguma maneira interferiam nos destinos da massa trabalhadora reunida em torno do grande frigorífico. Faz-se necessário aqui desvendar da atuação de líderes operários locais, como o mítico Santos Soares, seguido por um grupo de camaradas unidos em torno do partido comunista, militantes e simpatizantes, de matiz tão distinta como o advogado Lucio Soares Neto, o pecuarista Perseverando Santana, o torneiro mecânico Hugo Nequesauert, o jornalista Solon Pereira Neto, o operário Aladim Rosales, o advogado Heron Canabarro, o farmacêutico Francisco Cabeda Júnior ou o pequeno produtor Hélio Santana Alves.

Importante salientar que os personagens que compõem uma parte desse mosaico da história social da fronteira surgiram nesta pesquisa de maneira gradual, fundamentalmente através de incursões realizadas durante cerca de uma década, para a elaboração, respectivamente, de duas dissertações de mestrado em História Cultural, realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina no início dos anos 2000. Em uma delas, intitulada *Memórias Boêmias - histórias de uma cidade de fronteira*, a historiadora santanense Liane Chipollino Aseff prospectou um grupo de fontes que por primeira vez se empenhariam em narrar fatos ligados à história cultural e política da região, em um viés analítico que quebrava um modelo de pesquisa até então ligado a uma abordagem “positivista”, onde imperavam os grandes vultos e as verdades absolutas. Em minha dissertação de mestrado, por sua vez, transformada posteriormente no livro intitulado *Retratos do Exílio, solidariedade e resistência na fronteira*, algumas dessas fontes voltavam à cena, desta vez

² Utilizo aqui o conceito de comunidade em sua inflexão thompsoniana, que inclui uma análise do mundo do trabalho neste bairro em uma abordagem voltada aos aspectos interligados, de gênero, da disciplina fabril, do lazer, como na feliz expressão de Mirta Lobato, dessas “múltiplas comunidades coexistentes”, com suas “tensões, ambiguidades e paradoxos”. LOBATO, Mirta Zaida. *Mi Lectura de “La Formación histórica de la clase obrera en Inglaterra”*, de Edward Palmer Thompson. Revista Mundos do Trabalho. Vol 5. n.10, Julho-dezembro de 2013. P.51

em meio aos nebulosos caminhos que a ditadura civil-militar de 1964 relegava a região. Foram estes primeiros contatos que descortinaram um riquíssimo cenário de conflitos e personagens que ainda esperavam uma abordagem objetiva, como os movimentos operários e a presença desses e de outros atores políticos nos anos de redemocratização que se seguiram ao final do Estado Novo, nesta região da fronteira brasileira.

Em um recorte nacional, o final do Estado Novo marca uma quadra em que os trabalhadores viviam as agruras da inflação crescente, com o aumento no custo de vida somado a uma experiência que remetia ainda às medidas de exceção impostas pelo Estado de Guerra, com suas características de disciplinarização e controle social. Trata-se também de um momento em que o país experimentava um processo de redemocratização, somado aos novos ventos políticos do populismo e desenvolvimentismo. Destaco aqui a contribuição do historiador inglês Edward Palmer Thompson, e a proposição central de conceitos como classe, experiência e consciência de classe. Dentro do campo de reflexões propostas por Thompson, podemos afirmar que aconteceu uma renovação da abordagem de conceitos analíticos sobre a história dos trabalhadores. Em *A Formação da Classe Operária Inglesa*³, o historiador britânico problematiza o conceito de classe, contrapondo-se às noções estáticas do estruturalismo, que delimita uma consciência de classe nos moldes equivocados de verdadeira ou falsa. Thompson introduz o conceito de “experiência” como um fundamento para a abordagem dos processos de formação de classe, inserida nas relações de produção e mediada em termos culturais. O grande mérito do historiador aqui se traduz na contraposição a uma visão estática e com uma consciência pré-definida, mecânica, sugerindo uma perspectiva dinâmica e de processo histórico. Classe e consciência de classe lembra Thompson, é sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.⁴ Portanto, julgo importante levar estas reflexões para o ambiente de constituição dessa classe trabalhadora na fronteira brasileiro-uruguaia, que apresenta particularidades frente a outros locais “não fronteiriços”, nos anos posteriores ao Estado Novo, considerando que o processo de formação dos trabalhadores enquanto classe é

³ THOMPSON, Edward. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pg.76, 1987.

⁴ THOMPSON, Edward. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, pg.89, 2001.

permeado por determinadas lutas, tensionantes e distintas, assim como por interesses em comum e também contraditórios.⁵

Necessária se faz uma compreensão das formas como as relações de produção – os processos de trabalho e as relações econômicas - se mesclaram junto a outros sistemas de valores e tradições, resultantes dessa experiência do trabalho entre a comunidade que se formou no entorno da fábrica, constituindo assim uma “cultura”, no sentido de abarcar uma série de significados, de práticas e valores, nascidos dessa experiência.

Levando-se em consideração essa premissa, concordo com Adriano Duarte, quando afirma que,

O que a conexão entre o mundo do trabalho e as demandas de bairro trazem à tona, além de uma consciência comum de exclusão, é a idéia de que a cultura das classes populares está assentada numa concreta interconexão entre as esferas do trabalho, do lazer, da moradia e da família, conexão que deve ser interpretada como uma vinculação inextricável entre as condições materiais, opções políticas e práticas culturais, de maneira que, apenas para grupos minoritários, as questões do mundo do trabalho são sentidas separadamente das preocupações do mundo privado da família ou das relações coletivas do bairro.⁶

Ao enfrentar o desafio de compreender as experiências populares no bairro paulistano da Mooca no pós-guerra, Duarte mostra que o território não encarna por si só um ente que corresponde simplesmente a uma unidade territorial, desprovido de outras significações, mas algo que flui e que se altera ao longo do tempo. Nessa busca por um bairro que é “invenção coletivamente partilhada e historicamente construída”, encontra algo que não se constitui em unidade homogênea: “ele é atravessado por diferenciações de ordem sexual, etária, racial, regional e cultural, de modo que as experiências de vida coletiva que ele enceta são vivenciadas de diferentes maneiras. Essa multiplicidade é decisiva para a sua compreensão enquanto objeto de estudo, mas o fundamental é tentar compreender como essa realidade heterogênea foi capaz, muitas vezes, de produzir

⁵ Em relação a definição de classe e consciência operária no Brasil, a influência de Thompson foi decisiva ao reafirmar o protagonismo dos trabalhadores e enfatizar seus conceitos de experiência e agência, colocando suas práticas embebidas de sentido, com dinâmica própria. Sua crítica ao economicismo e ao marxismo estruturalista, que afastava a possibilidade de agência foi marcante na renovação da história do trabalho, particularmente ao afastar da análise teórica um marxismo ortodoxo, que se negava a incluir nos estudos da classe trabalhadora os modelos que não se encaixavam em um tipo “capitalista”, de classe operária definida nesses termos.

⁶ DUARTE, Adriano Luiz. *Cultura popular e cultura política no pós-guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimento no bairro da Mooca, 1942-1973*. Unicamp, 2002. Tese de Doutorado. Pg 14.

experiências comuns que, sem apagar as diferenças internas, foram capazes de criar, em certas circunstâncias, um sentido de comunidade e uma unidade”.

Embora essas experiências apontem também para a necessária análise do surgimento de uma associação sindical organizada, não poderia aprisionar este trabalho a uma reflexão sobre a classe trabalhadora unicamente atrelada a suas organizações formais. Por isso, esta investigação não se aterá tão somente em um aspecto da organização sindical dos trabalhadores da carne, ou a vida dentro da fábrica, mas busca desvendar as complexidades das relações entre os trabalhadores e políticos, empresários e grandes produtores rurais, além dos limites do bairro industrial, pensando essas relações de maneira mais ampla, com as práticas culturais e cotidianas relacionadas às instâncias das representatividades no município e o diálogo com as tradições políticas e culturais de uma região de fronteira.

O desafio de pensar os trabalhadores que se estabeleceram em torno do frigorífico como classe objetivamente definida, e delimitar até que ponto essa classe pode ser considerada como um ator político aponta para uma reflexão sobre as reais possibilidades desse recorte. Regina Weber, na busca por delimitações que norteassem a exata localização do objeto de pesquisa, na investigação que nos trouxe dos trabalhadores fabris da cidade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul, alerta para o fato de que um recorte estreito como o de “trabalhadores fabris”, remete a impasses ligados a uma concepção estática de classe: “como delimitar uma população cujos membros nem sempre permaneceram muito tempo nessa condição, isto é, que após alguns anos de fábrica deixaram-na, pelo comércio, pelo escritório, pelo serviço doméstico ou pela oficina própria?”⁷

Conforme apontam determinados processos trabalhistas movidos contra o Frigorífico, o caráter temporário do trabalho por safras, os ofícios paralelos à fábrica e as atividades ligadas aos pequenos comércios de bairro mostram um desafio similar. Adriano Duarte alerta, por outro lado, para o fato de que não se pode pensar em “comunidade”, sem antes estabelecer que em uma sociedade capitalista industrial, somam-se dificuldades em recortar o objeto, dadas a intensa mobilidade espacial, a falta de uma permanência da propriedade da terra e as separações entre trabalho e família.⁸ Se a análise dos fenômenos

⁷ WEBER, Regina. *Os operários e a colmeia: trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí (RS)*. Editora Unijuí, 2002. Pg.26

⁸ DUARTE, Adriano. Op. Cit. Pgs. 3-4.

sociais e políticos tendo por ponto de partida as classes sociais dentro do processo produtivo é um dos pilares da teoria marxista⁹, que aponta para as relações de exploração entre trabalhadores e detentores dos meios de produção ao longo da história, torna-se mais complexa a investigação de como um determinado grupo de trabalhadores constitui-se como classe no embate político e na busca por seus interesses.¹⁰

Neste trabalho, pretendo usar uma noção ampliada de classe trabalhadora que inclui o operariado, trabalhador coletivo assalariado e produtor direto da mais valia, conforme acepção marxista e que possui papel central nessa perspectiva de subsunção do trabalho pelo capital, mas que também abrange pequenos proprietários e assalariados ligados ao setor de serviços, incluindo os setores assalariados mais qualificados dentro da fábrica, e que exerciam funções de controle interno.¹¹

Considero válida a abordagem proposta pelo historiador Rodolfo Porrini, ao analisar a construção de imagens sobre os trabalhadores e a cultura imaterial no Uruguai entre as décadas de 1940 e 1950, onde prioriza os operários da indústria frigorífica instalada no bairro do *Cerro*, em Montevideu. Porrini parte da constatação de que o *Cerro* não era homogêneo socialmente, mas que ali se gerou uma forte identidade de bairro assentada sobre a base da principal identidade laboral, ligada primeiro aos saladeiros e logo depois ao frigorífico. Em busca dessas configurações de uma cultura “*obrero*”, que define como as práticas e representações que desenvolvem os trabalhadores em relação a modos de vida, imagens, códigos morais e estéticos, uso do tempo livre, formas associativas, de resistência e tradições; a investigação de Porrini percorre um caminho que se reporta a formação da classe trabalhadora no Uruguai, entre as décadas de 1930 e 1950. Na busca pelas vias identitárias dos trabalhadores uruguaios da indústria frigorífica, Porrini enumera algumas

⁹ Conforme aponta Marcelo Badaró Mattos, “no capitalismo, a divisão social do trabalho assume proporções qualitativamente novas, com uma completa subordinação dos trabalhadores, convertidos em força de trabalho, vendida no mercado como mercadoria ao capital. O trabalho assume assim a forma histórica de trabalho abstrato por meio do assalariamento ao capital. É da crítica a essa forma abstrata do trabalho, portanto, que se alimenta toda a melhor tradição do materialismo histórico do século XX”. MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro. 2012. Pg. 82.

¹⁰ Questões referentes a determinação de classe e suas representações na luta política podem ser ampliadas em PERISSINOTTO, Renato Monseff. *O 18 Brumário e a análise de classe contemporânea*. Lua Nova, São Paulo. 2007, pgs 71-121.

¹¹ Me parece útil aplicar uma noção mais ampliada desse mundo do trabalho, envolvendo outras categorias de trabalhadores assalariados e pequenos proprietários, que possuem em comum uma perspectiva de atuação política e econômica ligada a potência representada pelo frigorífico, enquanto grande empregador e gerador de renda, com uma inserção direta nos destinos do bairro.

questões destinadas a verificação das diversas identidades a que estariam submetidos os trabalhadores locais, configurando assim uma “identidade de bairro”, fortemente assentada sobre o trabalho compartilhado na fábrica.¹²

Interessa-me uma análise das relações de representação dessa classe trabalhadora na arena política, seja no sindicato, nas associações, partidos, manifestações religiosas ou culturais. O foco aqui são as instâncias de poder que esses líderes adquirem e os graus de legitimidade dessas representações frente aos interesses comuns de uma coletividade de trabalhadores. De que maneira esses discursos seriam assimilados sem contestação, ou ao menos, sob uma aparente legitimação?¹³

Partindo da investigação das produções discursivas, chego à memória como um elemento fundamental de análise da identidade dessa classe trabalhadora. Através de entrevistas e coleta de relatos orais de ex-operários, familiares, trabalhadores de distintos níveis socioeconômicos, que vivenciaram o cotidiano desses anos, busco reconstituir os modos de trabalho e sociabilidade dentro e fora da fábrica. Como nos mostra Isabel Bilhão em seu trabalho sobre a construção identitária dos operários porto-alegrenses do início do século passado, trata-se de pensar “relações de reconhecimento e distinção, bem como (...) a reivindicação de uma memória comum herdada que reforça e justifica, no presente, a delimitação de ‘territórios’ sociais e o estabelecimento de alteridades”.¹⁴

Apono aqui a importância da História Oral como metodologia de pesquisa necessária a esta investigação, no sentido conferido por Paul Thompson, ou seja, o de mostrar como os relatos que desnudam a “força e o conflito”, podem embasar, em parte, a “finalidade social essencial da história”. Se as fontes documentais são, por vezes, escassas e dirigidas, Thompson aponta as grandes possibilidades transformadoras abertas pela história oral na investigação de costumes e, em especial, da família e de todos os campos de abordagem aí compreendidos. Interessa-me aqui o sentido conferido a evidência oral, como

¹² PORRINI, Rodolfo. “*Experiencias de clase trabajadora e ideologias em conflicto (1940-950)*”. In: Camou M.M. e Porrini, R. (Comp.) Trabajo e historia en el Uruguay. Investigaciones recientes. FHCE – FCS – CSIC. Montevideu. 2006. Pg. 16.

¹³ No que concerne às relações de comunicação e de conhecimento como capital simbólico de legitimação e domínio, o sociólogo Pierre Bourdieu, analisa como o campo da produção simbólica e os sistemas de produção ideológica inserem-se no próprio fazer-se do trabalho social, propiciando uma divisão de classes de maneira legitimada, levando-se em consideração que um discurso de dominação, dessa forma, seria assimilado sem contestações. BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.

¹⁴ BILHÃO, Isabel. *Identidade e Trabalho. Uma história do operariado Porto-Alegrense (1898-1920)*. Porto Alegre. Edel, 2008. Pg.19.

“particular valor para o historiador da vida operária preocupado com o processo de trabalho propriamente dito – não simplesmente sua tecnologia (...) mas a experiência de trabalho e as relações sociais que desta resultam”.¹⁵ Portanto, será também através da memória de trabalhadores e ex-operários do bairro industrial que essa história será recuperada.

Questões que certamente agregam à pesquisa que tange os trabalhadores do Frigorífico Armour, guardados os devidos cuidados quando se tem de buscar o distanciamento necessário aos relatos da memória e confrontá-los com outras fontes e evidências empíricas. Algo que Eric Hobsbawm já alertava, ao abordar os desvios do nacionalismo como um exemplo padrão de uma cultura de identidade “que se ancora no passado por meio de mitos disfarçados de história”.¹⁶

Por outro lado, a obra de Ecléia Bosi nos revela os meandros dessa memória operária em uma sociedade industrial “maléfica para a velhice”, onde “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social”, sendo que os velhos de uma classe favorecida podem “defender-se”, pela acumulação de bens, da desvalorização pessoal que a sociedade impõe. Aos velhos que não acumularam bens suficientes para isso, resta o afastamento sumário das relações de produção, o esquecimento e a morte. Conforme Bosi, “a racionalização, que exige cadências cada vez mais rápidas, elimina da indústria os velhos operários. O taylorismo e, hoje, as horas extras deveriam ser estudados seriamente como causas da morte precoce de trabalhadores”.¹⁷

Em relação às fontes documentais utilizadas neste trabalho, julgo importante dividi-las em campos complementares. Em Santana do Livramento, na procura por indícios de determinados temas relacionados ao frigorífico e as lutas por melhores condições de vida e trabalho no ambiente fabril e fora dele, deparei-me com fontes documentais escassas e não raro em mau estado de conservação.¹⁸ Jornais comerciais, como os santanenses *A Platéia*,

¹⁵ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra. São Paulo, 1988. Pg. 114.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. *Não basta a história da identidade. Sobre História*. São Paulo. Companhia das Letras. 1998. Pg. 285.

¹⁷ BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. Companhia das Letras: São Paulo, 1999. Pgs 114-117.

¹⁸ Fontes documentais primárias, como atas, documentos originais, periódicos e registros paroquiais, entre outros, são raros e estão dispersos por instituições públicas e privadas, geralmente preservados de maneira inadequada. Em menor ou maior grau, os documentos guardados na fronteira, são remanescentes de anos de precariedade e falta de políticas públicas destinadas a preservação e constituição de um conjunto documental. Parte significativa do acervo remanescente data do início dos anos 1940, sendo muitas vezes composto por

Folha Popular e o udenista *O Republicano*¹⁹, ou os riverenses *Norte* e *La Palabra*, entre outros, assinalam os vieses ideológicos que a imprensa fronteiriça destinava aos trabalhadores e suas demandas. Mais difícil e em escasso número encontram-se os jornais de cunho empresarial e diretamente ligados ao frigorífico. Grande parte desse acervo, com dados fundamentais sobre a evolução do número de empregados, suas origens, demandas e distribuições laborais, e também as ideologias do trabalho nutridas dentro da fábrica foi perdido com o desmanche da planta industrial. O que sobrou pertence a particulares que foram ligados a administração direta da fábrica e se mostraram reticentes em colaborar com esta pesquisa. Jornais e documentos diversos, que de alguma maneira abordam o tema do trabalho e a industrialização na fronteira podem ser encontrados nos museus David Canabarro e *Folha Popular*, ambos em precárias condições de acondicionamento, após sucessivas gestões públicas que simplesmente ignoraram a vital importância da preservação do patrimônio documental sob o abrigo do poder público. O Museu da *Folha Popular*, que possui um acervo de fontes primárias e talvez a hemeroteca mais completa da região, está há anos fechado para visitação ou pesquisa.²⁰ Complementando o acervo disponível sobre as demandas dos trabalhadores no bairro industrial, bem como anotações da vida político-institucional de Santana, também encontram-se em boa parte guardados no Memorial Ivo Caggiani, na Câmara de Vereadores de Santana do Livramento, dispostos em volumes encadernados por ano, a partir de 1947, e ainda assim, constata-se que o ano fundamental de 1950 foi perdido ou extraviado.²¹

Fundamental para esta pesquisa foi o aporte da biblioteca de Perseverando Santana, pecuarista e membro do PCB, que reuniu durante toda uma vida de 94 anos, importantes

fontes secundárias ou terciárias, ou seja, documentos reescritos e repaginados de originais perdidos ou que não são devidamente creditados como fontes dessas novas documenta es.

¹⁹ O *Republicano* surge em 1941, como uma extensão de *A Democracia*, jornal de oposi o a Vargas e editado a partir do Uruguai, onde José Antônio Flores da Cunha exilou-se após o Estado Novo. Mantido pela família Flores da Cunha, especialmente o ex-senador e chefe político local Francisco Flores da Cunha, O *Republicano* torna-se porta voz da UDN local a partir de 1945, perfilando-se nas fileiras anticomunistas e de defesa dos interesses dos proprietários rurais do município.

²⁰ Um levantamento inédito, realizado pelos pesquisadores João Batista Marçal e Orestes Rosa Ilha aponta pelo menos 190 títulos de jornais e periódicos, lançados em Santana do Livramento, entre 1860 e 1965, sendo muitos de caráter bilíngue e ligados a matizes políticas, de anarquistas e socialistas a liberais. Nenhum destes encontra-se disponível para pesquisa. Talvez na hemeroteca do Museu da *Folha Popular*, atualmente em situa o de desmanche e fechado ao público, alguns títulos ainda resistam.

²¹ Um repertório documental que remete a análise comparativa dos processos laborais e organiza o dos trabalhadores pode ser encontrado na cidade uruguaia de *Fray Bentos*, que mant m um museu industrial onde anteriormente funcionou o Frigorífico Anglo.

documentos da luta sindical e partidária na cidade. Entre os documentos do acervo de Perseverando utilizados nesta tese, foram fundamentais os exemplares dos jornais comunistas *Tribuna do Povo*, mantido por Lúcio Soares Neto e Francisco Cabeda Júnior, *Unidade*, sob a direção do jornalista Solon Pereira Neto e, posteriormente, pelo sindicalista Ary Saldanha. Também exemplares de *A Tribuna* e *Voz Operária*, este último, jornal carioca criado em 1949 como porta voz do PCB, que circulou até 1969, em sua primeira fase. Importante notar que o *Voz Operária* mantinha uma periodicidade regular e cobria com assiduidade as demandas operárias e os conflitos que brotavam dentro do Frigorífico Armour, em Santana do Livramento. Seja através de reportagens investigativas, assinadas sob pseudônimos, por “correspondentes” ou mesmo na seção Voz dos Leitores, é recorrente a presença do Armour e as demandas operárias em suas páginas. Por fim, porém não menos importantes, panfletos ligados ao partido na cidade, em sua maioria do final da década de 1940 e inícios da década de 1950, além de inúmeros recortes de notícias publicadas na imprensa fronteiriça, sobre a situação política e a disputa pela legitimidade de representação da classe trabalhadora completam o acervo pesquisado.

Entre as obras que analisam a constituição de uma classe trabalhadora em torno dos frigoríficos de capital inglês e norte-americano que se instalaram especialmente na Argentina, Uruguai e Brasil, no início do século 20, a investigação de Mirta Zaida Lobato, *La vida en las fábricas. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)*, constitui um dos mais consistentes aportes na direção de pesquisa que envolve a organização do trabalho no interior da fábrica, o meio sindical, as relações de gênero e a memória operária. Aborda a trajetória dos trabalhadores argentinos e imigrantes na Província de Buenos Aires, na grande indústria da carne erguida em Berisso, do início do século 20 ao final da década de 1960. A obra proporciona uma oportunidade privilegiada de comparação entre os processos laborais que se desenvolviam no ambiente platino e as formas de organização do trabalho, o lazer e as organizações culturais e políticas entre os trabalhadores do frigorífico santanense e seus pares no Uruguai e Argentina.

Complementares a importante investigação de Lobato soma-se o aporte de três monografias que focam a experiência dos trabalhadores em plantas frigoríficas nacionais, duas de origem inglesa e uma norte-americana, e que suprem com informações valiosas –

levando-se em consideração a possível similaridade entre os processos de trabalho e organização na fábrica - muitas lacunas documentais sobre os procedimentos de trabalho, organização e divisão de tarefas no frigorífico santanense. São elas: Perfil dos Operários do Frigorífico Anglo de Barretos – 1927/1935, de Celia Regina Aiélo Araújo; Entre os Valores do Patrão e os da Nação, como fica o Operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970), de Neuza Regina Janke da Silva, e Os Homens do Swift. Lutas operárias nos anos do Estado Novo, de Lelio Roberto Valdez.

Da monografia de Valdez, realizada a partir do exame de 28 processos trabalhistas movidos contra o frigorífico Swift, da cidade de Rio Grande, entre os anos 1938 a 1941, destacam-se as lutas dos trabalhadores pelo cumprimento de normas legais da legislação trabalhista, que formalizavam os contratos sob a sazonalidade das safras, anterior a unificação trabalhista promovida pela CLT. Buscando as “fissuras abertas na disciplina industrial”, dada a ação do Ministério do Trabalho, sindicatos oficiais e Justiça do Trabalho, o autor apresenta uma reflexão sobre os limites e possibilidades para a contestação coletiva levadas adiante naquele período pelos operários da carne, que vivenciavam desde o sindicato os reflexos de um estado que lhes negava organização autônoma, regulando e controlando a categoria profissional. Também as questões relativas a sazonalidade do trabalho na fábrica, as safras, e os conflitos gerados pelos aumentos crescentes dos padrões de produtividade, o chamado Standard, são analisados por Valdez. As pesquisas de Araújo e Da Silva, por sua vez, abordam relações de trabalho, moradia e funcionamento dos frigoríficos de capital inglês, instalados nas cidades de Barretos (SP) e Pelotas (RS). Embora esses dois trabalhos possuam marcos cronológicos distintos, julgo que não perdem validade analítica comparativa quando se trata de entender os processos de divisão do trabalho, disciplina e ordenamento social entre patrões e operários. Junto a esses importantes trabalhos, soma-se a obra de Vera do Prado Lima Albornoz, *Armour, uma aposta no pampa*; uma abordagem precursora que trata da instalação do frigorífico em Santana do Livramento, dentro de um contexto político regional.

Finalmente, reforço aqui à importância de duas obras para a compreensão das concepções e caminhos percorridos pela militância reunida em torno do partido comunista na fronteira: *Certezas e Ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade*

brasileira, de Berenice Cavalcante²², e *Prisioneiros do Mito, cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*²³, de Jorge Ferreira. Recorrendo a textos fundadores de uma concepção de atuação política por parte dos comunistas brasileiros, Berenice Cavalcante mostra as relações entre o partido e seus militantes, especialmente as divergências surgidas em relação aos intelectuais; fator que nos interessa notadamente nesta pesquisa. A autora também formula uma concepção que coloca o partido como uma organização totalitária, devido a construções totalizantes da realidade a ser abordada politicamente e especialmente em relação a subordinação dos militantes a essas diretrizes. Soma-se a essa obra o livro de Jorge Ferreira, que mostra como os comunistas brasileiros que viveram o período stalinista (1930-1956) construíram uma série de representações míticas a respeito da luta social e assim idealizaram concepções messiânicas a respeito do proletariado e a inevitabilidade da revolução. Ambas as análises serão de especial importância para identificarmos nos militantes comunistas da fronteira as características herdadas desses modelos.

Esta tese está dividida em quatro capítulos, que julgo complementares. No primeiro deles, apresento o bairro e o frigorífico desde um recorte geográfico que busca delimitar o local em um contexto mais amplo, ligado a uma condição de fronteira, resultando em uma soma de referentes culturais na formação dessa classe trabalhadora local. O pêndulo dessa identidade fronteiriça, que compreende também os trabalhadores do frigorífico seria tocado por variáveis culturais e econômicas, derivadas da transição dos modelos de produção ligados às charqueadas e posteriormente às fábricas geridas pelo capital norte-americano. Os modos de trabalho e de sociabilidade trazidos pelos novos protagonistas do desenvolvimento industrial na fronteira iriam influenciar as formas de atuação de trabalhadores, homens e mulheres – empresários, e as instâncias das representatividades no município.

No segundo capítulo a análise prioriza os modos de trabalho no frigorífico, sob o binômio do taylorismo/fordismo²⁴, onde mostro a estrutura industrial, as formas de

²² CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões*. Os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1986.

²³ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro. MAUAD, 2002.

²⁴ O conceito de taylorismo remete às normas idealizadas pelo economista e engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor (1856-1915), que elaborou métodos de organização do trabalho baseados em

produção e as rotinas laborais sob o ritmo frenético e alienado do trabalho na fábrica. Em contraponto, busco aqui os escapes e dissonâncias a esta estrutura disposta pelo controle e disciplina do trabalho e lazer. Ex-operários e moradores do bairro que vivenciaram o período em questão, dão voz a essas memórias, assim como diversos atores envolvidos nessa trama de trabalho e a construção de referentes sociais e econômicos da fábrica na comunidade. Apresento a visão da “cidade” sobre o bairro industrial e seus habitantes, através de relatos literários e de imprensa, como a construção de valores associados a uma suposta modernidade, como o apelo ao consumo de bens domésticos e o emergente modelo norte-americano de sociedade.

O terceiro capítulo aborda a inserção de novos atores na equação política da fronteira. Com a redemocratização que marca o fim do Estado Novo e a breve legalidade do partido comunista, acirra-se a disputa pela representatividade operária. Novos personagens entram em cena, tendo a fábrica e seus dirigentes como o centro de uma disputa que envolve, por um lado, alianças entre pecuaristas e os capitalistas industriais; e por outro, reivindicações de trabalhadores e seus porta-vozes, através de um núcleo de militantes que advogavam as idéias nacionalistas e anti-imperialistas propagadas pelo PCB. Analiso os reflexos da ação sindical e militante dentro e fora da fábrica, a disputa pela representatividade da “voz operária” na Câmara de Vereadores de Santana do Livramento e o crime que vitimou quatro operários, militantes do PCB, em setembro de 1950. Nesse sentido, busco uma releitura de fontes e novas abordagens para esse acontecimento que julgo delimitador da luta dos trabalhadores na região e um marco do movimento operário no país.

No quarto capítulo busco uma análise que delimite as singularidades dos atores políticos envolvidos nessa disputa de poder estabelecida entre militantes comunistas, pecuaristas e os chamados “misters”, os norte-americanos do frigorífico. Para isso busquei na obra do escritor santanense Arlindo Coitinho referenciais que desnudassem como agiam

especialização, controle do tempo e divisão de tarefas. Visando maximizar a produtividade, utiliza a mecanização como ferramenta para aumentar a eficiência dentro da fábrica. O processo de produção requer especialização e pressupõe registro do tempo que cada operário leva para executar uma tarefa. Com isso estabelece um controle mais efetivo dos operários e abre espaço para a remuneração por produtividade. O fordismo, por sua vez, está ligado ao taylorismo no sentido de agregar o uso de uma linha de montagem, fazendo com que as peças cheguem até o trabalhador através de máquinas, promovendo uma produção continuada.

os mandatários do frigorífico e como influenciavam a sociedade fronteiriça, mesmo que sob um ponto de vista ficcional, porém baseado em suas vivências nos arredores da fábrica. Por outro lado, mostro através de recortes biográficos as ligações de personagens centrais desta tese com ideologias e opções políticas que nem sempre se encaixavam em uma expectativa previamente idealizada.

Uma fronteira singular

1.1 - Revelando as cidades

A fronteira brasileiro-uruguaia de Santana do Livramento e Rivera, pode-se afirmar, constituiu-se como um espaço munido de características distintivas, resultante de uma posição geográfica privilegiada frente a formação dos Estados-nação no Prata. Local de trânsito interfronteiriço de pessoas, onde as demarcadas soberanias geográficas e a vigência de normas jurídicas diferenciadas não estancaram o surgimento de práticas sociais e culturais comuns, constituindo assim uma “região-fronteira”.²⁵ Nesse contexto de integração e construção de uma identidade regional que muitas vezes ultrapassou limites institucionais, instala-se em Santana do Livramento, em 1917, o Frigorífico Armour, que junto a outros empreendimentos similares, irá trazer para a região um novo contingente de trabalhadores e substituir a matriz da manufatura de carnes e derivados antes ligada às charqueadas. Ao abordar esses territórios peculiares, impregnados por associações incomuns, diálogos culturais e mobilidade, a historiadora uruguaia Ana Frega, propõe uma aproximação maior da História e da Geografia, no sentido de desnaturalizar as supostas identidades nacionais, forjadas nos séculos XIX e XX. Entende que a região fronteiriça merece especial atenção quando se trata de estudar as “sub-regiões” ou espaços “supra estatais”, onde estão expostas de maneira mais clara as tensões entre as soberanias locais e os poderes centrais, na definição de um “espaço nacional”, através de normas e mecanismos de repressão, assim como as formas de resistência e adaptação às mesmas. Frega aponta para a necessidade de se compreender as áreas de fronteira como “zonas”, onde o traçado linear é algo impreciso, que deve ser medido pelo grau de complexidade

²⁵ Ainda que relativo a contemporaneidade, considero válido o termo, adotado por Adriana Dorfman, em *Nacionalidade Doble-Chapa: Novas identidades na fronteira Brasil-Uruguaia. A emergência da multiterritorialidade*. Porto Alegre. 2008 - igeo-server.igeo.ufrj.br

alcançado pelas formas de organização social e de consciência que tem as diversas classes e as relações possíveis entre grupos “próximos e distantes, parecidos e diferentes”.²⁶ No mesmo sentido, Dorfman, ao examinar as nuances que a identidade fronteiriça assume, desde um ponto de vista de um sentimento de “pertinência geográfica”, aponta, por um lado, para a territorialização como elemento chave na construção de uma dada identidade ideal, mas que assume na fronteira outro caráter, o da negociação.

O estabelecimento da fronteira entre dois países é, claramente, um gesto de territorialização dos estados-nação e, como Eric Hobsbawn e Benedict Anderson afirmaram, à constituição do estado e da nação corresponderão não apenas um território e um aparato institucional, mas também um “universo” cultural composto por língua, cultura e identidade nacional. Portanto, a nacionalidade é, idealmente, uma identidade ancorada no território; nacionalidade é também territorialidade.²⁷

Recuando ao século XIX, Mariana Flores da Cunha aborda esses espaços limítrofes como prenes de margens de ação e negociação, onde os sujeitos que ali atuavam valiam-se de brechas existentes entre as soberanias para se manter e se reproduzir em um espaço complexo. Conforme a historiadora, esse contexto de fronteira constituiu-se assim, como elemento importante nas estratégias dos fronteiriços, que usavam das incoerências e discontinuidades inerentes ao território como espaço para manejar essas brechas, desenvolvendo parte substancial de suas vidas entre esses espaços, de acordo com as estratégias traçadas.²⁸ Ainda no terreno da análise das características de territorialização herdadas do período de formação dos Estados-nação, Mirta Zaida Lobato examina a conformação de uma classe trabalhadora nas primeiras décadas do século XX, em torno dos frigoríficos Armour e Swift, na localidade de Berisso, na província da grande Buenos Aires. Segundo a historiadora argentina, “o processo de constituição de uma narrativa local tem elementos comuns à formação das narrativas nacionais”.²⁹ Refere-se especialmente ao sentido que utiliza Benedict Anderson, quando define que o caráter imaginado de uma comunidade constitui-se na mente de cada habitante, como também a compreensão da limitação de suas fronteiras, e a adoção de um companheirismo profundo, horizontal, como fatores de construção dessa comunidade. No entanto, Lobato reconhece as limitações dessa

²⁶ FREGA, Ana. *La Formación del Estado Uruguayo*. Revista de Integração Latino-Americana. N.3. p.27.

²⁷ DORFMAN, Adriana. *Nacionalidade Doble-Chapa: Novas identidades na fronteira Brasil-Uruguaí. A emergência da multiterritorialidade*. Porto Alegre. 2008 - igeo-server.igeo.ufrj.br. Pg4.

²⁸ THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha. *CRIMES DE FRONTEIRA: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)*. Tese de Doutorado. PUC-RS. Porto Alegre, 2012.

²⁹ LOBATO, Mirta Zaida. *La vida en las fábricas. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)*. Buenos Aires. Prometeo Libros. 2004.

correlação, assinalando que muitas vezes uma análise específica das narrativas locais e nacionais apontam tensões e contradições. Ernest Renan, por sua vez, assinala no ensaio *O que é uma nação?* o caráter simbólico da construção de uma nação, que mais do que língua, religião ou raça, é constituída por elementos “espirituais”, em um legado de lembranças e esquecimentos.³⁰

Na fronteira de Santana do Livramento e Rivera, onde o fenômeno da dupla nacionalidade, chamado usualmente de *doble-chapa*, está presente, a nacionalidade é alvo de negociação, distante de algum aspecto territorial natural. De acordo com Quadrelli, ali não são as regras do Estado que definem a nacionalidade dessa população, mas os atores fronteiriços os que resolvem ou escolhem sua própria nacionalidade, segundo suas próprias regras.³¹ Susana Bleil de Souza aponta as relações estreitas que existiam na fronteira desde o século XIX, onde as soberanias estatais eram pouco demarcadas e interligadas pela forte presença de brasileiros em território uruguaio. As propriedades rurais transfronteiriças eram usuais, estimuladas também por uma rede de transportes que se valia do eixo com Montevideú, muito mais funcionais do que a ligação com a capital rio-grandense. Neste território híbrido, as alianças de ocasião entre caudilhos, chefes políticos e as relações entre trabalhadores binacionais constituía-se em fenômeno comum. Conforme Bleil,

Durante o século XIX, boa parte das exportações sul-rio-grandenses, principalmente as da fronteira, eram feitas através do porto de Montevideú, o que acarretava a descapitalização do Estado. O fato do Rio Grande do Sul ter apenas um porto para o comércio exterior, com uma barra baixa e perigosa, deixava a província em desvantagem frente ao porto do país vizinho, nos quais ancoravam navios de maior calado. As facilidades do trânsito, o crédito concedido aos comerciantes e pecuaristas brasileiros pelos negociantes uruguaios, e o contrabando realizado pela fronteira terrestre e fluvial faziam da fronteira gaúcha uma área de articulação e interdependência com a economia mercantil e pecuarista do Uruguai. O contrabando, que de longa data se realizava na fronteira, estava ligado, portanto, à atividade de intermediação do porto de Montevideú. A política tributária uruguaia, de baixos direitos de importação, as facilidades concedidas no depósito de mercadorias em trânsito, o pagamento em ouro dos artigos europeus importados, tudo isso, aliado às vantagens naturais do porto de Montevideú faziam deste o porto introdutor e exportador da província de São Pedro do Rio Grande do Sul (...) A fronteira era independente das zonas abastecidas pelos mercados de Rio Grande, de Pelotas, e, sobretudo, de Porto Alegre, com a qual ela não mantinha praticamente transações comerciais, e a cisão entre este comércio fronteiriço e o litoral era muito clara.³²

³⁰ RENAN, Ernst. *O que é uma Nação?* Revista Plural. Sociologia. USP. São Paulo. 1997. Pgs 154-175.

³¹ QUADRELLI SÁNCHEZ, Andréa. *A fronteira inevitável. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica*. Tese de Doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2002.

³² SOUZA, Suzana Bleil de. *Fronteira, poder político e articulações comerciais no Brasil meridional do final do século XX*. Anuário IEHS. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. 2009. Pgs. 310,311.

A ocupação das terras da fronteira e em uma extensão que adentrava o norte uruguaio colocou em questão a soberania territorial do país frente ao avanço brasileiro e criou uma situação de alerta entre os legisladores orientais. O historiador uruguaio Joel Salomón anota:

(...) Hasta 1885 la región “al norte del Río Negro” - comprendiendo el territorio fronterizo con Brasil y buena parte del centro (es decir con la sola excepción de la mayor extensión de los Departamentos litoraleños desde Salto al sur), incluyendo Tacuarembó – em realidad más parecía extensión de Río Grande del Sur (entonces Provincia de San Pedro), que parte integrante de la República Oriental del Uruguay. Poblada por un número muy elevado de brasileños (el censo de ese año de Pueblo Rivera indicó 50% de sus habitantes lo eran casi duplicando a los orientales; ya de 180.000 habitantes de Uruguay en 1863, eran brasileños 40.000); dueños de la mayoría de las tierras y ganados de la región, dominando idioma, usos y costumbres.³³

O incremento de elementos que fariam pender a polarização fronteiriça para Montevideú, muito antes que o governo gaúcho tornasse eficientes as rotas comerciais via Porto Alegre, e mesmo a inclusão de sanções comerciais, tinha na linha férrea o grande impulso. Nesse momento o “pêndulo” de uma identidade fronteiriça alavancada pela aproximação econômica voltava-se ao Uruguai, demonstrando mais uma vez o caráter singular da integração:

Entre 1890 y comienzos del siglo 20 varios fenómenos afectan negativamente a Uruguay pero eso no traba la expansión de la empresa cuyo sindicato anglo sudamericano em junio de 1911 propuso al Gobierno construir una línea férrea entre Salto y Rivera a la vez que, en el mismo mês y año, concluyeron las negociaciones con objeto de establecer una vía férrea entre Paysandú y Rivera. Cuando ya el 29.12.1910 el Estado ha aprobado el proyecto para nuestra línea férrea internacional Rivera-Livramento. En medio del período de oro del charque – extendido hasta 1917, en plena Primera Guerra Mundial, desde aquella década de los 80 – y cuando ya una nueva industria de la carne, la frigorífica, ha firmado sus plantas de una vez y para siempre. Com el ferrocarril no solo se escribirá de otra manera la historia del país...habrá otro país, com aquellas vastas regiones “al norte del Río Negro” como parte integrante, y ya indisoluble, de él.³⁴

Mais tarde, seria o serviço de transporte coletivo na fronteira que iria adquirir caráter internacional, com uma pioneira linha de ônibus, a cargo de empresa santanense, que fazia um trajeto unindo as duas cidades em uma rota que conferia o pragmatismo da integração a essa continuidade urbana transfronteiriça. Conforme aponta De Leon, notícias

³³ SALOMÓN DE LEON, Joel. Revista de Rivera. *De la carreta al avion*. Junio 2001. Edición del Autor. Pg. 25.

³⁴ Idem. Pg. 27.

veiculadas pelos jornais riverenses *El Comercio* e *La Nueva Epoca* mostram que o serviço teve início em 1917, através da empresa Fariás Costa, seguida depois pela empresa *Amarillo e Cia*. O trabalho desenvolvido pela *Amarillo e Cia*, no entanto, enfrentou problemas depois de pouco mais de um ano, quando os “interesses centralistas” viriam a sobrepor novos entraves institucionais, como nos processos de “territorialização” dos estados-nação. De Leon detecta nesse caso, mais uma das interposições das políticas estatais centralizadoras em contraposição aos legítimos interesses fronteiriços.

(...) las autoridades santanenses dispusieron el cese de las actividades de la empresa de Amarillo. Inconveniente que fue una de las primeras perlas en el largo collar de peripecias para todos quienes han intentado establecer una línea internacional sirviendo a dos comunidades conurbanizadas pero donde aún imperan conceptos de origen centralista contrariando los intereses locales y la integración real aquí existente.³⁵

No intrincado pêndulo fronteiriço, as atribuições estatais eram negociadas e permutadas com o parceiro que dispunha de mais condições para atender as demandas da população local. Portanto, se a linha férrea brasileira só chegou em 1912 à fronteira, a energia elétrica permaneceria a cargo dos uruguaiois, que a implantaram em ambos municípios a partir de 1906, passando depois para controle argentino, sendo apenas em 1955 gerido em Santana do Livramento pela Companhia Estadual de Energia Elétrica.

1.2 - O Frigorífico Armour

Inaugurado em 1917, o Frigorífico Armour surge no momento em que a região passava a experimentar um novo impulso de desenvolvimento na pecuária e um progresso atrelado à área de comércio, serviços e a emergente produção fabril representada pelos empreendimentos ligados a manufatura dos produtos de origem pecuária. Efetivamente, conforme nos mostra Sandra Pesavento, o período que compreende o final do século XIX e as três primeiras décadas do século XX constitui um período em que se estruturam as bases do capitalismo no Rio Grande do Sul, onde há um aprofundamento entre as relações

³⁵ Idem, *Ibidem*. Pg. 29

assalariadas de produção, que se tornam dominantes, associadas a uma renovação tecnológica e o aumento da produtividade.³⁶

O desenvolvimento da atividade econômica no estado, conforme observou Pesavento, inseriu-se em um processo de capitalismo tardio, onde uma relação colonial cedeu condições para transformar-se aos moldes de escala mundial com a extinção da escravidão. A incipiente industrialização, no entanto, baseada na economia pecuária, em seus ramos de criação e charqueada, viveu o período anterior ao primeiro conflito mundial em meio à estagnação e o recuo das forças produtivas. A exemplo da industrialização crescente nos países do Prata, que iniciavam um processo de substituição das tradicionais charqueadas pela emergente indústria frigorífica, o Rio Grande das primeiras décadas do século XX tentou tal procedimento. O resultado, no entanto, mostrou-se insatisfatório.

Conforme aponta Pesavento,

[...] a economia pecuária gaúcha revelou-se incapaz de gerar uma acumulação que desse margem a montar, com recursos locais, uma empresa capitalista plenamente configurada, que revolucionasse os meios de produção pecuária. Em outras palavras, frustrou-se o projeto local de implantação de um frigorífico nacional com recursos rio-grandenses. Apesar das condições extremamente favoráveis de mercado na época da guerra, por exemplo, a economia pecuária apresentava-se com problemas tanto a nível de produção como de comercialização.³⁷

A república velha gaúcha constituía-se assim, no período anterior a primeira guerra mundial, de uma classe dominante pecuarista, que dispunha do aparelhamento estatal, sob a norma positivista, exercendo um esquema de dominação política regional, vinculando-se, entretanto, como uma economia subsidiária aos ditames políticos e econômicos de uma classe agrária nacional. A mão de obra disponível nesse primeiro momento de inserção capitalista, conforme observa Joseph Love, dividia-se entre precariamente especializada, oriunda da região de colonização alemã e italiana, e uma ampla massa não especializada da zona de campanha, crescentemente marginalizados a partir de um processo de cercamento dos campos, que acontece no Rio Grande do Sul a partir de 1870.³⁸

Nesse sentido, torna-se importante observar que as charqueadas, que viriam a dar lugar aos frigoríficos de fins da década de 1910, não conseguiram cumprir uma evolução

³⁶ A historiadora Sandra Pesavento analisa o desenvolvimento das bases capitalistas no Rio Grande do Sul em *República Velha Gaúcha. Charqueadas, frigoríficos, criadores*. Porto Alegre. Editora Movimento, 1980.

³⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.Cit., P.19

³⁸ LOVE. Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.17.

para novas formas de produção, ficando associadas a uma etapa pré-capitalista. Pesavento observa que a forma conciliatória assumida pela abolição no Rio Grande do Sul, onde a libertação vinha seguida de cláusula de prestação de serviços “limitou a generalização de relações de produção assalariadas na charqueada e se constituiu num entrave à transformação do velho estabelecimento numa verdadeira empresa capitalista”.³⁹ Portanto, quando a indústria da carne se consolida em solo gaúcho, é sob um quadro ao mesmo tempo precário da mão de obra organizada, e a influência direta dos ditames internacionais de expansão capitalista. Nesse trajeto de constituição de uma classe trabalhadora na fronteira, lembremos que a primeira guerra mundial consolidou o avanço do capital monopolista sobre os países do Prata, na forma dos emergentes frigoríficos. A disputa entre as nações industrializadas por mercados e terras depois da quebra da hegemonia capitalista britânica, por volta de 1870, e a necessidade de abastecimento de tropas durante o primeiro grande conflito mundial, elevou os mercados do Prata a espaço privilegiado. Ao mesmo tempo em que possuía os melhores rebanhos do planeta, a região empregava operários a salários muito mais baixos que os pagos em nações emergentes.

Frigoríficos de capital inglês e estadunidense estabeleceram-se na Argentina e Uruguai desde os primeiros anos do século XX, buscando áreas periféricas onde a lucratividade atingia altos patamares, graças ao baixo custo de produção, remuneração e facilidades para a exportação. Se os Estados Unidos surgiram como efetivo produtor de carnes refrigeradas, devido a ação das grandes companhias frigoríficas, criadas em Chicago; em poucos anos já se transformara em importador, tendo em vista o crescimento de seu mercado interno. Durante o período da Primeira Guerra Mundial, além do Uruguai, a Argentina recebeu os maiores investimentos dos frigoríficos americanos, o chamado Truste da carne (*Beef Trust*), de Chicago, e de ingleses. Nesse grupo destacavam-se empresas como a National Packing, uma associação das companhias americanas Swift, Armour e Morris; a Sulzberg e Sons, as inglesas British and Argentine Meat Company e grupo Vestey Brothers. Dentro do mercado argentino as empresas monopolizavam preços e organizavam-se em *pool* para fatiar os mercados externos.

³⁹ PESAVENTO. Sandra Jatahy. Op,Cit. p.23.

Conforme o historiador Raúl Jacob, também no Uruguai a indústria frigorífica desempenhou um papel fundamental no incremento da economia, a partir da segunda década do século XX. Se em 1911 os saladeiros eram responsáveis pelo processamento de 76% da carne bovina produzida naquele país, em 1929, os frigoríficos já incorporavam 95% da produção de carne, tornando-se hegemônicos no setor. Em 1929, nada menos que 84% das exportações uruguaias eram derivadas da indústria da carne.⁴⁰ Com a guerra, mudava substancialmente a qualidade da carne exportada, que antes privilegiava o chamado *chilled beef*, uma carne refrigerada e nobre. A produção de carne de qualidade inferior, em lata (*corned beef*) e congelada (*frozen beef*), inseria o Brasil definitivamente na área de abrangência das grandes multinacionais da carne. Os primeiros locais onde essa presença se fez importante foram São Paulo e Rio de Janeiro. A partir de 1913 incrementava-se gradualmente a exportação brasileira e o país entrava na era da frigorificação de carne, muito embora de inferior qualidade que a produzida no Prata. O avanço no Brasil do capital estadunidense e inglês, muitas vezes associado, aconteceu de maneira crescente e em várias frentes. Moniz Bandeira reforça a queda das exportações brasileiras para a Europa a partir de 1914 e o avanço do capital inglês e norte-americano no país:

(...) A competição entre os Estados Unidos e a Inglaterra não se limitava ao comércio exterior do Brasil. Os grupos monopolistas dos dois países disputavam (associando-se muitas vezes) as fontes de matérias primas e o controle dos meios de comunicação e de transporte. Àquele tempo, nos primeiros anos do século XX, o capitalista americano Percival Farquhar voltava as suas vistas para o Brasil (...) Farquhar, que inspirou a “Light and Power” e estivera vinculado à Societé Anonyme du Gaz, estendia então as malhas de seus interesses a outros setores da economia brasileira. A “Brazil Railway Company”, principal empresa do sindicato que ele representava, adquiriu de um grupo francês por volta de 1908, a concessão da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande (...) A “Brazil Railway”, pouco tempo depois, apossou-se de toda a rede ferroviária do Rio Grande do Sul, arrendou a Sorocabana, comprou ações da Mogiana e da Paulista, obteve a concessão da Madeira-Mamoré e os direitos da Vitória-Minas. Capitais europeus, predominantemente ingleses, fundiam-se neste empreendimento, que montava a cerca de quarenta e cinco milhões de libras esterlinas (...) o sindicato Farquhar dispunha, a essa altura, de frigoríficos, indústrias de papel, cadeias de hotéis, vastas áreas de terras, administrava os portos do Pará (“Port of Pará”) e do Rio Grande do Sul e fundaram a “Southern Brazil Lumber and Colonization Co”; que controlaria a madeira do Paraná e a “Amazon Land Colonization Co”; para explorar a borracha da Amazônia.⁴¹

⁴⁰ JACOB, Raúl. *El frigorífico Nacional en el mercado de carnes*. FCU. Cuadernos de historia. Montevideo, 1971.

⁴¹ BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.p.192.

O entrelaçamento dos capitais estrangeiros, em especial norte-americano e inglês, contribuía para o controle de amplos setores da economia nacional, da produção de matéria-prima ao produto final comercializado. Além da exploração da madeira, o grupo de Farquhar mantinha forte presença nos transportes ferroviários, portuários e uma associação com o truste de Chicago, através de participação na criação de gado e em frigoríficos administrados em conjunto com as companhias Sulzberger and Sons, Wilson e Armour, com ramificações nos países do Prata. Em 1915 um amplo debate sobre o futuro da indústria do frio no Rio Grande do Sul tomou corpo, unindo criadores e setores do segmento empresarial em torno da constituição de um frigorífico nacional, que usaria o Porto de Rio Grande, em vistas de ser encampado pelo governo gaúcho, para o escoamento da produção. O governo de Borges de Medeiros, fortemente envolvido na questão, tratou de enviar em conjunto com a União dos Criadores, um emissário a São Paulo para tratar com o sr. Barrow, da *Brazil Railway*, o melhoramento das estradas de ferro no Estado, e a diminuição do preço dos fretes. Considerando-se que tanto o Porto do Rio Grande como as estradas de ferro estarem nas mãos do sindicato Farquhar, mantinha-se a esperança de um acerto promissor. O saldo do avanço das grandes indústrias da carne no sul do país pode ser constatado a partir de 1917, com a instalação da Swift, nas cidades de Rosário e Rio Grande, e em Santana do Livramento, o Armour e a Wilson and Co. Ltd, que chega em 1918. Todas de capital norte-americano. Neuza Regina Janke da Silva anota que “em 1921, sem condições de competir com os trustes internacionais, tendo tido apenas um ano de abate de animais, a Companhia Frigorífica Rio Grande, instalada às margens do canal São Gonçalo, em Pelotas, foi vendida para uma companhia de capital inglês, que, em 1924, passou a denominar-se Frigorífico Anglo”.⁴² De fato, os efeitos da ação dos monopólios na América Latina apontam para o estabelecimento de um capitalismo considerado como dependente, periférico e subordinado. Nesse sentido, a hegemonia da superpotência estadunidense encontrou condições para uma consolidação no plano mundial, levando-se em conta os processos de integração empresarial, comercial, financeira, política, militar e cultural.⁴³

⁴² JANKE DA SILVA, Neuza Regina. *Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas)*. Dissertação de Mestrado. PUC-RS. 1999. Pg. 145.

⁴³ BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. Florianópolis: Editora Insular. 2015. Pg. 123.

Na fronteira de Santana do Livramento e Rivera, as primeiras menções a construção de um frigorífico surgiram a partir da intervenção do cônsul uruguaio no Estado, Vicente Carrió. Ele propunha a fronteira como o local ideal para o estabelecimento do frigorífico, tendo em vista a localização privilegiada frente à região produtora de matéria-prima e com a opção de exportação pelo Porto de Montevideú. A ideia seria rechaçada pelo governo gaúcho, desconfiado das reais intenções uruguaias, que julgavam querer transferir a riqueza do estado para aquele país. No entanto, o projeto de um frigorífico na fronteira seria levado adiante pelo uruguaio Pedro Irigoyen, que mantinha uma conhecida charqueada em Santana do Livramento e tencionava transformar o negócio em associação com capitalistas norte-americanos. Nesse momento o grupo estadunidense Armour entra no negócio, disposto a realizar tal investimento, através da compra da firma saladeirista local, dos sócios Anaya e Irigoyen. Enquanto o capital norte-americano ensaiava a entrada definitiva naquele espaço da campanha, a idéia de um frigorífico gaúcho, projetado pelos criadores com capitais exclusivamente nacionais, começava a definhir. A ofensiva das empresas monopolistas da carne frigorificada ganharia mais uma batalha, com a instalação em Santana do Livramento, dos frigoríficos Armour, em 1917, e Wilson, em 1918. A implantação da norma comtista, baseada na livre concorrência e na função técnica do Estado, a quem caberia proteger o trabalho e normatizar o capital, não se fez por inteira quando da introdução dos grandes trustes da carne do Rio Grande do Sul. A exemplo do que acontecia nos vizinhos do Prata, os produtores estariam cada vez mais à mercê dos preços ditados pelos frigoríficos, que multiplicavam seus lucros graças a demanda crescente no exterior.⁴⁴

Em 27 de fevereiro de 1917 a Companhia Armour do Brasil adquiria formalmente a Charqueada Santana, de propriedade de Pedro Irigoyen. A área correspondia a seis quadras de sesmaria, no local denominado Rincão da Carolina. O estabelecimento contava, além da produção do charque, com uma fábrica de sabão, velas e línguas enlatadas. A charqueada foi a primeira atividade desenvolvida pelo grupo, em 1917.⁴⁵ Em 1918 e 1919 passou a

⁴⁴ Pesavento nota que uma noção ingênua do governo de cunho positivista de Borges de Medeiros, de desenvolvimento capitalista com igualdade de condições e sem proteções específicas para grupos nacionais, criava a falsa ilusão de liberdade de mercado e de iniciativas.

⁴⁵ Alvarino Marques mostra que até os primeiros anos do século XX, Santana do Livramento não possuía charqueadas que pudessem processar a carne e o couro. A produção municipal era escoada para Pelotas, no início do século XIX, posteriormente para Bagé e as charqueadas de capital anglo-uruguaio em Barra do Quaraí e Quaraí. O autor aponta para a evolução, entre 1906 e 1912, do abate de 90 mil para 120 mil cabeças,

fabricar carne em conserva, passando a exportar carne congelada em janeiro de 1920. A via de exportação seria através de Montevidéu, pela rede ferroviária uruguaia *Ferrocarril Central del Uruguay*. Para celebrar a chegada da companhia na fronteira, foi realizada uma festa nas dependências do Clube Comercial, no dia 4 de julho de 1917 – dia comemorativo da independência norte-americana, onde o diretor geral do frigorífico em Santana do Livramento, Mr. Hamford Finney, expôs as alegadas vantagens para a cidade e seus habitantes da penetração daquela empresa estrangeira na região. Para tanto, conclamava aos cidadãos santanenses a inserirem-se em um verdadeiro esforço de guerra, motivo pelo qual justificava a existência do frigorífico. Os jornais *A Platéia* e *Folha Popular* registraram o discurso, envolto em promessas de desenvolvimento e comprometido com os esforços de guerra:

(...) A união do Brasil com os Estados Unidos da América do Norte é uma combinação que produzirá uma força e unidade de ações tais, sob o ponto de vista financeiro, moral e industrial, que bem se avantajarão a qualquer outra combinação de idêntico caráter no Hemisfério do Ocidente (...) É propósito da “Companhia Armour do Brasil” fazer ainda com que este frigorífico seja o maior do vosso grandioso país. E o único limite que lhe será dado ao dispêndio de capitais na construção das edificações para esse estabelecimento, estará na quantidade de gado bovino, suíno e ovelhum que pudesse fornecer para serem abatidos. Quanto ao transporte e seus produtos para todos os pontos da terra providenciará a “Companhia Armour do Brasil”. O senhor Armour, que foi o fundador e é o engenheiro chefe e grande orientador de nossa companhia, tem reafirmado constantemente, nestes três últimos meses, que o mundo clamará pelos nossos produtos e que tão patriota é o homem que vai para as trincheiras batalhar com sua carabina, quanto o é aquele que dali se acha retirado, produzindo alimentos para prover subsistência, a fim de que não lhes falem forças para disparar sua arma (...) ⁴⁶

A promessa de riqueza para o município, que graças a esse empreendimento iria fazer chegar seus produtos aos maiores mercados mundiais, era atrelada a cooperação dos pecuaristas na oferta de carne, provavelmente em uma tentativa de banir a desconfiança da classe devido aos desvios de preço e prática de truste em condições semelhantes nos países do Prata. Aos trabalhadores, que deveriam somar 2.500 em menos de um ano, o discurso de Mr. Finney apelava para a lealdade, omitindo a baixa remuneração e a má qualificação da força de trabalho local como um dos itens do lucro presumido. Aos “senhores e senhoras” da companhia, ou seja, aos trabalhadores qualificados que constituíam uma elite laboral à parte, as promessas de remuneração eram mais realistas:

graças às charqueadas que, ao final dariam lugar aos frigoríficos. In: MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Episódios do ciclo do charque*. Porto Alegre: Edigal, 1987. Pgs 12, 13, 14.

⁴⁶ *Em 1917 nascia o Armour*. *A Platéia e Folha Popular*, Santana do Livramento, 1974. Suplemento Especial.

Um frigorífico não é uma instituição filantrópica. Trabalhamos, é verdade, para ganhar dinheiro. Mas temos verificado, em nada menos de 60 anos de existência, que não podemos conseguir esse “desideratum” no lugar onde o povo não é próspero. Portanto, a orientação da “Companhia Armour” em qualquer meio por onde se estabeleça (...) é querer que o mesmo prospere também, sendo que de qualquer modo, dentro dos limites do possível, a companhia contribuirá com seus esforços para a realização desse objetivo. (...) Resta-me agora dirigir a palavra aos senhores e senhoras da “Companhia Armour”. Sois, por ora, um conjunto reduzido, um décimo apenas do que será a vossa agremiação ao cabo de um ano. Mas o único meio que há neste mundo de conseguir o êxito de qualquer agremiação política mesmo, é a união. E isto está em serdes leais aos vossos chefes, dedicados ao vosso trabalho, fazendo tudo o que estiver em vós, sempre que fordes chamados (...) lembrando-vos finalmente e sempre, que todos vós, se trabalhades para a “Companhia Armour” com dedicação, com lealdade, com persistência, haveis de receber a devida recompensa, apenas seja apurado o vosso merecimento.⁴⁷

O frigorífico viria a conferir ao município um destaque nunca antes alcançado, em dividendos econômicos ao setor pecuarista e de serviços em geral. Em 1932, a Síntese Geográfica das Regiões Naturais do Rio Grande do Sul apontava Santana do Livramento como o terceiro maior parque industrial do Estado, atrás apenas de Porto Alegre e Rio Grande.⁴⁸ Em 1937, a cidade possuía cerca de 50 indústrias ligadas ao setor secundário. Em uma prova indelével de concentração de riqueza e poder político na região, como ser verá, o frigorífico correspondia a 83,05% do valor total da produção anual do município. Nesse período, trabalhavam no Armour, 2.360 operários, em uma população que não alcançava os 50 mil habitantes. Quando passou pela fronteira, no final da década de 30, o escritor alemão Wolfgang Hoffmann Harnisch anotou a crescente influência das safras do frigorífico sobre a economia do município.

Da linda praça General Osório, compactamente ajardinada com árvores e flores, vai-se ao bairro industrial, onde se produz manufatura de toda espécie. Chega-se, finalmente, àquela pequena cidade que se formou em torno dos estabelecimentos frigoríficos da Cia. Armour of Brasil Corporation. Em época de safra, quando maior é o trabalho de todas as dependências, conta-se uma população superior a três mil operários com suas famílias. É aqui que se preparam as carnes congeladas e esfriadas, além das conservas, que seguem para os mercados consumidores. Anualmente são abatidas cerca de cinquenta a sessenta mil reses excelentes de fibra e gordura e mais de trinta mil ovelhas. O Frigorífico Armour de Livramento é um estabelecimento importante. As estâncias rio-grandenses fornecem a maioria do gado e dos porcos que são industrializados no estabelecimento. Mais da metade dos animais sacrificados destina-se a conservas, que seguem diretamente para os Estados-Unidos-da-América-do-Norte. Mantém atualmente a maior fabricação de “corned beef”. Não há outro frigorífico no Brasil que fabrique em maior escala este produto tão consumido na Europa e na América-do-Norte. E depois do encerramento duma safra anual, observa-se que o estabelecimento Armour inundou a praça com setenta a oitenta mil contos de réis.⁴⁹

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ PIMENTEL, F. Aspectos Gerais de Santana do Livramento. Porto Alegre: Livraria Continente, 1943, p.280.

⁴⁹ HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. *O Rio Grande do Sul. A terra e o homem*. Livraria do Globo. Porto Alegre. 1941. Pg. 221.

O aporte que a fábrica gerava, tanto em impostos municipais como em capital que mantinha a atividade comercial em alta revertia-se em um poder político inegável, com uma ingerência crescente na diretriz política municipal.⁵⁰ Os antecedentes dessa ingerência política do capital norte-americano nos rumos do município podem ser encontrados em um empréstimo que a prefeitura municipal contraiu com a empresa, em 1930. Naquele ano, o prefeito Hugolino Andrade Farias assinou com a companhia um empréstimo de U\$\$ 157.894 dólares, pagáveis em dez anos, a juros de 8% ao ano. O dinheiro seria destinado ao calçamento da cidade. Conforme observou Albornoz, o crédito gerou uma gradual perda de poder do executivo municipal frente ao frigorífico, que ficava isento de novos impostos e também de reajustes pelo período acordado.

O poder municipal se limitava em suas prerrogativas constitucionais de potencialidade tributária, em razão de um contrato particular, que tornava a Companhia Armour portadora de um privilégio especial. No aspecto moral, a Prefeitura perdia a condição de fiscalizar a empresa estrangeira, já que lhe era devedora. (...) Dessa maneira, a municipalidade perdeu totalmente o poder frente à Companhia Armour, que além de ser o maior poder econômico da cidade, na condição de credora da Prefeitura, se tornou um poder maior que o poder local.⁵¹

Se por um lado, o frigorífico consolidava a força econômica dos grandes proprietários, em uma fronteira acostumada aos desmandos de grupos caudilhescos, que por décadas dominavam com mão de ferro a região, por outro viés associava esse poder aos grandes mandatários, que se mantinham a margem de um ordenamento jurídico que propusesse um papel tutelar do Estado sobre a sociedade. Conforme Rangel, essa permeabilidade de fronteira a constante transgressão das normas fiscais originou uma forma de vida à margem do projeto de desenvolvimento nacional, acrescida de um conservadorismo provinciano, com forte acento rural, que mantinha depois da revolução de 1930 as mesmas estruturas políticas e administrativas herdadas da república velha. O patronato político local de Santana do Livramento estava representado pela família Flores da Cunha desde 1910, tornando-se Livramento um reduto do situacionismo republicano. José Antônio Flores da Cunha, futuro interventor e governador do Rio Grande do Sul, ganhou notoriedade combatendo os revolucionários de 1923, com o apoio do caudilho uruguaio Nepomuceno Saraiva. Seu irmão, o coronel Francisco Flores da Cunha, conhecido

⁵⁰ ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour, uma aposta no pampa*. Santa Maria: Pallotti, 2000. p.111.

⁵¹ Idem. p.112

como Chico Flores, governou Santana do Livramento de 1924 a 1928, foi presidente do poderoso Sindicato dos Charqueadores, cogitado a ocupar o Ministério da Justiça em 1932, e eleito senador em 1935. Na fronteira, seguiam o modelo político vigente no Rio Grande durante a República Velha, onde o coronel fazia a política e suplementava a administração pública no âmbito municipal, numa troca de proveitos com o governo estadual.⁵²

Nesse cenário de desalinhos, inseria-se o frigorífico como aliado natural do chefe político Chico Flores, detentor das práticas “oficiais” do contrabando na região. Rangel observa a concentração de poder ao narrar as denúncias veiculadas pelo jornalista *Benjamim Cabello*, opositor dos Flores na fronteira:

(...) “o contrabando modernizou-se, ou melhor, racionalizou-se num único trust quando Chico Flores, na condição de chefe político de Livramento, dominou completamente o comércio ilegal e a política responsável pela repressão ao contrabando, contando ainda com o pretexto dos movimentos revolucionários para agir arbitrariamente contra possíveis opositores (...) o frigorífico necessitava de gado fino e o Uruguai fornecia gado de 1ª para Chico Flores, pelo menor preço (...) Chico Flores assenhoreou-se logo do monopólio de fornecimento ao Armour. O brasileiro que quisesse vender uma tropa ao frigorífico deveria vendê-la – se não quisesse se arriscar a um prejuízo certo, pois a balança só pesava gado de Chico Flores – ao próprio Chico Flores e pelo preço que ele fixasse. E se isso não fizesse, Chico Flores tinha dezenas de milhares de cabeças ‘do outro lado’ para vender. Esse ‘outro lado’ era tão natural como se fosse no Brasil. (...) se um guarda exigisse maior parte no ‘trabalho’, Camilo Alves lá estava com seus matadores, para garantir o bom exemplo.”⁵³

O contraponto ao poder dos grandes chefes e detentores do capital no município iria crescer a partir da década de 40 dentro do frigorífico, mesmo que muitas vezes relegado a poucas lideranças, como veremos no terceiro capítulo. Seria capitaneado pelos adeptos do ideal comunista, reunidos em torno do pedreiro e sindicalista Santos Soares, e posteriormente ligados às lideranças que atuavam diretamente no chão de fábrica, como o líder sindical e vereador Amaro Gusmão, e também um grupo heterogêneo que reunia nas fileiras – formais ou informais do Partido Comunista do Brasil - desde trabalhadores a pequenos pecuaristas e advogados.

Neiva Schäffer, ao analisar o desenvolvimento econômico da cidade sob uma perspectiva da integração regional, enfatiza as especificidades de fronteira, como a mobilidade e uma dinâmica própria na produção de uma territorialidade. A marca dos grandes latifúndios e a pecuária extensiva, pouco exigente com a qualificação de mão de

⁵² RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e Castigo. Conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*. Passo Fundo: UPF Editora. 2001, p. 47.

⁵³ Idem. Pg. 49.

obra, seria oriunda da distribuição inicial de terras em sesmarias e uma concentração urbana resultante de um “capitalismo dependente, num nível externo, e segregador, no âmbito da cidade”:

A força de trabalho mobilizada para as atividades comerciais acompanha a história da cidade. À presença de uma classe trabalhadora vinculada ao comércio e já relativamente numerosa agregaram-se, desde o final do século passado mas, sobretudo no início deste século, os operários da indústria de carnes.⁵⁴

A partir do final da segunda década do século XX o impulso econômico que o frigorífico conferiu à região atraiu um grande número de imigrantes.

A intensificação do movimento comercial resultou no estabelecimento de grandes firmas importadoras e exportadoras. As transações comerciais que Sant’ Ana do Livramento estabelecera com o interior da Província promoveram as atividades econômicas de caráter urbano e o aumento da população residente. As duas cidades receberam numerosos imigrantes, em especial espanhóis e italianos. (...) O número de estrangeiros, sobretudo de espanhóis e italianos, com experiência nas lutas de classe que se processavam na Europa no século passado, traria reflexos na organização classista.⁵⁵

Se por um lado os imigrantes qualificavam a mão de obra local, geralmente despreparada para exercer ofícios mais especializados, por outro, traziam consigo idéias de justiça social, forjadas nas lutas europeias.

1.3 - Os espaços organizados

A instalação do frigorífico Anglo, de capital inglês, na cidade uruguaia de Fray Bentos, guarda algumas similaridades com o desenvolvimento do Frigorífico Armour na fronteira gaúcha. Se para as duas cidades o empreendimento representou desenvolvimento econômico e a constituição de uma classe trabalhadora nos moldes de um “proletariado industrial”, as relações de produção e administração nas fábricas também confluem para um círculo comum. Conforme apontou Gabriela Campodónico, em estudo sobre a instalação da indústria frigorífica naquela cidade uruguaia, em 1924, a comunidade sentiria os

⁵⁴ SCHÄFFER. Neiva Otero. *Urbanização na Fronteira. Expansão de Sant’ Ana do Livramento/RS*. Editora da Universidade/UFRGS. 1993. Pg.30

⁵⁵ Idem. Pg.42.

impactos “econômicos, sociais, culturais e afetivos”, mesmo depois que a indústria encerrou suas atividades, em 1967. Se em Santana do Livramento, os primeiros administradores do frigorífico eram norte-americanos, sendo muitos gerentes argentinos, ligados à sede de Buenos Aires, em Fray Bentos, os mandatários do frigorífico eram ingleses. Como na fronteira, a relação dos níveis de gerência com os trabalhadores guardava uma distância e incorporava uma disciplina fabril extrema. Na sua investigação das relações dos trabalhadores com a fábrica, baseada fundamentalmente nos relatos orais de ex-operários, Campodónico observa:

Si bien hay distintas versiones sobre el trato que se estableció entre los dueños ingleses y los trabajadores locales, sus relaciones estuvieron signadas por distintas clases de distancia económica, distancia social, distancia cultural. Son contados, por ejemplo, los casos de matrimonios entre ingleses y miembros de la población local.⁵⁶

Assim como no frigorífico Anglo, no Armour os postos que intermediavam a gerência e os trabalhadores eram compostos em grande parte por argentinos ou uruguaios, já que os norte-americanos não creditavam a população local atributos suficientes para exercer funções mais qualificadas.

“Muchos de los integrantes del personal jerárquico llegaron acompañados por sus familias, con las cuales vivían en el predio de la planta industrial. En las primeras etapas del frigorífico se llegó a contar con una escuela exclusiva para los hijos de los ingleses, a cargo de una maestra traída especialmente para esos fines. Los gerentes vivían en una casa especialmente para alojarlos, conocida como “la casa grande”. También construyeron una cancha de golf, y un club (“el chuping”) para su uso exclusivo. Se reconoce que el funcionamiento a pleno de la planta industrial fue también debido a la disciplina y la metodología implantada por los ingleses”⁵⁷

As similaridades entre os modelos de gerência e ordenamento do trabalho adotados nas plantas frigoríficas de origem inglesa ou norte-americana eram inegáveis. Enquanto os postos da alta gerência recebiam casas exclusivas e privilégios para a família, da mesma forma, os trabalhadores do Anglo e do Armour constituíam-se de uma mão de obra pouco qualificada, oriunda de áreas rurais, dividindo um ambiente de precariedade laboral. Situado às margens do Rincão da Carolina, distante cerca de dez quilômetros do centro da cidade, o frigorífico Armour foi erguido onde antes funcionava a Charqueada Livramento, levando pelo menos três anos para se estruturar nos moldes de uma produtividade similar às demais fábricas congêneres no Prata. Albornoz destaca que a maquinaria necessária para o

⁵⁶ CAMPADÓNICO, Gabriela. *El Frigorífico Anglo: Memoria urbana y memoria social en Fray Bentos*. Unesco Uruguay. Anuário 2000/7. Pgs 101, 102.

⁵⁷ Idem. Pg 102.

funcionamento da planta industrial foi importada de Buenos Aires, à cargo da firma inglesa Sundstrom , que mantinha na capital argentina o elo com as demais plantas em construção no sul do continente.⁵⁸ Também estavam envolvidos no empreendimento as construtoras Loncan, Adams y Shaw, de Montevidéo, e a firma local, Serralta.⁵⁹ As casas principais, destinadas aos funcionários com cargo de chefia somavam 32 residências, contando-se com a grande residência do superintendente. A ligação ferroviária com Montevidéo e o porto da capital uruguaia supriu o envio de materiais, ficando os construtores de Santana, que já possuía boa tradição de pedreiros qualificados, muitos deles espanhóis e imigrantes de outras regiões da Europa, à cargo de erguer o novo ícone da industrialização na campanha gaúcha. Em seus primeiros anos, o frigorífico ficaria assim estabelecido:

A fábrica, propriamente, possui instalações de graxaria, cozimento de sangue, latoaria, rotulagem, salga de couros, conserva, moinho de ossos, matança, cozimento de carne, câmaras frigoríficas, picada, tanque para cozimento dos ossos, resfriador e salmoura. Na parte de fora ficavam a carpintaria, armazém, oficina mecânica, balança para vagões e para o gado. As salas do Gerente, de compras e de Engenharia de operações ficavam no bloco da planta industrial.⁶⁰

O prédio da administração, conforme as normas do gerenciamento científico preconizadas pelo taylorismo situava-se em um espaço distante da fábrica. Ultrapassando-se o portão que dava entrada a indústria, o prédio da administração situava-se à direita, enquanto a planta industrial localizava-se ao outro lado da avenida. Seguindo-se pela rua, um pouco mais adiante, dobrando-se à direita entrava-se na chamada Primeira Avenida, onde se situavam as casas das principais chefias e a grande casa do superintendente. Mais à frente estava o casarão chamado de Casa dos Solteiros e acima, um imponente clube de golfe, o “Clube dos Ingleses”. A planta industrial completava-se com um campo de futebol, situado logo atrás das casas da primeira avenida, a antiga escola do bairro e a segunda e terceira avenidas, que enfileiravam outras casas, em estilo inglês, destinadas a funcionários graduados. Os três grandes prédios construídos pela empresa uruguaia, que ainda hoje guardam a beleza daqueles primeiros anos, seguiam o estilo Georgiano, do início do século XVIII, usual na Inglaterra e Estados Unidos nesse período. A planta da indústria erguida

⁵⁸ ALBORNOZ.Vera. Op.Cit. p118.

⁵⁹ Idem, pgs. 117, 118 e 119. Conforme depoimentos prestados a Albornoz, por Leonel Gornatti, Carmen Maria Serralta Hurtado e Heber Dachi.

⁶⁰ Idem. Ibidem, pg 119.

em Santana do Livramento seria uma cópia do Frigorífico Armour, posteriormente nomeado Artigas, situado no bairro Cerro, em Montevideú.⁶¹

Tanto o edifício da Gerência como o Clube tem o pórtico clássico, com colunas, e alas que se prolongam, simetricamente. São simples e austeros, dentro do Estilo Georgiano. A Casa dos Solteiros era mais simples, mas igualmente severa (...) tem a forma de um avião, em que no corpo e nas asas estão os quartos individuais, no bico as escadas e na cauda os banheiros. Contém quarenta e nove dormitórios, com pias e armários, para os funcionários que estivessem longe da família.⁶²

O impacto que as construções em torno do frigorífico causaram entre os santanenses naquele início de século pode ser mensurado através de depoimentos de pessoas envolvidas de alguma maneira com o novo empreendimento, que propagava, seja nos padrões de construção ou em minúcias de hábitos alimentares e de lazer, um inegável fascínio pelo estilo de vida que os *misters* – como eram chamados os estrangeiros que assumiam os cargos de chefia – disseminavam.⁶³ Algumas dessas inovações eram impactantes, como as casas munidas de lareiras e salamandras, para o aquecimento no inverno, e os banheiros situados próximos dos quartos. Por outro lado, as comidas importadas, os cookies, as bebidas como o uísque, os pães especiais, tudo era diferenciado nas casas destinadas aos chefes e funcionários de alto padrão. Marta Andrade Pinheiro, neta de Pedro Irigoyen e filha do médico Hugolino Andrade, que prestava serviços a companhia, lembra do impacto causado pelo estilo distinto e os hábitos adotados pelos altos funcionários do Armour:

As (casas) do Armour tinham conforto, eram acolhedoras, tinham um living, tinham um ambiente acolhedor, coisas que nas casas de Santana não tinha. Tinham salas de visita fechadas, as pessoas se reuniam na sala de jantar. Ficavam, depois do jantar, em torno da mesa, conversando. Ninguém tinha lareira. As únicas casas que tinham lareiras eram as casas do Armour. As casas do Armour tinham um living, era uma coisa muito mais acolhedora, porque tinham calor.⁶⁴

Nas primeiras décadas do frigorífico, as casas que compunham a planta industrial seriam inigualadas. Pimentel aponta que a construção de casas modernas, ainda assim com o estilo colonial vigente e exclusiva dos grandes estancieiros, só tiveram impulso depois do

⁶¹ Conforme depoimento do ex-gerente do Frigorífico Armour, Leonel Amorety Gornatti, a Vera Albornoz, em 24/03/1995. In: *História Oral de Santana do Livramento. Patrimônio Cultural Imaterial*. Inédito.

⁶² ALBORNOZ.Op.Cit. p120.

⁶³ Em “História Oral de Santana do Livramento”, Vera Albornoz registra a impressão de 13 protagonistas das primeiras décadas do frigorífico, entre ex-gerentes, funcionários em posto de chefia, médicos e familiares de construtores e pecuaristas da região. Inédito.

⁶⁴ ANDRADE, Marta Pinheiro. Depoimento a Vera Albornoz, em 15/03/1996. In: *História Oral de Santana do Livramento. Patrimônio Cultural Imaterial*. Pgs 57,58.

advento da capitalização impulsionada inicialmente pelas charqueadas, portanto quando as casas dos gerentes e altos funcionários são erguidas no interior da planta frigorífica, muito pouco dessas funcionalidades e atrativos ligados a uma nova maneira de viver e habitar eram norma entre a população local.⁶⁵ As casas que se situavam no interior do grande terreno do frigorífico e as que afloravam no bairro que crescia ao redor, obedeciam a uma hierarquia que acrescia aos métodos do taylorismo, além da funcionalidade em relação a produtividade, uma divisão de classes explícita.⁶⁶ As casas dos operários, geralmente eram de madeira e muitas delas forradas com grandes folhas de aço, compradas dos lotes que por algum motivo não serviam para produzir as latas de conservas. Se as casas dos operários possuíam entre 30 e 50 metros quadrados, a dos funcionários graduados, também conhecidos como “capotes brancos”, eram de até 200 metros quadrados, superadas apenas pela “mansão” da gerência.⁶⁷ Os clubes destinados aos gerentes e os locais do lazer operário obedeciam da mesma forma uma distinção explícita entre classes. A precariedade de instalações e infraestrutura no bairro que se formava em torno do frigorífico remetia ao limiar do século, quando a Charqueada Santana ali se instalou, em 1903. Conforme Schäffer, “quando da aquisição da charqueada Santana pela empresa Armour, havia junto às instalações enormes alojamentos coletivos (galpões) que abrigavam os trabalhadores, recrutados principalmente na Argentina, por escassez de pessoal local”.⁶⁸

José Sérgio Leite Lopes, ao estudar o padrão “fábrica com vila operária”, como configuração de uma estrutura de relações sociais de dominação, no conjunto de relações entre classe operária e os detentores dos meios de produção, em *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminé*⁶⁹, desvenda as relações sociais capitalistas nas quais a força de trabalho se acha imobilizada através da moradia. O “sistema paulista”, desenvolvido pela Companhia Têxtil Paulista, na cidade pernambucana de mesmo nome,

⁶⁵ Entre 1889 e 1912, houve um crescimento de 192% de construções prediais em Santana do Livramento. PIMENTEL, F. Aspectos Gerais de Sant’ Ana do Livramento. Porto Alegre. Livraria Continente, 1943.

⁶⁶ O Taylorismo consiste em um método de administração desenvolvido pelo engenheiro norte-americano Frederick Taylor (1856-1915), considerado o criador da administração científica. O método visa aumentar a eficiência operacional, através da divisão e especialização do trabalho. Críticos do método o costumam associar a uma transformação do homem em máquina, uma mera engrenagem, padronizada e a serviço unicamente do aumento de produtividade a qualquer custo.

⁶⁷ Conforme levantamento de SCHÄFFER. Op.Cit, e ALBORNOZ, Op.Cit.

⁶⁸ SCHÄFFER. Neiva Otero. Op.Cit. Pg. 45.

⁶⁹ LOPES. José Sérgio Leite. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo. Marco Zero. 1988.

aborda – em uma instância particular – como a localidade seria subordinada a vida fabril, constituindo-se na “cidade das chaminés”. Se no Frigorífico Armour apenas uma minoria de trabalhadores não dispensados a cada safra possuíam moradia dentro da planta fabril, os demais seriam encarregados de sua própria sorte, sendo raros os que receberam terrenos do próprio município para ali se estabelecerem. Julgo aqui pertinente uma análise que leve em consideração determinadas nuances dentro do que define Lopes como a “configuração de uma estrutura de relações sociais de dominação, dentre outras configurações possíveis no interior do modo de produção capitalista e no interior do conjunto de relações entre a classe operária e o patronato, do ponto de vista da reprodução do capital”.⁷⁰ Se em Paulista a fábrica iria ditar o ritmo de desenvolvimento e da dependência do município, em Santana do Livramento e em Rivera, de maneira similar,

a companhia teve papel hegemônico na cidade desde a sua implantação. As duas cidades passam a viver, ao longo da história do Armour, uma relação de permanente desassossego quanto à ocupação de seus residentes e aos reflexos que esta ocupação traz ao comércio local.⁷¹

Localizado a uma distância conveniente do centro urbano, a fábrica perpetuava um antigo ordenamento capitalista, bastante usual em outras plantas similares do Cone Sul, qual seja o de separar os atos de violência (morte de animais, atividade insalubre), a afluência de mão de obra oriunda dos setores populares e a eliminação permanente de produtos contaminantes, do espaço social destinado às classes mais privilegiadas.⁷² Um formato de ocupação dos bairros periféricos à exemplo do que anotava Friedrich Engels ainda na primeira metade do século XIX, como uma situação de padronização e dominação de classe, vigente na Inglaterra vitoriana.⁷³

Nos arredores do frigorífico formava-se o bairro que iria abrigar uma expressiva parcela de trabalhadores, ligados de alguma maneira com o abate de reses e a grande indústria da carne no Cone Sul, legítimos representantes de um processo histórico que formou a fronteira meridional, através de uma atividade econômica baseada na pecuária extensiva. Uma sociedade hierarquizada, com a economia ancorada na pecuária e nos

⁷⁰ Idem. Pg.18.

⁷¹ MENDONÇA, N. *O Impacto da fronteira sobre a vida de uma comunidade: Rivera-Livramento*. Dissertação de Mestrado. PUC-RS. Porto Alegre. 1980. Pg.161.

⁷² ROLDAN, Diego P. *Chimeneas de Carne. Una Historia Del Frigorífico Swift de Rosario 1907-1943*. Prohistoria ediciones. Rosario. 2008. Pg.36.

⁷³ ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Boitempo Editorial. São Paulo. 2008.

grandes latifúndios e a conseqüente desvalorização do trabalhador, muitos dos quais migravam de cidades próximas, ou que deixava o campo na busca de trabalho.

A fábrica e a cidade

2.1 - O cotidiano operário

Na década de 1940, os caminhos que ligavam a fábrica ao centro da cidade e aos bairros vizinhos eram em sua maior parte estradas tortuosas cobertas de balastro, uma irregular camada de pedras e areia. Mas as dificuldades de acesso não se restringiam ao mau estado das estradas. As linhas de ônibus destinadas ao bairro industrial não existiam em número minimamente satisfatório, reforçando a precariedade de mobilidade dos trabalhadores, que tinham de realizar a pé, trajetos muitas vezes longos e penosos. Da mesma forma, as crianças do bairro que deviam estudar no centro, realizavam caminhadas de mais de 10 quilômetros para chegar ao destino. Olga Santana, professora aposentada, viveu toda a infância, juventude e maturidade no bairro industrial. Filha de Jovelino Santana, açougueiro e reconhecido líder sindical, Olga relembra dos dias em que ia para a escola com a turma de amigos, nos primeiros anos da década de 1950:

(...) quando nós fomos para o colégio estadual, que era lá no Rivadávia Corrêa, um anexo que tinha lá, a gente não tinha ônibus. A gente vinha a pé. E o nosso horário era vespertino, então a gente pegava a sala dos que saíam da tarde, e a gente entrava. E quando a gente saía, as 8h, 9h da noite, a gente vinha a pé pelo meio dos eucaliptos. De lá, da Praça General Osório, até esta casa onde estamos hoje. E a gente vinha brincando, e no meio do caminho os mais danados quebravam os galhos de eucalipto e jogavam para trás, e a gente se assustava e saía correndo.⁷⁴

Quando os ônibus passaram a circular com mais regularidade, em meados da década de 1950, ainda assim não foram suficientes para atender a demanda de trabalhadores que se revezavam em turnos de trabalho exaustivos.

⁷⁴ Olga Santana. Entrevista concedida ao autor em 16 de março de 2012 em Santana do Livramento.

Para as mulheres, que compunham parte expressiva da mão de obra, a volta para casa constituía-se em um último e penoso desafio para encerrar mais um dia de trabalho. Conforme Olga,

(...) tinha quantidade de mulher. Então era aquele aperto nos ônibus, a gente ia espremida. E houve uns acidentes aí na faixa, e inclusive eu quebrei esse pulso aqui. O ônibus perdeu a direção e entrou em um eucalipto onde é hoje o conjunto residencial Santana. E me apertaram contra a frente...de lotado que vinha, era um absurdo aquilo. E as mulher, como a gente dizia, as funcionárias do Armour, davam cada empurrão na gente e levavam a gente pela frente...duma raiva que elas tinham...e chamavam a gente de cheirosinha. Porque, claro a gente ia bem limpinha para o colégio. Porque elas tinham uma coisa...de certo vinham chateada pelo trabalho forçado que elas tinham...A gente era criança e elas já eram adultas.⁷⁵

A dona de casa Diva Alves da Silveira viveu as agruras de uma vida difícil, devido também a falta de estrutura viária, somada ao descaso do poder público e dos mandatários da fábrica com o transporte dos trabalhadores. Com três filhos pequenos para criar, ela cuidava da casa, localizada na Mangueira Colorada, bairro vizinho ao Rincão da Carolina, onde se situava a fábrica. Seu marido, Pedro Munhoz, trabalhou no frigorífico dos 18 aos 63 anos, quando foi aposentado por invalidez. Pedro trabalhava nas câmaras frias, o chamado “frozen”, onde “até o suor congelava na camiseta”. Viviam a cerca de meia hora de caminhada da Estação Experimental, um local distante, no interior do bairro rural. Todos os dias Pedro repetia a rotina de sair perto das 3h da madrugada de casa, caminhar cerca e 8 quilômetros pelos descampados, até chegar ao trabalho, por volta das 5h da manhã. Largava do serviço às 22h e repetia o mesmo trajeto rumo a casa. Diva lembra daqueles dias:

Eu ficava costurando a roupa das crianças com a luzinha de querosene para ele não perder a hora de sair de casa. Porque quando ele chegava, às vezes o cansaço nem deixava ele comer, mal dormia e já tinha que sair de novo.⁷⁶

Depois de trabalhar mais de 40 anos em condições insalubres nas câmaras frias, Pedro aposentou-se aos 63 anos, já bastante doente. Morreu um ano depois, de câncer de pele. Se o motivo da doença foram os anos de exposição a temperaturas negativas, sob condições que não eram as ideais para a proteção, a viúva nunca ficou sabendo. “Sabe como são os médicos.....eles não dizem nada além do que já aconteceu...”, resigna-se Diva. Certo é que o trabalho nas câmaras frias contribuía para que surgisse uma grande incidência

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Diva Alves da Silveira. Entrevista concedida ao autor em 22 de janeiro de 2013 em Santana do Livramento.

de tuberculose até o final dos anos 1940, de acordo com o depoimento de um ex-gerente de seção.⁷⁷ Após a morte do marido, no final da década de 1950, Diva viria a casar-se novamente, com Adão dos Santos Pereira, trabalhador de uma madeireira das cercanias do bairro industrial. Passou a viver na borda do frigorífico, em um casebre que ergueu à beira do arroio Carolina, de acesso difícil e à mercê de inundações esporádicas. Ainda assim, vivia melhor do que nos tempos da Mangueira Colorada, quando as dificuldades para ir à fábrica ou trazer um filho ao médico, na cidade, eram enormes. O terreno fora doado por um amigo do falecido marido, chefe da guarda, em um local onde não era raro a invasão e posse de terras por trabalhadores que viviam os mesmos problemas relacionados a fatigante subsistência e os percalços para se chegar ao local de trabalho. A lida na fábrica, no entanto, seguia a norma do trabalho exaustivo e das horas extras, necessárias para se atingir os objetivos sempre elásticos do “standard”, a norma de produtividade que aumentava a cada tanto, levando para cima os níveis da tonelagem necessária no trabalho a ser realizado.

Trabalhava 12 horas parada, de pé, na baixada da latoaria. Pegava as latas de conserva recém saídas do forno e trocava de esteira. Essa parte aqui perto dos seios chegava a ficar inchado, e as mãos nem se fala, o *inchume* que dava de tanta lata que vinha. A lata vinha e as luvas chegavam a encolher, de tão quente. Quando dava uma parada, a gente ia para outro setor lavar máquinas com água fria, não parava um segundo. Os capatazes não deixavam a gente parar um segundo. Para descansar só indo ao banheiro.⁷⁸

Lélio Roberto Valdez, ao analisar as formas de pagamento e a hierarquia entre chefes e empregados, e também entre estes últimos, dentro da fábrica da Swift, na cidade gaúcha de Rio Grande, no final do Estado Novo, detecta um modelo similar de práticas e procedimentos aos adotados pelo Armour.⁷⁹ Assim como na Swift de Rio Grande, frigorífico de capital norte-americano, os salários no Armour poderiam ser pagos quinzenalmente, calculados conforme o trabalho desempenhado. Alguns trabalhadores do frigorífico santanense também fazem referência a pagamentos mensais, com a possibilidade de um adiantamento cerca de 10 dias antes do vencimento. Conforme Valdez, o modelo norte-americano empregado de maneira similar em todos os frigoríficos, especificava que

⁷⁷ Carlos Henrique Civeira Bassedas. Entrevista concedida ao autor em 12 de fevereiro de 2012 em Santana do Livramento.

⁷⁸ Diva Alves da Silveira. Entrevista citada.

⁷⁹ VALDEZ, Lélio Roberto. *Os homens do Swift. Lutas operárias no estado Novo*. Prática de Pesquisa. Orientador: René Gertz. UFRGS. Porto Alegre, 2007. Pg.21

os trabalhadores receberiam valores diferentes, de acordo com a função dentro da fábrica, o que não excetuava que um operário pudesse receber um valor superior ao de seus colegas em um mesmo setor, desde que se destacasse na produção.

O salário podia, também, ser pago por hora, por quantidade de peças a trabalhar (“por tarefa”) ou combinando ambas as formas, como um salário/hora, acrescido de um “prêmio”, à condição de alcançar uma certa quantidade/hora. Outra modalidade era o pagamento “por cento” (a cada 100 peças), para turmas de quatro operários. Essa quantia por “centos” era rateada e todos ganhavam o mesmo salário, uma espécie de “contrato coletivo”, o que produzia um alto grau de colaboração e coordenação dentro do grupo. Por outro lado, se alguém faltasse ou não acompanhasse a turma, não seriam alcançados os “centos”, e poderia provocar divisões internas.⁸⁰

Adão dos Santos Pereira recorda que também era comum o trabalho desmedido, para que não se quebrasse o acordo de produtividade, caso alguém do grupo faltasse. Nessas horas, era preciso se trabalhar por duas pessoas, caso se quisesse manter a produtividade e o ganho acertado com a chefia. As horas extras eram quase uma obrigatoriedade para manter a produção em dia com o estabelecido. “Era normal se fazer até 14 horas de trabalho. Se entrava às 13h e saía às 3h da madrugada. Chovia e a gente nem via”, lembra Adão.⁸¹ As práticas de manipulação dos operários em favor de uma produtividade frenética e cada vez maior desconheciam muitas das vezes os preceitos da recém criada CLT, pois os frigoríficos “transitavam pelas fissuras da norma ainda genérica”, conforme Valdez. Na Swift (e aqui podemos estender ao Armour), ele anota a minúcia das manobras que a chefia poderia dispor:

Era prática do Swift registrar na Carteira de Trabalho um salário/hora mínimo de admissão, e um salário máximo, o que não impedia de acertar alguma das outras formas de remuneração. Essa pluralidade nas formas de pagamento permitia a empresa acionar o sistema salarial como um dispositivo disciplinador e punitivo. Podia deslocar o trabalhador para tarefas piores pagas, não fornecer a quantidade de peças mínimas, se pago por quantidade. No caso do salário combinado por “cento” para a turma, limitando a jornada de trabalho podia impedir alcançar o “cento”, ou ainda podia ocorrer uma diminuição de salário, se fosse aumentado o número de membros da turma. Se quisesse promover um funcionário, podia aumentar seu salário sem fixar essa majoração. Um mesmo trabalhador podia ser removido para outra tarefa de preço intermediário, ou ainda podia ser mantido na função, reforçando as fidelidades, sem precisar registrar essas diferenças na Carteira. Um chefe podia punir alguém só com a troca de tarefa, ou fazê-lo temporariamente.⁸²

⁸⁰ Idem. Pg.31

⁸¹ Adão dos Santos Pereira. Entrevista concedida ao autor em 22 de janeiro de 2013 em Santana do Livramento.

⁸² VALDEZ. Lélío Roberto. Op.Cit., Pg.29

O padrão de produtividade era variável de acordo com o setor da fábrica, mas obedecia ao chamado “*Standard*”, ou seja, o regulamento que fixava os níveis de produção. Assim era medida a quantidade de trabalho produzido, o tempo necessário, e estabelecidos os novos padrões de produtividade, de acordo com a necessidade vigente. O trabalho pesado começava na seção de matança, onde as reses e outros animais (porcos, carneiros, perus), eram mortos, esquartejados e encaminhados para as demais seções. Os sistemas tecnológicos empregados começaram a ser implementados ainda nos anos 1930 e foram sendo incrementados com o passar das décadas, impondo assim um *standard* sempre renovado. O tempo necessário para o corte, a desossa e manufatura da carne seria constantemente colocado em questão, sob um novo ritmo de trabalho e uma marca que deveria ser superada a cada nova taxa de produtividade estabelecida. Ao analisar a noção de trabalho na obra de Karl Marx, Jan Spurk sublinha as questões da divisão da produção dentro da fábrica- a primeira forma de empresa verdadeiramente capitalista- conforme Marx, como subsidiárias de uma “dominação pelas máquinas” e o controle do capital sobre os processos de trabalho e seus resultados, incorporando por fim quase a totalidade do tempo na vida dos trabalhadores.

O processo de trabalho é perpetuamente submetido a análise e a mudanças instrumentais a fim de otimizar a continuidade do processo. A divisão e a organização do trabalho (...) fazem parte da incerteza que caracteriza a produção e o processo de trabalho de tipo capitalista. Daqui por diante, a máquina absorve também a virtuosidade dos trabalhadores. (...) Os métodos elaborados que visam aumentar a produtividade do trabalho se voltam sempre contra os trabalhadores. (...) O menor avanço na produção é um novo passo em direção à fragmentação do homem, em direção a uma dominação e uma exploração aumentadas. Os trabalhadores são também atingidos no plano moral pelo desenvolvimento das forças produtivas; este os desonra e faz deles simples apêndices da máquina.⁸³

Valdez anota a falta de clareza no estabelecimento de regras escritas de produtividade ou de conduta no frigorífico, como uma técnica de domínio sobre os operários e uma proteção maior à empresa em dissídios na Justiça do Trabalho. As normas, em sua maioria, eram “verbais” e deveriam ser levadas à risca, sob pena de demissão sumária. No caso da produção diária, o “standard” também carecia de uma regulamentação explícita, pois sua natureza seria sempre a redefinição em busca da maior produtividade em menor tempo. O resultado das ações de controle e vigilância ininterruptas desaguaria,

⁸³ SPURK, Jan. *A noção de trabalho em Karl Marx*. O trabalho na história do pensamento ocidental. MERCURE, Daniel. SPURK, Jan (org.) Editora Vozes. Petrópolis, 2005. Pg. 205

conforme as palavras de Marx, em um “despotismo mesquinho e mau”⁸⁴ por parte dos detentores do poder na fábrica e, em última instância, os capitalistas. Diva e Adão ressentem-se das pequenas humilhações sofridas nos anos em que foram operários:

Para comer uma conserva tinha de comprar, e ainda adular o capataz para vender, e na saída a gente era revisado no portão. Se pegassem com um pedacinho de carne, a roleta apitava e levavam para o escritório e muitas vezes levavam para a polícia e demitiam. Tinham os serenos de todos os lados, que reviravam a bolsa da gente de traz pra frente. Uma vez acharam papel higiênico na bolsa de uma colega, que ela trazia de casa. Ela chorava dizendo que tinha trazido de casa, mas não adiantou, foi demitida por ladra e nunca mais voltou para lá. Por um pedaço de papel higiênico!⁸⁵

Em dias de visita de compradores internacionais ou dos altos escalões da gerência – geralmente provenientes de Buenos Aires, as normas técnicas deviam ser levadas à risca. Isso implicava uma verdadeira maquiagem em certos procedimentos que deveriam ser seguidos, conforme as determinações vigentes da vigilância sanitária e segurança no trabalho. Para os trabalhadores, no entanto, eram dias de infortúnio. Diva recorda:

Uma vez queimou minhas mãos aqui, porque estavam os gringos de visita e tinha de se estar com uma luva de plástico fino. E as latas vinham fervendo, e a gente tinha de pegar igual, e vinha fervendo, muito, muito quente. E a gente não podia colocar nada. E depois que eles foram embora eu tinha que botar uns panos por dentro da luva para poder continuar. Mas chegando em casa não podia fazer mais nada, de tão queimada que ficaram.⁸⁶

As temperaturas tinham de seguir um procedimento padrão, quase impossível de ser cumprido. Se por vezes era o calor excessivo, como no setor de conservas e latoaria, em outros setores o frio era o grande inimigo. A operária Santa Gelci Silveira da Silva passou a infância e boa parte da vida adulta convivendo com trabalhadores do frigorífico nas décadas de 40 e 50. Ela mesma iria engrossar, anos depois, o exército de mulheres da fábrica. Também para ela os dias de visita ficaram marcados como momentos de sacrifício, que destoavam da monótona e maquinal rotina do cotidiano fabril.

Muitas mulheres que trabalharam ali na picada, na desossa, agora estão doentes, com reumatismo, com isso e aquilo. Tinha lugares que a gente tremia de frio. E quando vinha essas visita para comprar a carne aí no Armour, conserva, rosbife, bah, eles baixavam mais aquela temperatura, que a gente ficava tremendo de frio, cortando a carne na beira da mesa. Quando vinha visita eles já avisavam que tinha de vir com as botas limpas, a roupa limpinha. E se a gente falhava o serviço, porque tava doente, com atestado, quando era no fim do mês já largavam....já tava com a chapa virada. A gente adoecia sim, e ficavam com sequelas, era muito

⁸⁴ Idem. Pg.206

⁸⁵ Diva Alves da Silveira e Adão dos Santos Pereira. Entrevista concedida ao autor em 22 de janeiro de 2013 em Santana do Livramento.

⁸⁶ Diva Alves da Silveira. Entrevista citada.

frio. Tinha até água correndo no chão....Ficavam aquelas metades de boi, pendurada ali, completamente congelado, e nós não tínhamos roupa especial, então a gente tinha que vir com muita roupa de lã de casa, e por cima colocava uniforme branco, calça, avental, touca, avental de nylon e as botas.⁸⁷

Em abril de 1956, na plena safra, o correspondente da Voz Operária na cidade denunciava no jornal carioca o descaso da empresa norte-americana com a saúde dos trabalhadores, vítimas de doenças associadas à lida em câmaras frias, como a tuberculose.

A insalubridade do trabalho causa inúmeras vítimas. Julgando a reclamação de um velho operário da graxeira, o juiz Carlos Flores visitou o local de trabalho, ficando alarmado com as condições de insalubridade do mesmo. Deu ganho de causa ao trabalhador. O operário Sebaço, carregador de osso industrial, adoeceu em consequência da insalubridade do serviço que executava. Também pelo mesmo motivo ficou tuberculoso o operário Teodoro Rodrigues, que foi encostado à Caixa e posteriormente devolvido ao trabalho, ainda doente. Esse operário teve que buscar tratamento em Rivera, porque o IAPI lhe negou.⁸⁸

O operário José Cardoso foi admitido em 1946 e passou por sérios problemas de saúde devido às condições precárias de trabalho do setor de graxeria, que naquele momento não era coberto com o adicional de insalubridade.

Eu trabalhava na picada, mas trocou o chefe e entrou um que era muito mandão. Aí me colocaram para trabalhar a partir das 4h da madrugada. E eu tinha que sair de casa, no Centro, às 2h da manhã para chegar às 4h na fábrica, pois não tinha ônibus. E muitas vezes com chuva. Briguei. Aí passei a trabalhar na “graxeria”, mas não tinha insalubridade. E um calor de 80 graus. Só que também me colocavam em outros serviços, como levantar fortaleza de 140, 150 quilos de graxa para os vagões de trem, e eu peguei duas hérnias graves. E tive dois meses na perícia e não voltei mais para ali. Não foi brincado, não pude nem ir ao banheiro por 20 dias. Tanto que da minha época não tem mais ninguém vivo.⁸⁹

A falta de fiscalização por parte do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários)⁹⁰ sobre as (más) condições de trabalho na fábrica impulsionou o sindicato a chamar uma assembleia e solicitar a direção do órgão o envio de uma comissão para inspecionar a empresa. De acordo com as lideranças operárias ouvidas pela Voz, o fiscal do instituto “sr. Silvío Coelho, prefere defender os interesses do Frigorífico, não o fiscalizando. Limitou-se a informar aos patrões o pedido que lhe fez o Sindicato, para uma

⁸⁷ Santa Gelci Silveira da Silva, entrevista concedida ao autor em 16 de março de 2012 em Santana do Livramento.

⁸⁸ *Falta de fiscalização do IAPI. Do correspondente da Voz no frigorífico Armour, Livramento. Voz Operária. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1956. Pg 10.*

⁸⁹ José Cardoso. Entrevista concedida ao autor em 13 de abril de 2013 em Santana do Livramento.

⁹⁰ Criado em 1936, às vésperas do Estado Novo, o IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) fundiu-se em 1966 com institutos de pensões de outras categorias, formando assim o INPS – Instituto Nacional de Previdência Social.

inspeção no frigorífico”. A situação agravava-se também com a falta de amparo trabalhista por parte da empresa que, conforme a denúncia do sindicato, vinha desrespeitando abertamente a legislação, ao contratar a mão de obra por 10 meses ou menos, o que acarretava o descumprimento de pagamento de férias e outras garantias indenizatórias. O contrato temporário, ou “changa”, havia virado quase uma norma naquela safra. O sindicato alertava que boa parte dos trabalhadores, especialmente os recém egressos, eram contratados para “serviços eventuais”, não constavam na folha de pagamentos, não contribuía para o instituto previdenciário, não possuíam qualquer direito e se acaso adoecessem, eram abandonados. Para fazer crer que seria vantagem a contratação nesses termos a empresa atribuía R\$ 0,50 a mais no pagamento dos eventuais. Assim, para cada hora trabalhada, os eventuais ganhariam R\$ 10,00 contra R\$ 9,50 dos trabalhadores fixos. O ex-operário Luiz Carlos Paz Santana recorda que em muitos casos o adicional de insalubridade era “trocado” por horas de trabalho. Em meados dos anos 50, época em que trabalhou no frigorífico, uma das reclamações constantes e causa de muitos problemas na área da saúde era a profusão de produtos químicos com baixo controle de periculosidade.

Eram produtos químicos de toda a sorte, para manter limpa uma fábrica daquele tamanho. E o amoníaco que resultava da sala de refrigeração, muita gente morreu pelo amoníaco. Numa fábrica daquela tamanho a roda que liberava o amoníaco era maior do que um prédio de dois andares. Um vazamento era impossível de ser impedido e as pessoas ali não aguentavam ficar nem 5 minutos lá dentro, na sala de máquinas. Isso gerava tuberculose, e problemas respiratórios graves.⁹¹

Santana também lembra que não era incomum o aliciamento de mulheres, principalmente nos setores de picada, latoaria e rotulagem, onde a mão de obra era majoritariamente feminina. “Tinha mulheres que eram agenciadas sim, por outras mulheres na fábrica, para favorecimentos sexuais pra capatazes, chefes e encarregados, isso tinha também”.⁹²

⁹¹ Luis Carlos Paz Santana. Entrevista concedida ao autor em 8 de outubro de 2015 em Santana do Livramento.

⁹² Idem.

2.2 - Os safristas

O caráter temporário de emprego por “safras”, tornava mais vulnerável e precária a situação dos trabalhadores, que tinham de render o máximo possível entre os meses de verão e outono, época em que o gado a ser abatido e processado estava em condições de ser comercializado pelos pecuaristas. Passado o período do gado gordo, com a diminuição das pastagens, a fábrica entrava em recesso em muitas das seções, mantendo apenas o pessoal rigorosamente indispensável para o funcionamento administrativo, ou mesmo os encarregados do processamento de animais menores, como ovinos, suínos e aves, quando necessário. O funcionário da administração, Carlos Enrique Civeira Bassedas, ao contrário dos milhares de operários safristas, viveu a estabilidade no trabalho e um status de funcionário graduado. Ainda assim, sofreu retaliações por suas posições contrárias a vigilância excessiva e um sistema disciplinar que julgava exacerbado. Em 1941, aos 19 anos de idade, começou a trabalhar no Frigorífico. Permaneceu na fábrica até 1988 e não esconde o orgulho por sua trajetória. Começou no setor de Tráfego, depois passou por outros departamentos da administração, em um rodízio que levava cerca de dois anos em cada setor. Trabalhou por 25 anos na gerência, até ser transferido para as atividades ligadas diretamente ao controle da fábrica, devido a desavenças com seus superiores.

Inventaram que eu era comunista, que era só do lado do pobre e me passaram para a fábrica. Na verdade eu sempre fui a favor do pobre, porque muito pouca gente, chefes, eram a favor do pobre. O alcagüete, o capacho, o puxa saco e eu nunca fui. Minha maior alegria em quase 48 anos de trabalho no Armour é que eu nunca suspendi um operário, porque era corriqueiro a suspensão por atraso ou por coisas pequenas.⁹³

Bassedas lembra com nostalgia dos anos em que a fábrica era focada em produzir alimentos destinados ao fronte da segunda guerra mundial, principalmente as carnes em conservas e derivados. Entre 1942 e 1945 ele recorda de safras onde foram empregados até 5 mil trabalhadores, em turnos de 7,5 horas, sem contar as frequentes horas extras, que poderiam elevar o trabalho até a 15 horas diárias. “Era meia hora para as máquinas esfriarem, fazer a higiene e seguia outro turno, porque naquele tempo nós tínhamos um dos melhores controles de qualidade do Brasil”.⁹⁴ Um ritual se repetia diariamente: o gado chegava pela mangueira, ia para os currais onde ficava 24hs de descanso, entrava para o

⁹³ Carlos Henrique Civeira Bassedas. Entrevista citada.

⁹⁴ Valdez aponta a disponibilidade farta de mão de obra e a rapidez do processo na fábrica como os eixos que estruturam esse sistema disciplinar fabril. VALDEZ. Lélío Roberto. Op.Cit., Pg.20

brete e dali para a sala de matança. No processo de abate era tirado o couro, esquartejado e as peças menores desciam para os setores da picada e seguiam para as seções ligadas a conserva. As reses cortadas ao meio iam diretamente para as câmaras frigoríficas. O cotidiano da fábrica e os produtos derivados do abate são rememorados por Bassedas:

Chegavam a matar 1.500 bovinos por dia e 1.200 ovinos por dia. Vinha tropas de 600 a 700 perus, o de papo bronzeado, como era chamado, aquele grande, do Uruguai. Vinha em tropa a pé, de Salto e de Taquembó, tropa de 500 a 600 perus. O peru era congelado e exportado. Se matou muitos suínos também, de onde saíam os produtos derivados. No setor de conserva, se fazia o extrato de carne, que era um produto muito caro e muito bom. A Nestlé comprava toda a produção, era a única compradora. Saía enlatado em lata de 12 onças, era uma delícia aquilo. A carne que ia para a conserva era cozida e o caldo era coado, então ficava a resina, o grosso do sangue. Era um patê.

A situação dos safristas, no entanto, era bastante distinta dos funcionários estáveis e dos postos de gerência. A safra para ser proveitosa deveria começar na primavera e adentrar o verão e parte do outono. Mas dependia do inverno. Se o inverno fosse muito frio e o gado perdesse peso devido ao mau estado dos campos, era preciso esperar até novembro ou dezembro para que os trabalhos de abate iniciassem. O ideal seria o gado já limpo atingir pelo menos 240 quilos. Bassedas recorda de períodos de até cinco meses da fábrica de portões fechados. “O gado magro não valia a pena nem para o fazendeiro nem para o frigorífico, que ia comprar uma carne de segunda”. A falta de um controle de qualidade no campo e a mentalidade retrógrada dos criadores colaboravam para uma safra ruim.

A verdade é que o criador não tinha o controle do produto. Tinha países que tinham melhor carne que a nossa. O nosso fazendeiro no começo não acreditava que havia pastagem artificial e adubação de terra, nada disso. Era guanxuma. Para trazer aqui para dentro do frigorífico o animal tinha que ter no mínimo de quatro anos a quatro anos e meio. E na Argentina naquele tempo já era com novilho precoce. Nosso criador era atrasado, começando pelo de ovino. Se achava mais lã nos arames de pua do que na tosa, porque a sarna ovina era violentíssima naqueles anos 40.⁹⁵

Com a aproximação da safra, voltava à tona o ritual de idas e vindas ao portão da fábrica, em busca de uma colocação. Centenas de pessoas procuravam o frigorífico para o trabalho na safra ou mesmo para trabalhos temporários, necessários apenas para angariar algum dinheiro, pagar uma conta ou uma passagem de trem para tentar a vida em Porto Alegre. Mirta Lobato anota a “forte contradição” entre os mecanismos de contratação da Swift, em Buenos Aires, e a imagem de modernidade propagandeada pela empresa nas publicidades correntes nos anos 30 e 40. Assim como no Armour, conforme relato de

⁹⁵ Carlos Henrique Civeira Bassedas. Entrevista citada.

operários, o ritual de contratação no portão de fábrica submetia os trabalhadores a ferrenhas disputas e não raro a violência:

El portón frente al frigorífico fue por espacio de setenta años el punto de encuentro de quienes querían trabajar. Allí competían con el único recurso visible que tenían: su aspecto físico. Unos eran convocados por su contextura física y la imagen de fuerza asociada a la presencia de un hombre o una mujer corpulenta. Otros, por su apariencia sumisa. Muchos simplemente porque estaban cerca del contratador. Pero pararse frente al portón era también una aventura; había que aguantarse la presión de los que estaban atrás. A veces se producían apertujones, tumultos y hasta corridas cuando intervenía la policía interna de la fábrica, para poner orden.⁹⁶

Bassedas recorda dos dias de contratação no Armour como um momento crucial no processo fabril, onde “fácil não era, mas difícil também não, se chegava no portão e via pelo semblante da pessoa, segundo o departamento que se quisesse, se era uma pessoa forte, se era uma pessoa fornida (...)chamava ele, conversava com ele, assim (...)e era listado, segundo o departamento que precisasse da necessidade do funcionário”. Finalizada a safra, tinha-se de se fazer “changa” para sobreviver. No linguajar gaúcho, a changa corresponde aos pequenos serviços, quase sempre associados à lida rural, geralmente mal remunerados, provisórios e sem amparo legal. “Fora da época de serviço tinha que cortar lenha no mato e sair pra vender, se quisesse comer”.⁹⁷ Por outro lado, quando reiniciava a safra, para voltar a trabalhar era preciso cumprir todo o ritual de espera no portão da fábrica até ser escolhido pelo capataz encarregado. Quem podia, apelava para o conhecimento prévio da chefia, implorando pela contratação, muitas vezes com alegações que envolviam desde a saúde dos filhos a outros motivos menos eficazes para a sensibilização daqueles que arregimentavam a mão de obra.

Trabalhar no frigorífico, para uma parcela significativa da população fronteiriça significava garantir a sobrevivência e também uma forma de acesso a bens de consumo para os que conseguiam economizar algum dinheiro no final do mês. Em meio às dificuldades inerentes ao trabalho escasso na cidade e as formas de subsistência nas áreas periféricas e rurais, o frigorífico impunha-se como uma tábua de salvação, sempre à espera daqueles que se dispusessem ao jogo da disciplina e trabalho árduo. O pagamento costumava acontecer pontualmente e sem atrasos. “O carro forte chegava e formavam-se as

⁹⁶ ZAIDA LOBATO, Mirta. *La vida en las fábricas. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)*. Prometeo Libros. Buenos Aires, 2001. Pg. 202.

⁹⁷ Adão dos Santos Pereira. Entrevista citada.

filas”, recorda-se Adão Pereira. Nesse dia os arredores da fábrica se transformavam em verdadeiras feiras livres, com a venda de todo o tipo de mercadorias. Vendedores ambulantes e até lojistas disputavam a clientela com a oferta de roupas, sapatos e os emergentes eletrodomésticos, tudo parcelado. Chipollino Aseff, ao estudar as mudanças nos estilos de vida e no lazer fronteiriço dos anos 40, detecta o apelo crescente ao consumo, especialmente entre o público feminino, alvo da publicidade corrente nos meios de comunicação. Para as famílias operárias, valia o mesmo modelo:

Adquirindo os produtos anunciados nos jornais e nas revistas femininas, as donas de casa poderiam tornar-se mais sedutoras e belas, além de perder menos tempo com seus afazeres domésticos. Para isso, espalham-se uma sorte de produtos, que incluem todos os gêneros do consumo industrializado, desde fogões e geladeiras até uma gama de cosméticos, tecidos e novos utensílios que vendem modernos estilos de vida. Em Santana, os jornais A Platéia, Folha Popular e O Republicano, já em meados da década de 40, passam a propagandear em suas páginas o novo estilo de vida, que seria cada vez mais acentuado com a emergente industrialização do país nas décadas seguintes.⁹⁸

Se a fábrica era gerida pelos *misters* e seus apaniguados, que ostentavam já no início das operações na fronteira um estilo de vida bastante distinto da população local, com o final da Segunda Guerra Mundial e a vitória aliada, capitalizada pelos norte-americanos, a inserção de novos hábitos culturais e o apelo de consumo tomou uma nova e poderosa forma. Vânia Bambirra mostra que essa crescente hegemonia norte-americana manifestou-se em múltiplos níveis, de normas preliminares de comportamento a técnicas e metodologias científicas.⁹⁹ Moniz Bandeira assinala a mudança:

O Brasil, como um país capitalista em desenvolvimento, sentiu todo o impacto da influência americana. A penetração econômica e militar atingiu a superestrutura da sociedade, modificou hábitos e costumes, padrões de comportamento, consciência e linguagem. O cinema introduziu a mentalidade da guerra, a idéia do heroísmo individual, sempre encarnado pelo americano, soldado, detetive ou *cowboy*. (...) As empresas de publicidade que se instalaram no Brasil (J.W. Thompson, em 1930, McCann-Erickson, em 1935, Grant, em 1941 etc.) começaram a influir na opinião dos jornais e a criar, com seus anúncios, novas necessidades de consumo.¹⁰⁰

⁹⁸ CHIPOLLINO ASEFF, Liane. Memórias Boêmias, histórias de uma cidade de fronteira. Edunisc. Santa Cruz do Sul, 2008. Pg.34.

⁹⁹ BAMBIRRA, Vânia. Op.Cit., pg. 123.

¹⁰⁰ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007. Pg.429.

O contraponto aos dias de dinheiro corrente e consumo nos meses de safra chegava como um pêndulo. Nos meses de entressafra tornava-se notório o desalinho econômico no bairro, pois a renda gerada através do trabalho no frigorífico resultava em um arranjo econômico do qual dependiam desde pequenos comércios até trabalhadores informais. Conforme Diva, “quando se trabalhava no frigorífico se podia pagar uma pessoa para ficar cuidando dos filhos que ficavam em casa, mas fora da safra, o dinheiro escasseava e não havia como contratar ninguém, nem gastar muito nas vendas do bairro”. A situação da mulher na fábrica é enfocada pela “colaboradora” da Voz Operária, sob o codinome “Ginia Machline”, em uma edição de agosto de 1949. A nota faz um chamamento à participação da mulher operária na luta pela paz e contra a iminente guerra imperialista e reforça a situação dos frigoríficos gaúchos e especialmente o Armour como exploradores contumazes da mão de obra feminina.

Um exemplo dessa situação da mulher trabalhadora é dado pelas operárias dos frigoríficos do Rio Grande do Sul, que ganham salários na base de Cr\$ 150,00, 230,00 e 420,00 – que entrando 5 minutos atrasadas não ganham o descanso semanal, que não tem assistência médica e hospitalar, que não tem creches nos locais de trabalho para deixar seus (...) lhos com outras crianças (prejudicando-as em seus brinquedos infantis, pois tem que cuidar de seus irmãozinhos) isso quando não tem de deixa-las fechadas em casa, sozinhas, outras entregues a vizinhos, mediante pagamento, no que dispense quase todo o salário. São obrigadas a levar comida para o trabalho, pois os horários são apertados, com uma hora para o almoço, incluindo o (...) tes dos frigoríficos, além do transporte. Nos restauran-comida péssima e intragável por preços pouco acessíveis, os “gringos” exigem pagamento à vista, pois os operários e operárias, além de serem vilmente explorados, não merecem créditos dos americanos fazedores de guerra.¹⁰¹

A denúncia estampada no jornal não poupa o governo Dutra, a essa altura um inimigo declarado e a ser combatido, que acusa de estar levando o país à bancarrota, através de acordos com os “traficantes da guerra”, Estados Unidos e Inglaterra. A exploração das mulheres nos frigoríficos Armour, Anglo e Swift, aponta a reportagem, “é medonha”.

¹⁰¹ *A Mulher Operária na Luta pela Paz* – Ginia Machline. Voz Operária, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1949. Pg 3.

2.3 - Vigilância e controle

O espaço da fábrica constituía-se em um local de vigilância ininterrupta e domínio do tempo de cada trabalhador. Não eram permitidas as conversas entre os operários nas horas destinadas a produção, nem mesmo as idas ao banheiro eram admitidas sem o controle do tempo. Os procedimentos de disciplinarização complementavam o controle do processo produtivo através da ação ininterrupta dos capatazes e encarregados de anotar a produção de cada setor. De acordo com determinados relatos colhidos por esta pesquisa, nas primeiras décadas de existência da fábrica e especialmente durante o Estado Novo a punição a certos comportamentos considerados delituosos poderia extrapolar o limite legal. Hugo Nequesauert, torneiro mecânico, começou a trabalhar no frigorífico em 1936. Das histórias que contavam os operários mais antigos, Hugo recorda da fama de punição e disciplina que encampava o posto da Brigada Militar, situado a poucos metros do portão. O Estado atuava como o legítimo defensor dos interesses da grande propriedade capitalista, transformando até um pequeno gesto em caso de polícia. Quando não atuava diretamente, dava cobertura ao serviço de segurança da fábrica, que de acordo com Hugo, também tinha o poder de eliminar um trabalhador indesejado por alguma rusga com a chefia ou por simplesmente enfrentar as normas:

Davam (nos operários) por qualquer coisa que não era deles e que pegassem... davam ali. Num tempo de espadas grandes que havia, de bainha metálica, davam com aquilo na frente de quem estava ali. E também matavam gente de quem eles tinham gana, sabe como faziam? O chefe dos serenos, que era também um grande caudilho, um matão, um bandido, que peleava muy bien, não errava tiro. E ele ia executar um trabalhador, fazia ele trabalhar de noite, saía de madrugada, e ele pegava um pacote de prego do próprio Armour, matava o homem e deixava aquilo ali, que ele tinha sido morto porque ia roubando. E ficava por isso mesmo.¹⁰²

Quando alguém se contrapunha ao mando dos poderosos serenos ou capatazes, o nome ficava guardado na memória dos operários mais combativos e que nesse momento já começavam a fazer parte do grupo comunista, que como veremos a seguir, iriam se opor frontalmente aos desmandos que ocorriam no interior da fábrica. Um desses heróis anônimos, conforme lembra Hugo, foi o operário Pedro Ivaldo. A fábrica ainda não entrara

¹⁰² Hugo Nequesauert. Entrevista concedida ao autor e Liane Chipollino Aseff em 24 de janeiro de 2005 em Santana do Livramento.

na década de 40, de acordo com o relato do veterano eletricista, quando Pedro Ivaldo matou o temido chefe dos serenos:

Quem matou ele eu conheci, foi o Pedro Ivaldo, um homem bueníssimo. Primero discutiram no clube do Armour e aí Pedro Ivaldo se veio primero, eles viviam no edifício dos bomberos, no próprio Armour, pertinho do portão. Havia unas quantas camas e umas mesas grandes onde almoçavam, no meio do salão. Discutiram por nada, porque não se gostavam. Pedro Ivaldo um homem *requetebueno*, o outro um *matón*, um asqueroso. Quando Pedro Ivaldo estava sacando a roupa para se acostar, o outro chega e começa a provocar, se senta em cima da mesa, e discutiram e se agarraram a bala. E Pedro Ivaldo atirava e não saía o tiro, negava o revolver, e o outro se rindo e pegou o revolver também. E quando foi atirar no Pedro Ivaldo, esse consegue atirar e le pega na mão e volveia o revolver. Veja como suceden as coisa com tanta exatitud as vezes não? E Pedro Ivaldo le atirou outro tiro que pegou no joelho. Ele ainda deu um tiro que quase pega na cabeça do Pedro Ivaldo. E ele, por esses dois tiros que levou foi hospitalizado, e morreu, e foi enterrado no panteão dos heróis brasileiros, nesse cemitério aí de Santana, dos heróis e dos grandes bandidos (risos) e Pedro Ivaldo se fue para Uruguaiana, se ia de um município para outro... no valia nada.¹⁰³

Afora as rixas pessoais, as causas mais comuns de violência eram relacionadas aos métodos de revista, com os trabalhadores sob a suspeita constante de subtraírem carne ou algum produto derivado. Sete anos após a demissão de Hugo, as ocorrências de violência contra os trabalhadores ainda faziam parte do cotidiano da fábrica. Em abril de 1956, ao cruzar o portão por volta das 17h, o operário Álvaro Andrade foi severamente espancado. O motivo seria o roubo de um pedaço de carne, que deflagrou a violência, envolvendo os capatazes Paulo Leher e Osvaldo Tentardini e também o guarda Gumercindo Alves. A Voz Operária registrou o ocorrido na seção Voz dos Leitores, assinado pelo “correspondente da Voz em Livramento, R.G. do Sul”.¹⁰⁴ De acordo com a versão impressa, o trabalhador teria sido abordado pelos capatazes e o guarda, que passaram a espancá-lo “selvagemente” em plena via pública, depois de constatarem um pedaço de carne em sua pasta. O espancamento só não resultou em uma ocorrência mais grave ainda porque o guarda noturno Elogio Armúa impediu o prosseguimento da ação, que revoltou populares e operários que passavam pelo local. A violência foi denunciada pelos trabalhadores e constituiu-se um advogado, via sindicato, para a defesa do operário agredido e do guarda noturno que interveio a seu favor. Ainda assim, conforme notificou a Voz Operária, o operário foi demitido, os agressores mantidos em suas funções e o guarda noturno suspenso.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ *Patrões americanos mandam espancar operários brasileiros*. Voz Operária. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1956. Pg 8.

3.1 – Legalidade e militância

Com a volta a legalidade em 1945, o PCB – Partido Comunista do Brasil começa um processo de reestruturação institucional em Santana do Livramento, que iria culminar no ano seguinte. À frente da legenda, o sindicalista Santos Soares comandava desde a década anterior um grupo coeso na proposta de consolidação de uma maior consciência de classe entre os trabalhadores fronteiriços. No âmbito nacional, com a deposição de Vargas e as candidaturas de Eduardo Gomes, Eurico Gaspar Dutra e Yedo Fiuza colocadas à rua, o campo de disputa pelos votos de trabalhadores alinhava-se entre os recém criados partidos políticos. Mais afinados ao que restava da antiga situação estado novista, o PSD (Partido Social Democrático) reunia políticos e burocratas ligados ao antigo regime.¹⁰⁵ O segundo grupo de “situacionistas”, também alinhados na legenda, seriam os grandes proprietários de terras e industriais. Esse quadro completava-se com parte dos trabalhadores urbanos, que brandiam a legislação trabalhista e a organização sindical, mesmo que paternalista e controlada pelo estado, alinhados ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), também idealizado pelo ex-ditador. Nas palavras de Skidmore, “o PTB representava o esforço de Vargas para minar os comunistas à esquerda e para assegurar o cada vez mais importante voto da classe operária”.¹⁰⁶ Entre as lideranças da nova sigla, destacava-se o Ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho, responsável pela consolidação das leis destinadas ao amparo dos trabalhadores, com a criação de uma “mística trabalhista” e o gaúcho Alberto Pasqualini, que viria a ser um ideólogo do partido. A oposição reunida em torno da UDN (União Democrática Nacional), imbuía-se desde o início no estímulo indisfarçado ao exército para efetivar a deposição de Vargas, consolidada finalmente em 29 de outubro. A manobra previa aniquilar os desejos “queremistas”, que pediam a “constituente com

¹⁰⁵ SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castello*. Companhia das Letras. São Paulo, 2010. Pg.90

¹⁰⁶ Idem. Pg.91

Getúlio” conferindo nova coloração a eleição de 2 de dezembro, unindo trabalhistas e comunistas em uma causa comum. Os udenistas propagavam o princípio liberal, que previa o desentrelaçamento burocrático para o livre fluxo de capital, controle mais brando aos investidores externos e o incentivo às exportações, como podemos confirmar nas recorrentes notas publicadas em *O Republicano*, que acrescentava nessa conta os constantes entraves que o governo impunha, dificultando as exportações do frigorífico Armour, uma queixa que iria persistir mesmo após o manto liberalizante do governo Dutra.¹⁰⁷ Ao mesmo tempo, não se contrapunham a estrutura corporativa estatal, especialmente ao sistema de sindicatos manipulados pelo governo, herança de Vargas”¹⁰⁸

No período, o PCB experimentaria a euforia de um desempenho sem precedentes, com a eleição de Luis Carlos Prestes para o Senado e outros 14 deputados para a Constituinte de 1946, além da performance excepcional do candidato da legenda a Presidência, Yedo Fiúza, que obtivera 10% dos votos. O crescimento vertiginoso da sigla iria culminar em 1947, ano em que voltaria a ilegalidade, com cerca de 200 mil filiados em todo o país.¹⁰⁹ Em Santana do Livramento, o taxista Jorge Alves Ferrão vivia a adolescência no bairro do Prado, um local então bastante afastado do centro da cidade, ligado a serviços rurais e pequenos negócios. Ainda muito jovem, com 15 anos incompletos, somou-se ao partido. Reuniu “perto de 30 guris”, como ele, e fundou uma Ala Jovem. Nos finais de semana, especialmente, o grupo comunista partia em missões pelas zonas rurais e bairros da periferia, com o intuito de arrebatar mais gente para a luta social e esclarecer o proletariado fronteiriço das injustiças vigentes. Os trabalhadores do campo, de fato, só viriam a conhecer as benesses da CLT em 1962, com a legalização dos sindicatos rurais e a promulgação do Estatuto do Trabalhador Rural. Ferrão recorda dos anos de militância e os nomes mais recorrentes das incursões comunistas pelo campo e periferias da cidade:

Naquele tempo o meu tio, José Ferrão, era concessionário do transporte coletivo aqui, então nos domingos normalmente nós tínhamos um ônibus para fazer comícios na campanha. Andei muito pela Vigia e por aí tudo. Tinha um número de tribuna ali que estavam sempre de plantão.

¹⁰⁷ *Os frigoríficos e a exportação*. *O Republicano*. Santana do Livramento, 8 de agosto de 1949. Pg.4

¹⁰⁸ SKIDMORE, Thomas. *Op.Cit.*, Pg.94

¹⁰⁹ Em 7 de maio de 1947, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, o PCB tem o registro cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral, sob a alegação de que a legenda seria contrária ao regime democrático. A cassação da legenda seguir-se-ia a de todos seus parlamentares eleitos, a 10 de janeiro de 1948.

Um deles era o Santos Soares, o Felício Corrêa, uma turma grande, nós conseguíamos encher um ônibus. O Santos Soares era um homem de um conhecimento bárbaro. Naquela época apareceu por aqui também um senhor de São Gabriel, com uma família numerosa. Tinha o Joel e Walter, dois irmãos. Walter Vieira Marques, era o maior. Inteligentíssimo, subia na tribuna nos comícios. O pai dele era seu Marcos Marques, um sapateiro. Depois foi embora para São Paulo e nunca mais soube dele. Ele lia o jornal do partido, a Tribuna Gaúcha. Tinha muito argumento. Chamava atenção.¹¹⁰

A repressão aos comunistas na fronteira, que se acentuaria com o cassação da representatividade parlamentar do partido, tomava forma como uma resposta ao poder de organização dos trabalhadores, que tinham entre seus líderes legítimos oradores e baluartes da causa operária. Desde 1946, com a legalidade à pleno, os comunistas passariam a participar ativamente do debate político local, ainda sob o manto da colaboração de classes e com os setores progressistas da burguesia, como preconizava a diretriz do partido desde 1943, e que tinha naquele momento um aliado em Vargas.¹¹¹ No cenário ampliado do sindicalismo nacional, vigorava o Movimento Unificador dos Trabalhadores – MUT, organização intersindical criada em abril de 1945 e substituída pela Confederação dos Trabalhadores do Brasil – CTB, em 1946. Conforme lembra Ferrão,

O partido levava a classe dominante por diante aqui, não? O Santos Soares, o Aladin Rosales, gente muito inteligente, impressionavam no comício. Diziam as coisas bem direitinho, os problemas da sociedade. A burguesia naquela época vivia aterrorizada, porque o comício era um atrás do outro, e saía tudo direitinho pra rua. Foi uma época difícil para a classe dominante, por isso a repressão toda. Apagar o partido...foi o único jeito. Até ali era brabo pro lado deles. E foi em várias cidades, em Rio Grande. E depois tinha o Armour, que tinha o Amaro Gusmão, o presidente do sindicato. E o Pantaleão Corsino, o vice-presidente. E eles não deixavam os gringo dormir tranquilo, bah....¹¹²

Santos Soares, líder dos trabalhadores organizados em torno do partido, surge, em relatos orais e nos raros textos que anotam sua trajetória, como um homem cercado pelo mistério do líder comunista, idealizado pela imprensa partidária e por militantes a ela

¹¹⁰ Jorge Alves Ferrão. Entrevista concedida ao autor em 11 de outubro de 2015, Santana do Livramento.

¹¹¹ A política de união nacional, contra o nazi-fascismo e a aproximação com Vargas, fortaleceu-se não sem certa resistência interna depois da Conferência da Mantiqueira (1943), conferindo uma linha política moderada. Conforme o historiador Daniel Aarão, a idéia de que era preciso compor uma aliança ampla, incluindo o ditador estadonovista, foi aceita em favor de um avanço das lutas sociais e do crescimento do partido. A proposta durou até o final de 1946, sendo abandonada após os ataques que resultaram na cassação dos mandatos comunistas em todo o país e a repressão aberta. REIS FILHO, Daniel Aarão. Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964. In: REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002.

¹¹² Jorge Alves Ferrão. Entrevista citada.

submetidos, como o modelo exemplar do transformador social, a ser construído e seguido com a exaltação comum ao mito recorrente do ideário comunista. Para encontrarmos os primeiros rastros de Santos Soares, voltemos ao começo do século, quando a fronteira vivia a euforia da inauguração da Cervejaria Gazzapina (1908) e o pleno funcionamento de estabelecimentos comerciais como a Padaria Aragonéz, que junto ao setor de construção civil incorporavam os núcleos de trabalhadores filiados às idéias anarquistas que muitos operários argentinos, uruguaios e espanhóis alimentavam. Os ecos dessas novas demandas políticas seriam estampados no jornal anarquista *A Evolução*, que viria a ser impresso em português e espanhol, em Santana, a partir de 1911. Nesse ambiente gesta-se a figura de líderes operários que viriam a ser fundamentais na organização dos trabalhadores na região, primeiramente filiados aos ideais anarquistas, e mais tarde associados ao emergente partido comunista. Surgem nesse início de século o anarquista espanhol Antônio Apoitia, e pouco depois Santos Soares, mentor da organização comunista local. A atuação de Soares, que viria a criar em 1918 a *Liga Operária*, uma das primeiras ligas comunistas do país, consolidou-se durante a primeira greve que eclodiu nos frigoríficos Armour e Wilson, a 13 de março de 1919. Na greve de 1919, a pauta de reivindicações exigia redução da jornada de trabalho de dez para oito horas, aumento de salários para os trabalhadores braçais e um acréscimo de 25% sobre o salário das mulheres. Também pedia a instituição de horas extras para o trabalho nos domingos ou fora de horário. O evidente desalinho entre as leis trabalhistas vigentes no Uruguai e no Brasil ganhava nova conotação no ambiente de trabalho do frigorífico. Ali, trabalhadores uruguaios, brasileiros e de outras nacionalidades submetiam-se a um ordenamento laboral arcaico.¹¹³

Do outro lado da linha divisória, os trabalhadores uruguaios começavam a vivenciar as mudanças preconizadas pelo presidente *José Batle y Ordóñez*, que criara a partir de seu primeiro mandato, em 1903, uma série de normas legais de proteção aos trabalhadores, posteriormente reforçadas pela Constituição de 1917, que incluía jornadas de trabalho de oito horas, indenização por acidentes de trabalho, licença maternidade, proteção aos idosos

¹¹³ João Batista Marçal, pesquisador do movimento operário no Rio Grande do Sul, nota que as greves de 1919, nos Frigoríficos Armour, em Santana do Livramento, e Swift, em Rosário, foram duramente reprimidas. Na cidade de Rosário, distante cerca de 100 quilômetros da fronteira, dois dos líderes grevistas - um maquinista uruguaio e outro espanhol - foram degolados, no caminho de uma suposta deportação para o Uruguai. MARÇAL, João Batista. *Comunistas Gaúchos. A vida de 31 militantes da Classe Operária*. Tchê!: Porto Alegre, 1986. Pg. 118.

e inválidos e a intermediação estatal em casos de conflitos laborais. Convém lembrar aqui, conforme aponta Gustavo López, que as normas laborais uruguais, extremamente avançadas para a época, não foram um “presente” do governo de *Batlle*, mas fruto de anos de lutas cruentas do movimento sindical uruguaio.¹¹⁴ Durante a greve de 1919, os operários das companhias Armour e Wilson, conseguiram que as empresas concedessem um aumento de 10% nos salários e a redução de 10 para 9 horas de trabalho diário. Mesmo sob a repressão da força militar, a greve se fazia vitoriosa. Santos Soares cria nesse momento uma associação para promover a ajuda mútua entre os trabalhadores, o Centro de Assistência e Ofícios Vários, que iria originar em 1920 o Sindicato dos Ofícios Vários.

Em 1921, conforme aponta Marçal, Santos Soares editava um semanário de pequeno formato, “O Socialista”, um “desdobramento da Liga Operária, que não tardou a ser assaltado pela polícia” e teve vida efêmera.¹¹⁵ Um texto assinado pelo jornalista e militante comunista Isaac Ackcelrud, em 1952, permanece como um raro relato de cunho biográfico acerca da atuação do líder santanense. Marcado pela exaltação revolucionária do período stalinista, Soares é elevado a mito do movimento comunista naqueles anos de organização dos trabalhadores na fronteira:

A Primeira Greve Contra uma Empresa Imperialista - Na folha de serviço de Santos Soares à causa do proletariado inscreve-se em relevo a sua atuação como organizador e dirigente da primeira greve contra uma empresa imperialista no Rio Grande do Sul. Foi a greve dos trabalhadores do Frigorífico Armour. Organizada a Liga, Santos Soares não permitiu que os comunistas se fechassem num estreito círculo sectário. Esta é a segunda grande lição de sua vida. Ele comparava os efetivos do pequeno núcleo de vanguarda com as massas dispostas à luta e reclamando a direção dos comunistas. O lugar do comunista é no Sindicato. — De onde é que nós saímos? Não foi da luta sindical? É no Sindicato, lutando pelos interesses dos trabalhadores, que está o ABC. Assim, com palavras simples, utilizando a própria experiência dos trabalhadores, Santos Soares organizou uma verdadeira campanha de sindicalização. Surgiram organizações sindicais de diversas profissões. Nas assembléias, um jovem tribuno operário inflamava as massas. Aos 28 anos, Santos Soares era um líder querido dos trabalhadores, reconhecido como seu chefe.¹¹⁶

O relato de Ackcelrud elenca as lutas do líder operário, legitimando a aura da honorabilidade comunista, conforme o mito alimentado pelos anos do stalinismo, quando os herdeiros da revolução soviética eram elevados a uma condição de “super-homens”, construídos por uma moral inabalável e intocáveis em sua conduta. Perseverando Santana, pecuarista e militante do partido, reforça a imagem de Soares como o melhor condutor da

¹¹⁴ LOPEZ, Gustavo. *Uma breve história do movimento operário uruguaio*. Revista Marxismo Vivo. Nº 15. P.116.

¹¹⁵ MARÇAL, João Batista. Op. Cit., Pg.119.

¹¹⁶ Idem. Pg.120.

luta operária na fronteira em todos os tempos. Desde sua modesta atuação como funcionário da Correaria Cruz, tradicional loja da cidade, Perseverando recorda do líder “respeitado por advogados e pessoas da burguesia local”, graças a um posicionamento firme e idealista, que professava uma fé inabalável na revolução soviética e seus desdobramentos.¹¹⁷ Ackcelrud também enfatiza o aspecto da moral inabalável de Soares:

Ele não perdia oportunidade e não desprezava nenhum setor. Operários da construção civil, padeiros, pequenos contingentes de trabalhadores de diversas profissões ele unia e organizava em seus respectivos sindicatos e no sindicato de ofícios vários. Participou de diversas diretorias e invariavelmente os trabalhadores exigiam que Santos Soares ficasse responsável pelos fundos e pelo patrimônio das suas organizações. Era a homenagem pública à honestidade dos comunistas representados por Santos Soares.¹¹⁸

Porém não tardaria para que o aglutinador da força operária na fronteira encontrasse “a empresa fundamental”, nas palavras do biógrafo comunista.

(...) o jovem dirigente à medida que ia se temperando na luta, aprendendo e acumulando experiência, compreendeu que era preciso dar atenção especial à empresa fundamental. Santos Soares lançou-se à tarefa de organizar e levar à luta os trabalhadores do Frigorífico Armour. Ali era a cidadela dos patrões estrangeiros e dos fazendeiros. Mas ali também era que se concentravam os trabalhadores. No frigorífico, Santos Soares se defrontou com um inimigo de larga experiência na repressão ao movimento operário, experiência que se aliava aos métodos mais brutais dos senhores feudais das fazendas de gado e contrabandistas da fronteira. Com paciência e tenacidade preparava a luta e a vitória. Cada escaramuça com o inimigo lhe dava a noção das forças dos trabalhadores, do seu amadurecimento para o combate, revelava os homens que deviam ser chamados para o Partido, mostrava erros que era preciso corrigir.

Adoentado, Santos Soares já não mais comandava a linha de frente do partido quando os gestos extremos da repressão contra os comunistas começam a intensificar-se. Conforme veremos no capítulo seguinte, o chamado massacre dos trabalhadores e militantes comunistas em frente ao Parque Internacional, no dia 24 de setembro de 1950, iria abalar a militância e cobrir de suspeitas a direção do frigorífico como mandatária do ato de repressão, que resultou em quatro mortes. Isaac Ackselrud traz à luz o nome dos militantes mortos pela repressão, ao enfatizar a ligação do operário Aladim Rosales com Santos Soares.

Aladim Rosales foi assassinado em 1950 por ordem dos anglo-americanos. Pereceram com ele os camaradas Kulman, Abdias e Aristides. Esse crime monstruoso foi executado pela polícia dos traidores da pátria Eurico Dutra e Walter Jobim. Santos Soares procurava capitalizar todas as lutas para o Partido. Sim, dizia, é importante e é necessário conseguir melhorias para a classe

¹¹⁷ Perseverando Fernandes Santana. Depoimento ao autor. Documentário “Conversas com Perseverando”. Santana do Livramento, dezembro de 2015.

¹¹⁸ MARÇAL. João Batista. Op. Cit., Pg.121

operária. Mas não estava se vendo que os fazendeiros e os gringos do frigorífico continuavam donos de tudo, permanecem no governo, com o poder na mão, mesmo quando os operários conseguem uma reivindicação? A importância da luta pelas reivindicações não está só nas melhoras que pode trazer, mas principalmente porque une os trabalhadores, abre seus olhos, mostra que são fortes e que devem empregar essa força contra os patrões sempre prontos a anular as melhoras obtidas na primeira oportunidade. Portanto, em cada luta, para que seja uma luta de verdade, é preciso ter uma perspectiva revolucionária. Somente o Partido garante que todas as lutas reforcem a causa da revolução e impede que forças da classe operária se desmanchem em mil e um pequenos combates que ficam nas pequenas melhoras.¹¹⁹

Filho de Favorina e Domingos Soares, Santos viveu os primeiros anos no bairro São Paulo, nas cercanias da charqueada Livramento, de Pedro Irigoyen. Casado, transferiu-se para as proximidades do batalhão da Brigada Militar, em um local ainda com características rurais, constituído por pequenas chácaras. Sempre trabalhando na construção, mudou-se com a família para os arredores do parque municipal da Hidráulica e posteriormente, para Rivera, local escolhido por aqueles que deveriam zelar por uma proteção natural às perseguições em solo brasileiro e que faziam desse pêndulo entre os dois países, se não um salvo conduto, ao menos uma forma de ganhar tempo quando fosse necessário. Gecy Rodrigues Soares, filha mais jovem de uma família de três mulheres e um homem, lembra do pai como zeloso e trabalhador. Em meados dos anos 30, ela relembra de uma prisão que o pai sofrera, quando foi levado para Porto Alegre.

O ano eu não lembro, mas eu era bem guria. À noite, quando ele estava lendo, na beira da mesa. E bateram na porta e era a polícia, e reviraram toda a casa, e aí levaram ele preso. Mas não encontraram nada, papel nenhum. Ele sempre tava prevenido, né? E estive uns três dias preso ali em Livramento, e mandaram para Porto Alegre. E lá, em seguida se avisou um tio meu, que era capitão da Brigada, e ele foi e tirou ele da cadeia. Ele teve uns três meses, que não podia vir, depois veio e seguiu trabalhando. Mas lá quando estava solto já trabalhava lá mesmo em Porto Alegre. Eu lembro, eu tinha uns oito anos. (...) Era, pelo sindicato e pelo partido. E daí a uns meses começaram a perseguir ele de novo, aí ele passou para o Uruguai. (...) Só sei que o sargento que foi prender ele, a mãe falou muita coisa para ele, porque meu pai tinha ajudado muito ele, esse sargento era muito pobre e o meu pai com o que tinha ajudava muito ele, dava comida para essas crianças dele, e a minha mãe falava e falava, mas ele era mandado também né?¹²⁰

Nos dois últimos anos de vida, Santos Soares, mesmo enfermo, mantinha a voz ativa entre trabalhadores e expoentes do partido, como Perseverando e Aquiles Santana, Francisco Cabeda e Hugo Nequesauert. Em janeiro de 1951, a morte do líder que, conforme Perseverando, “sabia lidar com todo mundo, tinha uma autoridade moral muito grande e não gostava que o operário fizesse qualquer deslize”, foi sentida com pesar entre as

¹¹⁹ Idem.Pg.122

¹²⁰ Gecy Rodrigues Soares. Entrevista concedida ao autor, em 23 de julho de 2011, Rivera, Uruguai.

lideranças e boa parcela dos trabalhadores, especialmente os envolvidos na idealização mítica do militante revolucionário do período stalinista. O poeta Mário Santana registrou no jornal do partido uma singela homenagem ao homem que possuía predicados tão fortes como “um bloco inteiriço de valor humano, social, político e privado”:

Livramento perdeu com a morte de Santos Soares um de seus mais dinâmicos elementos, o quadro mais completo. Autentico tipo de lutador, apresentando sua personalidade por todos os quadrantes, um bloco inteiriço, solidamente feito de valor humano, quer político ou privado. Foi sempre tido no seio do partido como um guia de confiança, coerente e lúcido, acatado e ouvido com respeito, certos de seu equilíbrio e ponderação como organizador sindical, condutor de massas.¹²¹

Como se pode constatar pelas palavras do poeta santanense, o guia dos operários fronteiriços que acabava de falecer encarnava as qualidades que um legítimo militante da causa comunista poderia ostentar: verdadeiro homem de ferro, acima de seu tempo e de seus pares, na melhor definição do mito do mensageiro eleito. Jorge Ferreira, ao analisar as origens das concepções messiânicas que elevaram o proletariado como redentor da humanidade conclui que o sucesso obtido pelo Manifesto Comunista não se restringiu apenas a revelação de determinadas “realidades que se fundaram como verdades”, mas também a uma série de imagens, simbologias e representações imaginárias que, ao final, cumpriam a função de resgatar estruturas mitológicas milenares. Utilizando-se das reflexões propostas pelo filósofo Mircea Eliade, argumenta que, no limite entre o político e o profetismo social, as idéias mais vulgarizadas de Marx “retomaram e prolongaram um dos grandes mitos escatológicos de sociedades antigas (...), a narrativa do modelo redentor do Justo, também conhecido em diversas versões como o ‘eleito’, o ‘ungido’, o ‘inocente’, o ‘mensageiro’, que nos tempos modernos, sobreviveu entre os comunistas, mesmo que dessacralizado, na imagem do proletariado revolucionário.¹²² Imbuído das homenagens póstumas e da construção do mito, prossegue Mário Santana:

Nunca teve um só instante de esmorecimento ou vacilação, uma única fenda por onde penetrasse a cunha do oportunismo, sectarismo ou comodismo deformadores dos princípios no processo político. Comedido e tenaz, enérgico e ponderado, dotado de um grande senso psicológico. Incansável sempre estava em todas as frentes de luta; mesmo nos últimos momentos antes de morrer ainda se fazia ouvir aconselhando com eficiência, lamentava não

¹²¹ *A Morte de Santos Soares*. Unidade. Santana do Livramento, 20 de janeiro de 1951. Pg.1

¹²² FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito. Cultura e Imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Rio de Janeiro: Eduff. 2002. Pgs 34, 35.

poder dar mais para o seu partido: O PARTIDO COMUNISTA. Achando que a morte lhe vinha inoportunamente aniquilar, no momento em que se aproximava a luta decisiva. A compleição moral deste homem pode servir de padrão para quem quiser ser um líder de vanguarda. A estatura de sua personalidade foi sempre uniforme em tudo, porque em tudo foi honesto e sincero e bom: como político, como chefe de família, como amigo, como irmão e como filho. O nobre e grande lutador da Serrilhada se impôs no seu partido por este conjunto de qualidades excepcionais.¹²³

Hélio Santana Alves, militante fervoroso, foi parceiro das lutas sindicais junto a Santos Soares. Participante do ato de pichação no Parque, ele rememorou a importância do amigo nas lutas em comum, que muitas vezes envolvia os comunistas uruguaios.

Eu sempre tive, na minha concepção, que nós não entendíamos de marxismo-leninismo, nós entendíamos de esquerdismo. Marxista era esse velho, Santos Soares, que mesmo com a saúde abalada, dava orientação de cima da cama. Todos os operários de fábrica e padaria lidavam com ele. Tinha mil e tantos operários militantes, entre o Armour, a Padaria Aragonez e outras, uma quantidade enorme. Foi um baluarte das lutas políticas entre Santana do Livramento e Rivera. Tinha uma biblioteca marxista, que era notável que um operário tivesse uma biblioteca tão perfeita(...) Para se analisar a situação da fronteira naquela época, era como se fosse um partido só. Tanto se militava no partido brasileiro como se militava no partido uruaio (...) Mas o fundamental para mim é que o marxismo-leninismo vinha de Santos Soares, que muitas vezes dava aula no partido comunista uruaio. Foi o único elemento que mais se aproximou do marxismo naquela época.¹²⁴

Como um legítimo território em comum para os comunistas, a fronteira que surge nas lembranças de Hélio é a que unificava a militância e as solidariedades. “Onde havia um ato do partido iam quase todos das duas cidades. Aos grandes atos do partido comunista brasileiro, compareciam os comunistas do partido uruaio, e assim também do outro lado”, rememora.

3.2 – Os pecuaristas contra o frigorífico

Moniz Bandeira aponta a extrema pressão que a elaboração da nova carta magna, durante a Constituinte de 1946, sofreu dos trustes norte-americanos, tendo o governo Dutra atuado como o grande repressor dos debates entre a população, como as ações deflagradas desde maio de 1946, quando seu chefe de polícia - e ao mesmo tempo advogado da Light & Power- José Pereira Lira, suspendeu a realização de comícios e até a comemoração do Dia do Trabalho, fatos que resultaram em mortos e feridos depois de um protesto organizado

¹²³ *A Morte de Santos Soares*. Op.Cit.

¹²⁴ Hélio Santana Alves. Depoimento ao autor e Liane Chipollino Aseff em 5 de julho de 2005, Santana do Livramento.

pelo PCB no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro. Em agosto do mesmo ano, o gesto do ex-chanceler e constituinte udenista Otávio Mangabeira, de beijar a mão do general Dwight Eisenhower, em visita ao Brasil, demonstrava o servilismo com o qual os poderosos da nação se portavam diante do poderio político e econômico americano. Entre outras medidas liberalizantes, constava a aprovação do artigo 153 na nova constituição, com a abertura da exploração de petróleo pelos trustes ianques. O debate que uniu o PCB a correntes nacionalistas de outros partidos contra a exploração do recurso natural acelerou a cassação do partido pelo Superior Tribunal Eleitoral, seguido pela extinção da Confederação dos Trabalhadores do Brasil e a intervenção em 143 sindicatos. Conforme Bandeira,

(...) o governo Dutra procurou armar uma situação de garantias e segurança para atrair os investimentos dos Estados Unidos. A repressão do movimento operário, no bojo da campanha anticomunista, visava a permitir que os monopólios americanos gozassem, plenamente, as benesses da democracia restaurada. O liberalismo econômico, tão ao gosto dos agentes do capital financeiro e dos latifundiários do café, prevaleceu, como o complemento indispensável do autoritarismo político. E as classes dominantes dilapidaram, com negociatas, passeios e compra de artigos de luxo, os saldos que o Brasil obtivera e não usara durante a guerra.¹²⁵

Nesse sentido, uma alegada atuação deletéria dos grandes frigoríficos estrangeiros à economia gaúcha não ficou de fora dos acirrados debates da Constituinte. Um fator novo, no entanto, foi a unanimidade entre a bancada de parlamentares do PTB, PSD e UDN, ligados a atividade da produção pecuária, sobre os efeitos perversos da concentração de mercado e a manipulação de preços pelos estrangeiros, em detrimento dos produtores regionais. A escassez da oferta de carne nos grandes mercados do país em 1946 uniu os parlamentares em queixas sucessivas contra a atuação das grandes empresas do setor, que estariam priorizando a exportação e deixando à mingua o mercado nacional. Arthur Fischer, deputado petebista que ocupou a vaga de Getúlio Vargas, após o ex-ditador optar pela cadeira de senador na Constituinte, destacou-se como líder rural e organizador do sistema cooperativista na região sul. Foi uma das vozes mais ativas contra a participação dos frigoríficos nas atividades invernadoras e criadoras de gado, combatendo na tribuna a ação concentradora das fábricas estrangeiras.¹²⁶

¹²⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Op.Cit., Pg.434.

¹²⁶ Arthur Fischer. Anais da Assembléia Constituinte, Volume 6, 10 de abril de 1946. Pg. 66. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Brasília.

Outro deputado a se contrapor à ação dos estrangeiros, o pedessista Glicério Alves de Oliveira, pecuarista e chefe político no interior do estado, não poupou críticas aos que nominou “magnatas dos frigoríficos”.¹²⁷ Dados do Ministério da Agricultura, citados em plenário pelo deputado, mostravam que o Rio Grande do Sul possuía então um rebanho de 7.500.000 de cabeças de gado, superado apenas por Minas Gerais em 300 mil cabeças.¹²⁸ Destinado ao abastecimento da população local, a carne fresca representava cerca de 30% da produção. Os demais 70% seguiam à industrialização nas charqueadas e frigoríficos, sendo estes últimos os maiores compradores. Glicério de Oliveira não hesita em queixar-se de que os grandes abatedouros estrangeiros não tratavam os produtores locais como “amigos”, mesmo com todos os benefícios que desfrutaram para se instalarem no estado, com facilidades para importação de maquinaria, entre muitos outros favores oficiais e isenções. O deputado constituinte acusava os frigoríficos de trabalharem contra a economia estadual, ao estilo dos maiores predadores internacionais, e que tampouco se importariam em abandonar a campanha gaúcha, tão logo seus lucros exorbitantes fossem diminuídos. O resultado da ação predatória constatava o parlamentar, foi a falência das charqueadas e os negócios similares, de capital nacional. Nas palavras do pedessista, os frigoríficos,

(...) não vieram com o propósito de auferir lucros razoáveis e de colaborar na grandeza da nossa pecuária, espreitam sempre, e sob todos os pretextos, ocasiões de forçar a baixa, para que maiores e mais absurdos sejam os seus lucros. Basta dizer que um novilho adquirido por Cr\$ 900,00, em média, rende-lhe mais de Cr\$ 4.000,00. Pouco se lhes dá se matarem, no Rio Grande do Sul, a galinha de ovos de ouro, eles têm no mundo o trust internacional de carnes e poderão mudar de pouso, encontrando alhures outras galinhas de ovos de ouro... e outras vítimas. Já tentaram matar, em meu Estado, com a sua poderosa concorrência, quase tôdas as charqueadas, que tanto serviço prestam à nossa economia e ao abastecimento das populações do Norte (...) De 42 charqueadas que já tivemos, sobram-nos agora 12.¹²⁹

A queda de braço entre frigoríficos e produtores rurais oscilava entre as pressões dos ruralistas por preços melhores ao gado invernado, já que ao final da safra o valor da rês normalmente diminuía com a ameaça de perder-se o investimento, caso não fossem vendidos ao preço barganhado. Alheios ao endividamento bancário dos produtores, os frigoríficos eram submetidos também às ações governamentais, destinadas ora a regular o

¹²⁷ Glicério Alves de Oliveira. Anais da Assembléia Constituinte, Volume 6, 9 abril de 1946. Pgs. 89, 90, 96, 100.

¹²⁸ Os dados referem-se ao censo agropecuário de 1940.

¹²⁹ Glicério Alves de Oliveira. Op.Cit., Pgs. 100, 228.

mercado interno, com desestímulo temporário de exportações, resultando em diminuição da produtividade nas fábricas e conseqüente redução nos níveis de emprego, ora com a liberação da entrada de gado uruguaio e argentino, sem incidência tributária, o que elevava a pressão para a baixa dos preços do gado nacional. Glicério de Oliveira, da tribuna, denunciava as ações nefastas dos frigoríficos, quando alguns parlamentares ainda arrolavam a possibilidade de nacionalização dos mesmos, medida nunca levada à frente pelo Governo Dutra. De acordo com o parlamentar gaúcho, os desmandos da política central sobre a agropecuária e a conivência do Governo com os grandes industriais levou os frigoríficos a uma “guerra de nervos contra os invernadores”, baixando a cotação por quilo vivo, que chegou ao preço de Cr\$ 2,20 e Cr\$ 2,40 em 1945, para Cr\$ 1,65, em 1946, quando o produto exportado estava mais valorizado ainda nos mercados externos. Reféns de um excedente de 600 mil cabeças destinadas ao abate naquele ano, os produtores ficavam a mercê dos preços ditados pelas grandes companhias.¹³⁰ Glicério de Oliveira advertia que “nada, no sentido de cooperação e colaboração” os pecuaristas poderiam esperar dos frigoríficos, sendo que essas empresas assim que pudessem iriam se valer de normas governamentais, como o decreto que abriu por um curto período a entrada de gado procedente dos países do Prata, para “adquirir gados a preços baixos e transformá-los em charque, com o intuito de estabelecer concorrência com os estabelecimentos saladeris sul-rio-grandenses que, se pudessem fariam fechar, para então dominar sem contraste e sem controle, o comércio de gado de minha estremecida terra natal”.¹³¹ A disputa aberta com os frigoríficos levou à tribuna o ex-governador e figura mítica na política gaúcha, José Antônio Flores da Cunha, líder da UDN e tradicional aliado do frigorífico Armour, devido a primazia política que sua família e em especial seu irmão, Francisco Flores da Cunha, desempenhava na fronteira desde o início do século. A crise gerada pela falta de carne e desabastecimento dos grandes centros do país, conforme Flores seria um “contrassenso”, em um país com um rebanho tão extenso. Para o udenista, experimentado nas alianças locais e que tinha no frigorífico sediado em Santana um aliado em potencial, tratava-se de denunciar agora os lucros exorbitantes dos capitalistas estrangeiros, em detrimento dos ruralistas e das “populações proletárias”.

¹³⁰ Idem. Pgs 248, 250.

¹³¹ Idem. Ibidem. Pgs 248, 250.

O que acontece é que os frigoríficos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santos, Barretos, começaram a congelar a carne de primeira qualidade e deixaram no mercado a chamada “carne de pescoço” (...) Costuma-se pedantescoamente declarar que nossas populações proletárias e pobres são sub-alimentadas. Eu, porém, proclamo: não são alimentadas! (...) os frigoríficos não só desviaram para a frigorificação o melhor gado que lhes foi oferecido para abater, como ainda exportaram quase toda a carne de primeira para os mercados europeus, sobretudo durante o estado de guerra, obtendo preços astronômicos por essa carne adquirida aqui por dez réis de mel coado. Quando digo dez réis de mel coado, quero dizer, mil ou mil e duzentos cruzeiros, que equivalem a dez réis de mel coado .¹³²

A celeuma aberta pela barganha de preços e as idas e vindas da política governamental em relação a exportações e restrições temporárias seria a tônica dos embates entre pecuaristas e industriais nos anos vindouros. Em 1949, a faina de bovinos do frigorífico Armour terminou oficialmente em 6 de julho, com o abate de 73.458 cabeças, número superior ao ano anterior.¹³³ Ainda assim, persistiam as dificuldades a exportação da carne, elencadas pelo Republicano, que acusava em nível estadual o Secretário de Agricultura, Balbino Mascarenhas, e em âmbito nacional o Banco do Brasil, que estaria criando “os maiores embaraços” na concessão de guias de exportação. O jornal apontava o poder público, que prejudicava não apenas o Armour, “uma companhia, estrangeira”, mas “a vida de Santana, cujo surto industrial quer sufocar”.¹³⁴ Conforme observa Chipollino Aseff, a disputa entre os ruralistas e o frigorífico impulsionou a criação de cooperativas, como forma de pressionar preços e abertura de safras, embora com poder político e econômico inferior aos que ostentava a fábrica norte-americana. Assim foram criadas em 1944 a Cooperativa Regional Santanense de Lãs- Colãs, e a Cooperativa Santanense de Carnes e Derivados Ltda, - Frigorífico e Charqueada São Paulo, situada muito próximo ao frigorífico Armour. Para o ruralista Cláudio Antonio Bitencourt Caldas, ex-presidente da centenária Associação Rural de Santana do Livramento, a falta de compromisso do grande capital estrangeiro com a região, após ciclos de recuo econômico, foi a marca que ficou com o ocaso do frigorífico. A cooperativa de carnes, afirma, tinha mais controle e liberava ao produtor ir ver a matança, e o lucro com a venda era dividida. Funcionava como um contraponto, só não competia com o frigorífico em poder econômico: “Havia uma

¹³² José Antônio Flores da Cunha. Anais da Assembléia Constituinte, Volume 5, 28 de março de 1946. Pgs.23, 36, 83,85,86. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Brasília.

¹³³ *Terminou ontem a faina de vacuns no Frigorífico Armour*. O Republicano, Santana do Livramento, 7 julho de 1949.Pg.2

¹³⁴ *Ainda as dificuldades para exportar*. O Republicano, Santana do livramento,14 julho 1949. Pg1

rivalidade, mas os incentivos legais que o Armour recebia para compra de insumos destinados ao incremento da produção, que era destinada a exportação, dava vantagens reais aos estrangeiros”.¹³⁵

3.3 – O confronto parlamentar

Com a redemocratização e o restabelecimento da liberdade política, a reorganização dos partidos e retomada das eleições diretas para os cargos executivos e legislativos, voltavam à cena os anseios dos trabalhadores como peça chave nessa nova configuração do jogo político municipal. Na Câmara de Vereadores, a disputa por um espaço nos corações e mentes operárias dava-se através do embate entre as matizes ideológicas em jogo. O advogado Lucio Soares Neto, reconhecido por sua atuação junto aos trabalhadores mais pobres, muitos deles ligados ao frigorífico, seria o suplente do líder operário Amaro Gusmão, ambos ligados ao grupo comunista, eleitos pelo PSP. Juntos, dividiam a interlocução direta com o sindicato de Frio, Carnes e Derivados. Mais tarde, o jornalista Solon Pereira Neto, eleito pelo PSD, também iria perfilar-se às idéias comunistas, quando se dá a radicalização em torno das demandas operárias em oposição aos interesses do frigorífico e grandes proprietários rurais. Nas eleições de 15 de novembro de 1947, o PSD obteve a maioria parlamentar, com sete vereadores eleitos, seguido pelo PTB (3), UDN (2), PSP (1) e PL (1). Foram eleitos Miguel Alves Medina (PSD), Solon Pereira Neto (PSD), Ottoni Cademartori (PSD), Concesso Cassales (PSD), Juracy Pinheiro Ribeiro (PSD), Antônio Iruleguy (PSD), Victorino Soares Pinto (PSD), Nery Ucha (PTB), Atalício Machado Soares (PTB), Moysés dos Santos Rodrigues (PTB), Romagueira de Oliveira (UDN), Antônio Joaquim Andrade de Oliveira (UDN), Aldrovando Sant’Anna (PL), Amaro Gusmão (PSP). Na Prefeitura Municipal, o PSD elegeu Silvío Cademartori, prefeito, e Flávio Mena Barreto, vice.

No final de dezembro de 1947, Lucio Soares Neto elencava aos colegas de tribuna as dificuldades por que passavam os trabalhadores que viviam no bairro industrial,

¹³⁵ Claudio Antonio Bitencourt Caldas. Entrevista concedida ao autor em 26 de outubro de 2015. Santana do Livramento.

solicitando que seus pares encaminhassem à Assembléia Legislativa do Estado as demandas necessárias para que fosse iniciado um processo de aquisição da chamada “Fazenda Armour”, uma grande extensão de terras de propriedade da fábrica, localizadas nos arredores do frigorífico, para que fossem loteadas entre os operários, e especialmente entre a população local, desassistida nos períodos de entressafra, onde se tornava quase insustentável a sobrevivência econômica de centenas de trabalhadores. De acordo com o vereador, as terras deveriam ser “repartidas em colônias e chácaras que serão distribuídas aos agricultores sem terra e operários especializados na indústria do frio, carnes e derivados, atualmente em angustiada situação econômica devido a safra seca e aqueles ameaçados de despejo, ou que pagam arrendamentos elevados, vivendo uma vida intranquila”.¹³⁶ A luta dos camponeses estabelecidos na extensão de 1.740 hectares, muitos vivendo há mais de 20 anos naquelas terras, junto aos operários que ali buscavam a sobrevivência ocasional em períodos de entressafra foi parcialmente vitoriosa, após intensos debates, sendo o local adquirido pela secretaria estadual de Agricultura e destinada a uma distribuição posterior aos posseiros. O débito da vitória política ficou marcado na ficha corrida de Lúcio Soares Neto, segundo suas afirmações, entre os mandatários do frigorífico, que contabilizavam mais um motivo para colocar o vereador como um opositor central aos interesses da empresa. A situação dos trabalhadores, no entanto, arrastou-se entre disputas políticas e o uso eleitoral das terras, destinadas a vendas subsidiadas e em longo prazo. Seis anos após a desapropriação da localidade, o jornal *Voz Operária* denunciava o uso das terras como moeda política, e acusava o secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul, Maneco Vargas – filho de Getúlio – e o chefe político do PTB local, o deputado Camilo Alves Gisler, como os beneficiários de tais atos.¹³⁷ Um agricultor local, Bernardino Paz Leal, foi encarregado de organizar uma relação de todos os que desejassem adquirir um dos 69 lotes, de 25 hectares cada. Em pouco tempo, conforme anota a reportagem, mais de 300 pessoas candidataram-se a posse de um pedaço de terra, mas apenas 23 famílias foram autorizadas a se estabelecer no local, junto a posseiros que lá viviam há décadas. “Os demais pretendentes, não obstante os repetidos telegramas de Bernardino Leal a Maneco Vargas foram sendo preteridos e as terras permanecendo

¹³⁶ Câmara de Vereadores de Santana do Livramento. Ata nº7. 15 de dezembro de 1947. Pg.11

¹³⁷ *Maneco Vargas prometeu as terras e quer agora despejar os camponeses*. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1953. Pg 8.

devolutas”.¹³⁸ A história de alguns desses camponeses chegou aos leitores do Voz Operária, que denunciava os desmandos envolvendo a disputa pelas terras desapropriadas do frigorífico na longínqua fronteira brasileira.

Algumas destas 23 famílias que se instalaram na estância procedem de localidades distantes, venderam o que possuíam, desmancharam seus ranchos embaladas pela feliz perspectiva de possuir a própria terra a salvo das investidas dos grandes estancieiros gaúchos. O camponês Onésio Moreira declarou: “Morava no Passo da Florentina. Vim para estas terras com a promessa de receber 25 hectares e pagar a longo prazo. Gastei 2 mil cruzeiros só de arame, fora a despesa para levantar o rancho de barro”. Outro camponês, Alfredo Gonzaga disse: “Trabalhava de assalariado em várias granjas de Palomas, consegui este pedaço de terra e trouxe o meu rancho com dificuldade”. Outros, como a velha camponesa Almendorina Alvez Aguirre há dezenas de anos acham-se nas terras. Esta camponesa viu nascer aí seus 16 filhos, dos quais treze trabalham ainda na estância.¹³⁹

A disputa pelas terras desapropriadas do frigorífico - com a anuência do secretário estadual de Agricultura, Maneco Vargas - entre grandes pecuaristas que ali destinavam local para colocar o gado que seria entregue ao abate na fábrica e uma série de interesses especulativos, colocava em risco as famílias já estabelecidas e impedia novos assentamentos. Uma das alegações dos agressores, registrada pela reportagem do Voz Operária, de que o local seria entregue a novos posseiros vindos do nordeste abre também a suposição de que as terras estariam sendo realocadas pelo próprio frigorífico, como uma maneira de estabelecer ali novos trabalhadores para a fábrica. Com a disputa aberta, a violência contra os camponeses tornou-se norma:

Recentemente o camponês João Pereira Nunes, ao regressar a sua propriedade foi surpreendido com a notícia de que uma tropa de 500 cabeças de gado fora solta em sua lavoura. João Pereira Nunes ficou desesperado, pois havia toda uma quadra de milho por colher. Indagou sobre quem havia aberto a porteira e como resposta lhe foi dito que não tinha qualquer direito à terra, que era um intruso. O gado pertencia a um latifundiário de Alegrete, Rodrigues, e que se destinava ao frigorífico “Armour”. João pereira Nunes ficou sem saber para quem apelar e menos ainda, quando no dia seguinte ao da invasão da sua lavoura, recebeu do delegado de polícia uma intimação para abandonar a terra “dentro de sessenta dias”. Por outro lado um engenheiro procede a divisão das terras e intima os camponeses a sair dos lotes, proibindo-os de fazer novas plantações. Alega que a estância “Armour” será destinada aos emigrantes nordestinos, como se os camponeses fossem acreditar nessa patranha.¹⁴⁰

Dos primeiros momentos da desapropriação, levada adiante por Lúcio Soares Neto e líderes camponeses locais até os confrontos de 1953, os trabalhadores estabelecidos na

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Idem. Ibidem.

¹⁴⁰ Idem. Pg.8.

fazenda ergueram suas casas e deram início a lavouras para subsistência e que também abasteciam os bairros vizinhos. Com a ameaça de despejo reuniram-se em torno de uma grande assembleia, realizada em 12 de setembro, de onde foi redigido um manifesto dirigido aos camponeses, entidades de classe, líderes políticos e sindicais e ainda a população da cidade, onde reivindicavam a posse imediata da terra às 23 famílias que lá estavam estabelecidas, medidas contra os agressores e entrega do restante da área aos camponeses do município. Bernardino Paz Leal assinou o manifesto de convocação da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, que pedia a implementação de direitos civis e trabalhistas e a reforma agrária.

Pouco mais de seis meses após esses acontecimentos, o jornal *Voz Operária* denunciaria mais uma vez a continuidade das arbitrariedades contra os camponeses e o prosseguimento do despejo, agora com ordem judicial e sem a interferência do líder petebista, Camilo Alves Gisler em prol dos atingidos. As famílias já não contavam com o arame para proteção das terras e um “preposto” de Maneco Vargas estaria atuando com liberdade no arrendamento das terras para carreteiros e tropas destinadas ao abate.¹⁴¹

A luta pelas terras que circundavam o frigorífico somou-se a mais um entrave entre trabalhadores e patrões em 1947, desta vez através de uma demanda que atravessava categorias e se alastrava por todo o país, o pagamento do abono de natal. Uma solicitação dos operários aos legisladores, que pediam a interferência junto à direção da fábrica, para o pagamento do abono de natal foi entregue à Câmara no dia 24 de dezembro. Dois requerimentos que somavam as assinaturas de 613 operários, do Frigorífico Armour e charqueada São Paulo, solicitava a interferência do poder legislativo junto a direção de ambos estabelecimentos para que fossem concedidos os abonos de natal. Após um debate acalorado sobre a pertinência de uma intervenção do legislativo em assuntos empresariais, foram nomeados os vereadores para compor uma comissão destinada a tratar o assunto com as respectivas diretorias. No dia 29, a Comissão informava que a charqueada São Paulo havia pago o abono, mas no Armour, a diretoria “ausentou-se da cidade, sem deixar substituto legal”. Finalmente, no dia 30, com a volta do “diretor”, nunca nomeado pela comissão ou pelos membros da casa legislativa, sabe-se que o abono não fora pago devido a um “entrave entre operários da safra verde e operários da safra seca”. Segundo os membros

¹⁴¹ Idem.Ibidem. Pg 8.

da comissão parlamentar, a direção alegou que os custos do abono chegariam a Cr\$ 2 milhões, por isso os operários teriam de esperar a chegada de um representante do frigorífico de Chicago. A espera foi em vão. No ano de 1947 não foi pago o abono de Natal aos trabalhadores do Frigorífico Armour.

O ano que recém iniciava não seria diferente quanto às lutas empreendidas pelos trabalhadores santanenses, mas teria o acréscimo de uma radicalização promovida pelos braços locais da polícia política do estado, que exerciam permanente vigilância sobre o grupo operário, dentro do sindicato e entre seus representantes na Câmara de Vereadores. Em 5 de janeiro, um grupo de 30 trabalhadores da indústria de panificação e confeitaria encaminha à Câmara uma proposta de apoio às recentes manifestações dos vereadores em defesa dos mandatos dos parlamentares comunistas.¹⁴² As demandas mais urgentes dos trabalhadores localizados no distante bairro industrial, no entanto, desafiavam o clima de incertezas e a crescente repressão aos movimentos sociais ligados de alguma maneira ao campo popular e a luta do grupo comunista. As condições inadequadas de transporte do centro até o bairro, que sempre fora um entrave para que aos operários se deslocassem de bairros mais afastados até a fábrica entrava mais uma vez na pauta da Câmara. Desta vez dizia respeito a proposição de mudança de horários dos ônibus que faziam a linha do centro ao bairro industrial, especialmente em relação ao último horário, das 22h30, que os trabalhadores reivindicavam que passasse para as 24hs. A casa solicitava ao empresário João Tlustak, proprietário da empresa de transporte coletivo, que enviasse dados sobre o desempenho da empresa e a possível mudança de horários. Enquanto aguardavam o encaminhamento da demanda, os operários são surpreendidos por uma onda de repressão, logo após a cassação dos mandatos parlamentares em todo o país do grupo comunista, atingindo especialmente os trabalhadores dos frigoríficos Armour, em Santana do Livramento e o Swift, em Rosário. Em 12 de janeiro, Lucio Soares Neto denuncia que a cidade fora “severamente policiada, ao ponto de provocar inúmeros boatos veiculados pela imprensa e pelo rádio nacional e estrangeiro, determinando desmentidos das mais altas autoridades do país de que houvesse perturbação da ordem em Santana e Rosário, como se

¹⁴² Poucos dias depois, em 10 de janeiro, o projeto de cassação foi aprovado na Câmara dos Deputados por ampla margem de votos: 179 contra 74. O historiador Augusto Buonicore anota que o PSD votou massivamente a favor da cassação, seguido pelos pequenos partidos conservadores. Já a UDN dividiu-se e a maioria dos deputados do PTB se posicionou contra a cassação. Apud: BUONICORE, Augusto. RUY, José Carlos. *Contribuição à história do Partido Comunista do Brasil*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

propalava”.¹⁴³ Em um embate que só iria aumentar a partir daquele momento, Lucio denuncia o delegado Miguel Zacharias como o responsável “pela intranquilidade porque passa a população de Livramento”, cujo “açodamento” criou um ambiente de ficção, com infundados temores de perturbação que deflagraram medidas extremas de repressão. Conforme Lucio, “os pacatos operários do Armour, quando largavam do serviço e dirigiam-se para casa eram assaltados e revistados pelos policiais”. Em resposta ao gesto arbitrário da polícia, o vereador enviou um telegrama de protesto contra os acontecimentos que vinham acontecendo na fronteira, endereçado ao Governador do Estado, Walter Jobim, ao Chefe de Polícia em Porto Alegre e à Assembleia Legislativa.

A intranquilidade dos operários quanto ao descumprimento de normas legais e a não aplicação de artigos de proteção ao trabalhador, aprovados pela nova Constituição, movimentava os círculos sindicais. Em requerimento entregue à Câmara, os trabalhadores da indústria da panificação solicitavam a interferência legislativa na imediata aplicação do artigo 157 da constituição federal, que determinava o pagamento correspondente ao trabalho aos domingos, feriados e dias santificados. O pedido abriu uma ampla discussão, onde parte da bancada do PSD e UDN defendia não ser da alçada local, mas federal, tal atribuição e que nem mesmo o pagamento do abono de natal aos operários do frigorífico havia sido levado adiante, dada a inadequação da ingerência daquela casa em assuntos estritamente empresariais. A Câmara também se eximia de responsabilidade quanto a intervenção do governo no sindicato dos panificadores e também dos tripeiros¹⁴⁴, que até aquele momento não permitia eleições livres e que fossem representativas dos trabalhadores. Poucos dias depois, um memorial entregue aos vereadores, assinado por sete membros de uma comissão designada pelo sindicato dos trabalhadores no Armour, pedia a interferência do legislativo para que o delegado de polícia levantasse a proibição da realização de uma assembleia geral, designada para acontecer dentro de dois dias.¹⁴⁵ Ao mesmo tempo, o Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários pleiteava junto aos vereadores o apoio ao aumento de salários, no instante em que entrava em pauta a discussão do aumento das passagens, em especial o da linha que fazia o trajeto centro-bairro industrial. Na Câmara, Lucio Soares Neto e Solon Pereira Neto assinalavam que as

¹⁴³ Câmara de Vereadores de Santana do Livramento. Ata nº19. 12 de janeiro de 1948. Pg.33

¹⁴⁴ Idem. Pg.33

¹⁴⁵ Câmara de Vereadores de Santana do Livramento. Ata nº21. 16 de janeiro de 1948. Pg.35

conquistas democráticas trazidas pela constituição estavam sendo usurpadas, com a conivência do delegado de polícia junto à diretoria do frigorífico, exercendo um poder destituído de legitimidade. A diretoria do frigorífico, por sua vez, alegava que estava disposta a negociar um aumento de salários quando a safra começasse. Chamado a depor para esclarecer os fatos denunciados na tribuna, o delegado se isentou da responsabilidade de ser quem decidia pela realização ou não da assembleia, mas contraditoriamente assumiu que estava disposto a impedir “qualquer assembleia clandestina”, que não passasse antes pela aprovação do delegado regional. Arguido pelos vereadores, admitiu ter interferido em assembleias anteriores. Lucio Soares Neto fez questão de deixar lavrado em ata a declaração do delegado, de que não teria função de reprimir uma assembleia de trabalhadores e que isso seria inconstitucional, como uma maneira de pressionar a autoridade policial em ocasiões futuras. Levado a votação, o memorial dos trabalhadores pedindo a intervenção do legislativo junto a polícia, foi negado por sete votos contra cinco. “Não é atribuição da Câmara intervir e os operários devem acionar o judiciário se quiserem seus direitos”, alegaram os vereadores Moises dos Santos (PTB) e Romagueira de Oliveira (UDN). Os líderes comunistas que atuavam à sombra do sindicato, embora criticassem a estrutura sindical, contaminada pelas juntas governativas e a intervenção do Ministério do Trabalho, sob a batuta de “pelegos” alimentados pelo imposto sindical, atuavam sob uma duplicidade, levando em consideração a hipótese de valorizar a estrutura já erguida desde o Estado Novo, que poderia ser reformada e democratizada.¹⁴⁶

Pouco tempo após o incidente envolvendo o delegado Zacharias, Lucio Soares Neto recebeu convite para participar de uma sessão extraordinária do sindicato dos trabalhadores do Armour. Destacou então “a satisfação de assistir um espetáculo altamente democrático, onde compareceram mais de 500 operários, cuja reunião ocorreu em um ambiente essencialmente democrático” e “que fazia essa explanação para desfazer comentários surgidos, de que ali se cogitava de se fazer politicagem”.¹⁴⁷

Conforme Buonicore, a política sindical do PCB especialmente entre os anos de 1948 e 1952 orbitou entre a construção de uma estrutura sindical paralela aos sindicatos oficiais e a tentativa de adesão a estes, como forma de modifica-los por dentro, substituindo

¹⁴⁶ *Ninguém pode pagar o imposto sindical*. Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1948. Pg 1.

¹⁴⁷ Câmara de Vereadores de Santana do Livramento. Ata n.24. 28 de janeiro de 1947.Pg 48

a tutela e vigilância do Estado. A perda de legitimidade após a ilegalidade e o arrefecimento da luta ideológica, principalmente com os ventos da guerra fria, fizeram com que a idéia de substituição da estrutura corporativa por outra, moldada em um sindicalismo livre fosse gradualmente abandonada.¹⁴⁸

A conjuntura que se inicia em 1947 e vai até o final de 1950 caracterizou-se pelo rompimento do chamado pacto populista, que tentou firmar-se no final do governo Vargas. A consequência foi a exclusão, mais ou menos violenta, das massas urbanas, especialmente a classe operária, do jogo político, ainda que esta participação estivesse se dando de maneira subordinada. A tentativa de incorporação desses setores populares, implementada por Vargas, foi abruptamente interrompida pelo seu sucessor, com as intervenções nos sindicatos mais ativos, com o fechamento das organizações intersindicais paralelas, Movimento Unificador dos Trabalhadores - MUT e Confederação dos Trabalhadores do Brasil - CTB; e com a cassação do registro do principal representante dos setores mais organizados e avançados das classes trabalhadoras, o PCB. A adesão do conjunto das classes proprietárias brasileiras, inclusive a burguesia industrial, à política anti-operária de Dutra, com o seu apoio ativo à cassação da legalidade do partido e de seus parlamentares, levou os comunistas a afastarem qualquer possibilidade do restabelecimento da consigna de “união nacional”, por eles defendida entre os anos de 1945 e 1946.¹⁴⁹

Com o crescimento da insatisfação dos trabalhadores do frigorífico frente às demandas não atendidas e o enfrentamento promovido por fora dos círculos oficiais do sindicato, tendo Amaro Gusmão e Lucio Soares Neto como os interlocutores com a Câmara de Vereadores, ganhava força uma diretriz de paralização contra a empresa. Nos discursos recorrentes, o frigorífico era ligado ao imperialismo norte-americano, em uma associação aos monopólios comerciais e industriais, que de acordo com a leitura comunista significava a evasão de divisas do país pelos grandes capitalistas estrangeiros. A disputa pelas mentes operárias preconizava um enfrentamento às idéias disseminadas pelos comunistas, que associavam o capital estrangeiro ao imperialismo e a consequente exploração da classe trabalhadora. Se na capital, onde os comunistas apresentavam maior capacidade mobilizadora, udenistas e pessedistas miravam os redutos eleitorais proletários e sindicais, no bairro industrial essa disputa se repetia, em um padrão condizente com o campo em disputa. As ações eram esporádicas, e se concentravam em datas especiais, como no Natal de 1948, quando o diretório da UDN local promoveu entre os operários do Armour um churrasco que reuniu os grandes caciques do partido. O jornal O Republicano, porta-voz

¹⁴⁸ BUONICORE, Augusto César. *Os comunistas e a estrutura sindical corporativa (1948-1952): entre a reforma e a Ruptura*. Dissertação de mestrado. Unicamp. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp. 1996.

¹⁴⁹ BUONICORE, Augusto César. *Sindicalismo Vermelho: a política sindical do entre 1948 e 1952*. Artigo. Cadernos AEL – Arquivo Edgard Leunroth. IFCH. Unicamp. P.16

dos liberais, especialmente da família Flores da Cunha, anotava o comparecimento de “várias centenas de correligionários daquele bairro e adjacências da cidade”.¹⁵⁰ Presentes, Francisco Flores da Cunha, ex-senador da República e presidente do honra do diretório municipal, Dr. Hugolino Leal de Andrade, presidente do diretório local, Guilherme Flores da Cunha, secretário, e lideranças locais como Francisco Pedro Carneiro, Celso Prado, Enedino de Carvalho, entre outros.¹⁵¹ Abrindo o comício, o cel. Francisco Flores da Cunha expressou a satisfação pelo crescimento do partido “nos meios simples e humildes dos trabalhadores do Armour”, desejando “que seus sofrimentos e privações” fossem minorados “pelo criador”. Hugolino Andrade, por sua vez, seguindo a mesma linha de apelo religioso, pedia que “os reveses da vida sejam abrandados e minorados pelo suave Jesus”. O churrasco reforçava também a necessidade de lançamento de uma candidatura udenista à eleição presidencial do ano seguinte. Logo após as saudações natalícias, coube ao redator de O Republicano e secretário do diretório municipal, Guilherme Flores da Cunha, o discurso estritamente político, com o objetivo de “desmanchar as calúnias e as intrigas que tem sido feitas entre a UDN e o nobre e operoso povo trabalhador do Armour”.¹⁵² Flores discorreu sobre a oposição veemente do partido contra os aumentos de deputados em nível federal e estadual, enfatizando que no município o partido vinha lutando pelo incremento das estradas rurais e o escoamento da produção, além do combate a falta de água e luz, comuns na cidade. Finalmente, o redator encaminha o recado à oposição sindical no frigorífico, especialmente ao grupo comunista, enfatizando que “não é a UDN um partido reacionário, de latifundiários ligados ao imperialismo”, e acrescenta que “as duas maiores conquistas e reivindicações operárias inscritas na carta magna, a liberdade sindical e o direito de greve”, foram subscritas pelo partido. Uma posição notadamente contraditória aos sucessivos editoriais do jornal, que assinalavam a falta de regulamentação de lei complementar a constituição, para que fosse aceito o direito de greve.

¹⁵⁰ O Republicano surge em 1941 como meio de oposição da família Flores da Cunha ao governo de Getúlio Vargas. Sob direção do ex-senador Francisco Flores da Cunha, o jornal circula até 1952, já sob o ideário udenista e o anti-comunismo vigente após a redemocratização.

¹⁵¹ *Grande churrasco e comício democrático no bairro Armour*. O Republicano. Santana do livramento, 6 de janeiro de 1949. Pg. 1

¹⁵² Idem.

As ações de enfrentamento com a nova direção operária a partir de 1947, que tinham em Amaro Gusmão e Pantaleão Corsini dois dos mais combativos sindicalistas comunistas, termina no afastamento da antiga direção e a intervenção de uma Junta Governativa que passa a comandar o sindicato. Meses antes da greve que iria paralisar por alguns dias o frigorífico e deixar marcadas as atuações de Lucio Soares Neto e Amaro Gusmão como as lideranças por trás do sindicato, uma ação pública é instaurada, a partir de denúncia que tem por protagonistas o presidente licenciado do sindicato, Mário Coelho Leal, e Porfírio Leal Machado tesoureiro da Junta Governativa. Amaro Gusmão, Pantaleão Harden Corsini e Horacílio Rodrigues seriam acusados de “apropriação indébita e malbaratamento dos fundos sindicais”, nas páginas de *O Republicano*, e ainda: “Propaganda comunista, a custa dos fundos do sindicato – terrorismo e sabotagem, aconselhados pelo vereador comunista Amaro Gusmão – Auxílio de preferência para os partidários comunistas – Os antigos dirigentes levavam um padrão de vida superior ao que percebiam.”¹⁵³ Na audiência de 10 de fevereiro de 1949, presidida pelo juiz Carlos Flores, Mario Coelho Leal acusava Amaro Gusmão de incitar os operários a quebrar as máquinas do frigorífico sempre que os “gringos” não atendessem alguma reivindicação trabalhista.¹⁵⁴ O presidente licenciado do sindicato afirmava ter presenciado uma conversa de Gusmão, na presença do vice-prefeito em exercício do município, onde este aconselharia os trabalhadores a procederem desta forma, gesto que teria deixado o prefeito abismado. O dinheiro do sindicato seria desviado para propaganda do extinto partido comunista, e que os auxílios do sindicato aos operários eram dados de preferência aos filiados ao “credo vermelho”. E ainda, que o padrão de vida que levavam os antigos dirigentes sindicais não estavam de acordo com os ordenados que percebiam no frigorífico, pois “usavam finas e custosas roupas, sapatos e jóias”. A defesa dos dirigentes coube ao advogado Heron Canabarro, cuja inserção de destaque na defesa dos interesses de sindicalistas ligados ao partido comunista iremos analisar nos capítulos seguintes.

¹⁵³ *Aparecem novos e sensacionais elementos no ruidoso processo dos antigos dirigentes do sindicato do Armour*. *O Republicano*. Santana do Livramento, 10 de fevereiro de 1949.Pg.1

¹⁵⁴ *Idem*.

3.4 – A greve de 1949

Frente às constantes instabilidades entre a representatividade do sindicato, posta sob suspeição por líderes que trabalhavam à sombra daquela estrutura, e a inoperância do poder legislativo em mediar os conflitos entre empresa e trabalhadores, a greve no Frigorífico Armour arrebentou em abril de 1949. Sempre sob a pressão oculta do executivo, que tinha na empresa a maior fonte de arrecadação de impostos. Com os impasses estabelecidos, frente à defasagem salarial e a repressão aberta da polícia, a polarização extrapolou os limites de qualquer negociação. Na pauta de reivindicações, a extinção do imposto sindical, que de acordo com o presidente do PCB, João Amazonas, transformava os sindicatos em “órgãos de colaboração com o Estado brasileiro” e “instrumento de dominação de classe dos grandes latifundiários, banqueiros e industriais ligados ao imperialismo”.¹⁵⁵

Na edição de segunda-feira, 4 de abril, O Republicano engrossava o coro do anti-comunismo vigente, como veremos, apontando os atores políticos que deveriam ser perseguidos a partir daquele momento e que desaguaria na chacina de setembro de 1950, onde os vereadores Lúcio Soares Neto e Solon Pereira Neto seriam alvos da truculência policial. O Republicano assim registrou os primeiros momentos da greve.

Como vinha sendo esperado de ha muito, finalmente 6.a feira última irrompeu o movimento grevista no Frigorífico Armour desta cidade, sob o pretexto de pleitear o aumento de salários dos operários daquele Frigorífico e contra o desconto do Imposto Sindical, mas, na realidade, servindo aos desígnios revolucionários e subversivos dos comunistas, que procuram acima de tudo a anarquia, a desordem e a desarmonia social. O movimento teve uma longa preparação psicológica, através da imprensa comunista, da distribuição de boletins subversivos, e da atuação desenvolvida pelos vereadores comunistas Lucio Soares Netto e Solon pereira Netto, na Câmara Municipal, procurando da tribuna daquela Câmara agitar os meios operários e sindicais e justificar o direito de greve. Porque a greve, é preciso que se diga, embora uma faculdade constitucional, por não ser de auto-aplicação, e depender de regulamentação legal, praticamente não existe em nosso país. E só se admite a greve depois de esgotados todos os recursos legais, dissídios coletivos, etc.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Roberto Morena, secretário geral da CTB, afirmava, por sua vez, que as vultuosas somas arrecadadas através do imposto sindical eram sempre usadas para manter simulacros de sindicatos que vinham desde o Estado Novo. A liquidação da taxa, inconstitucional, permitiria a retirada da interferência do Estado nas organizações de classe. MORENA, R. Primeiro passo para a autonomia sindical. Imprensa Popular, Rio de Janeiro, p. 1 e 5, 4 mar. 1948. In: BUONICORE, Augusto César. Sindicalismo Vermelho: a política sindical do entre 1948 e 1952. Op.Cit., P.18

¹⁵⁶ *Greve ilegal no Frigorífico Armour*. O Republicano. Santana do Livramento, 4 de abril de 1949. Pg.1

Era voz corrente na cidade de que os líderes grevistas presos seriam levados para Porto Alegre. Na tensão pulsante daquelas horas, os companheiros remanescentes, entre eles Lucio Soares Neto, secretário do partido, e Hugo Nequesaurt, braço da militância e membro ativo da célula partidária dentro do frigorífico, tramavam uma reação possível. Escondidos em um fundo de quintal de uma modesta casa nas cercanias no frigorífico, junto a um chiqueiro de porcos, varavam a noite despistando a polícia, correndo risco de vida, conforme o relato de Hugo:

Estávamos nos fundos de uma casa de gente “requetepobre”. E de madrugada é que se deu o caos. As mulheres dos companheiros presos foram exigir, chorando, uma solução. Se dizia que iam ser levados para Porto Alegre no trem que saía de manhã e ninguém sabia o que podia acontecer.¹⁵⁷

De acordo com Hugo, Lucio não resistiu ao apelo desconcertante das companheiras, angustiadas pela incerteza da luta e o que poderia acontecer aos seus maridos. De súbito, determinou a Hugo mais uma das missões quase suicidas, que já faziam parte do cotidiano da luta. O velho militante comunista rememorou:

No portão do Armour a greve tava fervendo, *miles* de personas não? quase dentro da fábrica. E o Lúcio me manda a mim que vá ao bairro Wilson, na estação ferroviária, a conquistar brigando a liberdade dos comunistas que iam seguir preso. E digo, e vou só? Sim, você vai no Armour, pega gente no portão e vai lá, o trem vai parar na estação do Wilson, você sobe no último vagão, passa por todos e manda que eles desçam. Mas não era para dizer aos companheiros qual era a missão que o partido mandou, só quando chegasse no trem. Aí caminhamos uns cinco ou seis quilômetros pela via férrea, e quando chego e digo olha, nós vamos fazer o seguinte, vamos ver se recuperamos a liberdade dos nossos companheiros, todos deram volta, uns cinco ou seis, e eu fiquei sozinho. Agora imagina, tinham que levar gente muito bem armada para fazer isso, e eu com um revólver 32 e sozinho.¹⁵⁸

Hugo não desertou. Esperou a chegada do trem, e conforme o combinado com Lucio, ofereceu-se ao sacrifício pela liberdade dos companheiros. Nem que fosse à bala iria tirar dali Felício, Aladim, Horacílio, Pedro e Adair. Também deviam estar no trem o Jovelino, o Nazário, o Joventino, o Antônio, o Ernesto e o Toríbio. Com a arma em punho, dissimulada no bolso do casaco, percorreu os vagões em intermináveis minutos. Mais uma vez, a sorte o acompanhou. O conflito fora adiado. Os companheiros ficaram detidos na delegacia, de onde só saíam depois de um habeas corpus. Hugo desceu em Palomas e

¹⁵⁷ Hugo Nequesaurt. Entrevista citada.

¹⁵⁸ Idem.

empreendeu uma arriscada caminhada rumo ao centro do conflito, novamente. Enquanto percorria os quilômetros que o separavam da cidade, da fábrica e dos grevistas, pensava na peculiaridade da luta. Mal poderia supor que cerca de um ano depois veria quatro de seus companheiros chacinados em frente ao Parque Internacional.

Conforme observa o historiador Jorge Ferreira, para os comunistas “amargurado era aquele que não sabia as origens de seu sofrimento, infeliz era o operário alienado que desconhecia as razões de sua miséria, sacrificado era o camponês que nascia e morria faminto acreditando na vontade de Deus; sofrido era o pequeno-burguês em sua vã corrida para alcançar os capitalistas. Para um autêntico revolucionário, o sofrimento era um sentimento perturbador tão somente para aquele que ignorava as matrizes de suas dores”.¹⁵⁹

Das páginas de O Republicano eram enumeradas as alegações para desmoralizar o movimento paredista, tendo em vista os métodos, segundo o órgão de imprensa, dos comunistas atuarem, de forma similar a outras plantas frigoríficas em Buenos Aires e Montevideu. Os operários “democratas e patriotas” do Armour argumentava o jornal, estavam sendo incitados pelos comunistas a aderirem a greve. Uma greve em frigorífico seria injustificável, de acordo com os preceitos liberais do jornal udenista.

Os operários do Armour, patriotas e democratas, instigados pelos agitadores comunistas, abandonaram o trabalho meia hora depois de iniciada a matança, dependurando nos ganchos, cerca de 300 reses recém abatidas, tal qual aconteceu recentemente nas greves recentemente acontecidas em Buenos Ayres e Montevideo, revelando que a técnica comunista é a mesma, em toda a parte. Porque a greve em empresas que se dedicam à industrialização da carne, para nós, é injustificável e criminosa, ainda mais como no caso presente, ela se destinava a deixar industrializada aquela centena de reses, quando o mundo inteiro tem fome e clama por carne, alimento indispensável e vital ao homem.¹⁶⁰

Em uma operação policial que reuniu Brigada Militar, Exército e Polícia Civil, os líderes grevistas foram duramente reprimidos pelos mesmos agentes que pouco mais de um ano depois iriam estar à frente da chacina do Parque Internacional. Na sexta feira, dia em que estourou o movimento paredista, a força policial agiu com truculência. O jornal exime totalmente a direção do frigorífico de qualquer protagonismo na repressão aos trabalhadores. Noticia o fato, deixando nas sombras a diretoria da empresa.

As autoridades militares e policiais chamadas apressadamente ao local da fábrica do Armour, com o cel. Renato Brigo, comandante da Guarnição Federal, coronel Ciro Carvalho de Abreu, comandante do IV.o G.A. cel Elehú Gomes da Silva, comandante do 2º R.C. da Brigada Militar e dr. Miguel Zacharias, delegado de polícia à frente, imediatamente se dirigiram para ali. Com a

¹⁵⁹ FERREIRA, Jorge. Op.Cit, Pg.122

¹⁶⁰ *Greve ilegal no Frigorífico Armour*. O Republicano. Santana do Livramento, 4 de abril de 1949. Pg.1

sua enérgica e decidida atuação, evitaram diversos intentos de perturbação da ordem, por parte de muitos grevistas exaltados e terrivelmente instigados e trabalhados pelos comunistas. Imediatamente foram presos e demitidos do Frigorífico os líderes da greve, todos eles pertencentes ao extinto PCB: Felício Corrêa, Aladim Rossales, Horacílio Rodriguez, Pedro Alcidez Perez, Adair Gonçalves, Juvelino Soares Fernandes, Nazário Pereira, Joventino Remeling, Antônio Silveira, Ernesto Álvarez e Toríbio Iparraquirre.¹⁶¹

No sábado, dia 2 de abril, os presos foram libertados após um habeas-corpus e a greve fora parcialmente enfraquecida, com a volta de 300 operários ao trabalho, sob escolta policial. Entre os cerca de 1.600 trabalhadores, eles aceitaram a proposta da direção do frigorífico, que oferecia um aumento de 20% sobre os salários, o que representava uma elevação do salário mínimo para os homens, de Cr\$ 400,00 para Cr\$ 450,00 e das mulheres de Cr\$ 330,00 para Cr\$ 350,00. Por hora de serviço seria pago Cr\$ 1,20 para homens e Cr\$ 0,80 para mulheres. Ainda assim muitos operários se negavam a aceitar a proposta, que a diretoria dava como última opção para os que quisessem permanecer empregados. O desfecho da greve ainda se arrastaria por mais dois dias até que retornassem ao trabalho cerca de 1.300 operários. Pelo menos 300 foram sumariamente demitidos, de acordo com O Republicano, que não poupou elogios a atuação das forças “militares e policiais”.

Normalizados os trabalhos da safra do Armour – Retornaram ao trabalho cêrca de 1.300 operários – Mais ou menos 300 desempregados – Serão promovidos inquéritos administrativos aos grevistas que gosarem de estabilidade e sumariamente despedidos os que não o tiverem – Brillhante e elogiável a atuação das autoridades militares e policiaais. (...) A direção do Frigorífico fez afixar avisos de que os operários que não retornassem ao trabalho até 2.a feira seriam considerados demitidos. As autoridades policiaais e militares, com patrulhas de cavalaria, garantiram a volta ao trabalho de todos os que desejaram, pois muitos sofriam ameaças, pressões e coações da parte dos agitadores comunistas por quererem regressar ao serviço. Contra os grevistas que gozaram de estabilidade serão promovidos os competentes inquéritos administrativos na forma da lei e os demais estão sumariamente despedidos. Foi assim aniquilado e arrasado o apregoado “baluarte” comunista do Armour, fracassando os grevistas em todos os seus intentos revolucionários e subversivos e triunfando o princípio da ordem, da lei e da autoridade.¹⁶²

O anticomunismo brasileiro que surge logo após o final do Estado Novo, inserido em uma fração da luta política em escala mundial, deflagrada após o final da segunda guerra pelas duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética, começa a tomar formas cada vez mais agressivas. Se o partido surge em 1945 como uma grande novidade na vida política nacional, arrebanhando intelectuais e setores expressivos da classe média urbana, ao mesmo tempo tem início um processo de perseguição e descrédito das ideias e

¹⁶¹ Idem. Pg1

¹⁶² *Rotunda Derrota Comunista*. O Republicano. 7 abril 1949. Pg. 1.

lideranças que ganhavam força a partir de então. A historiadora Carla Simone Rodeghero aborda o fenômeno, através da análise de material diplomático norte-americano produzido sobre o tema no Brasil e enviado a Washington no período de 1945 a 1964. Rodeghero mostra que essas ações uniram os esforços de setores ligados ao governo brasileiro, que defendiam o capital estrangeiro e o poder econômico concentrado em grandes grupos, em contraposição às propostas distributivas e nacionalistas, a uma ampla agenda de combate ao partido comunista. Eram lideradas pelos serviços consulares norte-americanos no país, que em última instância colaboravam nas ações destinadas a frear os partidários do modelo soviético nessa disputa pelo poder em todo o planeta, no que ficou conhecido como Guerra Fria.¹⁶³

Após o final da greve no frigorífico, no entanto, o desfecho da luta pela representatividade operária na Câmara Municipal, estava longe de terminar. Menos de duas semanas após o fim do movimento, um acalorado debate lotou as dependências do Palácio Municipal, de acordo com nota registrada pelo jornal udenista: “Contra os comunistas na câmara municipal, veemente réplica do vereador udenista Romagueira de Oliveira a demagogia sofisticada do comunista Lúcio, responsabilizados os instigadores da greve do Armour, vereadores Solon P. Netto e Lucio Soares Neto, pela miséria e o desemprego de quase uma centena de operários – contra o imperialismo e o expansionismo soviético”. Segundo Lúcio estava provado o direito de greve, reconhecido pela Constituição Federal, pois os grevistas presos haviam recebido habeas corpus. Chamados de traidores- os comunistas - Lucio os comparou a Tiradentes e a Bento Gonçalves, “precursores da República Brasileira, porque eles também foram chamados de traidores a seu tempo” tendo ainda comparado a bandeira vermelha, da Internacional Comunista, chamada pelos udenistas de “bandeira do ódio, do sangue e da traição”, a bandeira vermelha da Revolução Francesa, “liberal e igualitária, da Revolução de 93 e da Aliança Liberal”, conforme o redator.¹⁶⁴ Dois meses após o debate, uma sentença proferida pelo juiz Carlos Flores, da 2ª vara da comarca, autorizou que fossem despedidos por justa causa os operários grevistas que ainda gozavam de alguma estabilidade. O jornal saudava o “brilhante e talentoso

¹⁶³ RODEGHERO, Carla Simone. Memórias e avaliações: Norte-Americanos, católicos e a recepção do anticomunismo entre 1945 e 1964. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2002. Pgs 67-86.

¹⁶⁴ *Vitória Democrática*. O Republicano. Santana do Livramento, 25 de abril de 1949. Pg.1

advogado do Frigorífico Armour” João Carlos Borges Maciel e voltava à tecla da falta de regularização do princípio de greve, portanto não autoaplicável, como a causa justificada das demissões. Os possíveis embates que o grupo comunista poderia impor entre os operários e o frigorífico seriam assim, advertidos, conforme o panfleto liberal, de forma exemplar: “Para os incitadores de greves subversivas e meramente políticas, foi essa uma significativa advertência, pois todas as vezes que levarem a boa e laboriosa classe obreira á movimentos grevistas, que adquiriram a certeza que seus membros com numerosas famílias ficarão na rua da amargura, enquanto aqueles agitadores continuarão impunemente seu impatriótico trabalho de desunião, desordem e desagregação. (...) Atento o povo e o operariado para essa dramática advertência da lei e da justiça, e não se deixe levar jamais pelas solertes cantilenas de agitadores e revolucionários estrangeiros, únicos responsáveis pela ruína e miséria que hoje ronda seus lares”.¹⁶⁵ Para o operário José Cardozo, que participou da greve, a ação dos ativistas políticos por fora da estrutura sindical foi decisiva. “A greve foi operária, não foi do sindicato. O Sindicato queria dinheiro da fábrica, mas a fábrica não queria pagar. E tinha a lista negra, dos indisciplinados, nem era tanta ação política consciente ” Ainda assim, considera que “o partido não tinha tanta força contra os mandantes na fábrica”.¹⁶⁶

Com o final da greve e o aprofundamento do combate ideológico e policial aos comunistas, Lucio Soares Neto consegue a aprovação de uma reunião extraordinária na sede da Associação Rural, invocando a lei orgânica do município, que previa o dispositivo. O objetivo seria acirrar o enfrentamento ideológico e colocar os ruralistas como protagonistas da opressão operária, enumerando as disparidades estabelecidas na cidade, como a concentração de renda que o grupo detinha, em detrimento da vida miserável que levava parte significativa da população, estabelecida nas periferias. Pelo que se depreende da cobertura jornalística de O Republicano, a reunião teve ao final um caráter meramente simbólico, com o comparecimento baixo de público e dos próprios vereadores, o que não diminuiu a profunda irritação dos ruralistas:

Jamais uma corporação passou maior atestado de sua desmoralização e desprestígio perante a opinião pública como a Câmara Municipal de Vereadores, convocando o povo para uma reunião, a exemplo das centúrias romanas e às reuniões na praça pública, da democracia direta

¹⁶⁵ *Autorizada a Despedida do Grevistas do Armour*. O Republicano. Santana do Livramento, 22 de junho de 1949. Pg.1

¹⁶⁶ José Cardozo. Entrevista citada.

das cidades estado da Grécia antiga, na sede da Associação Rural, a qual não compareceram nem os próprios vereadores, notando-se a ausência absoluta do povo desta cidade e dos arredores, o que revela publicamente o conceito em que é tida aquela Câmara, em todo o município. O fracasso da reunião da Associação Rural, dispositivo constante da Lei Orgânica, lembrado e sugerido pelos comunistas que certamente resolveram contrabalançar a contundente derrota que sofreram na greve do Armour, com uma demonstração de massa, não revelou apenas o fracasso da Câmara Municipal, como também o dos comunistas, grandes entusiastas e idealizadores daquela reunião, na sua tentativa de mobilizar e organizar o povo, em benefício de seus propósitos subversivos e malsãos.¹⁶⁷

A ofensiva de Lucio Soares Neto e Solon Pereira Neto ainda teria um novo front contra os fazendeiros. Um acordo que uniu os vereadores pedessistas, trabalhistas e “comunistas” – assim nomeados pela imprensa udenista Lucio e Solon, eleitos pelo PSP e PSD - impediu que fosse aberto inquérito administrativo, conforme requerido pela bancada da UDN, contra desmandos que teriam sido cometidos pela administração municipal. Em troca, os vereadores se propunham a avaliar a possibilidade de criação de um imposto sobre “indústrias e profissões dos fazendeiros”, que recairia sobre os grandes proprietários de terra, além de um projeto de lei que previa o arbitramento dos aluguéis. Em reunião da Câmara de Vereadores, Lucio elenca o nome dos grandes latifundiários e conclui que a disparidade de renda no município constitui uma divisão de classes onde, por um lado, funcionários da prefeitura e trabalhadores em geral recebem um minguado salário, enquanto são obrigados a pagar altos preços por aluguéis, com reajustes cada vez maiores. O vereador não se exime de apontar a concentração de renda local, afirmando que 150 grandes proprietários de terra possuíam dois terços do território do município, somando juntos uma fortuna de Cr\$ 620 milhões. Impostos, argumenta Lúcio, são pagos até por humildes sapateiros, em detrimento de uma quase isenção das grandes fortunas.¹⁶⁸ O clima de enfrentamento aberto contra os pecuaristas chegaria ao clímax no ano seguinte, com o assassinato de quatro militantes em frente ao Parque Internacional.

¹⁶⁷ *A reunião popular da sede da Associação Rural resultou no maior desprestígio da Câmara de Vereadores.* O Republicano. Santana do Livramento, 30 de junho de 1949. Pg. 8

¹⁶⁸ *Na Câmara de vereadores.* O Republicano. Santana do Livramento, 9 de junho de 1949.Pg.3

3.5 – A chacina do Parque Internacional

A noite de 24 de setembro de 1950 ficaria marcada na história da fronteira devido ao assassinato de quatro militantes comunistas, reunidos em um grupo em frente ao Parque Internacional, na linha divisória que separa Brasil e Uruguai. O ato, de panfletagem e pichação, seria de afronta ao governo Dutra, de apoio aos candidatos apoiados pelos comunistas às eleições que se avizinhavam, de rechaço ao fascismo e contra o imperialismo, reforçando o teor da linha adotada pelo Partido, especialmente após o Manifesto de Agosto. Conhecido posteriormente como a chacina dos quatro As – devido ao nome dos mortos, que iniciavam todos sob a letra A (Aladim Rosales, Ary Kulmann, Aristides Ferrão Corrêa Leite e Abdias da Rocha), o crime teve a participação ativa de policiais, pistoleiros e representantes de latifundiários, que faziam parte do grupo que chegou atirando, conforme a versão dos comunistas. À frente do bando agressor estavam o comandante da Brigada Militar em Santana do Livramento, Eleú Gomes da Silva; o comandante do Exército, Ciro de Abreu, o delegado da polícia civil, Miguel Zacarias, o advogado Mário Cunha e o inspetor de polícia Ário Castilhos, entre outros.¹⁶⁹ Ao final de menos de 15 minutos de confronto, jaziam os corpos dos quatro militantes assassinados, e um saldo de pelo menos mais oito feridos, entre eles, Lúcio Soares Neto.

Para recuperar estes acontecimentos vamos analisar as narrativas que constam em três abordagens acadêmicas sobre o fato, destacar similitudes e discrepâncias e por fim, avaliar as contribuições e possíveis equívocos na reconstrução dos motivos que levaram ao confronto. Também vamos nos valer dos registros de imprensa, especialmente dos jornais *Voz Operária* e *O Republicano*, além de material publicado em *Tribuna Gaúcha*, *A Platéia*, *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*.

A primeira investigação consistente sobre a chacina surgiu em 2006, através da dissertação de mestrado da historiadora Liane Chipollino Aseff.¹⁷⁰ A pesquisadora enfoca especialmente a vida cultural na fronteira de Santana do Livramento e Rivera entre as décadas de 1930 e 1960, e embora não fosse seu objetivo inicial, registra o crime do Parque Internacional como uma marca da violência que imperava no ambiente político de Santana,

¹⁶⁹ Depoimento de Perseverando Santana concedido a Marlon Aseff em 22 de janeiro de 2012. Santana do Livramento.

¹⁷⁰ CHIPOLLINO ASEFF, Liane. Op.Cit. Pgs. 164-175.

onde desde o início do século não era incomum a pistolagem, a mando de políticos e grandes proprietários de terras. Talvez o grande mérito da abordagem seja a construção dessa fronteira ao mesmo tempo envolta em jogos, cabarés e uma vida noturna repleta de atrações, contrastando com um setor subalterno da população, trabalhadores da fábrica ou dos campos, dependentes dos grandes mandatários, fossem fazendeiros, comerciantes ou políticos. Uma fronteira, caracterizada como excludente àqueles que não possuíam poder ou riqueza, surge em depoimentos orais que assinalam por primeira vez o protagonismo de personagens que iriam ser abordados nas pesquisas seguintes. Conforme veremos, as causas do confronto recaem ora para a irresponsabilidade da direção do partido, que teria instado o ato, mesmo sob o clima aberto de conflito com as forças policiais e econômicas da cidade, ora a uma cilada armada deliberadamente por setores ligados ao Frigorífico, especialmente forças policiais e grandes fazendeiros. Hugo Nequesauert, em seu depoimento a Chipollino Aseff, fez questão de absolver a direção do partido em Santana, afirmando ter presenciado o telefonema em que Lúcio Soares Neto é instado a levar à frente o ato político pela direção do comitê estadual do PCB, então na clandestinidade.

Em 1950, quando aconteceu a chacina eu não estava mais no Armour. Já tinha sido botado para a rua, por causa da greve que fizemos. Havian sindicalistas, casi todos, mas era el partido que estava determinando os acontecimientos. Era época de eleição, se supo que la policía ia tomar represálias, e se consultó a Porto Alegre e yo era uno, solo yo, que estava com Lúcio quando recibí ordenes de que podian hacer pichamento legalmente, que estava todo determinado de que no ia passar nada. Entonces aí se resolvió hacer, se convoco a la gente toda e se fez, se começo a pichar, quando vê, somos sorprendidos pela policía. E chegou atirando, insultando e atirando e matando. E matou quatro! Havia 15 o 17 personas quando mucho, no havia más...Unos dirigian el trabajo e otros executavan el trabajo. Estavam completamente desprevenidos, a arma deles era o pincel e a cal.¹⁷¹

Embora Hugo reforce a ideia de que o grupo estava desprevenido, relata a existência de uma retaguarda armada, que ficou encarregada da segurança. O iminente enfrentamento com a polícia e as forças mais conservadoras da cidade é usualmente relegado a um plano secundário, talvez para abrandar a responsabilidade pelo confronto que poderia ser imputado aos líderes comunistas, especialmente a Lúcio Soares Neto, que dirigia o ato. De fato, entre militantes comunistas remanescentes, como Jorge Ferrão, há uma velada culpabilidade a direção do partido pela atitude extrema do ato em frente ao parque, pois já existiria uma advertência, do chefe de polícia, de que não seriam toleradas manifestações

¹⁷¹ Hugo Nequesauert. Entrevista a Marlon Aseff em 23 de agosto de 2011, Santana do Livramento.

do grupo comunista a uma semana das eleições. Lúcio ficaria com a imagem desgastada perante uma parte dos militantes, como Ferrão, que levantaram a versão de que ele próprio teria buscado abrigo atrás de um dos militantes, morto pela polícia, conforme versão que correu especialmente quando do julgamento dos envolvidos na chacina. Posteriormente, como veremos, foi descartada essa hipótese, embora persistam ainda hoje nos relatos orais uma reprimenda a atitude do secretário do partido, que por muito pouco escapou de ser morto no combate. Por outro lado, uma versão recorrente entre outra parte dos militantes, e mesmo adotada na dissertação de Vargas de Sousa¹⁷², culpabiliza o delegado Miguel Zacarias de promover o confronto devido ao fato de estar disputando uma mesma mulher com Lúcio, hipótese passional que soa inverossímil, como veremos, isentando o líder comunista das consequências de promover o ato ou não perceber que jogava os militantes em um enfrentamento aberto e previamente anunciado. Pouco antes do confronto, a escassos metros do local, em solo uruguaio, Perseverando Santana e seu tio, Sona Santana, acompanhavam os preparativos de um pirão de cola, que seria usado para afixar cartazes nos tapumes que protegiam a obra do edifício Palácio do Comércio, ponto comercial que estava sendo construído bem em frente ao parque. Estavam no restaurante Doña Maria, de propriedade de Ari Kulmann, que seria assassinado logo em seguida. Conforme depoimento de Perseverando Santana, o clima de enfrentamento era de conhecimento de todos. Talvez por isso tenha se posicionado contra o ato, muito embora vencido pela direção local.

(...) sentados em uma das mesas do restaurante Doña Maria, Perseverando, Sona e Ari Kulmann, que não estava escalado para a pixação, conversavam e aguardavam. Perseverando lembra que, em meio a um ambiente tenso, o companheiro Ari disse: "Tchê, vocês não tem um revólver? Sim, porque hoje vai se dar alguma coisa". Kullman decidiu então participar das pixações e "tomou" o pincel de Magalhães, que estava já preparado para o serviço. Na praça estavam escalados para dar segurança ao grupo os companheiros Holmos, Lucio Soares Neto, Hugo Nequesauert, Doralino Trindade, Pedro Perez, Santos Rodrigues e Amaro Gusmão.¹⁷³

Entre os militantes da linha de frente, dois candidatos às eleições que se avizinhavam encabeçavam o ato: o vereador Solon Pereira Neto, ex pessedista convertido à

¹⁷² VARGAS DE SOUSA. Oneider. As lutas operárias na fronteira: a chacina dos quatro "As" (Livramento – RS/1950). Dissertação de Mestrado. UFSM. 2014.

¹⁷³ ASEFF. Marlon. Retratos do exílio: experiências, solidariedade e militância política de esquerda na fronteira Livramento/Rivera (1964-1974). Dissertação de Mestrado. UFSC. 2008.Pg

causa comunista, jornalista incendiário e par de Lúcio Soares Neto nas causas operárias defendidas na Câmara Municipal, candidato a deputado estadual pelo Partido Republicano; e Aladim Rosales, reconhecido líder dos trabalhadores do frigorífico, demitido na greve do ano anterior, candidato a deputado federal. A versão de Perseverando Santana remete ao local do crime, por volta das 22h. Conforme ele, o primeiro a ser baleado pelos policiais, que teriam chegado insultando e provocando o conflito foi Ari Kulmann. Hélio Santana Alves levou um tiro nas nádegas. Aristides Corrêa foi baleado no peito. Santos Rodrigues também baleado, nas pernas, sobreviveu. Abdias foi atingido na boca e caiu mortalmente ferido dentro do Café Tupinambá, tradicional cafeteria localizada no Largo, exatamente em frente à calçada onde se deu o conflito. Aladim Rosales também morreria no local, com um tiro à queima roupa. Ari Kulmann ainda seria levado ao hospital, mas não resistiria. Finalmente, entre o grupo comunista, Lúcio Soares Neto escaparia ferido por entre o Parque, buscando refúgio na casa de Francisco Cabeda, localizada a poucos metros do conflito, no “lado uruguaio” da linha divisória.

Perseverando Santana rememorou, 64 anos depois dos acontecimentos, o contexto em que se deu o crime, afastando o partido de alguma responsabilidade pelas ações de confronto aberto, mas reforçando nas entrelinhas a culpabilidade de setores mais conservadores da cidade, especialmente os ruralistas e a direção do frigorífico, que não aceitavam os desdobramentos da organização dos trabalhadores, especialmente após a greve do ano anterior.

O partido foi cassado em 1947, depois cassaram os representantes do partido em 1948, entraram na clandestinidade partidária, então se usava as legendas de outro partido. Partido Socialista, Partido Republicano, e quando se aproximavam as eleições para presidente da república e o governo do estado, em 1950, lançamos pelo Partido Republicano o Solon Pereira Neto. Mas anterior a isso, a greve de 1949 no Armour teve grande repercussão, e os dirigentes dessa greve foram presos e até o Exército os levou para o quartel, o que não podia, e depois soltaram. Daí formou-se um clima muito grande sobre a atuação do partido, e o Armour tinha um poder muito grande, econômico, onde 50% dos impostos da cidade eram do Armour. E houve uma reunião na casa do Lúcio Soares Neto, que era o secretário naquela época, e de lá do comitê estadual veio a ordem, pode pintar que é legal. E era legal mesmo, era o Partido Republicano...Mas a polícia sabia que era o partido....ora...e tinha algumas opiniões, tava o Mário (Santana), e outros, inclusive parece que o Heron (Canabarro) também, que achavam que era provocar a polícia, que havia perigo.¹⁷⁴

¹⁷⁴ Perseverando Santana. Depoimento ao autor em Conversas com Perseverando, documentário, 2013.

Hugo Nequesauert narrou sua versão do conflito, desabonando o clima de enfrentamento aberto que existia como consenso entre os militantes momentos antes do embate. Preferiu enfatizar uma situação de emboscada e legítima defesa.

Nós estávamos tranquilos, os três num acento no Parque, eu estava no meio, o Lúcio no lado uruguaio, mas no Brasil, e o Amaro (Gusmão) no lado de Santana. Todos aí tranquilos, e numa dessas o Lucio me diz, que é isso? Mas que é isso, barbaridade! E eu não entendia, até que me olhei para os lado e me dei conta e vi aquele grupo tremendo de gente, todos armados, bancando o valente, alguns com o chapéu bem requintado, pra frente, dispostos a brigar. E insultando. Comunistas filhos deste, comunistas filhos daquilo..de tudo que é maldade diziam. E eu digo, são eles! E o Lúcio me diz, mas eles quem? E digo, eles, a polícia hombre (risos). Aí ele entendeu, se levantou, puxou o revólver, e marchou pela calçada. Eu fiquei no mesmo lugar, mas na calçada, onde eles iam passar. E “ansim” foi. O Lúcio se pegou a tiro com um policia lá adiante. Eu não vi nada disso, absolutamente nada dessa parte. Mas chegou a minha. Porque seguiram invadindo. Chegou a minha. E eu já estou atirando na montoeira, tirando vantagem. E não importa em quem pegue, que pegue em qualquer um deles tá bem pegado. Mas se terminaram as balas rápido, eram seis balitas. E eu tinha mais no bolso, porque eu sempre usava mais. Carreguei. Mas quando eu tô carregando o revólver dô uma olhada não?, porque tem que estar olhando. E o Solon vem com um boletim do pichamento, insultando a um polícia. Chamando de facista, disse e de aquilo, de corrupto, de todo lo que cabe. E eu baixei a cabeça pra carregar de novo. Porque cambiei de idéia. Digo, vou atrás do Solon...vão matar. Bem essas foram as minhas palavras. Terminei de carregar, e olho e o Solon tá caído. Derrubaram ele à bala. Então eu cambiei de rumbo, eu ia prum lado, e resolvi passar a rua e acudir o Solon, que tava morrendo ou baleado, pelo menos tava caído...e atravessei a rua no meio das bala, brigando.¹⁷⁵

Perseverando reforça o caráter arbitrário da ação e a prisão ilegal de Solon. Prefere retirar a responsabilidade de Lúcio Soares Neto pelo ato. Tampouco faz uma autocrítica sobre o rumo de radicalização extrema pela qual passava o partido naquele momento.

O Solon ali tava fazendo propaganda. Não tava armado. Se ele tivesse armado... tava fazendo propaganda como candidato. E quando veio a polícia, que esparramou, ele com um maço de jornais disse, vocês não respeitam, fascistas... e tal, como ele era, temperamental bárbaro, o Solon. Ali ele recebeu uma pancada na cabeça e caiu... e quando vinha o policial para dar um tiro, qualquer coisa, o Hugo Nequesauert me disse, deu o tiro e feriu na perna, o Caetano. Compreendeu? E levantaram, o Solon foi preso. E colocaram ele no presídio. Ele era vereador. Mas sem partido, porque ele aderiu ao partido comunista... que foi outro erro. Como o Santos disse, ele não tinha que sair do partido, o PSD, ele tinha que ficar lá dentro. Mas, naquele sectarismo.¹⁷⁶

Hugo não relata o suposto tiro no soldado Caetano. A partir do momento em que narra o momento no qual acode Solon, leva o depoimento para a ocasião em que estaria no Parque, em meio a uma possível fuga, quando se encontra com o advogado Mário Cunha.

Me paro aí perto do Solon, e olho para a esquina de lá, e por lá só pode vim ... bem pela linha, tem um parquezinho ali que é metade Brasil, metade Uruguai, na mesma rua. E apareceu aquele homem grande gritando, em manga de camisa...(imita grunhidos de gritos), aqueles grito

¹⁷⁵ Hugo Nequesauert. Depoimento ao autor em Conversas com Perseverando, documentário, 2013.

¹⁷⁶ Perseverando Santana. Depoimento citado.

fantástico...reconheci...e chegou e me viu. E eu tô me retirando, dale... que que ia fazer. E me apontou. E aí eu reconheço que era o Mário Cunha, e digo, vai me atirar...e não demorou nada, chegou perto, mas perto não?, relativamente cinco ou seis metros. E me começou a atirar. Mas mal, atirava. Eu notava, ele me apontava...eu tô aí, ele apontava aqui. E me olhava e atirava como se fosse em mim. Errado todo. Então eu calmei. Esperei que tirasse seis tiro. Quando ele tirou seis tiro eu avancei nele. Teria duas três bala ao máximo, capaz que no tuviera. Avancei nele para dar bem de pertinho, porque já nem sabia bem quantas bala tinha. E nos juntamos como el grande lua (?) (risos), e quando ele viu o revólver, pequeno, 31, quando ele viu ele fez isso... com os braços levantou e me deu as costas...e eu ia dá-lhe igual, que cosa...(risos) e se desesperou, gritou...e o negro Ventura me grita do auto, não mate o homem seu, não mate. E eu vi que era a voz de um companheiro, grande companheiro, e obedeci.¹⁷⁷

Assim como nos momentos decisivos que deflagraram a greve de 1949, os últimos meses que antecediam o ano que seria marcado pela chacina, o tom das críticas comunistas seria centrado na ação deletéria do imperialismo, onde figuravam frigoríficos estrangeiros, sobre a economia nacional. O aumento crescente do preço da carne e a escassez do produto no mercado nacional, ofertado de maneira precária e de má qualidade, denunciava a Voz Operária, estaria diretamente atrelado à ação nefasta dos grandes frigoríficos, que penalizavam os pequenos produtores, impunham preços e destinavam o melhor do produto final a um esforço de guerra norte-americano e a países sob ditaduras.¹⁷⁸ O jornal anotava, na edição de 11 de fevereiro de 1950, a realização em Santana do Livramento, no bairro Wilson, “bairro proletário”, de um “grande comício promovido pela Comissão Municipal de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, contra a penetração imperialista no Brasil”. O ato, realizado em um bairro que abrigava grande número de operários, afrontava a direção da fábrica com discursos que pediam a intervenção estatal no negócio da carne e o fim da “aliança” do governo de Dutra com o capital norte-americano, deletério para a soberania e a economia nacional. Entre os oradores, destacava-se a figura de Aladim Rosales.

Ocupando a tribuna e entusiasticamente aplaudido, o senhor Aladim Rosales, líder dos trabalhadores locais, frisou a necessidade de ser nacionalizado o frigorífico Armour, parte de um dos mais poderosos trustes e sugador da economia de nosso município.¹⁷⁹

A luta a que se propunham os comunistas vinha amparada pelas palavras do líder máximo, Luis Carlos Prestes, que conclamava os companheiros a um enfrentamento aberto contra a agressão imperialista, desde pelo menos os primeiros ataques a integridade do

¹⁷⁷ Hugo Nequesauert. Depoimento citado.

¹⁷⁸ *A Swift, a Armour e a Anglo arruinam a pecuária nacional*. Voz Operária. Rio de Janeiro. 5 de novembro de 1949. Pg.14

¹⁷⁹ *Rio Grande do Sul*. Voz Operária. Rio de Janeiro. 11 de fevereiro de 1960. Pg. 3

partido, conforme deixa claro no texto “Como enfrentar os problemas da revolução Agrária e Anti-Imperialista”, escrito provavelmente entre fins de 1947 e inícios de 1948:

(...) Precisamos ir muito além dos discursos e dos comícios, da simples agitação sindical e utilizar cada vez mais outras formas de mobilização de massas, desde as greves econômicas e políticas até as lutas práticas contra a miséria, o cambio negro, as violências policiais, as arbitrariedades dos fazendeiros, sem medo que tais lutas levem até mesmo a choques violentos com a polícia.¹⁸⁰

O discurso de enfrentamento só viria a crescer em 1950, com o lançamento do Manifesto de Agosto, que defendia ações revolucionárias e a criação de um exército popular de libertação nacional. O manifesto, escrito por um Prestes acuado, perseguido e imerso na clandestinidade, conclamava os comunistas ao enfrentamento contra os imperialistas e seus aliados, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, destacava o esforço do partido pelas ações de paz mundial, contra o envio de tropas brasileiras à guerra da Coreia, que teve início em junho.¹⁸¹ O libelo de Prestes contra o acordo militar do Brasil com o governo Truman, que abriria o país para a oferta de soldados e a entrega de postos chave da soberania militar aos “ianques”, ganhava mais contundência ao somar a esse quadro a crescente dependência econômica a que o país estaria submetido:

As posições-chaves da economia do país são dominadas pelos monopólios angloamericanos, o comércio de nossos principais produtos de exportação está sob o controle de firmas norte-americanas, a indústria nacional, quando já não pertence aos monopólios ianques, está sob a constante ameaça de total aniquilamento e no próprio comércio interno avança o controle dos grandes consórcios e monopólios americanos. O petróleo continua sob a ameaça avassaladora da Standard Oil que faz às escâncaras a mais despudorada campanha de suborno e corrupção. O ferro, o manganês, as areias monazíticas, os minérios radioativos já se encontram em poder dos monopólios ianques que saqueiam a nação. Simultaneamente, crescem de ano para ano os lucros das grandes empresas estrangeiras que como a Light, por exemplo, se apoderam de uma boa parte do valor ouro de nossas exportações para remeter para o estrangeiro o fruto do

¹⁸⁰ PRESTES, Luis Carlos. Como Enfrentar os Problemas da Revolução Agrária e Anti-Imperialista. Libreto sem data nem editora. Pg. 29

¹⁸¹ O esforço comunista inseria-se em uma ampla campanha internacional que acusava os Estados Unidos de colocarem o mundo à beira de uma nova hecatombe nuclear. No Brasil, a luta destinava-se a barrar o envio de pelo menos 20 mil soldados brasileiros à Coreia. Conforme Jayme Ribeiro, a “Campanha Contra o Envio de Soldados Brasileiros para a Coreia (...) era constituída de passeatas, enterros simbólicos, coleta de assinaturas, comícios relâmpagos, distribuição de panfletos, palestras sobre os efeitos das armas atômicas, organização de manifestações populares etc, objetivando pressionar a opinião pública brasileira e, sobretudo, o governo para que o Brasil não enviasse nenhum membro das forças armadas para participar do conflito coreano (...) durou enquanto ocorreu o confronto militar na Coreia (1950-1953). A campanha também ocorreu concomitante a outras campanhas de apelo pacifista como a “Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas”, “Contra a OTAN”, “Contra a Guerra da Coreia”, “Por Um Pacto de Paz”, de “Ajuda a Imprensa Popular”, “Contra a Carestia”, etc. RIBEIRO, Jayme. *O PCB e a Guerra da Coreia: Memória, História e Imaginário Social*. História e Perspectivas, Uberlândia (42): 207-231, jan/jun.2010. Pgs 212, 213.

trabalho e da vida de nosso povo, brutalmente explorado. Sob os mais variados pretextos, grandes extensões do território nacional passam à propriedade dos magnatas ianques, como Rockefeller, ou são entregues pelo governo aos "especialistas" do imperialismo com direito de extraterritorialidade, como acontece no caso de Hiléia Amazônica.¹⁸²

O Manifesto apresentava-se como um chamado a luta e evocava um acerto de contas com o estado altamente policialesco e opressor das lutas populares, especialmente as emanadas dos comunistas a partir de 1946, conforme o texto, onde Prestes elenca os sucessivos crimes e ataques aos trabalhadores e seus líderes.

O caminho do crime, iniciado com a chacina do Largo do Carioca em 1946, ganha o país inteiro e passa à prática generalizada de todos os governantes por mais diversos que sejam os títulos ou legendas dos partidos políticos que os elegeram. A polícia udenista do Ceará de mãos dadas com os bandidos integralistas, fuzila em plena rua a Jaime Calado, o bravo anti-fascista e jornalista do povo, como os facínoras de Adroaldo-Lima Câmara matam a Zélia Magalhães em plena Capital da República. O assassino Ademar de Barros, o novo aliado do tirano Vargas e patrono de sua candidatura, esmera-se no assalto de Tupã, onde caem vítimas do ódio das classes dominantes aos camponeses que lutam pela paz e pela terra os três heróis de nosso povo – Pedro Godoi, Afonso Marma e Miguel Rossi. Já a 1o de Maio, é na cidade do Rio Grande que o sr. Jobim manda atirar contra o povo, e mais de uma dezena de operários, homens e mulheres, caem mortos ou feridos sob as balas assassinas dos policiais do governo pessedista. É o terror sangrento contra a classe operária.¹⁸³

A guinada à esquerda, com os manifestos de 1948 e 1950, de afronta ao imperialismo e seus aliados em solo nacional, tomou parte de uma estratégia que aprofundava a cada dia a luta contra os inimigos eleitos. Na fronteira, onde o latifúndio era combatido desde a câmara de vereadores nos embates parlamentares de Lúcio e Solon, o frigorífico surgia como a cara visível do inimigo. Conforme Moraes,

(...) no Brasil, o ano de 1947 marca, com o início da “guerra fria”, o fim da perspectiva de contínuos avanços políticos aberta pela vitória sobre o nazi-fascismo. Uma vez fixadas na Europa as “fronteiras ideológicas” dos dois grandes blocos antagonistas, o novo epicentro da luta revolucionária desloca-se para o Leste da Ásia. No Brasil, empurrados para a clandestinidade, os comunistas responderam com mais amargura que lucidez, ao golpe que lhes desferira a reação liberal. Tanto o agravamento do confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos quanto o triunfal avanço das forças revolucionárias da imensa China, botando para correr o sanguinário ditador Chang Kai-Chek, contribuíram decisivamente para reforçar a desafeição dos comunistas brasileiros pelas instituições liberais burguesas. De nada lhes valera haver-lhes respeitado escrupulosamente as regras. Elas haviam sido mudadas para excluí-los. O exemplo de Mao Tsé-Tung, de outro lado, trazia um exaltante convite à ação: na ponta do fusil os camponeses estavam realizando a reforma agrária e completando “o cerco das cidades pelo campo” (1947-1948). Foi este o contexto em que se operou a guinada à esquerda do PCB,

¹⁸² *Manifesto de Agosto*. Fundação Dinarco Reis. <https://pcb.org.br/>. Acessado em 21 de março de 2013. Pgs 1-16.

¹⁸³ *Idem*. Pgs.1-16.

programaticamente assumida no Manifesto de janeiro de 1948 e levada ao extremo no de agosto de 1950, ambos assinados por Prestes.¹⁸⁴

O jornal porto-alegrense Folha da Tarde registrou no dia seguinte ao tiroteio no Parque uma versão que partia do relato policial como fonte dos acontecimentos. A versão da “cilada”, supostamente armada pelos comunistas ganha força através da chancela oficial do chefe de polícia, que elencava um número expressivo de militantes escondidos atrás das árvores no Parque Internacional.

Foi abalada por violento conflito armado, ao anoitecer de ontem, ocorrido nesta cidade [Santana do Livramento], o combate travado entre a polícia local e elementos comunistas, do qual resultou a morte de 4 pessoas e ferimentos em outras 8. (...) Desde a noite de sexta-feira, era grande a agitação na cidade, provocada pela a atitude dos que, inesperadamente, pichavam os principais logradouros, concitando o povo a se rebelarem contra as autoridades e escrevendo ainda distintas propagandas políticas, indicando como candidatos do Sr. Luiz Carlos Prestes, os comunistas Solom Pereira Neto e Aladim Rossales. Ao tomar conhecimento da ostensiva propaganda vermelha, a polícia providenciou a retirada de todos os cartazes comunistas e passou a exercer severa vigilância. Tomando conhecimento da nova iniciativa dos comunistas, o delegado Miguel Zacarias, à frente de um grupo de policias, dirigiu-se para o Parque Internacional. Ali chegando, deu voz de prisão aos elementos que estavam pintando as paredes. Nessa altura dos acontecimentos, entretanto, os diversos elementos comunistas que se encontravam no Parque Internacional, escondidos atrás das árvores e automóveis, resolveram reagir e procuraram agredir as autoridades. Partiu, então, o primeiro disparo dos comunistas, que foi atingir o delegado Zacarias no pé. Percebendo a cilada, em que haviam caído, os policias sacaram de suas armas, seguindo-se, então, demorada troca de tiros entre os policias e os comunistas, que só veio a terminar com a intervenção das forças do exército. Terminado o tiroteio, após a fuga dos comunistas, para a cidade uruguaia de Rivera, constatou-se que do conflito resultara, além de ferimentos dos policiais: Miguel Zacarias, delegado; Arno Castilho, subdelegado; Vidal V. da Cunha, inspetor; Dilan Cunha, escriturário e o Soldado Caetano Trindade. Haviam perecido os comunistas: Aladim Rossales, ex-empregado do Armour; Aristides Correa Leite, dono de livraria nesta cidade; Abdias da Rocha, agricultor e Ary Kullman, proprietário de restaurante nesta cidade. Segundo informações colhidas por nossa reportagem, na delegacia de polícia, com o inspetor José Antônio Said, três outros comunistas, haviam sido feridos e se encontravam em Rivera, onde se hospitalizaram. Na delegacia, estão presos outros quatro comunistas que não conseguiram fugir para Rivera, são eles: Lineu Ribas Teixeira, o vereador Solom Pereira Neto, os indivíduos conhecidos pelas alcunhas de Braga e Ataides.¹⁸⁵

A tese de tocaia e afronta a determinação da polícia foi reforçada pelo delegado Miguel Zacarias, conforme aponta a reportagem da Folha da Tarde, que transcreveu o relato do delegado ao chefe de polícia do estado.

¹⁸⁴ *Concepções comunistas do Brasil democrático: esperanças e crispações (1944-1954)*. MORAES, João Quartim. História do marxismo no Brasil. Vol.3. Campinas: Editora Unicamp, 1998. Pgs.161-199.

¹⁸⁵ *Sangrento choque entre polícia e elementos comunistas*. Folha da Tarde. 25 de setembro de 1950. Pg.2 Apud: VARGAS DE SOUSA, Oneider. As Lutas operárias na fronteira. A chacina dos quatro “ÁS” (Livramento/RS-1950). Porto Alegre. Livraria Palmarinca Editora, 2015. Pg.78.

Na madrugada de hoje, o chefe de polícia do Estado, recebeu a comunicação dos acontecimentos de Livramento, através de um radiograma, ele foi enviado pelo delegado de polícia Dr. Miguel Zacarias nos seguintes termos: Coronel Dagberto Gonçalves – Chefe de Polícia: “Comunico a Vossa Excelência que ontem, às primeiras horas da noite, comunistas, burlando a vigilância do patrulhamento da cidade, inseriram nas ruas principais dizeres alusivos à Prestes e seus candidatos à deputação, cuja inscrição fora negada pelo tribunal eleitoral. Ainda pela madrugada, tive conhecimento de tal fato, tendo destruído a propaganda referida. Hoje à tardinha, fui informado que os 59 elementos comunistas, mais ou menos às 22 horas da noite, pretendiam, à força, realizar os pichamentos de inscrição referentes a Prestes e adeptos do mesmo credo. Entrei em ligação com o Coronel Ciro de Abreu, comandante da guarnição federal e o Coronel Eleú, comandante do regimento da Brigada Militar. Tomadas as medidas de prevenção, fomos, entretanto, surpreendidos quanto à hora em que os comunistas, em grupo, iniciaram seu trabalho visando, naturalmente, à desmoralização pública da autoridade. Logo que os pressentimos nas proximidades do Parque Internacional, avisamos o regimento da Brigada Militar e nos dirigimos aos comunistas, que tinham à frente o conhecido Lúcio Soares Neto. Saudações. Miguel Zacarias. Delegado de Polícia.¹⁸⁶

Miguel Zacarias informou ao comando da Brigada Militar, de acordo com a reportagem da Folha, uma versão bastante sucinta dos fatos que se desenrolaram naquela noite. Listou os parceiros de polícia que o acompanhavam, mas omitiu a presença de civis, que de acordo com informações veiculadas pelo Voz Operária, também fariam parte do grupo. O delegado informou que o acompanhavam na ação contra os comunistas “os inspetores Castilhos, Vidal V. da Cunha, Alcides Gonçalves, Assis Macedo, o escrivão Edson Cunha, além do tenente Espírito Santo, com um grupo de choque, de homens da Brigada”. Mais adiante a ação é relatada como se estivesse investida de um tom conciliatório, onde o inspetor Castilhos “pronunciou as primeiras palavras, no sentido de evitar a atitude que um grupo de comunistas pretendia tomar”. Em seguida o delegado relata terem sido “inesperadamente alvejados”, além dele, os inspetores Castilhos e Vidal, “feridos levemente” e o escrivão Cunha, ferido com gravidade. O relato completa-se com a informação da fuga dos manifestantes remanescentes para Rivera e o saldo de mortos: quatro militantes comunistas.

Com as mortes, a cidade passou a viver momentos de extrema tensão. Pedro Dávila, filho de Amílcar Dávila de Mello, um comunista “doble chapa”, recordou que naquela noite os companheiros uruguaios ainda teriam se reunido em frente a atual praça Flores da Cunha, a poucos metros do local do crime, em desagravo às ações assassinas da polícia santanense.¹⁸⁷ A reportagem da Folha Tarde afirma ainda que o enterro dos mortos

¹⁸⁶ Idem. Pg.81.

¹⁸⁷ Pedro Dávila de Mello. Entrevista concedida ao autor em 24 de maio de 2013. Santana do Livramento.

foi programado para acontecer às 16h do dia 25 de setembro, portanto, menos de 24 horas após os acontecimentos. Porém, foi cancelado devido aos temores de uma revolta popular e sob as alegações formais de que um ato público estaria sendo planejado. Ao mesmo tempo em que o frigorífico sofria uma intervenção de tropas militares, a cidade permanecia severamente policiada. Dias após o incidente, um panfleto assinado pelo “Comitê Municipal Pró candidaturas da FDLN” chegava às ruas, elencando na visão do grupo comunista a causa dos acontecimentos, apontando como culpados os comandantes militares na cidade, com a conivência das autoridades uruguaias, que teriam invadido a sede de uma pequena gráfica que funcionava na casa de Chiquinho Cabeda, onde editava-se o jornal Tribuna do Povo. Chiquinho também foi preso logo após o conflito. Por fim, o informativo apontava os gestos de arbitrariedade cometidos pela polícia e conclamava a continuidade da luta:

Só agora nos foi possível levar ao conhecimento do povo a verdade dos fatos desenrolados na noite de 24 de setembro. Eis as razões que justificam este atraso: Consciente de seu crime a polícia assassina de Dutra-Jobim, em colaboração com os coronéis facistas Ciro Abreu cmt. da Guarnição e Elehú Gomes, cmt. do 2º R.C. da B. M. , desencadearam um terror Policial jamais visto em nossa terra e, como aliados, tiveram a polícia reacionária da vizinha cidade de Rivera, cujos policiais comparecendo no prédio onde funciona a oficina tipográfica de propriedade particular, sem a devida autorização da justiça uruguaia, proibiu que a oficina funcionasse no sentido de desmascarar e desfazer as mentiras da reacionária e criminosa polícia de Livramento, feitas através do jornal A Platéia, pasquim nauseabundo de propriedade do policial Zacarias, assassino de nossos conterrâneos e patriotas e proprietário de casas suspeitas em Rivera.¹⁸⁸

O relato assinado pelo comitê advoga o caráter pacífico da manifestação no Parque e acusa “medidas de coação e proibição de manifestação de sentimentos que humanamente pudesse expressar repulsa ao crime e solidariedade às vítimas”. O clima de enfrentamento que se seguiu logo após a chacina, com a pressão para que os corpos das vítimas fossem entregues às famílias levou a prisão temporária do advogado Heron Canabarro, entre outros militantes. O hospital foi ocupado por militares e os comunistas denunciaram o saqueio de lares e o varejo por balas em locais como a União Feminina, União Operária, Livraria Popular e a casa do vereador Amaro Gusmão. O comitê acusava como motivos do crime a pauta de reivindicações da Frente Democrática de Libertação Nacional, baseadas nos pontos assinalados por Prestes no Manifesto de Agosto: “Pão, Terra, Liberdade; expulsão do imperialismo de nossa Pátria; nacionalização de nossas indústrias; ensino gratuito,

¹⁸⁸ *A gloriosa classe operária do Armour. Aos trabalhadores do campo e da cidade a todos os verdadeiros democratas que desejam a independência de nossa Pátria.* Comitê Municipal Pró-candidatura da F.D.L.N. s/data. Acervo de Perseverando Fernandes Santana.

secundário e superior e a luta em defesa da Paz e pela interdição da Bomba Atômica”. Conforme o panfleto distribuído à população santanense,

(...) estas foram as causas reais que levaram a polícia a assassinar covardemente em Santana o líder operário e dirigente da greve do Armour, Aladim Rossales, o velho Abdias da Rocha, antigo operário do Armour, Aristides Correia Leite e Ary Kulmann; assim como na cidade de Rio Grande, assassinaram a heroína tecelã Angelina Gonçalves, Euclides Pinto, Osvaldino Correia e Honório Porto.¹⁸⁹

Com o impacto da ação, o chefe de polícia estadual determinou que o delegado regional de Alegrete, Antônio Mularo, se deslocasse até a fronteira para ouvir os indiciados. O relato do delegado aponta os militantes mortos como “líderes dos comunistas”, especialmente Aristides Coreia Leites. Entre os feridos, o delegado Zacarias enfatiza ter sido atingido no pé direito, sendo o policial Edson Cunha supostamente atingido por uma bala na boca e outra nas costas. O inspetor Vidal Cunha, relata o delegado ao comando da Brigada Militar, recebeu um tiro no pescoço e o soldado Trindade um tiro na perna. O relato do delegado exime-se de listar os militantes comunistas feridos, como Hélio Santana Alves, ferido à bala nas nádegas, e Lúcio Soares Neto, ferido nas costas, entre outros não identificados. O incidente fez com que o Comandante da Terceira Região Militar viajasse a Santana do Livramento um dia após os acontecimentos.¹⁹⁰ Eustáquio Apoitia, construtor e figura proeminente na organização comunista local, rememorou que só abaixo de muita pressão foi possível reivindicar o sepultamento dos mortos, ainda que sob um clima de enorme comoção e exaltação. O enterro das vítimas aconteceu em sigilo e nem mesmo os familiares puderam participar de velório ou da cerimônia fúnebre.

(...) E daí eles levaram eles pra Santa Casa; todos eles mortos e lá atiraram, como bicho, e não deixaram ninguém ver. Aí todos nós do partido fomos pra frente da Praça de Esportes, e ali juntamos um grupo de ponta a ponta da praça, então eles marcaram o enterro. Então botaram eles no caixão e não deixaram ninguém se despedir! Depois que sepultaram deixaram entrar no cemitério, mas aí não adiantava mais nada, nós sem arma, o que ia adiantar? Os caras armado com mosquetão! Depois fizeram processo e veio gente daqui e dali, bons advogados, mas não adiantou nada! A polícia toda foi absolvida e o brigadiano promovido, sabe o que é isso?¹⁹¹

O gesto arbitrário dos comandos militares contra os trabalhadores reunidos em torno do partido, mesmo que alegadamente sob uma pauta que pregava um confronto aberto e

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ VARGAS DE SOUSA. Op.Cit., Pgs. 80,81.

¹⁹¹ Depoimento de Eustaquio Apoitia a Marlon Aseff e Liane Chipollino Aseff, em 11 de fevereiro de 2011. Santana do Livramento.

que não sobreviveria a uma posterior autocrítica, desencadeou reações imediatas e delimitou o futuro da atuação local dos comunistas. Conforme denunciariam posteriormente, não seriam apenas os policiais que estariam envolvidos no crime, mas também representantes de grandes latifundiários, especialmente ligados à família Flores da Cunha e a serviço do frigorífico, que teriam se juntado a polícia no ataque aos militantes no Parque.¹⁹²

O crime mexeu com a cidade, levando aflição às famílias envolvidas diretamente com os manifestantes mortos e também estimulando o acirramento da luta. Um dia após o conflito assinava ficha no partido aquele que se tornaria um militante fundamental nos anos vindouros, Ary Malmann Saldanha. Designado pelo partido para auxiliar na organização de placas e propaganda para o Comitê que reuniria os candidatos de Prestes na cidade, Ary colaborava como simpatizante, convidado por Aquiles Alves, membro da direção municipal. Com Lúcio Soares Neto foragido e o líder histórico dos operários, Santos Soares, muito doente, Ary passaria a desempenhar no calor da hora a Comissão Provisória Dirigente, na função de secretário de agitação e propaganda e diretor-redator do jornal Unidade. Para dar continuidade ao jornal, que substituíra o Tribuna do Povo, Ary e Solon Pereira Neto passaram a imprimir o folheto em Rivera. A casa de Solon seria de extrema utilidade para dar continuidade ao informativo, que era levado a Santana dentro de um tarro de leite e posteriormente distribuído nas cercanias do frigorífico e outros estabelecimentos da cidade.¹⁹³

Um dos fatores que pode ter contribuído decisivamente para a atitude de confronto por parte da polícia e de setores conservadores da cidade foi a proximidade da visita ao município de dois candidatos a presidência, em um período de pouco menos de três dias. A ebulição dos ânimos já bastante acirrados entre o grupo comunista e os representantes dos setores conservadores da grande propriedade rural e do frigorífico, só iria aumentar. O candidato que representava os interesses mais explícitos dos grandes capitalistas, Brigadeiro Eduardo Gomes, da coligação UDN, PL e PRP, chegou ao município poucas horas após o fatídico incidente no Parque Internacional. De acordo com Chipollino Aseff, o acirramento dos ânimos em torno do embate e a situação policialesca que tomou conta dos

¹⁹² Vargas e seu bando. *Os crimes da Oligarquia*. Voz Operária. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1952. Pg 12.

¹⁹³ SALDANHA, Neli. *Nos melhor dos tempos e nas tempestades... Ary Saldanha: Um homem de luta na trilha do socialismo*. Caxias do Sul: Eva Eberhardt. 1996. Pgs 15,16, 17.

setores populares da cidade, como a fábrica e seu entorno, fez com que o candidato transferisse seu pronunciamento para o aeroporto da Varig, onde foi recebido por Flores da Cunha e uma claque de apoiadores.¹⁹⁴ A edição de O Republicano registrou no mesmo dia 25, em matéria de capa, o evento político que teria reunido as pessoas “mais representativas” da sociedade.

Hoje, pela manhã, às 9 horas, Livramento, pelo que tem de mais representativo no setor social, profissional e econômico, tributou ao futuro presidente da República: tenente brigadeiro Eduardo Gomes, uma vibrante recepção no aeroporto da Varig. Acorreram ao campo de aviação, mais de uma centena de automóveis, ônibus e caminhões conduzindo mais de quinhentas pessoas que festejaram carinhosa e calorosamente o brigadeiro Eduardo Gomes e sua brilhante comitiva, da qual faziam parte o general Flores da Cunha, dr. João Pio de Almeida, Cel. Antonio Fernandes Barbosa, membros do Movimento Nacional Popular pró-Eduardo Gomes, dr. Paulo Brossard de Souza Pinto e outros representantes de partidos coligados, UDN, PL, PRP.¹⁹⁵

No discurso do brigadeiro publicado pelo jornal, no entanto, nem uma só palavra relacionada ao crime ocorrido horas atrás, mas uma ode ao desenvolvimento e garantias ao capital e ao setor produtivo. “Dedicando-se preferencialmente à criação de gado, Santana do Livramento orgulha-se com sobrados motivos da excelência de seus plantéis de raças selecionadas, dos rebanhos destinados ao corte e industrializados no seu grande frigorífico”, destacava o candidato.¹⁹⁶ Frente a visita do Brigadeiro, o jornal restringiu a notícia das mortes a uma nota menor na capa, onde eximia a polícia e os civis envolvidos na chacina de toda a responsabilidade, acusando os militantes de incitarem o conflito: “Na manhã de ontem em vários pontos centrais da cidade as ruas apareceram pixadas com dizeres ilegíveis que constituíam senhas para o brutal conflito que devia se dar a noite, como de fato aconteceu”, sentenciava O Republicano.¹⁹⁷

Getúlio Vargas visitaria a cidade exatamente três dias após a chacina, no dia 28 de setembro. Embora tenha reunido uma expressiva massa de trabalhadores no comício que realizou na Praça Barão do Ijuí, na periferia da cidade, o ex-ditador e senador da República evitou o Parque Internacional, antes anunciado como o local do evento. Tampouco proferiu

¹⁹⁴ CHIPOLLINO ASEFF, Liane. Op.Cit., Pgs.179-183.

¹⁹⁵ *Vibrante recepção ao brigadeiro Eduardo Gomes Livramento tributou hoje.* O Republicano. Segunda-feira, 25 de setembro de 1950. Pg. 1

¹⁹⁶ *O Discurso do Brigadeiro.* Idem.Pg.1

¹⁹⁷ *Elementos comunistas provocaram desordem, ontem, no Parque Internacional, travando tiroteio com a polícia, resultando 4 adeptos vermelhos mortos e feridos o Delegado de polícia, o sub-delegado e dois inspetores.* Idem. Pg.1

alguma palavra alusiva ao confronto, preferindo o elogio ao “sólido comércio e aos vigorosos empreendimentos industriais” da cidade.¹⁹⁸

O mês de setembro de 1950 marcava entre os comunistas o ápice de ações destinadas a popularizar o manifesto de Prestes. Em matéria de página inteira, o *Voz Operária* que saía do prelo conclamava os militantes a uma ampla ação em prol da divulgação do texto, com a finalidade última de “liberar o país do jugo imperialista”.¹⁹⁹ A agitação em torno das idéias contidas no manifesto devia ser ininterrupta, envolvendo “comícios relâmpagos, lançamento de volantes, pixamento e atos audaciosos”. O direcionamento das ações políticas que antecederiam as eleições, elencava o *Voz Operária*, previam as pichações em grande escala das seguintes palavras de ordem:

Viva a frente democrática de libertação nacional! Abaixo a ditadura de Dutra! Por um governo democrático e popular! Viva a revolução democrático-popular! Fora do Brasil com os ianques! Pela confiscação da ...! (nome da principal empresa imperialista da localidade) Com Prestes pela libertação nacional! União e ação sob o comando de Prestes Lutemos pela democracia popular!²⁰⁰

O esforço dos militantes na fronteira incluía a promoção dos candidatos a deputado federal, Walter Guimarães, Lúcio Rochadel e o filho da terra, Aladim Rosales, o operário auto-didata, que encantava pela oratória e o dom das palavras.²⁰¹ A nominata a deputado estadual era composta por Gonçalves Thomaz, Francisco Paula Dias, Maria José Lopes, Fernando Guedes, João Pedro Mendes, Lila Ripoll e Solon Pereira Neto. Os candidatos populares e oradores comunistas, conforme indicação partidária, deveriam adaptar seus discursos “de acordo com o local e camada social”, com o foco prioritário nas bandeiras do partido, como a luta pela paz, pela proibição da bomba atômica, contra o envio de tropas brasileiras para a guerra da Coreia e – confronto aberto com o frigorífico – “contra o envio de qualquer tipo de material para os bandos armados do imperialismo ianque”.²⁰² Conforme o manifesto de agosto, no plano local ou nacional, era preciso desmascarar todo e qualquer candidato das classes dominantes a qualquer cargo eletivo. Assim, os candidatos a presidência da república eram alinhados como exploradores das massas, a serviço dos

¹⁹⁸ CHIPOLLINO ASEFF, Liane. Op.Cit., Pgs 179-183.

¹⁹⁹ *Como popularizar o Manifesto de Prestes*. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1950. Pg 5.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Armandina Rosales, depoimento ao autor em 12 de dezembro de 2015. Santana do Livramento.

²⁰² Como fazer um discurso eleitoral ? *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1950. Pg 11.

monopólios norte-americanos e das guerras imperialistas. Pela pena de Prestes, os quatro candidatos presidenciais resumiam-se a “Cristiano, o sórdido homenzinho do Catete, Getúlio, o tirano estado-novista e experimentado assassino, Eduardo Gomes, o nazi integralista e fantoche do clero reacionário, Mangabeira, o ricaço socialisteiro” . O balanço do partido após as eleições de outubro denunciava que 21 pessoas haviam sido mortas por motivos estritamente políticos, além de mais de mil prisões, espancamento de candidatos e eleitores, sendo 300 prisões em único dia, em São Paulo. Aos mártires de Livramento, o Voz Operária reunia no trágico balanço o assassinato do militante operário Lafaiete Fonseca, no Rio de Janeiro, e uma onda de repressão sem precedentes aos candidatos da Frente Democrática de Libertação Popular.

(...) Mais de oitenta escritórios eleitorais dos candidatos de Prestes foram invadidos, saqueados e depredados por soldados da Força Pública, usando armas de guerra. Lares foram invadidos, mulheres, velhos e crianças arrancados de casa, presos e espancados.²⁰³

O jornal denunciava a presença do agente policial norte americano John Hubner, que do DOPS teria comandado os atos de repressão, que culminaram em tiroteios, onde não faltaram nem metralhadoras, lança-chamas e bombas de gás, prisões e torturas. O estopim para os atos de violência teria vindo do conluio de forças entre o imperialismo americano, encabeçado pelo estado policialesco de Dutra, integrantes do alto clero e grandes proprietários de terras. Com a resolução do TSE em cassar as candidaturas ligadas a FDLN, acionou-se um verdadeiro aparato de guerra contra os chamados candidatos de Prestes. Na fronteira, um elemento explosivo colocava em posição de confronto comunistas e latifundiários: o envio da carne produzida pelo frigorífico para o esforço de guerra americano na Coréia. O relato do jornal comunista que partia do Rio de Janeiro aos mais distantes rincões do país, oferecia pelas mãos do “correspondente” em Santana do Livramento, a visão de uma cidade isolada, “encravada no latifúndio” e vítima das ações opressivas do frigorífico, que destinava toda a produção à guerra, em detrimento do abastecimento da cidade e do estado. No centro da ordenança da chacina, denunciava, estavam os norte-americanos, avalizados por Dutra.

²⁰³ Eleições de Terror e Sangue. Voz Operária. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1950. Pg 1.

(...) Não foi por acaso, evidentemente, que o monstruoso crime foi levado à prática. Livramento é uma cidade perdida na fronteira sul, encravada no latifúndio, onde os grandes fazendeiros enriquecem sobre a fome do povo. Ali está o frigorífico Armour, que explora centenas e centenas de operários e camponeses, ali está a presença do escravagista americano de mãos dadas aos latifundiários, aos politiquinhos da burguesia, explorando e oprimindo a classe operária, os camponeses e o povo. De algum tempo para cá, faltou carne para o consumo do povo de Livramento, enquanto 40 mil bois já carneados estavam nas câmaras frigoríficas esperando embarque. Três oficiais do exército americano supervisionavam esse embarque. O fato, por mais que a reação tentasse esconder, tornava-se claro: a que carne que tirava da boca do povo destinava-se ao exército massacrador dos Estados Unidos, aos massacradores do heroico povo da Coréia. (...) As ordens de Truman e Dutra aparecem ali claramente. Depois que o embarque de carne para o exército americano foi vigorosamente denunciado pela imprensa popular viajou para Montevidéu o general Mullins Jr., chefe das tropas de ocupação americanas no Brasil. Este fato foi denunciado pelo "Diário de Notícias", do Rio, em sua edição de 19 de setembro. Poucos dias depois o embaixador ianque em Montevidéu seguia para Rivera. Ia a essa cidade, que apenas uma avenida separa de Livramento, para ordenar a chacina, para ordenar o monstruoso crime.²⁰⁴

Menos de dois anos após as mortes no Parque, o Voz Operária abordava em matéria de página central o poder nefasto que resultava da associação de grandes fazendeiros gaúchos ao governo Vargas resultava, gerando uma sequência de crimes ao longo dos últimos anos. Sobre a família de Flores da Cunha, o jornal rememorava a morte de Waldemar Ripoll, em 1934, que combatia o governo Flores desde a cidade de Rivera, onde estava exilado. Também elencava os assassinatos do dirigente comunista Mário Couto e Aparício Córa de Almeida, líder estudantil, entre outras acusações de mortes e degrados de presos políticos. Por fim, acusava os irmãos de Flores, Antonico e Clementino, de participarem da chacina de Livramento, matando junto com a polícia, e a serviço do Armour.²⁰⁵ Mais adiante, o jornal aborda a tragédia repetida de milhares de camponeses que ano a ano engordam as favelas e periferias das cidades em fuga do campo, onde não encontram condições de trabalho e permanência. De acordo com o redator, nem mesmo o drama da seca, tão comum nas explicações sobre o êxodo rural no nordeste, pode ser invocado pelas autoridades gaúchas, que comportavam-se em absoluta conivência com a situação de penúria vivida pelos pequenos camponeses, em prol de privilégios ao latifúndio. Nesse rol de motivos, surge o caso do município de Santana do Livramento, onde, de acordo com o jornal comunista, “a família Flores da Cunha e Guerra detém mais de 40 mil hectares (...) e o próprio deputado Flores da Cunha detém em Porto Alegre uma

²⁰⁴ *Bandidos, a nossa luta não terminou, a nossa luta continua.* Voz Operária. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1950. Pg 3.

²⁰⁵ *Vargas e seu bando. Os crimes da Oligarquia.* Voz Operária. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1952. Pg 12.

propriedade com mais de 1.000 hectares.”²⁰⁶ A contabilidade do jornal não registra a fonte, mas argumenta com números o que considera um exemplo paradigmático do avanço do latifúndio no Rio Grande do Sul: “o município de Livramento”.²⁰⁷ O frigorífico, conforme o jornal, seria o grande beneficiário dos desajustes tarifários que penalizava os pequenos produtores.

O frigorífico americano Armour, que possui duas vezes e meia mais capital que toda a indústria e comércio de Livramento reunidos, paga apenas pelo mesmo imposto, 2 milhões e 300 mil cruzeiros. Esses números dizem, de modo mais claro, em benefício de quem age o governo atualmente existente no país e em benefício de quem se fazem as leis: em proveito dos latifundiários, dos trustes imperialistas e seus agentes no país.²⁰⁸

Conforme os números veiculados pelo jornal, em um total de 3.872 propriedades rurais, espalhadas por uma área de 670 mil hectares, mais da metade das terras (390 mil hectares) encontravam-se em mãos de 146 pessoas, ou menos de 4% dos proprietários. Estas 146 propriedades latifundiárias, que representavam 55% de todo o capital do município, teriam pago em 1947, entre impostos de vendas e consignações, 1 milhão e 300 mil cruzeiros, enquanto o comércio e a indústria, que representam somente 2,2% do capital pagara 6 milhões e 650 mil cruzeiros.

Sob um clima de denúncias e enfrentamento aberto entre militantes comunistas e setores ligados aos grandes produtores rurais, o julgamento dos envolvidos nos acontecimentos de 24 de setembro de 1950 teve início na primeira sessão ordinária do ano de 1953, no Fórum de Santana do Livramento.²⁰⁹ Os autos do processo crime indicam a instalação dos trabalhos na primeira reunião do Tribunal do Juri, no dia 3 de fevereiro. Admitidos como advogados de acusação, os ex-deputados comunistas, cassados em 1947, Antônio Pinheiro Machado e Julio Teixeira, junto aos advogados Heron Canabarro e Eloar

²⁰⁶ *Quem são os donos da terra no Rio Grande do Sul? Voz Operária*. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1952..

Pg. 9.

²⁰⁷ Conforme dados coletados pela historiadora Liane Chipollino Aseff a partir de sinopse do IBGE, a cidade de Santana do Livramento acolhia na década de 1940 uma população urbana de 26.995 habitantes e 20.419 pessoas vivendo no interior do município. Na década de 1950, os habitantes da urbe já somam 30.113 pessoas, tendo a população rural reduzida a 18.411. Na década de 1960 a cidade registrava 38.303 habitantes urbanos e 17.601 vivendo no campo. In: Aseff, Liane. *Memórias Boêmias, histórias de uma cidade de fronteira*. Edunisc, 2008. Santa Cruz do Sul.

²⁰⁸ *Idem*.

²⁰⁹ Os autos do processo e a documentação do que foi deliberado ao longo da instrução não foram localizados por completo por esta pesquisa. Boa parte do processo que estaria guardada no Arquivo Judicial do Tribunal de Justiça do RS foi extraviada ou encontra-se alocada em local indefinido. Parte dos documentos oriundos do processo crime nº 5.983 estão dispersos em cópias de arquivos particulares. Os dados referentes a este processo, utilizados nesta pesquisa, foram citados a partir da obra já referida, de Oneider Vargas de Sousa.

Guazelli. A promotoria acusou Lúcio Soares Neto de ser o assassino de Aristides Correa Leite, que teria morrido nos braços do delegado Zacarias, vítima de quatro tiros que teriam sido disparados por Lúcio. A viúva de Aladim Rosales, Izolina Ferreira de Rosales, por sua vez, moveu uma procuração acusando o delegado e os inspetores a ele subordinados – Ario Castilhos, Vidal Vieira da Cunha, Edson Cunha, Valdomiro César, Alcides Macedo e praças da Brigada Militar pelo desfecho fatal do ato político, resultando diretamente na morte de seu marido. Vargas de Sousa aponta em sua investigação que a assistência particular de acusação instituída por Izolina, amparada pelo artigo 424 do Código de Processo Penal requereu a mudança do corpo de jurados alegando ser constituído de “um pequeno grupo de funcionários públicos, comerciantes, fazendeiros e profissionais liberais, intimamente ligados ao grupo dominante da cidade”.²¹⁰ Também alegava que os jurados teriam “escassos conhecimentos de assuntos sociais, o que os torna inimigos de qualquer idéia nova, opondo-se principalmente a tudo o que supõe ter ligação com o marxismo”. A viúva de Aladim também argumentava que o corpo de jurados estaria sob a influência da grande empresa “ligada ao imperialismo americano”, o frigorífico Armour, portanto sem condições de avaliar questões como as que eram caras ao grupo que defendia o programa comunista da Frente Democrática de Libertação Nacional, que propunha a luta contra o imperialismo e o latifúndio. A pronúncia (desaforamento) instituída pela viúva foi complementada pelos advogados, que abordaram a conivência da imprensa, que teria se comportado de maneira parcial, sem denunciar o crime em todas as suas facetas.²¹¹

Os advogados enfatizaram também o modo como se deu a morte dos quatro militantes, onde os ferimentos apontavam para uma ação fria e calculada por parte da polícia. A petição da viúva foi indeferida pelo relator do processo, Ciro Pestana, que alegou não possuir elementos para considerar o corpo de jurados ligados ao frigorífico ou aos fazendeiros, pois pertenceriam a classes sociais distintas. Após os trabalhos de acusação de ambas as partes, o juiz da Segunda Vara do Crime, Arno S. Arpini abriu processo contra os inspetores de polícia Ario Castilhos, Vidal da Cunha, Alcides Macedo e o delegado Miguel Zacarias, além dos militantes sobreviventes, Lúcio Soares Neto, Hélio Santana Alves, e Santos Rodrigues.

²¹⁰ VARGAS DE SOUSA. Oneider. Op.Cit., Pgs 87-96.

²¹¹ Idem. Pg. 88.

Os militantes comunistas foram considerados foragidos ou sem paradeiro conhecido, enquanto os policiais foram levados ao Presídio Municipal para aguardar a próxima sessão do júri. Teria contribuído para a decisão de manter presos os policiais, fato que desagradou os redatores de *A Cidade* e *O Republicano*, dois jornais de cunho liberal e que promoviam uma sistemática luta contra o grupo comunista, os acontecimentos posteriores ao conflito. A recusa da polícia em permitir aos familiares dos mortos o acesso aos corpos e mesmo a realização do velório e posterior enterro teria impactado a decisão do juiz.²¹² Por outro lado, a acusação do Ministério Público imputando a Lúcio Soares Neto a culpa pela morte de Aristides Corrê Leite, não resistiu a perícia solicitada pelo advogado Heron Canabarro. A exumação e necropsia foram realizadas pelos médicos legistas Celso Paim e Maximiliano Ziefer, sob a presença do inspetor José Antonio Said. O resultado foi contundente: os quatro militantes foram mortos por tiros de metralhadoras, ou seja, a arma empunhada pelos policiais e praças da Brigada Militar. Diante disso, o corpo de jurados declarou falta de evidências para considerar Lúcio como sendo o autor dos tiros que levaram a morte Aristides Corrê Leite. Também foi alegado que não poderia ser determinado qualquer crime acusatório individualmente, já que o tiroteio foi generalizado, resultando da sentença a absolvição dos dois grupos de réus, policiais e militantes comunistas, sendo que estes últimos tiveram seus direitos políticos cassados.

Para os familiares dos mortos e militantes do partido, a isenção de culpa aos policiais e comandantes militares, assim como a ocultação dos verdadeiros motivos que levaram ao crime e seus mandantes, se constituiu em mais uma farsa do braço judicial da burguesia.²¹³ A morte de Aristides Correia Leite, particularmente, teve um claro teor de vingança, no entendimento de seu sobrinho, o chofer de táxi Jorge Ferrão. Aristides possuía uma pequena livraria situada à rua Sete de Setembro, quase esquina com a rua Silveira Martins, onde vendia entre livros espíritas os combativos jornais do partido, sabidamente o *Tribuna do Povo*, que ele mesmo comandava junto a Chiquinho Cabeda, e o *Tribuna Gaúcha*. Conforme Ferrão, Aristides estaria jurado de morte pelo delegado, após retirar o policial e seus comparsas a pontapés de dentro da livraria, em desfeita a uma ameaça de

²¹² Idem.Ibidem. Pgs.88-90.

²¹³ Perseverando Santana. Entrevista citada.

confisco dos jornais. O caso, que não teria sido relatado durante o julgamento, conforme Ferrão, aconteceu poucos meses antes da chacina.

Aristides se avançou neles e botou eles para fora, à pontapés, e fechou a porta. E foi para Uruguaiana onde estávamos morando naquela época, e a minha mãe recomendou a ele que se cuidasse, porque a coisa não ia ficar assim, os policiais iriam querer vingança. Até que se deu aquilo lá, uma coisa mais pessoal que outra coisa.²¹⁴

Nas lembranças de Ferrão, Aristides tinha “um alcance muito grande em política, era muito inteligente, mas também violento”. O tio era muito bem considerado na família, sabidamente de gênio forte e que não admitia ações arbitrárias especialmente as oriundas dos poderosos da polícia. “Qualquer coisa que não lhe agradasse ele partia para decidir”, recorda-se Ferrão.

3.6 – Lúcio Soares Neto acusa

O período que antecedeu o julgamento dos envolvidos na chacina e especialmente os primeiros meses seguintes ao crime foi de reagrupamento dos comunistas santanenses e a promoção de uma série de textos de defesa dos envolvidos, bem como a denúncia ininterrupta dos desmandos que o poder policial promovia na cidade, em conluio com os chamados “gringos do frigorífico”. Nas páginas do jornal Unidade, editado por Solon Pereira Neto e Ary Saldanha, Lúcio Soares Neto fazia chegar aos cidadãos santanenses as razões que julgava necessárias serem esclarecidas envolvendo o crime acontecido no Largo Internacional. No período que antecedeu sua ida a Porto Alegre, viveu na clandestinidade em Rivera, sob a proteção de militantes do partido comunista uruguaio e a guarida de companheiros brasileiros. Lucio insurgia-se através das páginas do Unidade, contra o que afirmava ser uma aliança entre pecuaristas e setores do poder público com os chefes do frigorífico, denunciando perseguições e atrocidades contra os trabalhadores e seus líderes. O texto, publicado em partes, tem início em edições anteriores, não localizadas por esta pesquisa, provavelmente já inexistentes. Nos recortes de texto que passaremos a analisar, Lúcio trata de desabonar as suposições acerca dos motivos do crime como uma mera disputa eleitoral, indicando como fatores reais da chacina as ações nacionais-libertadoras, como a luta contra o latifúndio, o imperialismo e pela paz, que os comunistas de

²¹⁴ Jorge Ferrão. Entrevista citada.

Livramento estariam levando adiante. Ele credita ao grupo que comandava a posição de “únicos e verdadeiros inimigos dos gringos americanos do Armour”, incluindo a oposição aos seus “lacaio” no município: a “centena de latifundiários que mantém o monopólio da terra a custa dos pequenos e médios fazendeiros, a custa da grande massa de camponeses da terra”. Conforme a reflexão proposta pelo advogado, o grupo de militantes atacado e assassinado no Parque Internacional foi vítima do chamado “Plano X”, levado em prática pelo Departamento de Estado Norte-Americano na América Latina, que consistia na violência organizada contra os comunistas. Na qualificação da importância do município no xadrez internacional da guerra, Lúcio enfatizava:

Livramento é município fundamental para o imperialismo yanque na preparação guerreira e uma base de colonização, pois aqui está localizado o Frigorífico Armour, já mobilizado e com exportação controlada por oficiais superiores do exército norte-americano. E para se ter uma idéia do que representa o Frigorífico como força de retaguarda e base de abastecimento dos exércitos dos gangsters americanos – basta citar alguns dados e cifras: - o frigorífico é uma organização industrial com todas as seções do ramo. Sala de matanças, picada, fábrica de conservas, latoaria, pintura, caxonaria, câmaras frias, charqueada, adubos, triparia e mecânica. Por tudo isso sua produção é muito alta e diariamente vai desde o abate até o seu enlatamento na conserva, ou seu acondicionamento, para embarque, nas câmaras frias.²¹⁵

O frigorífico seria, portanto, uma peça fundamental no esforço de guerra norte-americano. Finda a Segunda Guerra, onde o combate ao nazi-fascismo amainou as críticas frontais ao partido, tendo em vista a inserção da União Soviética no bloco aliado, os ventos da Guerra Fria traziam o embate à cena. A produção das latas de carne em conserva, legítimo orgulho americano estampado na propaganda vigente, transformava-se em inegável trunfo às tropas de ocupação da Coreia, elaboradas com o suor dos fronteiriços. Para isso, demonstrava Lúcio Soares Neto, a produção diária da fábrica em 1948 girava em torno do significativo abate de 1.500 cabeças de gado *vacum* e 3.500 ovinos. Em 1951 esses números já deveriam ter sido ultrapassados, após a mecanização da praia de matanças e a construção de mais seis câmaras frias. Ainda assim, tomando-se por base a produção de 1948, chegava-se a conclusão de que o frigorífico poderia produzir 150 mil refeições de carne por dia, ou seja, poderia abastecer diariamente um contingente de 150 mil soldados, fato que já havia sido posto à prova na segunda guerra. Lúcio prossegue, elencando as

²¹⁵ *A defesa de Lucio Soares Neto e uma vigorosa acusação aos criminosos e desmascaramento da farsa policial. (Continuação IV Capítulo). Unidade. Santana do Livramento, 3 de janeiro de 1951. Pg.3.*

benesses que o frigorífico possuía devido a sua localização de fronteira, onde até o gado utilizado no abate, muitas vezes, tinha procedência indevida:

(...) O Frigorífico conta com gado uruguaio, contrabandeado sempre que preciso – é, portanto, com abundante matéria prima – agrega-se a isto as facilidades na exportação tanto pelo aparelhado porto de Montevideo, até onde vão vagões frigoríficos do Armour, como pelo porto de Rio Grande; - agregue-se, ainda, a existência da mão de obra barata formada pelos camponeses corridos dos latifúndios, o que determina um proletariado flutuante, ainda com escasso sentido de organização, o que não ocorre em Buenos Aires, Montevideo, São Paulo e outras cidades onde o Armour mantém frigoríficos. Sôme-se a tudo o domínio absoluto que os gringos do Armour exercem sobre as apodrecidas classes dominantes locais, que entregam-lhe o melhor de nossa produção pecuária a custa da fome do povo.²¹⁶

Acuado, o líder comunista na fronteira aponta “a farsa policial” e elenca as autoridades militares – coronéis Renato Brigido e Ciro de Abreu – como peças de frente na repressão aos operários do Armour, que juntos a uma “justiça de classe” colocava os trabalhadores em situação de extremo desfavorecimento. Retomando fatos ocorridos na greve de 1949, Lúcio Soares Neto delata os policiais da “ditadura Dutra-Jobim” que estariam agindo na fronteira em conluio com os serviços secretos norte-americanos na repressão aos trabalhadores do frigorífico:

(...) Um predomínio tal que ultimamente os próprios comandantes da guarnição federal figuram entre os comensais e homens da confiança do frigorífico. Pois, por ocasião da greve do dia primeiro de abril, no Armour, por exemplo, capitaneou a reação um tal coronel Renato Brigido, comandante da guarnição, que praticou os maiores desmandos, prendendo grevistas, entre eles Aladim Rosales, e levando-os incomunicáveis para o quartel. Este coronel era uma espécie de capanga de Mr. Brown, naquele tempo gerente do Frigorífico, e na conta de quem tomava grandes bebedeiras no Clube do Armour. Passou depois a exercer o comando da guarnição o atual coronel Ciro Abreu, udeno-integralista, reacionário de quatro costados, ligado por laços de estreito parentesco e amizade à oligarquia dos Flores da Cunha. É sobretudo um oficial “marshalizado”, domesticado aos gangsters ianques, assinou o questionário dirigido a fazendeiros e comerciantes para saber com que poderia contar em viaturas, animais, cavaleiros muars em caso de guerra. Uma fac-simile deste questionário foi publicado pela “Tribuna de Porto Alegre”, - no outro dia o jornal foi depredado pela reação. Este Ciro de Abreu também colocou as forças federais sob seu comando, ao dispor dos gangsters do Frigorífico Armour, na repressão ao movimento da classe operária brasileira. E depois de explicar com a atitude dos comandos da guarnição, o que não dizer da insignificante Justiça de classe, com o Magistrado Julgador, - a reconhecer todos os direitos para o Frigorífico e negá-los, sistematicamente, para a classe operária, - como, por exemplo, ainda no caso da greve, e também na questão do trabalho por safra? E depois de falar na Justiça de classe, - será necessário lembrar as atitudes da polícia de assassinos de Dutra-Jobim, - polícia que nada mais é que a secção brasileira das feras policiais de Truman? Some-se tudo isto compreende-se o desespero assassino dos gangsters do F.B.I. e do Intelligence Service, dos policiais da ditadura Dutra-Jobim, os bandidos de Dagoberto e Zacarias quando verificam que, em Livramento, ninho de víbora da reação

²¹⁶ Idem.

imperialista e latifundiária, levanta-se o movimento de libertação nacional encabeçado pelos comunistas.²¹⁷

A continuação da defesa escrita por Lúcio nos chega recortada por lacunas de textos, perdidos em edições não localizadas do jornal. Na edição de março, a argumentação dá continuidade aos motivos elencados capítulo V, e afirma que teria acontecido uma reunião entre os diretores do frigorífico e agentes da repressão no município, onde seu nome e de outros companheiros teria sido apontado pelos “gangsters internacionais” – em uma suposta preparação para a chacina. Conforme Lúcio, agentes norte-americanos teriam auxiliado a polícia no plano de extermínio das lideranças comunistas:

Eu, cujo nome também foi lembrado duas vezes pelos gangsters internacionais, - só escapei com vida, embora ferido, porque estava armado e pude enfrentar melhor os assassinos. Francisco Cabeda, também citado no informe, que se encontrava em casa, foi, não obstante, preso pela polícia uruguaia durante cerca de 40 dias. Amaro Gusmão, cujo nome foi também apontado, livrou-se do massacre por não estar no local, mas seu domicílio foi invadido pela polícia que o procurava. Finalmente, Heron Canabarro foi preso embora não estivesse no local. O bárbaro massacre tinha assim um endereço certo, que os assassinos encontraram no informe do “Intelligence Services” e nas instruções do espião ianque. Era a aplicação do Plano X de Truman, visando transformar Livramento numa “retaguarda tranquila”, - sofredora explorada.²¹⁸

Lúcio se mostra decepcionado com a ação nula da justiça, com a falta de punição dos agressores e elenca o descaso com os homicídios que vitimaram os trabalhadores reunidos no ato político, assim como a impunidade dos comandantes militares envolvidos:

Pareceria que o bárbaro massacre despertaria imediatamente a ação da justiça – primeiro da Justiça Eleitoral, depois da Justiça Comum para punir os bandidos da polícia e seu chefe, o bandido Miguel Zacarias; - para punir outro dos mandantes do crime, acobertador das violências, - que deixou as vítimas dessangrando no asfalto impedindo qualquer socorro, - responsável pela prisão de cidadãos – este coronel fascista Ciro de Abreu que desonra com sua presença as fileiras de nosso exército – para punir este coronel Eleú Gomes da Silva, da Brigada Militar, que usando da disciplina fascista reinante naquela corporação ordenou seus soldados que ajudassem os profissionais do crime político, chacinando cidadãos desarmados e indefesos. Para punir o bandido Mário Cunha, que armou com seu próprio revólver a mão do assassino do camponês Abdias da Rocha. Toda essa corja de malfeitores tinha praticado quatro homicídios. E os corpos dos heróis tombados, lá estavam estendidos no meio da rua, marcando com seu sangue as caras patibulares dos assassinos. Toda essa corja tinha levado a efeito pelo menos treze tentativas de homicídios: na minha pessoa, em Hélio Santana Alves e em Santos Rodrigues. Tinha ferido pelo menos o vereador Solon Pereira Neto e Ataídes Lima. Tinha-se desdobrado em violências, em atentados contra os direitos eleitorais e às elementares garantias

²¹⁷ *A defesa de Lucio Soares Neto e uma vigorosa acusação aos criminosos e desmascaramento da farsa policial. (Continuação IV Capítulo).* Unidade. Santana do Livramento, 20 de janeiro de 1951. Pg.2.

²¹⁸ *A defesa de Lucio Soares Neto e uma vigorosa acusação aos criminosos e desmascaramento da farsa policial. (Continuação V Capítulo).* Unidade. Santana do Livramento, 24 de março de 1951. Pg.1.

constitucionais; tinha prendido cidadãos e praticado os mais tremendos abusos, inclusive com os corpos já sem vida de suas vítimas.²¹⁹

As razões para acusar os mandantes do crime Lúcio as tinha de sobra, e com detalhes que não deixavam dúvidas sobre os mandantes não mais “ocultos”, já que os operários demitidos um ano antes pelo frigorífico, agora assassinados, formavam fileiras junto aos demais companheiros que nos jornais do partido denunciavam o arbítrio e desmandos da classe patronal contra os trabalhadores, fossem da fábrica, das padarias, do comércio ou dos estabelecimentos rurais. Além disso, mantinham inalterada uma campanha de extrema contundência contra as diretrizes da fábrica naquele período. Anos depois, Lucio iria consentir que errou ao escolher realizar o ato em um momento de extremo confronto, mas não se arrependeria de suas posições, especialmente inspiradas em Lenin, para quem “uma determinada ação avança, ou dificulta a causa da revolução”.²²⁰

3.7 – Unidade, a voz operária da fronteira

As inúmeras lutas e reivindicações cotidianas de trabalhadores e da militância reunida em torno do PCB em Santana do Livramento surgem de forma contundente e objetiva através das páginas do jornal *Unidade*, órgão do partido dirigido por Solon Pereira Neto, as quais iremos analisar nove edições, entre os anos de 1948 e 1951.²²¹ Embora a cidade contasse com outros informativos de cunho comercial que cobriam as pautas cidadinas, o jornal foi pioneiro ao focar as condições de vida de uma expressiva parcela da população, especialmente em bairros periféricos como o Industrial, Wilson, Carolina e Tabatinga. Os temas que vem à tona descortinam também a intensa propaganda que o

²¹⁹ Idem.

²²⁰ SERVICE, Robert. *Lenin. A Biografia Definitiva*. Editora Difel: São Paulo, 2006. Pg.84

²²¹ Acerca das origens familiares de Solon, o historiador Ivo Caggiani escreveria um texto, por ocasião da morte do jornalista, ocorrida em 14 de setembro de 1996, publicado posteriormente em *A Platéia*: “Nascido em Sant’ana do Livramento, a 19 de junho de 1921, era filho de Laudelino V. Neto e de Ana Aldina Pereira Neto. Seu pai, fazendeiro neste município e que pertencia ao aguerrido Partido Federalista, teve participação destacada como Coronel na Revolução de 1923, integrando a “Divisão Santanense”. Sua mãe que era irmã do Coronel João Francisco Pereira de Souza, descendia de militares que tiveram importante atuação nas guerras do sul (...)” CAGGIANI, Ivo. Solon Pereira Neto (1921-1996). Manuscrito datilografado. Acervo Perseverando Santana.

partido realizava de suas principais bandeiras políticas, que a partir de 1948 já se desenrolam sob um ataque constante dos setores oposicionistas e sob a ilegalidade da legenda, fatores que iriam se aprofundar após 1950.²²² Muitas das vezes os textos que nos chegam através destes números avulsos, sem continuidades, nos trazem indícios de disputas em andamento, sejam nas formas de demandas de bairro, pleitos parlamentares, ocorrências criminais ou questões nacionais transferidas para o campo municipal, que se não mostram um desfecho ao menos proporcionam um recorte fiel das lutas travadas naquele momento. Temos aqui dois blocos de números do Unidade, que podem ser divididos entre antes e depois do conflito no Parque.

O primeiro número de Unidade surge em 18 de maio de 1948, reproduzindo um longo texto onde o jornalista Solon Pereira Neto expõe as razões para sua saída das fileiras do PSD na Câmara Municipal e a adesão à causa comunista, o que causou grande impacto nos meios políticos não só municipais, mas com repercussão no estado e na imprensa nacional. O gesto, posteriormente seria avaliado como intempestivo e fora de contexto, por companheiros como Perseverando Santana, dado que naquele momento o partido comunista já se encontrava em plena ilegalidade e Solon poderia ainda exercer uma dupla função dentro das fileiras pessedistas. O discurso de Solon, publicado na íntegra, expõe as causas que o levaram a deixar o partido que ajudara a criar no município. A carestia que rondava a vida dos trabalhadores, o desestímulo ao crescimento da indústria nacional, a prioridade às importações mesmo de produtos similares fabricados no país constavam como razões para a desilusão do vereador com a política situacionista. Denunciava um “plano ordenado, cuidadoso, e que está sendo eficientemente aplicado, para acabar, para destruir a nossa indústria, pelo menos como indústria nacional, como indústria independente, como indústria brasileira, em seus capitais e em sua produção”.²²³ Somava-se a isso, nas alegações de Solon, a crise da energia elétrica no Estado, onde a empresa concessionária norte-americana insistia na construção de uma usina movida a petróleo, em detrimento do carvão, matéria prima abundante na região. Por outro lado, a campanha pelo monopólio

²²² Assim como o Tribuna do Povo, o Unidade seguia a visão prioritária e de ferramenta organizativa que o papel da imprensa desempenhava para a divulgação das ideias do partido. A posição leninista de colocar os jornais como ferramentas organizativas, no sentido de unificação ideológica e de luta, é tomada aqui como proposição central. Assim, a direção do jornal atuava como um órgão essencial do partido, atuando junto a seu comitê central. Apud: CANUTO COSENZ. Apoena. Um partido, duas táticas: uma historia organizativa e politica do partido comunista brasileiro. Dissertação de mestrado. Biblioteca Digital USP, São Paulo, 2012.

²²³ *O discurso do vereador Solon*. Unidade, 18 de maio de 1948. Santana do Livramento. Pg1.

estatal na exploração do petróleo colocava o vereador ao lado do grupo nacionalista, onde os comunistas exerciam forte influência. Finalmente, mas não por último, a luta contra o imperialismo econômico e adoção das idéias revolucionárias que tinham na emancipação do proletariado a sua finalidade, são elencadas como as causas maiores de seu desligamento do PSD e adesão às idéias propagadas por Luis Carlos Prestes. No discurso de ruptura, Solon faz questão de afirmar que ainda não tinha ligações com o Partido Comunista, vítima do imperialismo, “maior inimigo de nosso progresso”, e por isso “jogado às catacumbas”, mas que não teria dúvida em procura-lo, “onde quer que ele esteja”. Aos companheiros de bancada, a afirmação certamente soava como bravata, já que era visível a crescente aproximação do vereador com as idéias defendidas por Lúcio Soares Neto e o grupo por ele liderado.

O Unidade surge sob o patrocínio de militantes comunistas e simpatizantes. Pantaleão Corsino (Armazém Corsino, do Bairro Industrial), Pedro Machado Soares (oficina mecânica situado à rua Uruguai), Perla del Longo (Armazém Internacionale, Rivera), Manoel Rodrigues (Armazém Tamandaré, Livramento), Pedro Gabi (Vulcanizadora Brasil), Achylles Alves (Estabelecimento As Acacias), Confeitaria Aragonez e o escritório de advocacia de Lúcio Soares Neto, dão o impulso inicial ao jornal. Afora a pauta nacional, destacada com ênfase em reproduções de reportagens dos jornais Imprensa Popular – criado em substituição ao Tribuna Popular, duramente reprimido após a cassação do partido - e A Classe Operária; onde a tônica das reportagens destacava a repressão do governo Dutra aos movimentos populares, o primeiro número do Unidade trazia à tona a questão da concessão do transporte público na fronteira, fato que já havia sido debatido na Câmara de Vereadores. A reportagem denunciava a falta de transparência da prefeitura municipal ao escolher a empresa ligada ao empresário João Tlustack como vencedora de uma concorrência pública nebulosa. O primeiro fato negativo ligado a essa decisão foi o afastamento da empresa Lara, uma companhia de Rivera que exercia um transporte binacional, e concorria com a Tlustack, agora monopolista do transporte na cidade. O jornal anota que o afastamento da empresa que atravessava ambas as cidades passou a encarecer o transporte, acabando com as comodidades do tráfego internacional, além de deixa-lo muito mais demorado, devido a baldeações. Mas o que a notícia nos traz de efetivamente novo diz respeito a organização dos trabalhadores do bairro industrial e a

repressão desencadeada contra suas lideranças, em favor da empresa de transporte, fato que foi escassamente relatado nas atas pesquisadas da Câmara de Vereadores. A certa altura do texto, reporta o Unidade:

(...) Também na sexta-feira entraram a trafegar no Bairro do Armour os ônibus da Empresa Tlustack. Esta empresa, seja dito de passagem é muito mal vista pelos trabalhadores do Frigorífico que já sentiram no próprio bolso a exploração de que a mesma é capaz. Todos recordam a tentativa de aumento que procurou fazer João Tlustack, no preço das passagens para o Armour, pretendendo subi-las de 0,50 para 1,00, e de 1,00 para 2,00 – alegando para isso, prejuízos astronômicos. A pretensão do dono da empresa, também é do conhecimento público foi encarnadamente defendida pelo vereador do PSD, sr. Jarbas Pinheiro, que chegou a argumentar trazendo a plenário balancetes que lhe eram fornecidos pela firma interessada. Na base deste encarecimento foi concedido o aumento pela maioria da Camara Municipal, que desta maneira vinha a favorecer um particular ganancioso contra a população de um bairro operário.²²⁴

A repressão aberta da polícia, a falta de sintonia dos vereadores com as aspirações populares do bairro industrial e a manipulação dos números da Tlustack em busca de mais lucros são denunciados por Solon Pereira Neto. Ele narra a organização de uma comissão de transportes, organizada pelo vereador Amaro Gusmão e o sindicalista Felício Corrêa, responsável pela reação dos trabalhadores, enfrentados com gestos de arbítrio promovidos pelo “sindicato ministerialista” do frigorífico, propondo ao final a organização de uma associação livre dos trabalhadores, boicotando assim o “sindicato divisionista” instalado.

Os trabalhadores protestaram contra o aumento, procuraram vir em passeata até a cidade, e todos se recordam do aparato bélico que então entrou a funcionar. Centenas de soldados postaram-se na estrada para evitar o desfile e até o comandante da Brigada esteve participando desta repressão contra os justos direitos e anseios dos trabalhadores. Estes não esmoreceram e fizeram o boicote à empresa. Ninguém embarcou mais em seus ônibus. Nesta altura os vereadores Solon Pereira Neto e Lúcio Soares Neto, obtiveram que a Camara concedesse a liberação dos transportes para o Armour e, com isso pôde entrar a empresa Lara, fazer a exploração da linha, á razão dos preços anteriores ou seja 0,50 e 1,00 – desmascarando assim, na prática as manobras de João Tlustack e a capitulação da Câmara que concedera aumento desnecessário. (...) Para a entrada de Tlustack na linha entrou em ação todo o aparelho da reação. Desde a polícia, que não permite que os líderes operários se dirijam ao povo, até os pelegos do Sindicato, de revólver em punho procurando intimidar os trabalhadores e as operárias para que embarquem nos ônibus. Esta é, pois uma grande experiência para a classe operária do Armour. Mostra que ela necessita o quanto antes aniquilar o Sindicato ministerialista. Organizar a Associação livre de trabalhadores para que esta, com uma diretoria eleita que represente os interesses da classe, venha imediatamente a tratar o problema dos transportes, apoiada pela união de todos. E que todos os operários como preliminar para a

²²⁴ *O problema do transporte para o povo só será resolvido por uma ASSOCIAÇÃO LIVRE*. Unidade, 18 de maio de 1948. Santana do Livramento. Pg.4

formação da Associação livre, devolvam as carteirinhas sindicais e deixem de contribuir para o sindicato divisionista que existe atualmente.²²⁵

O exemplar de 4 de outubro de 1949 ainda traz os reflexos das ações que atingiram o bairro durante os eventos de abril, quando a greve de dois dias surpreendeu os “misters” e reforçou a organização dos trabalhadores e o protagonismo dos vereadores, sob a influência de Amaro Gusmão, Lúcio Soares Neto e Solon Pereira Neto. Tratava-se agora de desmobilizar o grupo comunista em suas tentativas de ocupar espaços. Para demonstrar isso, o *Unidade* trazia uma denúncia de desestabilização da classe operária, que estaria sendo forjada nos gabinetes da fábrica, além de duas outras reportagens que mostravam a penúria do comércio local e a tentativa de penalização dos pequenos e médios produtores rurais, através de um projeto de lei apresentado pelo executivo municipal. Sobre os ombros dos trabalhadores do frigorífico recaía desta vez uma ameaça de neutralização da cooperativa dos operários, criada nas cercanias da fábrica e que tinha por objetivo dar apoio aos trabalhadores em época de safra seca e aos mensalistas, contratados sob salários mais baixos e sem benefícios trabalhistas. A ofensiva contra a cooperativa, denunciava o *Unidade*, consistia em trazer para dentro da fábrica a associação, diminuindo assim a independência dos trabalhadores em se organizar livremente e gerir suas demandas. Conforme o jornal, os gringos estariam mobilizando os pelegos e associando-os à cooperativa para poder dominar. Com o objetivo de levar a cooperativa para dentro da fábrica, estariam circulando listas para colher assinaturas, “nas mãos de conhecidos carrascos da classe operária, e os métodos usados para fazer os operários assinarem vão desde a intimidação até as ameaças de serem despedidos se negarem a assinar a lista”.²²⁶ Depois da greve de abril, os mandatários da fábrica certamente temiam pela reorganização das lideranças comunistas em postos privilegiados da atividade operária. Conforme o *Unidade*, as mudanças que estavam sendo implementadas visavam desestabilizar a cooperativa. Com o estilo peculiar de dar “nome aos bois”, o jornal estampava:

²²⁵ *Idem.*

²²⁶ *Mais uma manobra dos gringos contra a classe operária.* *Unidade.* Santana do Livramento. 4 de outubro de 1949. Pgs.4,3.

(...) Foi aumentada a cuota de 200,00 para 500,00. Um operário que antes descontava 10,00 por mês, terá de descontar 50,00 de seu miserável salário, como dizem os gringos para reforçar a Cooperativa. Reforçar sim, mas a custa do suor dos trabalhadores. Será que a Cooperativa dentro da fábrica beneficiará a explorada classe operária do Armour? Não! Em primeiro lugar quem quer levar para dentro da fábrica a Cooperativa? São os trabalhadores? Não; quem está interessado são os mesmos que despediram, atirando na miséria, oitenta e tantos trabalhadores que lutavam por mais um pouco de pão. São estes mesmos que pagam um salário de 3,00 a hora as operários que estão trabalhando na construção, são os mesmos que tiram os dez minutos de descanso dos trabalhadores do “taller” procurando liquidar com as últimas conquistas da classe operária. Como a Cooperativa da Swift de Rosário, esta se for dentro da fábrica, virá beneficiar não os operários que ganham uma miséria, e sim os Brown, os Bertoldi, os carrascos dos operários como os Arduvino, Arancíbio e outros tantos lacaios imperialistas.²²⁷

A estratégia de enfraquecimento dos operários, denunciava o jornal comunista, somava-se a desarticulação, promovida pela polícia, de uma célula do partido no bairro, o Centro Monteiro Lobato, que encampava no município a campanha contrária ao anteprojeto do Estatuto do Petróleo. Em resposta, o Centro Municipal de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional endereçou ao general Raymundo Sampaio, célebre defensor do monopólio estatal do petróleo e minerais radioativos, um convite para que visitasse a cidade. No plano internacional, a edição trazia a notícia da recente proclamação da República Popular da China pelo dirigente do partido comunista, Mao Tse Tung, e chamava para um festival cinematográfico que aconteceria em Rivera em prol da Espanha Democrática, e em repúdio ao reatamento pelo governo Dutra das relações diplomáticas com o ditador Franco.

Na Câmara Municipal, Solon e Lúcio Soares Neto travavam uma luta desigual contra a bancada majoritária do PSD, a favor de emendas que reduzissem as disparidades propostas por um projeto de lei que criava a “taxa de rodagio”, tributo rodoviário onde todos os proprietários territoriais de frações maiores de 25 hectares teriam de pagar um valor de oitenta centavos por hectare. O projeto, conforme os vereadores, desnudava a “existência do dedo gigante dos latifundiários tocando a moleira do poder executivo”.²²⁸ A jogada, conforme anotava o *Unidade*, consistia em igualar o valor da taxa que seria paga “por 146 felizardos que usufruem de dois terços da fortuna total do município” ao desembolsado por 1.690 proprietários com áreas de até 1 mil hectares. Em contraposição, a “bancada de Prestes” propunha isenção da taxa rodoviária aos proprietários de até 1 mil

²²⁷ Idem.

²²⁸ *Os homens das classes dominantes visam espalhar uma cortina de fumaça sobre seus privilégios.* Idem. Pg.4

hectares. Para as propriedades de até 2.500 hectares, a cobrança de Cr\$ 3,00 por hectare; de 2.500 a 4.500 hectares seria cobrado Cr\$ 3,50 por unidade agrária e propriedades superiores a 4.500 hectares pagariam Cr\$ 4,00, respectivamente, conforme a emenda dos vereadores comunistas.

Quatro meses após esses acontecimentos, o exemplar que saiu às ruas em 24 de fevereiro de 1950 repercute e aprofunda as propostas revolucionárias que iriam afunilar no manifesto de agosto daquele ano. Através de notícias que reuniam a situação dos trabalhadores no frigorífico e na campanha, a falta de assistência à saúde nos bairros periféricos e a caótica situação do transporte coletivo, o Unidade aporta a solução possível, com a encampação da fábrica e a adesão dos trabalhadores de amplos setores à luta do partido. De acordo com esse diagnóstico, um caso exemplar que demonstrava a extrema dependência da cidade e todo o setor produtivo aos desígnios do frigorífico foi o adiamento da safra de matanças, que ainda em finais de fevereiro não tinha sido iniciada. Solon Pereira Neto, Aladim Rosales e Hélio Santana Alves dão o tom de indignação e revolta ao exemplar que chegava às mãos dos trabalhadores. Solon abria a edição com um texto de enfrentamento aos industriais do Armour, seguido por um artigo de Aladim Rosales, que finalizava com palavras de ordem pedindo trabalho e a nacionalização da fábrica. No esforço por assinalar os males causados pelo efeito centralizador da fábrica e seus humores sob a economia local, a “nefasta” união com os grandes fazendeiros sob a penúria de pequenos e médios proprietários rurais, Solon escreve:

(...) A situação de crise que atravessam, atualmente, o comércio e pecuária, o aumento do desemprego e o empobrecimento cada vez maior da população é o resultado da nossa dependência à maior dessas empresas, o Frigorífico Armour. Sabendo-se que a pecuária é o ramo principal da nossa economia e que o Frigorífico Armour é o estabelecimento capaz de industrializar toda nossa produção pode-se constatar perfeitamente, que essa empresa imperialista domina não só a nossa principal fonte de renda, como também as demais atividades em nossa terra, já que estas últimas são dependentes da primeira. Um fato que comprova essa nossa afirmativa é o caso da abertura da Safra deste ano. Os gringos do Armour numa manobra para a baixa do custo da produção (Mão de obra e matéria prima) até o presente não determinaram a data e preços para o início da próxima safra e, para lançar a confusão nos fazendeiros (pequenos e médios), e tornar mais aflitiva a situação das famílias trabalhadoras, os porta-vozes dessa companhia lançam o boato de que talvez o frigorífico não faça safra este ano e se o fizer será muito pequena e a preços muito baixos. Isso faz com que os lacaios do Imperialismo em nossa terra, os da reunião há poucos dias denunciada por este jornal, os grandes latifundiários e capitalistas, os Chico Flores, os Alborno, os Antonicos, os Guerras e outros se lancem na “salvação” dos pequenos fazendeiros que necessitados e assustados com as notícias de preços baixos se entregam a esses tubarões. Enquanto isso a companhia espera que

se agrave mais ainda a situação para então anunciar o início das matanças e aparecer como uma beneficiadora da classe operária dando emprego aos desempregados.²²⁹

O redator do *Unidade* afirma que o início da matança daquele ano se transformara em uma exigência dos trabalhadores e da população em geral. Para solucionar o impasse, propunha uma grande demonstração de massas, unindo os trabalhadores dos bairros Industrial, Carolina e Wilson, através de uma passeata que exigisse o início da safra e “se necessário for”, ocupasse as dependências da empresa, levando o movimento até a encampação da fábrica. O tom político agressivo, de ocupação e encampação da fábrica, ganhava ênfase com o artigo publicado também na primeira página, assinado pelo porta-voz dos trabalhadores, Aladim Rosales.²³⁰ A dependência da comunidade local ao início da safra é relatada por Aladim, que demonstra como o atraso mergulhava “operários, pequenos e médios pecuaristas, pequenos e médios comerciantes” em “um caos econômico sem precedentes”. O método de iniciar a safra “na última hora” assegurava, já vinha se repetindo nos últimos anos e significava a necessidade cada vez maior de trabalho para uma população que dependia diretamente da fábrica para sobreviver. Por outro lado, os pequenos e médios produtores, sem créditos bancários, chegavam ao limite de oferecer o gado pelo preço que conviesse aos grandes pecuaristas ou ao frigorífico. Aladim ainda acrescenta outros elementos na equação:

(...) O frigorífico estrangeiro sabe perfeitamente que para abater 60 ou 70 mil rezes três meses bastam e que terá como sempre abundantes lucros matando quase que exclusivamente para congelados e diretamente para a exportação (...) Com razão o gerente do Armour um dia disse aos trabalhadores que como Comissão Sindical representavam todo o operariado da fábrica, e que lhe exigiam aumento de salário, que o frigorífico não veio aqui para perder “plata”. Ele contestava assim ao argumento da Comissão que lhe expunha ser impossível ao frigorífico negar um miserável aumento a seus operários quando somente num ano, o ano anterior a esse fato, o frigorífico tinha obtido “apenas” quarenta e quatro milhões de cruzeiros de lucro líquido.²³¹

O líder do Armour chamava uma união de forças, onde ao final, “cumprido o papel histórico das gerações brasileiras”, o frigorífico viria a ser nacionalizado e dirigido por um governo popular, através de um comitê de fábrica. O tom de levante popular e revolucionário também é reproduzido no artigo assinado pelo militante Hélio Santana

²²⁹ *OS NEFASTOS Efeitos Causados Na Economia Municipal Pela Companhia Armour*. *Unidade*. Santana do Livramento. 24 de fevereiro de 1950. Pg.1

²³⁰ *Pelo início imediato da safra de matanças*. Idem. Pgs.1, 2

²³¹ Idem. Pg.2.

Alves, colaborador incansável do partido e proprietário de uma pequena engarrafadora no bairro da Tabatinga. Reportando a urgência da luta pelos peões e pequenos arrendatários do interior do município, Hélio conclamava: “Trabalhador das granjas Elwanger, Cassales, Nico Silveira, Pedro Menezes e outras! Quem tem coragem para viver como tu o ano todo com o barro até a cintura, com frio, fome e nú, deve ter coragem ainda maior de defender o seu direito de sobreviver”.

A 16 dias do conflito que deixaria quatro homens mortos em frente ao Parque Internacional, o exemplar número 98 do Unidade é lançado às ruas, em uma sexta-feira, 8 de setembro. A edição reproduz, como em números anteriores, denúncias do descaso do poder público municipal com a situação dos mais pobres, fato que confere ao jornal uma posição de destaque na cobertura dos graves problemas sociais que assolavam o município. O grande ponto distintivo desta edição, no entanto, é a radicalização do discurso de enfrentamento com os industriais do frigorífico e os grandes fazendeiros, e um chamamento à luta revolucionária, expressa no Manifesto de Agosto. A tomada de poder pelo proletariado, de acordo com o texto de Prestes, pressupõe a eleição dos candidatos emparelhados com a FDLN – Frente Democrática de Libertação Nacional, o que não deixa de conter uma incoerência ou contradição, já que o partido pregava o voto em branco nas eleições presidenciais, ao mesmo tempo em que defendia a eleição de seus candidatos por outras legendas, reafirmando assim uma combatida ordem democrática burguesa. Lúcio Soares Neto toma à frente da edição em uma análise do manifesto e suas relações com as eleições de 3 de outubro no município, onde desacredita a luta democrática através de eleições presidenciais, e propõe um enfrentamento, com desdobramentos revolucionários. Após desabonar e igualar a atuação dos partidos na Câmara de Vereadores – a exceção do PSP – como contrária aos interesses dos trabalhadores, a exemplo do que aconteceu na greve do Armour e na oposição ao imposto das indústrias e profissões, Lúcio aprofunda o teor de confronto contra o frigorífico e os latifundiários, que chama de “donos da vida”. A solução, adianta, seria pela força.

(...) A solução está na saída revolucionária, com a mudança de regime, com a expulsão do poder, das apodrecidas classes dominantes de latifundiários e capitalistas ligados ao imperialismo como Getúlio, Brigadeiro e Cristiano, - e a sua substituição por um governo revolucionário, emanção direta do povo e legítimo representante do bloco de todas as classes e camadas sociais, hoje exploradas e oprimidas. Um governo que, no município de Livramento, por exemplo, expulse os gringos do Armour, nacionalize o frigorífico e ponha-o debaixo do

controle de seus operários e empregue seus lucros no melhoramento das condições de vida do trabalhador.²³²

Se para o frigorífico a saída revolucionária preconizava a encampação e tomada de poder por parte de uma autogestão operária, aos grandes fazendeiros e principais produtores rurais do município, a luta previa o confisco das terras – e aqui o texto não se refere a desapropriação com pagamento de indenizações – deixando mais uma vez o confronto aberto como horizonte. Prossegue Lúcio,

(...) Um governo que confisque as terras dos atuais grandes latifundiários locais dos americanos do Armour, e as distribua gratuitamente aos camponeses sem terra, acabando com a exploração das amplas massas camponesas. (...) Está claro que tal governo não chegará com eleições, mas somente através de lutas de massas cada vez mais altas e vigorosas.²³³

A ampliação da voltagem política a poucas semanas da eleição faz com que Lúcio, talvez valendo-se de uma linguagem figurada, ou seja, expressando algo não literal, use o termo “tercendo”, uma corruptela do verbo “terçar” que pode significar também “cruzar em armas”.

(...) É compreendendo isto, que nós participaremos nas eleições de três de outubro com um novo espírito, com um espírito revolucionário, **tercendo** armas com todos os blocos e partidos da classe dominante, desmascarando demagogos e apresentando nosso programa revolucionário, o programa da Frente Democrática de Libertação nacional.²³⁴

A edição transita por uma ambiguidade latente, ora entre a solução revolucionária, ora parlamentar. Um artigo do poeta baiano Aydano do Couto Ferraz reforçava o tom impreciso: “o voto é um direito do povo e nos momentos como o que vivemos a passividade é um crime. Não podemos perder um instante sequer para golpear o inimigo. Para isso devemos desencadear lutas, fazer planos de lutas e organizar o povo em torno desses planos”.²³⁵ Em destaque uma reportagem que denunciava as condições de miserabilidade e opressão dos trabalhadores santanenses, enfocados desde o ponto de vista de uma família que passava fome “a poucos passos das câmaras frigoríficas do Armour”, onde 40 mil reses aguardavam o envio para a Guerra da Coreia. Neste sentido, o jornal estampava na primeira página as supostas vitórias do “exército popular da Coreia”,

²³² *O Manifesto de Prestes e as eleições de três de Outubro*. Unidade. 8 de setembro de 1950. Santana do Livramento. Pgs. 1, 2.

²³³ *Idem*.

²³⁴ *Idem*. *Ibidem*.

²³⁵ Não podemos cruzar os braços. Unidade. 8 de setembro de 1950. Santana do Livramento. Pgs. 1, 2.

colocando-se frontalmente aos desígnios políticos dos industriais do frigorífico. A oposição à guerra, e o fato dos alimentos que iriam prover as tropas norte-americanas estarem ali acondicionados, se constituía como mais um elemento explosivo no enfrentamento entre os militantes comunistas e os industriais.

A matéria de capa da edição trazia a história de João Santana, ex-operário, que em 1931 foi golpeado por duas roldanas com grandes partes de boi, mas que nunca recebeu indenização por ter um laudo médico contrário. Aparte isso, João teria vivido 14 anos como agricultor em terras de um amigo, onde criou 10 filhos. Com a morte do amigo foi expulso das terras, ficando a errar com a esposa e os filhos, alguns deles doentes, vivendo nas beiradas da fábrica, a exemplo de outras famílias empobrecidas da região. “A justiça de classe tem dois gumes, o de cera para os poderosos e o de aço para os fracos”, sentenciava o *Unidade*, propondo: “a solução é a tomada do frigorífico e a distribuição de carne entre a população faminta”.²³⁶

Finalizando a última edição que nos chegou às mãos antes da chacina, o jornal mostra o descaso do poder público municipal com cerca de 100 pessoas atacadas pela tuberculose em uma área rural. Os camponeses, segundo o jornal, seriam provenientes de um “povinho de ratas”, ou seja, um núcleo rural, como tantos outros, que aglomeram peões, cozinheiras, trabalhadores rurais que buscam um lugar para se estabelecer com a família, expulsos das grandes fazendas após se casarem e que assim criam novos povoados. Cerca de 32 trabalhadores chegaram até a cidade em um caminhão e tiveram de voltar pelo mesmo caminho, sem atendimento médico. Mais uma vez o jornal fazia a ligação da miserabilidade social com a abundância localizada: “Preciso é que se saiba que esses povoados se localizam, geralmente, nas divisas dos grandes latifúndios, onde existe super abundância de produção para serem vendidas aos frigoríficos estrangeiros e destinados a exportação. É um contraste, mas é a verdade”, publicava o editor do *Unidade*.²³⁷

Poucos meses após o massacre do Parque, na edição nº 108, de 20 de janeiro de 1951, já sob a direção de Ary Saldanha e com Solon Pereira Neto recém saído da prisão, o jornal dividia as notícias publicadas em suas quatro páginas entre temas nacionais que permeavam as diretrizes revolucionárias do partido, com os assuntos eminentemente locais,

²³⁶ A tragédia de uma família camponesa. *Unidade*. Idem. Pgs. 1, 3.

²³⁷ *A tuberculose invade os campos*. Idem. Pg.4

onde o enfrentamento aos pecuaristas, grandes empresários e políticos permanecia como norte. Some-se a isso, o ataque sistemático aos mandantes da polícia local, cuja pecha de corrupta dava o teor das reportagens oriundas de fontes populares nos bairros. A manchete principal saudava a passagem de mais um aniversário de Prestes, informando os acontecimentos ocorridos no sempre festejado dia 3 de janeiro. Em Uruguaiana, bandeiras vermelhas foram hasteadas em colégios e até mesmo no mastro da prefeitura local, desafiando “até as 10h da manhã” os poderes policiais, tendo em vista que em frente ao prédio público situavam-se a delegacia de polícia e o Quartel General da 2ª Divisão. Em Porto Alegre, o jornal informava que “um grupo de patriotas lançou uma verdadeira saraivada de bombas e foguetes de parede contra a dependência do consulado norte-americano”, finalizando a matéria com a menção aos ataques sofridos em Recife pelo jornal “Folha do Povo”, da rede de imprensa popular do partido.²³⁸ A primeira página ainda destaca o recente Manifesto de Prestes, no que trata das “liberdades democráticas para o povo” e pede o fim do anteprojeto da Lei de Segurança, acusado de cercear as liberdades populares e estabelecer um estado totalitário, a exemplo do que já estaria acontecendo, nos ataques sucessivos à liberdade de imprensa.²³⁹

O enfrentamento aberto entre as ideias defendidas no *Unidade* por Solon e Ary, junto a seus colaboradores, não deixava dúvidas sobre os alvos a serem denunciados a cada edição: empresários inescrupulosos e a conduta corrupta da polícia. Uma pequena nota no centro da página 2 avisava: “Unidade não vive de anúncios, não recebe ‘coima’ de jogo, não passa contrabando e não recebe nada dos gringos do frigorífico Armour. Defende o povo e a explorada classe operária, os quais devem ampara-la”. A segunda página dessa edição abre com a defesa de Lúcio Soares Neto, abordada anteriormente, seguida de denúncias sobre corrupção policial, carestia no sistema de transporte público e uma homenagem do poeta Mário Santana ao líder Santos Soares, recentemente falecido. A corrupção envolvendo setores da polícia e da prefeitura municipal é denunciada através de um fato inusitado ocorrido no bairro periférico da Tabatinga, onde o carro da Assistência Pública chegou sob estridente apito, assustando aos moradores que “se encontravam em silêncio, fazendo as refeições da noite”. Ao acorrer para o local onde chegara a ambulância,

²³⁸ *Como foi comemorado o dia 3 de Janeiro*. *Unidade*. Santana do Livramento, 20 de janeiro de 1951. Pg.1

²³⁹ *Abaixo a Lei de Segurança – Lei de Guerra*. Idem. Pg.1

a vizinhança alarmada verificou que o doente era nada mais que “uma bolsa de açúcar”, trazida no carro da Saúde para um comerciante local. Após descrever o fato, o redator sentenciou:

(...) Mas isso de agora é de muito tempo. Ela já contrabandeava bananas e outros artigos para o esfomeado, bandido e lacaio Zacarias. Pois bem para carregar mercadorias e contrabandos está a assistência a disposição dos negociantes e contrabandistas de Santana, mas para atender aos doentes sem recursos surge uma série de dificuldades, ordens da delegacia, ordem daqui, ordem dali, falta isto, falta mais aquilo e quem precisa da assistência tem que andar de um lado para outro, esperando e perdendo um tempo enorme. Mas, para contrabandear, fazer fretes, ganhar gorjeta para assassinos policiais não existem essas dificuldades, basta mostrar “as pelegas” e já a assistência sai voando e alarmando toda a cidade.²⁴⁰

A opressão policial deflagrada contra os trabalhadores a partir dos acontecimentos de 24 de setembro no Parque denunciava o *Unidade*, repetia-se por toda a cidade, tendo feito mais uma vítima no bairro São Paulo, quando um cabo baleou um jovem operário, após uma breve discussão em uma corrida de cavalos.²⁴¹ Um fato positivo em meio ao ambiente de confronto foi a libertação, depois de três meses e meio de prisão, do jornalista Solon Pereira Neto e o operário Patrocínio Braga, detidos na ocasião da chacina. Ainda assim, Hélio Santana Alves e Lúcio Soares Neto permaneciam em situação indefinida no Uruguai. Hélio, especialmente, preso em Montevidéu, onde permaneceria por oito meses após a detenção. De Rivera, Lúcio aprofundava as críticas aos latifundiários do município e retomava a luta pela ocupação das terras que circundavam o frigorífico, em disputa nos últimos anos. Para ele, de nada adiantava aos camponeses empreender negociações com o governo estadual, tendo em vista que nem mesmo parte das terras desapropriadas e destinadas a uma redistribuição entre os trabalhadores tinham sido encampadas. Portanto, só a ocupação efetiva da área surtiria efeito pela posse da terra. Nas páginas do *Unidade*, Lúcio relatava a situação da antiga luta fundiária:

Há cerca de seis anos o latifundiário Irulegui e os gringos do Frigorífico Armour iniciaram várias ações de despejo, com o objetivo de atirar no corredor um número regular de camponeses afamiliados, que arrendavam pedaços de terra na chamada “Estancia Armour”. Procurado pelos camponeses para defendê-los, expliquei a realidade das nossas leis, feitas pelo governo de latifundiários e francamente protetores dos interesses dos senhores da terra, dos capitalistas e imperialistas do Frigorífico. Um dos camponeses, João Gomes - por exemplo, trabalhara cerca de trinta anos naquelas terras, entregando ao latifundiário e depois aos gringos do Armour, quarenta por cento da colheita, isto é, acima do lucro que poderia amealhar para os dias futuros. Como consequência, João Gomes, quando foi me procurar tinha cerca de setenta anos, sua

²⁴⁰ *Assim são os assassinos. Gorjetas e contrabandos: uma denúncia que nos vem da Tabatinga.* Idem. Pg 2.

²⁴¹ *Polícia de Bandidos.* Idem. Pg 3

família composta por mulher e muitos filhos passara a vida escravizada na rabiça do arado, como ele, na lavoura, e ao cabo, nada tinham de seu. Estavam sem qualquer direito, na iminência de serem despejados. Esta era, com pequenas variantes, a situação de todos os camponeses da “Estancia Armour” (...) ²⁴²

As orientações de Lúcio, de oposição às determinações “legais” originaram, dois anos antes, um movimento de organização dos camponeses, a Sociedade de Agricultores do 1º Distrito. Junto a ações mais enérgicas, de defesa dos seus direitos e enfrentamento aberto contra grileiros e capangas ligados a latifundiários da região, lograram que a bancada comunista na Assembléia Legislativa incluísse um dispositivo constitucional que garantia o direito da posse de terra a cerca de 100 camponeses que viviam na localidade. Junto às ações parlamentares, um grupo de 10 pessoas, entre operários e camponeses invadiram terras que estariam devolutas e ali ergueram ranchos. Conforme o relato de Lúcio, a ação só não teve pleno êxito porque “a massa de operários e camponeses pobres não estava preparada, vacilou e não secundou a ação dos pioneiros, deixando-os isolados e assim, alvo da fúria assassina de Zacarias, já naquela época”. Em fins de 1948, a uma semana da ocupação, policiais queimaram os ranchos. O gesto, porém, teve grande repercussão, obrigando o governo de Walter Jobim a adquirir terras junto ao proprietário oficial, chamado pelo jornal comunista de “o latifundiário Irulegui”. O negócio, no entanto, foi denunciado como uma desapropriação que nunca foi efetivada, permanecendo as terras sob o mando de grandes fazendeiros que utilizavam o local para colocar o gado, deixando os agricultores jogados de um lado para outro. O descaso do governo com a situação foi usado por Lúcio como exemplo da impossibilidade legal para a resolução do impasse. Dessa maneira, o ex-vereador e líder comunista passava agora a sugerir pelas páginas do Unidade a revolta, união e organização das massas camponesas. Segundo os números vigentes entre os comunistas, cerca de 22 mil pessoas estariam vivendo no campo, a grande maioria sem terra para trabalhar. A solução seria ocupar imediatamente as propriedades de 150 “senhores feudais” que monopolizariam dois terços da área total do município.

Das páginas do jornal, Lúcio acusava grandes fazendeiros locais e sugere a invasão das terras, “dos Chico Flores, dos Victorino, dos Guerra, dos Paiva, e tantos outros”. A solução revolucionária proposta por Lúcio, afinada com o Manifesto de Agosto, deveria conter a formação de comitês de libertação nacional e a ocupação do latifúndio. Citava

²⁴² *Ocupação imediata da Estancia Armour*. Idem.Ibidem.Pg4.

como exemplo viável para a questão agrária na fronteira as lutas camponesas que se desenvolviam naquele momento em Porecatu, no norte do Paraná, e que se somava a outras revoltas que envolviam arrendatários, assalariados do campo e meeiros, onde o PCB se inseria como organizador e braço armado desde 1948.²⁴³ No momento histórico enfrentado pelos comunistas da fronteira, e sob inúmeros exemplos de exploração e impossibilidade de uma redistribuição equitativa de terras e formas consideradas justas de remuneração aos grandes proprietários, a aposta que Lúcio levava adiante recaía menos na tentativa de uma suposta modernização do capitalismo brasileiro, mas na luta aberta contra o latifúndio. Entre a reforma e a revolução, a última alternativa seria a escolhida.

²⁴³ O historiador Caio Prado Júnior discute as ilusões da esquerda marxista quanto a real função dos camponeses na questão agrária nacional, criticando o que considera a utilização de definições apriorísticas, que teriam de ser encaixadas em um modelo pré-definido, ao invés da análise objetiva dos fatos. Critica o que considera uma avaliação dogmática, que considera feudal a estrutura fundiária no país, confundindo relações sociais e econômicas eminentemente europeias, de caráter milenar e sob uma nobreza proprietária da terra, com a colonização capitalista e mercantil que marcou o estabelecimento de empreendimentos rurais agro-exportadores no Brasil. A análise equivocada, segundo Caio Prado Júnior, contribuiria para o isolamento das ações propostas pela esquerda revolucionária. PRADO JR. Caio. *A revolução brasileira*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1978.

Misters, operários e militantes

4.1 - Representações da luta operária na literatura de Arlindo Coitinho

O escritor santanense Arlindo Coitinho contribuiu de maneira efetiva para que pudéssemos preencher algumas lacunas que muitas vezes as fontes documentais analisadas não mostram em sua totalidade. Nessa busca por indícios que desnudassem o que muitas vezes fica disperso ou subentendido em narrativas “oficiais”, podemos visualizar por outro viés o poder – manifesto ou latente - que os “misters” exerciam sobre a coletividade santanense, dos trabalhadores às classes mais altas, como os grandes fazendeiros, detentores de cargos eletivos e também agentes a serviço da repressão.

Essa disputa pela construção de um imaginário e de representações das classes em questão foi incorporada nos jornais e nas narrativas literárias naqueles anos e em décadas posteriores.²⁴⁴ Ex-operário da fábrica, além de exercer uma série de outras atividades ao longo da vida, como a de cronista de polícia na imprensa local, Coitinho soube como poucos retratar a população fronteiriça, relegada às periferias e a um modo de vida peculiar da região. Cambistas, vigaristas, trabalhadores da fábrica, prostitutas, poderosos locais, fazendeiros, nada fugia da fina peneira do escritor, que começou escrevendo crônicas de tom jocoso e caricato, até adotar uma abordagem mais social e política, sem nunca abandonar os personagens fronteiriços. De acordo com a pesquisadora Alejandra Rivero,

(...) A lo largo de sus obras se percibe un desfile de personajes (la mayoría pertenecientes a la realidad fronteriza, transformados en personajes de ficción) los que dan vida a un mundo conformado por la ley del “más vivo”, donde el “abombado” o el “coió” no logran una inserción positiva debido a su ingenuidad e inocencia. En el mundo ficcional de Coitinho se construye una sociedad en la que prima la falsedad del lumpen y el mal vivir de los negocios

²⁴⁴ Bronislau Baczko demonstra que a esfera política se utiliza de representações coletivas como forma de legitimação e exercício do poder. Nesse campo de disputas entre grupos sociais que tentam legitimar-se ou se contrapor a um dado domínio, a construção de um imaginário tem lugar privilegiado nas narrativas literárias. Para Baczko, a criação desse imaginário social está necessariamente ligado a difusão através de meios de comunicação, que seriam os legitimadores de um discurso, seguindo os interesses específicos de um segmento social. BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. Pg.297 - 312.

turbios, la prostitución, el juego y el alcoholismo, actitud literaria que refleja un intento naturalista por demás ortodoxo.²⁴⁵

Se nos livros do início da carreira são os trabalhadores e os desvalidos que transitam nas tramas (e trampas) descritas por Coitinho, seus últimos textos priorizam a luta política de forma mais direta. É dentro de uma perspectiva social que a ação dos “misters” enquanto protagonistas de um enfrentamento aberto contra os militantes comunistas, e as relações dos altos escalões do frigorífico com os operários e a comunidade do bairro industrial, são revisitadas pelo escritor. Se no debate político ambientado na câmara de vereadores e nas narrativas da imprensa udenista, como em *O Republicano*, proliferavam os discursos veementes contra o comunismo e seus tentáculos, nas obras de Coitinho – assim como nos poemas de Mário Santanna a “resposta” a essas construções que relegam a luta dos trabalhadores a uma posição ideológica demonizada, recai sobre os desmandos dos poderosos da fábrica e o direcionamento comunista pela luta anti-imperialista.²⁴⁶ Em *Os Pagos*, lançado em 1956, o poeta e militante comunista Mário Santanna, já expunha a trajetória do homem do campo que é forçado a imigrar para a cidade, onde fica à mercê do trabalho pesado e da exploração no ambiente fabril. Aqui encontramos uma literatura explicitamente ligada ao chamado realismo socialista, onde as relações dos trabalhadores rurais e urbanos estavam envolvidas pelo que definia como a exploração através do latifúndio e do imperialismo.²⁴⁷

Em *O Homem da Coxilha* – o último livro escrito por Coitinho - lançado em 2004, os personagens que ganham a vida em torno da fábrica - antes anônimos no poema de Mário Santanna - agora tem nome e origens claramente identificáveis. A história se desenvolve em torno de Ariel, um jovem oriundo das cercanias do frigorífico, filho de uma família operária que gravita nos contornos da fábrica, e que desde pequeno foi criado como

²⁴⁵ RIVERO. Alejandra. *Arlindo Coitinho y la construcción de la escritura operária*. In: www.celpecyro.org.br. Acessado em 12 de outubro de 2014.

²⁴⁶ A historiadora Márcia Janete Espig considera que as disputas pela consolidação de um imaginário está implícito na criação de uma “ordem social”, definindo-se como um dispositivo de controle da vida coletiva e de exercício de poder. O sucesso dessa dominação simbólica dependerá, no entanto, do controle dos circuitos de produção e difusão dos imaginários sociais pelos poderes constituídos, “sendo eficaz apenas quando se basear naquilo que Baczkó denomina ‘identidade de imaginação’ - ou seja, quando possuir a capacidade de fazer sentido para um determinado grupo social. In: ESPIG. Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela história. *Revista Texturas* n. 9 / nov.2003 a jul 2004 / p. 49-56

²⁴⁷ SANTANNA, Mário. *Os Pagos*. Livramento: Imprensa Editora, Dezembro de 1956

um afilhado, na mansão de um dos diretores do frigorífico.²⁴⁸ Já em *É a Luta Doutor!* ..., editado três anos antes, o escritor narra de forma ficcional as trajetórias do advogado Lucio Soares Neto, sob a alcunha de Doutor Catulo, e do delegado Zacarias, nomeado diretamente e sem assombros, envoltos em uma disputa pessoal.²⁴⁹ Filho de um barbeiro que por muitos anos foi estabelecido bem em frente ao portão da fábrica, entre as décadas de 1940 e 1950, Coitinho viveu a intimidade de operários e capatazes, pela ótica curiosa da criança que acompanhava o pai no salão. Ele sempre lembraria de um episódio, quando o chefe norte-americano chegou ao salão para cortar o cabelo e seu pai pediu para que esperasse a sua vez. “Yo pensar que mi sempre ser o primero”, responderia o mister, contrariado e tomando assento na frente dos clientes.²⁵⁰

Se em ambos os livros de Coitinho sobressai o clima de enfrentamento e o anticomunismo vigente no final da década de 40, como os boatos de que o grupo comunista iria envenenar a água da cidade, é particularmente em *O Homem da Coxilha* que iremos encontrar um perfil psicológico mais aproximado dos misters e também de personagens ligados a comunidade que gravitava em torno da fábrica. No primeiro capítulo o narrador nos conta que o personagem central, Ariel, menino pobre, passou a morar “com os gringos (...) lá pelos sete anos”. Ali ele tomaria contato com os costumes e também os rituais do poder, exercidos pelos norte-americanos. Autoridades vinham sempre ao casarão da família e também pessoas suspeitas, como o homem que descia da coxilha, supostamente um capanga, contratado para os serviços sujos, como a eliminação de adversários políticos. Ambas narrativas deixam implícita a versão de que os dirigentes do frigorífico, em conluio com os latifundiários, seriam os mandantes dos crimes de 24 de setembro de 1950. Na trama vivida por Ariel, Coitinho nos remete ao ambiente excludente e inacessível da casa dos poderosos. Sempre que havia um jantar com as autoridades o menino ia para um canto da sala, onde ficava observando o mister, de voz tonitruante, junto a sua família. A filha, de nariz acaturrado, tinha olhos frios e muito azuis, quase sem expressão.²⁵¹ Se entre a classe alta da cidade os hábitos dos hóspedes das grandes casas de estilo inglês impactavam, conforme vimos no primeiro capítulo, entre os moradores do bairro que

²⁴⁸ COITINHO, Arlindo. *O homem da coxilha*. Porto Alegre, Renascença, 2004.

²⁴⁹ COITINHO, Arlindo. *É a Luta, Doutor!...*. Porto Alegre, Renascença 2001.

²⁵⁰ COITINHO, Arlindo. Entrevista concedida ao autor em 2 de junho de 2009. Santana do Livramento.

²⁵¹ COITINHO, Arlindo. *O homem da coxilha*. Op.Cit., Pg.11

exerciam as mais diversas funções subalternas, as imposições de um estilo de vida abastado e os contrastes culturais que daí se originavam não seriam menores: “A doméstica vendo o mister de pijama e sapatilhas nos pés... – Parece um bailarino...”²⁵² O contraste entre o modo de vida dos trabalhadores do bairro e os dirigentes da fábrica permeia a narração de Coitinho, especialmente na primeira parte do livro, quando o autor exerce a função de porta-voz de um sentimento dúbio em relação aos misters, que perpassava as conversas informais entre vizinhos. Aos poucos uma constatação da desigualdade entre os atores sociais começa a invadir os pensamentos de Ariel, quando em suas visitas à fábrica, passa a ouvir as queixas e demandas políticas que nasciam dos operários.

Não tem dúvidas! Era liga! Um rapaz pobre, nascido pelado, e, de repente, uma virada assim, só podia ser proteção divina, e do Mister... Nos fins de semana, Ariel era convidado para ir na casa dos seus pais, que ficava ali na beira do Cerro. Poucos metros dali. Do alpendre da mansão, Ariel podia constatar o barraco onde viviam seus pais. Via também a máquina preta e barulhenta que vinha pelos trilhos e trazia mercadorias para a indústria. E foi num dia assim que Ariel visitou a fábrica, onde viu alguns homens que conversavam; e ele fez: - Hum! À tarde, ele foi para o pátio do casarão, onde tinha um pinheiro negro. Contemplou, ao longe, os operários da fábrica conversando. – eram assuntos sérios! Sérios....²⁵³

A organização dos trabalhadores na fábrica em torno da pauta comunista, fazia com que o “Mister” demonstrasse todo o seu descontentamento. O que saía das reuniões era levado para o bairro, comentado nas esquinas, nas casas de família, nos bares, na igreja. Ariel sabia sobre o que falavam, “mas deus o livre comentar! E depois, não resolveria...Eles mandavam e não pediam! Soltavam um grito e corria meia dúzia de adulões”.²⁵⁴ Aos poucos, Ariel passa a aderir à causa operária e começa a desvendar os planos que a diretoria do frigorífico teria para desencadear a repressão aberta aos comunistas, com reuniões periódicas com fazendeiros e o chamado “homem da coxilha”.

Tudo ficava transparente! Ariel estava a ponto de desvendar o enigma. Por diversas vezes viu os homens da estância. Se angustiava, perguntando: - Porque os gringos tem tanto poder? O que mais lhe perturbava era o homem que descia a coxilha. Lhe fazia perder o sono. Ficava pensando, pensando...e nada! Voltava a se perguntar: - Porque os gringos tem tanto poder ??²⁵⁵

²⁵² Idem. Pg. 12

²⁵³ Idem. Ibidem. Pg. 13

²⁵⁴ Idem.Pg.18

²⁵⁵ Idem.Ibidem. Pg. 23

Aos poucos, o personagem central de Coitinho demonstra uma crescente consciência de pertencimento a uma classe, que sobrepesa os gestos arbitrários dos detentores do capital e as razões dos trabalhadores. Ariel opta pelas respostas que lhe dá uma consciência reforçada pela desilusão em relação aos gringos, a partir da visão pouco edificante que tinha da condição de seu próprio pai. Some-se a isso um olhar cada vez mais crítico que lançava sobre as desigualdades de classe no bairro, onde os estrangeiros viviam como reis, cercados por quadras de tênis e um suntuoso campo de golfe, enquanto os operários ao redor tinham de contentar-se com a vida em ranchos de lata. Sucintamente, Coitinho apresenta os motivos de Ariel, envoltos por uma subjetividade que toma peso nas entrelinhas da narrativa.

Muito cedo Ariel se desiludiu. Olhava a noite, que já tinha descido. Vê uma carroça e pensa: - Aquele é o meu pai... – O “Turco Rachippe” , que bebia vinho e gostava dum nove. De relancina via os prédios da fábrica, tudo álgido, depois a casinha dos bombeiros, onde, no mês passado, dera-se um homicídio.²⁵⁶

O escritor não se exime de propor culpados pela chacina, quando aponta uma verdadeira conspiração, a unir fazendeiros, os misters e a polícia local, onde desaguaria a corrupção. Aponta também os desmandos que a repressão policial promovia, sem que com isso fossem imputados os culpados por crimes que o autor dá a entender como usuais, dado ao clima de perseguição aberta que rondava os trabalhadores organizados em torno do partido.

Circulava um comentário na cidade, que havia chegado de trem uns policiais, para terminar com os comunistas. Justo quando os militantes estavam em plena evidência (...) A cidade inteira dormia e nem imaginava que um grupo de homens poderia desobedecer as leis. E estava se vendo que não tinham medo!(...) As semanas iam passando e a noite de 24 de setembro estava em cima. Já estavam avisados que a polícia andava armada até os dentes e iria cuidá-los. Comentavam que os dois fazendeiros, aqueles que estiveram na casa do Mister haviam lhes passado uma pontada de dinheiro. Os gringos diziam: - Não queremos que sobre nenhum comunista! (...) andava na cidade um falatório, que os militantes do PCB iriam envenenar a água. Até saiu publicado num jornal da cidade. A reação se organizava e todo mundo só falava nisso. – O quê ? Os postos eram vigiados; um guarda em cada reservatório d’água. – Vai morrer todo mundo... – Isso é coisa de comunista! Até comentavam que ali por perto da sepultura da finada “Maruja”, mataram um que diziam estar comprometido com o atentado..... – Pelas costas... – Uma punhalada... - Foi quando ele saía de um baile no Caqueiro....²⁵⁷

²⁵⁶ Idem. Pg.29

²⁵⁷ COITINHO, Arlindo. O homem da coxilha Op.Cit., Pgs. 30, 31, 33, 34

Embora o autor aponte detalhes da relação cotidiana dos misters com a comunidade operária em *O Homem da Coxilha*, é no livro anterior, *É a Luta, Doutor! ...*, que Coitinho aborda com ênfase a chacina ocorrida em frente ao Parque Internacional. Aqui o escritor prefere alimentar uma hipótese passional, que circulou pela cidade na época e que ainda hoje é defendida por algumas fontes que vivenciaram aqueles dias. Veremos a seguir que essa hipótese não se confirma nesta investigação, ficando relegada a uma afirmação no mínimo especulativa e que encobre os verdadeiros motivos do crime. Coitinho prefere edulcorar a versão de que o advogado Lúcio Soares Neto (no livro transformado no personagem Doutor Catulo) e o delegado Miguel Zacarias (que ganharia o pseudônimo de Zacarias Silveira Bueno) estariam disputando a mesma mulher, e isso teria sido o estopim para o crime, nascido de uma vingança de cunho pessoal. Mostra o delegado, também retratado de “covarde” em *O Homem da Coxilha*, como torturador, corrupto, sócio de casas de prostituição na fronteira e que também “controlava” o jornal local.²⁵⁸

No texto de Coitinho fica explícito o poder de manipulação que os misters detinham entre os agentes públicos, especialmente os ligados a repressão, como o delegado, que obedeceria mais às ordens do diretor do frigorífico do que de seus superiores no governo do estado.²⁵⁹ Reunindo informações de fontes populares, às quais deve os melhores momentos de sua obra, Coitinho pinta o delegado como um homem ambicioso, sem escrúpulos, porém acorrentado a uma condição social que o colocava em eterna inferioridade frente aos detentores do capital na região – os fazendeiros e os misters do frigorífico.

O doutor Zacarias ufanava-se em se sentir no meio deles. Muito embora ele não pronunciasse uma palavra em inglês. Ficava abobalhado, apenas com a boca aberta, idolatrando aquela raça suspeita. Até tinha a rompância em alimentar ilusões, com a filha do Mister Humphrey Tabott, um dos gringos. Ela nem bolas lhe dava. – es uma índia... – referindo-se ao Zacarias....

O delegado sonhava em segredo, de um dia pertencer a uma classe abastada, como os capitalistas americanos, mas o sutil desprezo como o que era tratado, o colocava em uma posição de eterna inferioridade e conflito consigo mesmo.

Doutor Zacarias vivia cheio: - Aquilo não era vida. Ele parecia um moleque... – muitas vezes desabafava na casa de Esméria.

- Eu não aguento mais!

- O quê?

²⁵⁸ COITINHO, Arlindo. *É a Luta, Doutor!...* Op.Cit.,. Pg. 14

²⁵⁹ Idem. Pg 16

- Esses forasteiros...
- Manda eles comer formigas...
- Tu acha fácil.... e a minha nomeação?
- interessante... – ficava pensando – eles vem do outro lado do mundo, e mandam...eles tem poder, o que será isso?
- É o dinheiro! Compram tudo...a todos...a todos...!
- (...) no fundo sentia-se um homem amargo, infeliz.
- A gente não quer ser inferior, mas eles são uma raça muito acima da nossa, muito acima....
- (...) ele entrou no escritório do Mister Starlett, e ali estava o chefe, bem gordo, com seu nariz de abutre, meio rosado, os olhos azuis, grandes, que ficavam maiores por detrás dos óculos de aumento. Pela janela, divisou a fumaça que a chaminé vomitava para o exterior. Exalava um aroma de carne cozida. Era conserva, que estavam preparando para enviar para a Europa. O delegado Zacarias não sabia por quê, mas sentia-se muito menos que uma barata esmigalhada....²⁶⁰

Coitinho anotou de modo ficcional um relato que traz aspectos biográficos de Lucio Soares Neto, a partir de sua vivência pessoal com o advogado, mas também a partir dos depoimentos de sua esposa, Sônia Cabeda, que por um período exerceu a função de secretária de Lucio, convivendo com as demandas populares com as quais ele estava envolvido, nas ações referentes a Câmara de Vereadores ou às causas trabalhistas muitas vezes ligadas aos operários do Armour.

O singelo escritório do doutor Catulo ficava numa ruazinha pacata, de subúrbio. Ele era cercado por uma vizinhança solidária, que lhe apreciava muito. (...) Ele estava sempre ao lado da parte mais vulnerável, não cedia, não fazia concessões aos homens de dinheiro, e por isso, era muito perseguido. Não vivia nas orelhas dos Promotores e dos Juízes, não promovia festas e nem churrascos para os figurões do Fórum, mas sim, dizia, em voz alta, as poesias de Martin Fierro: - “Hacete amigo del juez...” (...) Na frente do seu escritório, sempre estava tapadinho de clientes de poucos recursos. Gente que era explorada pelos patrões; empregadas domésticas, que as dondocas faziam esforço para tirar-lhes o couro; mulheres que haviam sido abandonadas pelos maridos e que o procuravam para tentar cobrar a pensão.... – Eles precisam de alguém que os defenda, dizia o doutor Catulo.²⁶¹

O texto ficcional de Coitinho não esconde a profunda admiração que o escritor nutria pela atuação de Lúcio a favor dos trabalhadores. O escritor tem o mérito, nestas obras, de trazer à luz uma série de detalhes que seriam desconhecidos ou ficariam reservados à memória de quem vivenciou aqueles anos nos arredores da fábrica e as

²⁶⁰ Idem. Pgs. 26, 27, 28

²⁶¹ Idem. Ibidem. Pgs. 71, 72

relações dos misters com a cidade. Como simpatizante da luta social levada em frente pelos trabalhadores, Arlindo Coitinho deixou gravado na literatura regional da fronteira, da qual é um dos maiores expoentes, sua particular versão dos fatos. Mesmo que tenha se deixado contaminar por hipóteses que ligavam a chacina a um fator de disputa pessoal, envolvendo Lúcio e o delegado, o escritor teve o mérito de trazer à reflexão os jogos de poder na fronteira e os personagens que povoaram a disputa por um modelo de justiça social naqueles anos.

4.2 – O partido e seus protagonistas

Embora determinados militantes aqui pesquisados estivessem ligados ao partido antes do ocaso do Estado Novo e o breve período de legalidade, é notório que o grande momento de adesão ao projeto político comunista aconteceu após 1945. Em Santana repetiu-se o fenômeno de crescimento, mesmo que se torne impreciso definir através das fontes pesquisadas o número de militantes filiados ou meros simpatizantes da causa. Como seria inalcançável dentro dos limites desta tese pesquisar todos os militantes e simpatizantes do partido que se engajaram nas lutas operárias neste período na cidade, optei por delimitar, a partir das fontes acessadas, a trajetória de um grupo que, conforme o historiador Cláudio Batalha define, seriam “lideranças” e “quadros intermediários”, quando de sua pesquisa acerca da militância operária no Rio de Janeiro da Primeira República. Segundo o historiador,

Apenas uma minoria de militantes chega a escrever nos jornais operários e tem uma atuação que transcende os limites de sua categoria profissional; esses podem ser considerados como as lideranças operárias. Outro grupo um pouco maior participa ativamente da vida da categoria, integra direções de associações, assina manifestos, mas raramente escreve sobre sua prática e muito menos produz teoria; esses seriam os quadros intermediários. O terceiro, e certamente o maior grupo, é composto por aqueles que apenas exercem uma militância eventual, que são a base de todas as organizações, que estão presentes nos momentos de ascenso dos movimentos e os abandonam nos momentos de refluxo. Nosso conhecimento sobre cada um desses tipos de militantes é inversamente proporcional ao seu peso numérico.²⁶²

²⁶² BATALHA, Cláudio H. M. Vida associativa: por uma abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. Anos 90. Porto Alegre, n 8, Pgs 91-99

Não me propus aqui a realizar uma abordagem prosopografica, dados os limites que me ofereceram as fontes pesquisadas. Busquei investigar, contudo, aspectos determinantes da ação de um grupo que por vezes transitou por momentos de coesão e por vezes mostrou indefinições e singularidades que não podem ser desconsideradas, sob pena da análise se perder em determinismos vazios.²⁶³ Portanto, não poderia abrir mão de mostrar a força e a relevância do papel histórico desempenhado por esse grupo de homens e mulheres, inseridos nessa sociedade fronteiriça de fins da década de 1940 e início dos anos 1950. Fez-se necessário aqui apontar as dinâmicas internas, as redes de apoio, as expectativas e, conforme investiguei em minha dissertação de mestrado, a construção de uma incomum cultura política de fronteira, cercada de alianças, negociações e escolhas políticas heterogêneas.²⁶⁴ Neste sentido, um panfleto não identificado explicitamente como proveniente do partido, mas assinado por comunistas atuantes desde a década passada, lançado em junho de 1960, nos permite analisar alguns recortes pertinentes ao número, gênero e ocupação dos militantes ainda remanescentes das lutas do final dos anos 40, assim como algumas “baixas” importantes. O texto, de boas vindas a Luis Carlos Prestes após sua gradual volta à vida política nacional, saudava o líder comunista no momento em que este vinha à fronteira conferir apoio ao marechal Henrique Teixeira Lott, candidato à presidência da República pela coligação PSD/PTB/PST/PSB e PRT. Ainda assim, o documento não demonstrava abertamente apoio à candidatura defendida por Prestes. Após enfatizar a importância da visita do líder à cidade, “depois de uma longa ausência, por demais marcada por vicissitudes e sacrifícios em prol da causa que defende”, o texto adiantava que “pouco importa, de fato, que muitos de nós divirjam de suas idéias, porque acima de tudo o que interessa é a homenagem ao brasileiro eminente”²⁶⁵ Pela representatividade dos nomes que constam no panfleto, já identificados nas lutas do partido do final dos anos 1940 e especialmente durante o período de legalidade, é possível avaliar

²⁶³ Beatriz de Almeida alerta para a importância de demonstrar a força coesiva de um grupo analisado, junto a questões que levam em conta “experiência, educação, interesses econômicos, ideais e ideologias”. ALMEIDA, Carla Beratriz de. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

²⁶⁴ ASEFF, Marlon. Retratos do exílio: experiências, solidariedade e militância política de esquerda na fronteira Livramento/Rivera (1964-1974). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

²⁶⁵ Boas-Vindas a Luis Carlos Prestes. Panfleto. Santana do Livramento, Junho de 1960. Acervo particular de Perseverando Santana.

que o número de filiados ou simpatizantes ativos naquela época superassem expressivamente o número detectado no documento de 1960: 317 nomes (37 nominados, seguidos de 280 assinaturas que viriam acompanhando em anexo, conforme indica o documento). Uma avaliação preliminar do panfleto indica que 26 homens e 11 mulheres encabeçam a nominata publicada. Dentre estes, 7 deles são identificados como fazendeiros, criadores ou proprietários. As donas de casa aparecem em segundo lugar, com seis assinaturas, seguidas por comerciantes (4), Construção Civil (3), Operários (3), advogados (2), estudantes (2) e com uma assinatura na lista principal figuram: instalador hidráulico, talador, intelectual, engenheiro, alfaiate, desportista e artesão. Embora não estejam identificados as demais 280 pessoas que endossam o texto de boas vindas, chega-se a conclusão que a direção do grupo comunista nesse momento, o que pouco muda em relação a década anterior, é composta por setores da classe média da cidade (22 pessoas), considerados aqui os que se auto intitulam fazendeiros e criadores, proprietários, farmacêutico, advogados, engenheiro, intelectual, e suas respectivas esposas (donas de casa). Segue-se a esse grupo 15 outros militantes, distribuídos entre trabalhadores da construção civil, operários, alfaiate, desportista, artesão, estudantes, rádio-técnico, instalador elétrico e talador. Apenas dois “operários” encabeçam a lista:

Deolinda Fernandes Saldanha, fazendeira; Julieta Santana, fazendeira; Avelina Saldanha Silveira, proprietária; Manolo Sanz, comerciante; Angelo Cabeda, engenheiro; Maria Adelaide Kemp de Farias, dona de casa; Dario Farias, comerciante; Sonia Cabeda, estudante; Francelina Cabeda, dona de casa; Renée Souza de Canabarro, dona de casa; Joaquim de Melo Vargas, farmacêutico; Elida Lopes Coutinho, dona de casa; Nadir Santana Alves, criador; Ary Saldanha, artesão; Carlos Alves, alfaiate; Francisco Apoitia, comerciante; Perseverando Santana, criador; Celia Melo Vargas, dona de casa; Aquiles Santana Alves, criador; Mario Santana, intelectual; José Macedo, rádio técnico; Assis Brasil Ribeiro da Silva, construção civil; Montano Lemos, operário; Setembrino Pinto, desportista; David José Fernandes, advogado; Noelly Brisolla Cabeda, dona de casa; Erasmo Farias, comerciante; Aurélio Gomes, instalador; Amadeu Perochim, comerciário; Heron Canabarro, advogado; Jesus Lado, operário; Aristotelino Paz, operário; João Patrocínio Braga, talador; Armandina Rossalles, estudante; Gaspar Santana, fazendeiro; Antonio Holmos, construção civil. (seguem-se 280 assinaturas).²⁶⁶

Entre os nomes mais representativos desse grupo nas atividades militantes, foram priorizados aqueles que esta pesquisa travou contato através dos anos, devido também a proximidade proporcionada pelas fontes orais e documentais, deslocando o eixo da análise para aspectos que ultrapassassem questões relativas a origem social, mas buscando tensões

²⁶⁶ Idem.

internas, motivações e singularidades que os uniam na crença em uma sociedade mais justa, baseada nas ações políticas propostas em torno do partido. Portanto, trata-se de apontar coerências e discrepâncias de um grupo tomado como representativo, por entre o qual circulavam concepções e ações focadas na intervenção política. Dessa maneira, a análise retoma a trajetória de alguns personagens recorrentes a esta pesquisa desde as primeiras incursões realizadas em minha dissertação de mestrado, como o pecuarista Perseverando Santana, o torneiro mecânico Hugo Nequesauert, o farmacêutico Chiquinho Cabeda, o advogado Lúcio Soares Neto. Somam-se aqui novos protagonistas como o casal Heron e Renée Canabarro, o jornalista Solon Pereira Neto e sua esposa Teresa, o açougueiro Jovelino Santana e trabalhadores ligados ao frigorífico, como Aladim Rosales, Amaro Gusmão e Aristides Corrêa Leite.

O torneiro mecânico Hugo Nequesauert foi um abnegado servidor do partido desde sua juventude, no início dos anos 1940 e principalmente no período da legalidade até meados dos anos 1950. Durante sua trajetória militante, no entanto, estabeleceu ligações de amizade e colaboração com integrantes do Partido Nacional uruguaio (Blancos). De corte liberal e conservador, o partido associou-se a um modelo que contestava a intervenção estatal, vinculando-se a valores rurais e a concentração da posse da terra. Indagado pelos motivos que o levavam a essa aproximação, Hugo evocava valores que o perfilavam ao lado dos que teriam lutado “pelo povo”, com “hombridade”, “honestidade”, contra as injustiças políticas, fosse nas revoltas contra o poder centralizador do Partido Colorado, ou nas convulsões que assolaram a emergente República brasileira.

A ligação ideológica é aquilo ali (aponta para a parede), ali naquela fotografia é o Aparício Saravia....fez 100 anos da morte dele. Era um homem do povo, que lutava pelo povo, e ia sempre na frente. Assim como Honório Lemes, um grande lutador e honesto, e pelo povo. Os blancos foram revolucionários... Eu tinha muitos amigos nos blancos. Eles me deram até a casa do partido nacional para eu morar no golpe de 64, a meia quadra da Sarandi, que é a rua principal de Rivera. O líder dos blancos que era intendente de Rivera naquela época, promoveu toda a mudança da minha oficina de motores elétricos para lá. E eu fiquei sem pagar nada, por quase um ano lá. E os comunistas iam lá e me diziam, ‘mas tchê, tu é horrível!’ E eu respondia, ‘Não se pode perder tempo’.²⁶⁷

Décadas depois, os ventos da solidariedade mais uma vez se inverteriam, quando os comunistas constituiriam redes de apoio aos que escapavam da repressão uruguaia, após o

²⁶⁷ Hugo Nequesauert, entrevista citada.

golpe de estado de 1973. Naquele final de década de 1940, Hugo fazia parte de um grupo que tomava à frente das tarefas eleitas pelo partido como prioritárias. Ele se recorda de um fato ocorrido já sob a ilegalidade, no dia 3 de janeiro de 1949, quando mais uma vez se preparava para comemorar o aniversário de seu líder máximo, Luiz Carlos Prestes. Nos anos recentes o mesmo ritual se repetia. Colocavam-se bandeiras em árvores com imagens e frases alusivas ao “genial guia dos povos”, pichavam-se palavras de ordem nas cercanias de fábricas como o frigorífico Armour e a Cervejaria Gazapina²⁶⁸, chamava-se um comício relâmpago ou uma discreta atividade recreativa que reunia militantes e simpatizantes. A Hugo tocou promover o evento no bairro Wilson, vizinho do bairro industrial. Ele rememora os dias de militância, sob o prisma constante da repressão e com o partido imerso na ilegalidade.

Eu vinha de madrugada e cheguei num boliche, e tinha gente jogando, mas de porta fechada. E tinha um “paraíso” grande, e eu subo na árvore. E eu andava com um casaco cruzado, com um revólver grande no bolso e cheio de bala. Mas o galho quebra e eu caio. A sorte é que o revólver caiu pelo bolso e desceu pela calça, porque se eu caio com ele mal, tinha me machucado. Foi um tombo tão forte que eu caí sentado e bati com a testa e fiquei grogue, sem saber onde estava. Quando eu consegui me levantar e sair eu “putiei” os que estavam dentro do boliche, porque era uma pouca vergonha todo aquele barulho que eu fiz, e eles vendo que eu era do Prestes, não se animaram a me socorrer. E voltei para o centro, rengo, e tava o Nelson pichando no Gazapina. E eu me queixei pro Nelson, que era um intelectual, não usava arma, mas sabia muito do partido. E ele me diz, “pelo amor de Deus, eu não vou te curar, tu vai te embora que tu já fez o teu trabalho e deixa nós fazer o nosso” (risos).

Se ao intelectual Nelson Farias cabia as ações próximas ao Centro, como na cervejaria, que situava-se a pouco mais de 100 metros da principal rua da cidade, para Hugo eram reservados os caminhos da periferia. As atividades arriscadas eram legadas a um grupo restrito, do qual Hugo fazia parte. Reconhecido profissional no conserto e reformas de motores elétricos, o torneiro mecânico circulava por entre um grupo bastante heterogêneo, que reunia intelectuais, pequenos e médios proprietários de terra, advogados, operários e comerciantes. As atribuições que exigiam extrema coragem, como a tentativa de resgate dos companheiros presos durante a greve de 1949 eram confiadas a Hugo. Conforme mostra a historiadora Berenice Cavalcante, embora todos os militantes fossem representados como indiferenciados entre si, era explícito que o grau de fidelidade e o cumprimento ao juramento realizado ao entrar no partido definia níveis de atuação e

²⁶⁸ A Cervejaria Gazapina, fundada por dois irmãos, imigrantes italianos em 1908, constituiu-se como a primeira grande fábrica na região, concentrando trabalhadores espanhóis, italianos e uruguaios, muitos deles anarquistas. A fábrica funcionou ininterruptamente até o início da década de 1970.

prestígio dentro da estrutura partidária. O respeito e subordinação incondicionais dos organismos inferiores aos superiores estabelecia a hierarquia interna decorrente do escalonamento da militância. No plano estrutural, a obediência absoluta aos diversos graus de hierarquia entre os diferentes órgãos deliberativos do partido, constituía uma série de “fachadas” que reproduziam o “elemento vital de uma organização totalitária entre os ‘de dentro’”.²⁶⁹ De acordo com o estatuto partidário, o primeiro dever de todo membro seria “enquadrar todos os atos de sua vida pública e privada dentro dos princípios e programas do partido”.²⁷⁰ Para Hugo, essa exigência seria melhor assimilada, graças ao companheirismo que encontrava na esposa, Delma, uma parceira que dava apoio incondicional à luta. Os dois se conheceram na escola primária, na Rivera do final dos anos 20. Muitos anos depois, em 1938, Hugo visitaria a chácara onde ela vivia com os pais, no interior do município. Foi levado por um amigo, noivo de uma irmã de Delma. A família no princípio se contrapôs ao relacionamento, porque Hugo tinha apenas 16 anos. Ainda assim, namoraram por cinco anos, com poucas visitas e muitas cartas trocadas. Hugo decidiu então ir para Montevideú, juntar dinheiro e voltar para casar. O plano não seguiu conforme o planejado, mas dois anos depois acabariam se casando, em 1944, quando Hugo voltou a trabalhar no frigorífico. Passaram a viver em um agradável chalé no bairro industrial, alugado de um médico uruguaio. Um ano depois mudaram-se para Rivera. Na adolescência, Delma era considerada de índole “revoltosa”, por sua insistência em não obedecer a diretiz partidária da família, que era composta majoritariamente por eleitores do partido Nacional. Nunca quis votar nos candidatos indicados pelos pais. “Eu dizia que não ia votar porque não conhecia nada de política, e me diziam... não, são gente *muy buena* mas eu não votava, porque poderia estar votando contra eu mesma”.²⁷¹, ela conta. “Fui votar depois que me casei, quando soube como era o partido comunista. Eu já me dava conta de que votar nos blancos ou nos colorados era a mesma coisa.” Na chácara dos pais de Delma funcionava uma junta eleitoral rural, mas ela preferia ficar na cozinha do que acompanhar o pleito, e muito menos votar. Para Delma, acompanhar Hugo na decisão de ser comunista era “ser contra os exploradores dos trabalhadores, da gente pobre”. A turma que frequentava a

²⁶⁹ CAVALCANTE, Berenice. Op.Cit., Pgs 149, 150, 151.

²⁷⁰ *Estatutos do Partido Comunista Brasileiro*. Novos Rumos. Rio de Janeiro, semana de 11 a 17 de agosto de 1961.

²⁷¹ Delma Mendes Nequesauert, entrevista ao autor em 11 de dezembro de 2012. Santana do Livramento.

residência do casal era diversa, cheia de ideais. Ela lembra especialmente de Amaro Gusmão, líder operário e vereador, e que abandonaria o partido para se refugiar na religião, algum tempo após a chacina.

Afora o trabalho no setor de motores do frigorífico e a imersão nos deveres para com o partido, Hugo só não abria mão do tempo livre para o futebol, onde se destacou e por pouco não foi jogar no América carioca, que na época foi treinado por um primo. No meio tempo, jogava eventualmente no Armour, o time de futebol patrocinado pelo frigorífico e que incentivava os atletas e colaboradores com escalonamento de horários. Verdadeiro orgulho do bairro Industrial, o time havia conquistado o campeonato da região da fronteira em 1942, disputando as semifinais do campeonato gaúcho de futebol. Na fábrica, Hugo aproveitava as horas de folga para reunir os colegas no salão de almoço e explicar o que era o comunismo. Nesses momentos, chamava a atenção dos colegas para a importância de se unirem em torno do sindicato e das lutas por melhores salários e condições de trabalho. Conforme mostra Ferreira, um dos afazeres do militante era o de organizar células nas fábricas e ter o cuidado de não cair no sectarismo, abrindo um vasto leque para abrigar distintas posições ideológicas, religiosas, entre os mais diversos posicionamentos.

Na vida partidária, os militantes eram extremamente exigidos no cumprimento de suas tarefas e no sucesso delas. (...) assim impunha-se ao líder revolucionário não insultar os operários, por crenças políticas ou religiosas, e fraternalmente, conversar, convencer, dar alguma literatura e convidá-los a aderirem ao partido. Mas o trabalho de recrutamento e organização, sempre difícil, não bastava. (...) Pequenas conquistas no cotidiano da fábrica, por exemplo, davam autoconfiança aos trabalhadores e prestígio aos comunistas.²⁷²

A militância no ambiente de fábrica foi a causa da primeira demissão de Hugo do frigorífico. Para que parasse de falar apaixonadamente de comunismo com os trabalhadores lhe foi oferecido o cargo de capataz. Recusou. Não restou outra saída senão a demissão. O trabalho desenvolvido por Hugo no setor de motores e máquinas, no entanto, era praticamente insubstituível. Foi readmitido um tempo depois, quando um engenheiro o recontratou, sob o pretexto de que o partido desta vez estava legalizado. Para Hugo, ser revolucionário era viver a plenitude da moral comunista, que preconizava a destruição de uma ordem social desigual e farta de valores injustos. Um tempo em que ser comunista bastava para abrir as portas da frente e dos fundos da casa aos camaradas, uma virtude que não se questionava. Foi baseado nesses preceitos consagrados pela cultura comunista que

²⁷² Ferreira, Jorge. Op.Cit., Pgs 92, 93.

Delma e Hugo hospedaram por cerca de um ano, em sua modesta casa do Povo Novo, bairro periférico de Rivera, um casal de militantes que fugia das perseguições policiais após a chacina de 1º de maio de 1950, em Rio Grande. Para os comunistas, a noção de militância, inserido em uma concepção totalizante do social pode ser medida por uma aceção que extinguiu as diferenças entre o particular e o geral, entre o público e o privado. Por outro lado, a vida fora desse parâmetro, exigia a volta constante às diretrizes erigidas pelo partido, que promoviam a articulação entre dois mundos. Conforme Berenice Cavalcante,

(...) os comunistas formavam um grupo que se identificava pelo partilhar uma concepção informada pelos pressupostos indiferenciadores da realidade social que deveriam transformar no rumo do socialismo. No entanto, a vida fora do círculo partidário desenvolvia-se de forma diversa, sujeita a uma dinâmica mais rica e diversificada, contrastando com a ‘ficção’ elaborada por suas interpretações. À visão indiferenciada do social contrapunha-se uma realidade vincada pela multiplicidade e pela diferenciação. Delineavam-se desta forma duas esferas distintas com as quais deveriam se articular em sua militância, uma correspondendo ao universo no qual se inseriam pela internalização da perspectiva dos valores inerentes às concepções totalizantes, e seu oposto, a realidade concreta na qual se movia e reproduzia a sociedade.²⁷³

As portas desse mundo particular se abriram para Hugo ainda quando guri, morador das cercanias da charqueada São Paulo. Embora conhecesse Santos Soares e sua reconhecida liderança nos meios operários, a grande transformação que o tornou comunista chegou pelas mãos de um vizinho, que o fez ler uma carta em que Olga Benario Prestes relatava a vida na prisão nazista. As agruras vividas pela pequenina filha de Olga e do líder Luis Carlos Prestes, conforme o relato de Hugo, o comoveram de tal maneira que a partir dali já não seria mais o mesmo jovem aprendiz de pedreiro. Jorge Ferreira aborda a maneira como símbolos, imagens e mitos são constitutivos da vida social, remetendo a adesão ao comunismo como um impulso que não pode ser explicado apenas racionalmente. Nesse sentido, mostra que os relatos míticos – a carta de Olga e os relatos heroicos que chegavam da guerra civil espanhola, no caso de Hugo - estimulam os homens a se deixar envolver por imagens e representações nostálgicas: “Para aquele indivíduo predisposto a aderir à luta revolucionária, ler ou ouvir a narrativa dos mitos que circulavam na cultura bolchevista era o mesmo que entrar em contato com *revelações*”.²⁷⁴

O chamado centralismo democrático era parte constituinte da estrutura orgânica do PCB, ou seja, todos os órgãos do partido deveriam ter caráter eletivo e prestar contas aos

²⁷³ Cavalcante, Berenice. Op.Cit. Pgs. 143, 144.

²⁷⁴ Ferreira, Jorge. Op.Cit. Pgs 64,65

filiados das atividades desenvolvidas, bem como zelar pela conduta dos integrantes. De acordo com os estatutos de 1945, os direcionamentos políticos a serem seguidos deveriam ser deliberados pela maioria.²⁷⁵ Embora essa estrutura fosse obedecida em relação às ações definidas pelo secretário do partido, Lúcio Soares Neto, nem sempre existia afinidade entre os membros mais próximos ao grupo de frente nas lutas sindicais ou de propaganda política. Tampouco em relação aos intelectuais, uma dificuldade histórica do partido, que prezava a chamada “proletarização”, elevação da categoria de proletário como o ideal cultuado, excluindo dos postos de comando os intelectuais, vistos com desconfiança e associados aos piores defeitos de uma classe média.²⁷⁶

A ligação de Hugo com Lucio Soares Neto seria de altos e baixos. Os unia uma obsessão pela luta operária, pela justiça social, o afronte aos poderosos locais e aos *gringos* do frigorífico. Os afastava, no entanto, uma origem distinta. Hugo questionava alguns valores que creditava a procedência pequeno burguesa de Lúcio, e isso constantemente os levava a posições conflitantes. Porém, como soldado da causa, cumpria as ordens que vinham do líder partidário, embora muitas vezes desconfiasse de suas reais intenções: “Me colocava em missões que seguramente eu morreria, mas não morri nunca!”. Em alguns momentos, a paranóia que rondava a luta fazia Hugo crer que Lucio o achava um elemento da polícia, plantado no partido. “Só podia ser isso. Me perseguiu porque achava que eu estava vendido para a polícia, que eu não podia ser tão inteligente assim!”. Entre Lúcio e Santos Soares, Hugo via quilômetros de distância. Para ele, um era o legítimo “obreiro”, o outro “um burguês que atuava como caudilho”. Nesse sentido, Hugo não estava só, diante da avaliação que muitos faziam de Lúcio, dado ao seu temperamento impositivo, embora não fosse temperamental. Ainda assim, o unia a Lucio o cotidiano do partido e a paixão revolucionária, que alimentava uma insólita e fiel amizade. Admirava a trajetória do brilhante advogado em defesa dos pobres e o passado que o ligava a Aliança Nacional Libertadora, o exílio no Estado Novo, e a rejeição em comum que nutriam por Getúlio Vargas. Não que Hugo fosse frontalmente contra os pequenos burgueses ou os caudilhos. Admirava *Don Pedro Irigoyen*, expoente blanco e dono do saladeiro, “que soube ludibriar os gringos que pensavam ter comprado o terreno do Armour com direito aos eucaliptos da

²⁷⁵ Chilcote, Ronald. Op.Cit. Pgs 171, 172

²⁷⁶ Ferreira, Jorge. Op.Cit. Pg.83

avenida, plantados por ele”. Lembra com indisfarçável orgulho da frase proferida tantas vezes por *Don Pedro*: “*Mientras exista Pedro Irigoyen, y sea dueño del saladero, nunca van a ver un milico en el portón*”. A hombridade e a valentia na luta política, ou o mito criado a partir desses valores, também acendia no operário uma admiração incomum, e aqui existiria outra ligação inesperada com Lúcio, ao “caudilho maior”, Flores da Cunha. “Gosto do Flores, apesar do Flores ser da UDN, porque era um homem romântico, humano, chorava por qualquer coisa. E era o valente número um não?”.

Muitas vezes as razões consolidadas pelo dogma partidário não excluía as dissensões que a realidade concreta oferecia. Nos anos que antecederam sua demissão, devido principalmente à decisiva atuação na greve de 1949, algo inusitado aconteceria na vida de Hugo e Delma. A filha de um dos gerentes do frigorífico, o norte-americano “Mister Stout”, apegou-se a Delma e deram início a uma amizade. Hugo conheceu o ex-marido da moça no ambiente da fábrica e assim os convidou a vistá-los na cidade. Delma recorda da relação com a filha do gerente.

A filha de Mister Stout era muito amiga minha. Ela vinha aqui seguido. Só que ela ficou viúva e eles foram para norte américa, porque ele não queria que ela casasse. Mas tiveram que voltar porque o que ganhavam lá não dava para viver. Aí eles voltaram e ela casou com o homem que ela queria. Era muito boa pessoa, o pai dizia que ela era comunista, porque ela tinha idéias boas. Como ela era para os pobre, não era pretensiosa, e as meninas filhas de operários que vinham para o colégio industrial aqui em Rivera, eram bobas, pareciam donas do Armour. Começou com a amizade do Hugo com o ex-marido dela, que era da fábrica. Ela gostava de canjica com carne, temperada. E me trazia aqui para a gente comer.²⁷⁷

Anos depois de ser demitido, Hugo seria contratado como empreiteiro, comandando uma equipe de trabalhadores na grande reforma pela qual passou a fábrica. Delma ajudava o marido trabalhando no conserto de motores. Ela recorda: “Eu dizia, parece mentira, mas essa fábrica está trabalhando com motores que eu faço”.²⁷⁸ A nova posição de Hugo frente aos industriais, agora como chefe de uma equipe encerrava uma época de trabalho operário e trazia também uma mudança de status social. Com o dinheiro que ganhou durante a prestação de serviços para o frigorífico, comprou terras no departamento uruguaio de Artigas, passando a atuar também no ramo pecuário. A relação de Hugo com o Frigorífico, onde trabalhou ainda muito jovem e com o qual teve envolvimento durante boa parte da

²⁷⁷ Delma Mendes Nequesauert, entrevista citada.

²⁷⁸ Idem.

vida, transitou entre a admiração e reconhecimento da importância da fábrica para os trabalhadores até uma crescente consciência de classe:

Isso eu penso até hoje, quando perco o sono. É a evolução do mundo, claro, eram uns ladrões, sempre foram uns ladrões, mas teve uma etapa em que eles ajudaram os povos, verdade? Porque quer indústria melhor do que um frigorífico para trabalhar? As pessoas aqui de Santana trabalhavam em campanha, grátis, por comida. Faziam muro de pedra, quando não havia alambrado. E eu faço uma comparação do Frigorífico com um filho. Você cria o seu filho, ajuda, mas ele cresce e casa e você deixa de ajudar. Ele já é livre. E com os capitalistas sucede a mesma coisa, a princípio é encantador trabalhar em um frigorífico, mas depois um se dá conta de que é roubado.²⁷⁹

Se Hugo pode ser considerado exemplar naquilo que o partido elegia como o bom operário – mesmo despertando desconfianças na alta direção enquanto militante, como na atribulada relação com Lucio Soares Neto e a proximidade com os blancos - torna-se ainda mais complexo deslocar o eixo de análise para a inserção significativa de intelectuais na linha de frente das ações do partido. A visão da atuação desse grupo nas atividades que reuniam os comunistas em finais dos anos 1940 e início dos 1950, nos chegam subjetivadas pelo olhar de uma geração que vivenciou a infância e adolescência naquele momento. Marlova Canabarro, filha do advogado Heron Canabarro e sua esposa, Renée, Sônia Cabeda, filha de Francisco Cabeda, o Chiquinho, Luiz Carlos Paz Santana e Olga Santana, filhos de Jovelino Santana; Armandina Rosales, filha de Aladim Rosales; agregam elementos explicativos para a compreensão das estratégias, avanços e limites de um grupo por vezes bastante heterogêneo, que se propôs a romper, cada qual à sua maneira, com idéias e comportamentos de uma sociedade estratificada e conservadora. Juntam-se a esse grupo de fontes, poucos remanescentes que vivenciaram aquele momento histórico e hoje nos trazem suas versões e vivências, entre “silêncios, segredos e lacunas”.²⁸⁰

A atuação do advogado Heron Canabarro foi de extrema importância para a defesa dos interesses do grupo que gravitava em torno da direção do partido em Santana do Livramento. Se Lúcio Soares Neto se apresentava como um legítimo defensor dos trabalhadores na Câmara de Vereadores, no partido ou nas causas que abraçava desde seu escritório de advocacia, Heron mantinha uma atuação mais discreta, circulando junto a uma camada mais abastada da sociedade, mas a serviço do partido sempre que fosse necessário.

²⁷⁹ Hugo Nequesauert, entrevista citada.

²⁸⁰ A expressão foi utilizada por Jorge Ferreira, ao designar as reticências de certas fontes em revelar gestos de violência praticados por militantes. Neste caso, manteve a força expressiva para designar omissões deliberadas, embora não se trate dos mesmos motivos.

A trajetória do advogado percorre um caminho singular. Passou das hostes republicanas, onde exerceu por largo período o cargo de chefe de polícia em Santana do Livramento - indicado pelo então interventor José Antônio Flores da Cunha - a adepto das ideias defendidas por Luis Carlos Prestes após o fim do Estado Novo. Para o taxista e militante comunista Jorge Ferrão, a adesão do advogado à causa, após anos atuando ao lado dos grandes fazendeiros, é algo que não consegue entender, mas reforça a importância da figura de Heron, e especialmente, de sua mulher. “O Heron foi da repressão, foi delegado. Foi bastante carrasco, e depois se revoltou. Não tenho idéia porque. Se ele já tinha tendência ou não. Boa gente, família grande. A mulher dele, Dona Renée – era firme”.²⁸¹

Filho do fazendeiro Sebastião de Oliveira Canabarro e sua esposa Universina, Heron tomou rumo distinto dos demais quatro irmãos, optando pela advocacia. Mais tarde venderia para eles sua parte nas terras da família. Nas lembranças de sua filha, Marlova Canabarro, o advogado tinha em sua esposa, Renée, cuja família também era de proprietários de terras, um par intelectual que o influenciou e acompanhou na decisão pela adesão ao partido.²⁸² Casaram-se em 1936 e já no ano seguinte acompanharam Flores da Cunha em seu exílio em Montevideú. Essa transição, porém, não aconteceu sem traumas e sobressaltos. O desmonte do governo Flores da Cunha, após sete anos como o principal mandatário do estado, primeiro como interventor nomeado e depois governador eleito, em 1935, marcou o início do exílio entre lideranças e postos de confiança do governo derrocado.²⁸³ Em meio a lacunas documentais que embaraçam a análise mais aprofundada dos movimentos do casal Canabarro neste momento, temos uma breve anotação do jornalista Antônio Amorós Hijo, no livro onde aborda o poder caudilhesco exercido pela família Flores da Cunha na fronteira, referindo-se a um telegrama da agência United, que informava a prisão de Heron: “Herón Canabarro, Jefe de Policía de Santa Ana, fué conducido preso a Porto Alegre.”²⁸⁴ Em outro telegrama, mais detalhes das prisões e das ações repressivas que o interventor, general Daltro Filho, levava adiante contra os Flores.

²⁸¹ Jorge Ferrão. Entrevista citada.

²⁸² Marlova Canabarro, entrevista ao autor em 12 de janeiro de 2016. Florianópolis.

²⁸³ Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001; CAGGIANI, Ivo. *Flores da Cunha (biografia)*. Porto Alegre. Martins Livreiro Editor, 1996.

²⁸⁴ AMORÓS HIJO, Antonio. *Caudillismo Salvaje. La verdad sobre el crimen del dr. Ripoll*. Montevideo. Edição do autor. 1939. Pg. 63.

Em meio a notícia da fuga do governador e seus próximos para Montevidéu, a referência a um motivo no mínimo inusitado para a prisão do chefe de polícia de Santana do Livramento, homem de confiança do clã Flores da Cunha: comunista! Conforme elenca Amorós Hijo,

Rivera (United). – Informaciones procedentes de Santa Ana hacen saber que en el tren de ayer fueron conducidos presos a Porto Alegre, el Dr. Herón Canabarro, ex delegado de Policía de Livramento, Dr. Tulio Chaves e señores Cappini y Loncam. Se afirma que todos los detenidos están acusados de comunistas y que a ello responde su detención. En el ferrocarril fueron custodiados por las fuerzas del ejército federal.²⁸⁵

Aqui temos outro silêncio. Como Heron teria saído de Porto Alegre é uma incógnita. Marlova Canabarro assegura que a permanência do casal na capital uruguaia não tardou e logo estariam novamente na fronteira, desta vez em Rivera, de onde Heron comandaria junto a Tales Garcia o jornal A Democracia, situado na Avenida Sarandi, 666. Combatendo Vargas e o Estado Novo, sob o patrocínio dos Flores da Cunha, o jornal tinha repercussão nacional e por várias ocasiões provocou mal estar diplomático entre os governos do Brasil e Uruguai, devido ao alcance das críticas ao ditador brasileiro. Valendo-se do bom desempenho de sua gestão frente ao governo do estado, Flores criticava abertamente os rumos tomados pela gestão estadual sob o Estado Novo, e não poupava Getúlio. O jornal circulou no período de período de 22 de junho de 1938 a 11 de maio de 1939, quando foi fechado pelo governo uruguaio, após pressões da diplomacia brasileira.

A participação de Heron nas fileiras do governo Flores da Cunha, como parte integrante dos interesses desse grupo que exercia um poder político incontestado na fronteira, ainda é nebulosa como um todo, mas é certo que esses laços iriam durar para sempre. Heron foi nomeado Delegado de Polícia de Santana do Livramento em 21 de março de 1934²⁸⁶, em meio ao conturbado caso do assassinato do advogado e jornalista Waldemar Ripoll.²⁸⁷ Natural de Quaraí, Ripoll era uma liderança do Partido Libertador (PL), e tramava desde o exílio em Rivera, uma ação revolucionária contra o governo Flores da Cunha, que apoiou Getúlio Vargas no combate aos rebelados da Revolução

²⁸⁵ Idem. Pgs 66,67.

²⁸⁶ Ofício nº 1735. Estado do Rio Grande do Sul, Palácio do Governo. Porto Alegre, 31 de março de 1934. Acervo Marlova Canabarro.

²⁸⁷ O assassinato teve repercussão nacional. No dia 1 de fevereiro de 1934, o Correio do Povo trouxe em primeira página a manchete “Bárbara e misteriosamente, foi assassinado em Rivera, onde estava exilado, o dr.Waldemar Ripoll”. Correio do Povo. 1 de fevereiro de 1934. Porto Alegre. Pg.1

Constitucionalista em 1932, resultando ao final no exílio dos opositores. Ripoll fora aliado de Vargas e Flores na Revolução de 30, mas aderiu à luta encampada pelos paulistas em 1932 com o objetivo derrubar o governo provisório e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte. Exilado em Rivera, escrevia um livro onde relatava o poder caudilhesco exercido pelos Flores na fronteira e supostamente elencaria suas tramas de crimes e contrabandos. Foi assassinado a machadadas enquanto dormia, em 31 de janeiro de 1934.²⁸⁸ Na investigação da atuação de Heron à frente da delegacia, muito embora tenha sido lembrada por Jorge Ferrão como a de um “carrasco”, não encontramos ligações mais diretas de interferências nas investigações do caso Ripoll. Falta-nos a menção de seu nome na bibliografia pesquisada, onde as referências encontradas dizem respeito ao delegado João Greiner, então chefe de polícia – provavelmente destituído em 1934 - acusado de obstruir as investigações, preso junto com Francisco Flores da Cunha e outros envolvidos, em 1938. Heron participava nesse momento, tanto em Montevideu quanto na fronteira, da conspiração urdida por Flores e o grupo de exilados do Estado Novo, pela derrocada armada do governo Vargas. Durante o ano de 1938 os floristas utilizaram de todos os meios possíveis para arregimentar armas e um número expressivo de opositores, dispostos a iniciar pelo Rio Grande um levante contra o ditador. A historiadora Adriana Bellintani analisou a trajetória de Flores da Cunha e um grupo de exilados no Uruguai que intentaram a derrubada de Vargas. Conforme demonstra, Flores usou de todos os recursos possíveis para derrubar Vargas e retomar o poder, em planos que envolviam até assassinato.²⁸⁹ Os esforços só cessariam completamente quando o ex-governador negociou a volta para o Brasil, em 1942, onde cumpriria pena parcial de nove meses em um presídio na Ilha Grande.²⁹⁰

²⁸⁸ O assassinato de Waldemar Ripoll e as implicações do clã Flores da Cunha foram analisadas com minúcia nos livros *Caudillismo Salvaje*, de Antonio Amorós Hijo, e *Crime e Castigo – Conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*, de Carlos Roberto da Rosa Rangel.

²⁸⁹ BELLINTANI, Adriana. *Conspiração contra o Estado Novo*. Edipucrs. Porto Alegre, 20002. Pg. 104

²⁹⁰ Julgado em 1938 pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN), Flores da Cunha foi absolvido da acusação de envolvimento na sublevação integralista, mas condenado a um ano de prisão por importação ilegal de armas quando governador do Rio Grande do Sul. (...) Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Flores dirigiu um manifesto a seus amigos e antigos correligionários, conclamando-os a se unirem em defesa da pátria, e decidiu voltar ao Brasil. Ao retornar em avião especialmente enviado por Getúlio Vargas, foi levado para o presídio da Colônia Agrícola de Dois Rios, na ilha Grande, no Rio de Janeiro, onde permaneceu por nove meses, ao fim do quais foi indultado pelo presidente da República, faltando três meses para completar a pena. Apud: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc) Fundação Getulio Vargas.

Durante todo o período de exílio de Flores em Montevideu, Heron Canabarro é citado como importante colaborador, em cartas nas quais o então embaixador do Brasil na capital uruguaia, Batista Luzardo, abastecia Vargas, monitorando a movimentação dos insurgentes.²⁹¹ Na guerra de informações deflagradas desde a fronteira, opunham-se aos floristas de A Democracia, o emergente jornal Folha Popular, comandada por Sérgio Fuentes, Armando da Silveira e o novo intendente de Santana, João Jacintho Costa.²⁹² A verve ferrenha de Heron, à serviço do acerto de contas com o ditador, resultou em um embate com o grupo varguista na fronteira, reunidos em torno da Folha Popular.²⁹³ O incidente aconteceu em julho de 1938. Um artigo publicado na Folha Popular, intitulado “Heron Canabarro e suas traições” deflagrou uma réplica em A Democracia, sob o título de “Corja de ladrões”. As agressões dos grupos varguistas e floristas, no auge da tensão que envolvia a possível insurreição armada contra Getúlio levou João Jacintho Costa, a desafiar Heron Canabarro a um duelo. Heron tinha como padrinhos Eduardo Pacharotti e Hugolino Andrade, quando foi determinado que um “Tribunal de Honor” decidiria a sorte do embate. Reunidos no *Club Uruguay*, personalidades representativas de ambos os lados, convidadas para avaliar a situação, deliberaram que o artigo de Heron Canabarro tinha sido escrito tão somente em resposta a uma primeira provocação, logo não haveria motivo para o duelo!

²⁹¹ Idem. Pgs. 65-118.

²⁹² O Republicano, de tom mais moderado em relação a Vargas, porém não menos incisivo, propriedade de Francisco Flores da Cunha, seria fechado com a queda do governador, retornando apenas em 1940.

²⁹³ O jornalista e pesquisador João Batista Marçal anota em *Mapa da Imprensa de Santana do Livramento*, que em 16 de dezembro de 1937 circulou pela primeira vez o jornal Folha Popular, fundado pelos jornalistas Sérgio Fuentes e Armando da Silveira, tendo como gerente Ariovaldo Barão da Silva: “Efetivamente, Folha Popular deveria circular em junho de 1937, a fim de participar, como jornal político, da campanha eleitoral para a presidência da República ao lado de Getúlio Vargas. Entretanto, por falta de recursos, isso não foi possível. A idéia já estava sendo abandonada, em virtude das dificuldades encontradas, quando foi implantado o ‘Estado Novo’, que extinguiu todos os partidos. O jornal ‘O Republicano’ que na realidade era de propriedade do Coronel Francisco Flores da Cunha (Coronel Chico Flores) imediatamente deixou de circular (...) Nas mesmas oficinas de O Republicano e em sua substituição apareceu ‘A Folha’ que teve vida efêmera. A cidade praticamente se nenhum órgão de comunicação, quando foi nomeado interventor, na Prefeitura Municipal, o Dr. João Jacintho Costa. Sérgio Fuentes e Armando Silveira trataram logo de ultimar os preparativos e a ‘Folha Popular’ foi lançada no dia 16 de dezembro, com ampla cobertura sobre a posse do novo prefeito-nomeado. E ainda que no seu cabeço constasse que era ‘Órgão Noticioso de Interesses Gerais’, na realidade trazia o objetivo de defender o novo regime dar cobertura à administração João Jacintho Costa. Sem oficinas gráficas próprias, Folha Popular era impressa pela tipografia de O Republicano, que na época estava instalada nos porões do atual cinema Colombo. Apud: ROSA ILHA, Oreste. *Mapa da Imprensa de Santana do Livramento (1860-2005)*. Apresentação e Notas de João Batista Marçal. Santana do Livramento. Inédito.

A ata da reunião foi assinada pelos presentes no dia 28 de julho de 1938, nas dependências do clube uruguaio.²⁹⁴

No final de 1942, com o retorno ao país, Flores adota um discurso de união nacional em torno da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Heron Canabarro discursa na fronteira, ainda em março, já sob um tom de conciliação. “É preciso liquidar tudo quanto seja motivo de desunião entre os brasileiros, criando assim uma base moral para assegurar a defesa da pátria”, assegurava, em um discurso de cinco páginas, proferido durante o “primeiro grande comício anti-fascista proferido em Livramento”, em 14 de março de 1942.²⁹⁵ Três anos mais tarde, com a redemocratização e a inserção do partido comunista no breve período de legalidade, Heron Canabarro e Renée desenvolveriam uma intensa atividade de articulação política entre trabalhadores e setores da classe média santanense. Perseverando Santana recorda que Heron enfrentou resistências no partido, talvez menos por se tratar de um intelectual, mais por ter pertencido ao círculo íntimo dos Flores da Cunha. A “benção” para integrar o grupo em Santana, no entanto, partiu do ainda influente Santos Soares. Conforme Perseverando,

O Heron era muito inteligente. Esteve vinculado ao governo Flores, quando foi delegado de polícia. Quando jovem tinha uma tendência de esquerda. Escrevia muito bem. Alma boêmia, charuto...e deu contribuições muito boas ao partido, mas não se podia engessá-lo dentro do partido, contribuiu muito na área jurídica. Quando aconteceu a chacina e tiveram de encontrar um nome para substituir o Lúcio, ele disse, olha o vereador tem que ser o Mário (Santana), que representa a pequena burguesia, porque um operário ali seria isolado. Quer dizer, acertou em cheio. O Mário fez um ótimo papel. Mais uma vez, quem sabia aproveitá-lo era o Santos Soares. O comitê estadual mandou um representante para fazer uma crítica ao Heron e expulsar o Heron. Teve uma reunião em que eu estava presente, e o comitê estadual dizia que ele não pichava, não participava e que iria fazer uma crítica que se ele não aceitasse iriam expulsá-lo. E o Santos quieto, naquele jeito dele. Aí quando ele falou, disse: Olha, tarefas jurídicas o dr. Heron desempenha de maneira brilhante, agora se quisermos que ele pinte ruas, não dá. É a mesma coisa que pedirmos aqui para alguém realizar uma tarefa jurídica, sem saber nada a respeito. Agora, quando precisamos de um discurso junto a burguesia, da alta elite, nós dávamos uma tarefa para o Heron e era só dizer o que queríamos e ele sabia representar. Assim que o dr. Heron...não podemos julgá-lo por coisa banal. E o dirigente disse, mas o que o senhor quer dizer com isso? E ele falava meio em espanhol, e disse: cada macaco em seu gaio!²⁹⁶

Três anos após o discurso de Heron pela adesão do Brasil à guerra mundial, e cerca de sete anos após a exaltação dos feitos heroicos de Flores através das páginas de *A Democracia*, a posição de Heron convergiria para as fileiras que colocavam o “caudilho”

²⁹⁴ Marlova Canabarro, entrevista citada.

²⁹⁵ “Discurso proferido pelo Dr. Heron Canabarro no primeiro grande comício popular realizado em Livramento”. Libreto. Março de 1942. Acervo Marlova Canabarro.

²⁹⁶ Perseverando Santana, entrevista citada.

Flores em um campo ideológico oposto. Os motivos dessa guinada à esquerda ainda permanecem sem um completo esclarecimento. Marlova acredita que o casal foi arrebatado pela grande influência que o partido passou a exercer entre setores da classe média e da intelectualidade após o Estado Novo, com a libertação de Prestes e a adesão crescente de escritores e intelectuais à causa da justiça social, que o partido refletia. “Minha mãe dizia que tinham grandes discussões teóricas entre eles, e aí surgiu o partido comunista”.²⁹⁷ Se no final do governo Flores da Cunha o advogado fora levado preso a Porto Alegre sob a acusação de comunista, em Montevideú, por sua vez, Flores reunia-se com os comunistas e tentava agregá-los na aliança que costurava em oposição ao Estado Novo. Na fronteira, os getulistas acusavam Heron de traição. Ainda assim, na inserção ao grupo comunista durante o período da legalidade e a partir dali, o casal constituiria novas redes, com interesses convergentes e a reafirmação de identidades comuns. Marlova recorda das reuniões e saraus literários que aconteciam em sua casa, reunindo a militância:

Eu cresci vendo meus pais nessa militância, eu via toda a turma na minha casa. Lembro do Chiquinho Cabeda, do Holmos, Ary Saldanha, Perseverando, os poetas Lacy Osório e Mário Santana; um declamava e outro respondia em versos; era um ambiente esfumaçado onde aconteciam aquelas tertúlias, o Pedro Alvarez e Dona Iná vinham de Porto Alegre, o Leonardo Santana Fernandes, que era muito jovem...²⁹⁸

A ala feminina do partido também se constituía bastante expressiva. Renée e Teresa Nequesauert, esposa de Solon Pereira Neto, eram das mais atuantes. Na ocasião da chacina, Heron foi detido ao tentar interceder como advogado, denunciando a arbitrariedade e inconstitucionalidade da prisão de Solon. O ambiente exalava a tensão dos recentes assassinatos e Renée organizou a ala feminina, reuniu as viúvas, e se encaminharam ao quartel onde estavam detidos Solon e Heron, exigindo a soltura, falando em nome das famílias dos mortos e em desagravo ao crime. Foram recebidas pelo comandante Ciro de Abreu. Marlova recorda de sua mãe narrar o áspero diálogo que manteve com o militar: “O Ciro de Abreu disse, ‘É, foram vocês que inventaram essa tal democracia, no que minha mãe retrucou, general, democracia não se inventa!’”.²⁹⁹

²⁹⁷ Marlova Canabarro, entrevista citada.

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ Idem, Ibidem.

A organização de sindicatos, de entidades estudantis e também de frentes populares constituía-se em parte de uma estratégia do PCB na aproximação às massas, visando promover o surgimento de atividades tolerantes para com o processo revolucionário e influenciar formadores de opinião. Das mais variadas correntes religiosas e ideológicas, as centenas de comitês populares espalhados pelo país reuniam pessoas de origens sociais diversas que seriam dirigidas por comunistas ou simpatizantes com o propósito de lutar pelas reivindicações mais imediatas de uma rua, de um bairro, ou de um edifício. Estas atividades tinham em vista arregimentar adeptos à causa entre os moradores dos bairros, donas de casa, trabalhadores autônomos, pessoas que não estavam ligadas a um sindicato de empresa, mas que podiam ser ouvidos em seu próprio bairro por meio das reuniões, das festas e dos eventos promovidos pelo partido.³⁰⁰ Cláudia Monteiro, ao estudar a participação feminina nos comitês criados no Paraná com a legalidade do partido, observa que “as mulheres tiveram um papel de destaque no surgimento dos núcleos de bairros. Posteriormente ao estabelecimento dos comitês, sob a liderança de mulheres comunistas, foram fundados também vários organismos tendo por base os locais de moradia, que reuniam principalmente donas-de-casa, como o Comitê das Mulheres Pró-Democracia, criado em 1945, e a União Feminina, criada em 1946”.³⁰¹

Poucos dias antes do episódio de enfrentamento, as integrantes da União Feminina em Santana do Livramento reuniam assinaturas a serem encaminhadas ao Congresso Estadual pela Proibição da Arma Atômica, que se realizaria em Porto Alegre.³⁰² Na sede da entidade, localizado nas dependências da Sociedade Italiana, juntaram-se aos representantes da União Operária célula do partido no bairro industrial e a Associação dos Jovens. À frente do movimento contra as armas nucleares, que reuniu 7.285 assinaturas durante o período em que esteve ativo em Santana, estavam Teresa Nequesauert de Pereira Neto,

³⁰⁰ Chilcote, Ronald. *Opcit.* Pg.218.

³⁰¹ Monteiro, Claudia. A luta por um partido de massas: o PCB e os comitês democráticos populares no paraná (1945-1947). VIII Congresso Internacional de História. Curitiba, 6 a 9 de outubro de 2015. P. 1693Idem.

³⁰² Ronald Chilcote observa que a organiza o de sindicatos, de entidades estudantis e também de frentes populares constituía-se em parte de uma estratégia do PCB em se ligar às massas, fora do partido, visando promover o surgimento de atividades tolerantes para com o comunismo e influenciar formadores de opinião. Berenice Cavalcanti acrescenta que as mulheres tiveram um papel de destaque no surgimento dos núcleos de bairros. Posteriormente ao estabelecimento dos comitês, sob a liderança de mulheres comunistas, foram fundados também vários organismos tendo por base os locais de moradia, que reuniam principalmente donas-de-casa, como o Comit  das Mulheres Pr -Democracia, criado em 1945, e a União Feminina criada em 1946.

Clotilde Vieira, Antonia Rodrigues, Adelaide Kemp de Farias, Irma Gonçalves e Odila Trindade.³⁰³ O historiador Augusto Buonicore mostra que a eclosão da guerra da Coreia em junho de 1950 e seus antecedentes colocou o planeta sob a ameaça real de um conflito ainda maior, com o uso de armas atômicas e a participação da União Soviética, China e Estados Unidos. As campanhas pela paz foram reprimidas com violência pelo governo Dutra, como na tentativa de realização do Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, no início de 1949, no Rio de Janeiro, dissolvido a tiros.³⁰⁴ A luta encampada pelos comunistas também se colocava frontalmente contra o envio de soldados brasileiros para a guerra, sob o slogan “Nenhum soldado para a Coreia”.³⁰⁵ As reivindicações pela paz estariam presentes nas palavras de ordem e nas pautas de lutas que foram reprimidas em conflitos sangüinários desencadeados pelo governo de Walter Jobim, como nas chacinas de Santana do Livramento, em setembro, e anteriormente em Rio Grande, em 1º de maio de 1950.

A casa do açougueiro Jovelino Santana e sua esposa, Placelina, no bairro Industrial, era ponto de encontro e local de reuniões onde compareciam Renée Canabarro, Teresa Nequesauert, Franceline Cabeda, Virginia Apoitia. Mais tarde, Sônia Cabeda iria juntar-se ao grupo. Olga Santana recorda-se que nesses momentos as mulheres reuniam-se à parte dos homens, e os assuntos discutidos giravam em torno das ações partidárias para arrecadação de fundos, mesmo que nem sempre a política fosse a tônica:

Elas vinham para cá, faziam chazinho, cafezinho, e conversavam, mas acredito que elas não conversavam assunto de política. Tinham umas que eram bem politizadas. Diferente da minha mãe, que meu pai sempre foi muito machista nesse sentido, então mulher não se mete em política. Mas as outras mulheres falavam e minha mãe assimilava muito bem. E faziam chás dançantes, para recolher algum dinheiro para o partido. Então elas eram encarregadas dessa parte social, para auferir algum dinheiro, para que eles pudessem manter o jornalzinho, a compra de livros... Na outra sala ficavam os homens, meu pai, o Solon, o Heron ...³⁰⁶

Marlova Canabarro lembra que, embora os militantes e simpatizantes do partido muitas vezes tivessem origens sociais distintas, pelo menos na sua casa os grupos não eram exclusivos, separados entre “intelectuais de um lado e operários de outro”. Ela acredita que

³⁰³ *Três delegados representarão Livramento no Congresso Estadual pela Proibição da Arma Atômica.* Unidade. 8 de setembro de 1950. Santana do Livramento.Pg1

³⁰⁴ Conforme o historiador, ficaram feridos o deputado Paulo Cavalcanti, a filha do escritor Graciliano Ramos, Luiza Ramos, e João Saldanha, que foi baleado. BUONICORE. Augusto. Os comunistas brasileiros contra a guerra. Portal Vermelho (www.Vermelho.org.br). Acessado em 24/04/2015.

³⁰⁵ BUONICORE. Augusto. Os comunistas brasileiros contra a guerra. Portal Vermelho (www.Vermelho.org.br). Acessado em 24/04/2015.

³⁰⁶ Olga Santana, entrevista citada.

para Renée e Heron não havia a distinção, muito embora circulassem também pelos meios pequenos burgueses e de fazendeiros mais abastados.

Lá em casa desfilava gente, não tinha isso.... e nas reuniões ia todo mundo. A mãe era uma pessoa que transitava muito dentro do partido e era extremamente coerente. Ela foi responsável pelos primeiros filmes italianos que meus amigos viram no cinema, e depois iam lá para casa discutir, tudo por influencia da minha mãe. Ser comunista e participar de uma sociedade pequeno burguesa era complicado também, mas nunca houve ...eu fui debutante, fui tudo... bailes... Tinha discriminação na escola primária... do tipo, minha mãe disse que teu pai é comunista.³⁰⁷

Heron Canabarro assumia as funções de assessoria jurídica do grupo, sempre que houvesse necessidade. Foi assim que redigiu em 1957 um documento apresentado ao magistrado da 1ª Vara da comarca, arguindo pela revogação das ordens de prisão preventiva que ainda vigoravam contra Hélio Santana Alves e Santos Rodrigues, ambos envolvidos no episódio da chacina e que viviam desde então exilados em Rivera. Após a chacina, Hélio solicitou asilo político no Uruguai, terra de sua esposa, Celina Perez. Antes, no calor do embate, foi preso em Rivera e protegido por um comissário local, que se negou a entregá-lo a polícia brasileira. Hélio cumpriu pena de oito meses em Montevideu e conseguiu sair graças a interferência de um advogado, contratado pelo partido comunista uruguaio. Com a concessão de asilo ficou vivendo em Rivera até sua morte, em 2014, aos 96 anos de idade. Com Santos Rodrigues a trajetória após a chacina foi similar, preso e liberto junto com Hélio, viveu asilado em Rivera até falecer.

No texto apresentado à justiça local pela “Comissão da Defesa das Liberdades e dos Direitos Constitucionais criada em solidariedade a Hélio Santana Alves e Santos Rodrigues”, a revogação da ordem de prisão preventiva de Prestes também é estampada como bandeira do movimento. A tese central defendida por Heron, pedindo a desclassificação e prescrição dos delitos de resistência e ferimentos graves, dos quais Hélio e Santos ainda eram acusados, baseava-se na legalidade constitucional do ato de 24 de setembro de 1950, que assegurava o direito de votar e ser votado, além da livre escolha de crença política, religiosa e filosófica. Os manifestantes, portanto, teriam sido agredidos covardemente e apenas se defenderam do ataque mortal. Heron identificava o eixo do processo instaurado sobre os acontecimentos do Parque como uma “arbitrária discriminação ideológica”, e argumentava que as principais palavras de ordem defendidas pelos militantes naquela ocasião – monopólio estatal do petróleo, defesa da indústria

³⁰⁷ Marlova Canabarro, entrevista citada.

nacional, melhores condições de vida para o povo e contra a agressão imperialista - se transformariam na tônica da carta testamento de Vargas (incluída na íntegra no documento), e encampadas posteriormente pelo presidente Juscelino Kubistcheck. “O então candidato e hoje Presidente da República empunhava as mesmas palavras de ordem tintas de sangue no Largo do Internacional”, argumentava. No arrazoado final pedindo a prescrição dos delitos e a desclassificação de ferimentos graves para leves, o advogado elabora um breve resumo dos acontecimentos julgados anteriormente.

(...) é fato notório que as pseudos vítimas de ferimentos graves, os policiais, estiveram poucos dias em tratamento médico, mais de susto do que propriamente dos ferimentos que foram simples arranhões, como dão notícia os autos do exame médico de fls.2º) e principalmente porque tais ferimentos inexistem após as decisões do Tribunal do Juri que proclamou a INEXISTENCIA DE MATERIALIDADE daqueles fatos. Precisamente no Juri a que respondeu o ilustre dr. Lucio Soares Neto, a quem também se imputavam, “ut” sentença de pronuncia, os ferimentos graves atribuídos em co-autoria aos requerentes, foi o mesmo absolvido em justa e merecida decisão unânime. As três decisões do Tribunal Popular, composto exclusivamente de elementos pertencentes à burguesia, insuspeita no caso, proclamaram, como um sentir da sua classe e do povo, a inexistência de crimes de qualquer espécie, porque precisamente a evolução histórica em nossa pátria mostrou que os homens de 24 de setembro de 1950 não estavam delinquindo, mas sim mostrando ao povo o caminho da evolução do Brasil ao par dos demais povos do mundo. Pode-se negar essa verdade histórica? Não. Se por ventura amanhã comparecerem ao Tribunal do Juri para serem julgados os requerentes, haverá Tribunal Popular desta terra que condene aos requerentes? Não. A força da História é incoercível.³⁰⁸

O panfleto distribuído à população com a defesa político-jurídica de Hélio e Santos, é acrescido de uma introdução que centra as críticas na atuação deletéria dos trustes, especialmente o da carne, onde ao frigorífico Armour é atribuída a culpa pela crise que se instalou no município. Três anos após o suicídio de Vargas, o presidente é irmanado na luta nacionalista dos militantes assassinados: “Nem um santanense patriota poderá permitir que os trustes imperialistas, os assassinos de Vargas, de Aladim Rosales e seus companheiros e assim como patriotas de diversos partidos, os trustes inimigos e esfomeadores do povo do Brasil, atentem contra a economia de nosso município”.³⁰⁹ O texto de Heron retoma a relação entre a cidade e o frigorífico, trazendo para a atualidade a crise ainda vigente, reforçando a importância da luta dos trabalhadores chacinados sete anos antes. Naquele novembro de 1957, uma comissão de dirigentes do frigorífico visitava a cidade. Os rumores que circulavam entre os operários e nas páginas do jornal A Platéia, conforme informava o texto, era de que frigoríficos associados, como a Swift, Armour e Anglo, no Uruguai,

³⁰⁸ Comissão de Defesa das Liberdades e dos Direitos Constitucionais Creada em Livramento em solidariedade a Helio Santana Alves e Santos Rodrigues. Panfleto. Acervo Perseverando Santana. Pg.8

³⁰⁹ Idem. Pg.1

seriam fechados e na fronteira a situação não seria diferente. De acordo com a denúncia veiculada pela Comissão, a manobra consistiria em fechar temporariamente o frigorífico de Santana e no Uruguai, para abater mais gado na fábrica argentina, adquiridos a preços menores. A dependência da cidade aos humores do frigorífico era denunciada por Heron Canabarro, que enumerava os efeitos a crise em cascata desencadeada pelas estratégias dos grandes industriais no município.

Em Livramento, os 1.140 operários industriais que, segundo dados estatísticos de 1955 tinham ocupação na indústria, tem sua situação já agravada. Aumenta o desemprego, aumenta a concorrência da mão de obra porque o governo retarda as medidas de reforma agrária. Dos 18.298 habitantes da zona rural existem apenas ao redor de dois mil proprietários. Da área total do município, 98% é dedicada a atividade pastoril e apenas 2% para a agricultura. Em consequência disso campeia o desemprego entre a população rural e sub-urbana, que representa 59% da total da população do município, que para ter melhor poder aquisitivo é indispensável medida de reforma agrária e crédito amplo. Essa situação se torna ainda mais séria se levarmos em conta que o frigorífico Armour ocupava nas safras anteriores até 4 mil operários e hoje não ultrapassam a 2 mil. Em nosso município a indústria local da carne frigorificada, do charque, do cortume, da lã e mesmo da construção civil e o comércio, todos dependem da pecuária.³¹⁰

A solução proposta seria a encampação e nacionalização do frigorífico com a entrega da fábrica aos pecuaristas nacionais, cooperativados, “transformando a manobra do truste em mais uma vitória nacionalista”. É certo que nunca seria adotada, e o frigorífico amargaria um lento declínio nas décadas seguintes, quando o capital majoritário já não mais pertencia aos norte-americanos. A defesa das idéias nacionalistas em torno do frigorífico revelava, no entanto, uma aliança impensada em anos anteriores. Agora, o jornal comunista dirigido por Ary Saldanha, endossava a pauta dos grandes criadores, reunidos em torno da Associação Rural de Livramento. A classe operária era chamada a colaborar em uma aliança com pecuaristas contra o inimigo comum: os frigoríficos estrangeiros e o capital internacional. O jornal já tinha acenado com o apoio a pauta dos pecuaristas em anos anteriores, ao reivindicar apoio para a industrialização da cooperativada charqueada São Paulo e denunciar as distorcidas condições de negociação na qual os criadores de aves eram submetidos no frigorífico.

³¹⁰ Idem. Pgs. 1, 8. Assinam o documento: Heron Canabarro, Angelo Cabeda, Achyles S. Alves, Edson Santana, Francisco Cabeda, Gaspar Santana, Maria Adelaide Kemp Farias, Joel Rossales, Flavio Haguirre, Francilina Dias Cabeda, Ramão Leal Pacheco, Sonia Valdez, Mario Santana, Perseverando Santana, Aristoteles Paz, Dario Farias, Solon Santana, Mario Campos, Eustaquio Apoitia, João do Patrocínio Braga, Isolina Rossales, Artigas Barros Peres, Julieta Santana, Narciso Aguiar Correia, Ary Saldanha, Otilio Santana, João Pedro Coutinho, Antonio Holmos, J.F. Caldeira, Pantaleão Ferreira, João de Deus Silva, Feliz Waltu, Maria Isabel de Waltu, Boaventura Serpa, Francisco Dias da Silva, Valdo Pereira dos Santos, Vivaldino M. Morel. Livramento, novembro de 1957.

Desta vez, na mesma edição em que denunciava o emprego de 200 operários “por changa” no Armour, sem direitos trabalhistas nem contribuição ao IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários), o Unidade fazia coro ao apelo do recém eleito presidente da Associação Rural, Romagueira de Oliveira, conclamando os operários para defenderem “interesses comuns” junto aos pecuaristas.

(...) Aí está porque dizem que as massas trabalhadoras estão interessadas na industrialização do país. Ao mesmo tempo salta aos olhos que esses interesses são paralelos aos dos pecuaristas. Se estes sofrem, como está provada, a concorrência e a pressão dos trustes que os alijam do mercado nacional. Reconhecendo-se esses elementos tem-se os elementos para a formação de uma ampla e decisiva frente única em defesa da pecuária. A industrialização da carne coloca-se na ordem do dia como única saída da situação crítica em que se acha esse setor da nossa economia. Esta é, efetivamente, a verdadeira solução e não uma guerra como alguns círculos desesperados querem fazer crer. (...) Finalmente concluímos apontando que a classe operária, os camponeses que já despertam para lutas decisivas, e todas as massas trabalhadoras com seus mais destacados líderes à frente estão a postos, prontos a cerrar fileiras com os pecuaristas. O apelo do dr. Romagueira de Oliveira não será em vão. A bandeira que ele desfralda diante da Associação Rural de Livramento será empunhada por todos os patriotas que lutam pelo progresso e pela independência do Brasil. Os líderes sindicais saberão cumprir seus deveres em defesa da pecuária nacional, por mais pão e liberdade para a classe operária e para o povo.³¹¹

Lucília Delgado mostra que o nacionalismo, ao longo do período que se estende de 1930 a 1964 pode ser considerado, em suas distintas abordagens, como marca de uma conjuntura bastante específica na história da república brasileira. Se na década de 1930 tinha os ares intervencionistas e centralizadores trazidos pela revolução, a partir de 1955 e até o golpe de 1964 ganhou um contexto nacional-desenvolvimentista, que buscava a superação do subdesenvolvimento, o não alinhamento obrigatório com as pautas da superpotência americana e a proteção dos recursos naturais do país. Com a criação da Frente Parlamentar Nacionalista, em 1956, comunistas e trabalhistas alinharam-se em uma frente suprapartidária que incluía até membros da UDN, em torno de idéias reformistas e contra o capital estrangeiro monopolista, cujo um dos braços estendia-se aos frigoríficos, ligados ao capital inglês e norte-americano.³¹²

A relação de proximidade de Heron com os Flores da Cunha, entretanto, sempre se manteve entre a cordialidade e os préstimos em casos urgentes, como um pedido de habeas corpus em favor do coronel Antônio Fernandes da Cunha, detido após um incidente que

³¹¹ *Industrialização, saída para a crise da pecuária*. Unidade. Março de 1957. Santana do Livramento. Pg2

³¹² NEVES DELGADO, Lucilia de Almeida. *Nacionalismo como projeto de nação: a Frente Parlamentar Nacionalista (1956-1964)*. In: Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964). FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 358-376.

ocorreu em 10 de outubro de 1954. Na ocasião, a chamada Frente Democrática, que reunia militantes do PSD, UDN e PL realizavam uma “passeata da vitória”, comemorando a volta do PSD ao Palácio Piratini, com a vitória de Ildo Meneghetti nas eleições. O ex-prefeito e um grupo de militantes ligados a Frente foram acusados de alimentar de maneira criminosa uma rixa política, que ao final do incidente deixou um homem gravemente ferido, que veio a falecer dois meses depois. Heron tentou em vão desclassificar a acusação de “rixa” pela de “delito de multidão”, buscando isentar o ex-prefeito Antônio Fernandes da Cunha da responsabilidade pelo conflito. O relatório do delegado regional, elaborado 20 dias após o conflito, acrescenta detalhes do embate travado no centro da cidade.

A passeata programada para as 17h antecipou seu início, circunstancia imprevista que veio influir sobremodo nos acontecimentos sangrentos, porque a polícia pretendia 15 minutos antes da hora aprazada, fazer seguir o contingente da Brigada Militar e os funcionários civis para reforçar o policiamento preventivo ali postado desde as 15 horas. Com essa antecipação a medida pré-estabelecida ficou prejudicada. Os festejos da vitória já à rua Rivadávia Corrêa, recebeu a primeira provocação de elementos a frente do Centro Getúlio Vargas, segundo informa o capitão Manoel Rodrigues. O curso prosseguiu, no entanto sem dar maior importância a esse detalhe. A festividade decorria normalmente entre vivas aos seus candidatos vitoriosos, espocando foguetes, lançando bombas, vanguardeada por uma banda de música. Ao defrontar-se porem com a rua Uruguai, cruzamento com Andradas, um elemento da Frente Democrática fez espocar ao chão um foguete e pouco antes ou concomitantemente um grupo chefiado por “Transparente” – que não pode conter – movimentou-se rapidamente em direção a passeata. E aí subitamente eclodiu o choque inevitável e generalizado, vendo-se revolveres empunhados, facões riscando o ar, “revolvaços”, pugilatos, troca de injúrias e ameaças, disparos de arma de fogo. Assomavam a frente de seus correligionários o Coronel Antônio Fernandes da Cunha, seus filhos João Antônio e José Horácio, o Dr. Romagueira de Oliveira, capitão Manoel Rodrigues, Prazedo Izidro, vulgo “Praxedes”, empunhando uma bandeira e outros. Não tardou este último sentir-se ferido, frouxar-lhe as pernas e cair no leito da rua. Crizontino D’Ávila, momentos antes desferiu um golpe de facão no fazendeiro Antonio Fernandes da Cunha, pelas costas e pele frente em seu filho, João Antônio Borges da Cunha. O capitão Manoel Rodrigues empregou-se a fundo empunhando seu revólver para defender-se de golpes de facão desferidos por Crizontino D’Ávila, vulgo “Titi” contra sua pessoa. O seu antagonista foi um dos últimos a seguir para encurralar-se na sede partidária disposto a defender esse reduto a qualquer preço, juntamente com Jacinto Pereira, os irmãos Lascombe, Armando Gonçalves e outros. Muitos viram o major Arthur Dornelles da Silva alvejar o ferido e correr em direção a sua sede partidária, outros atribuíram esse evento a Dalmiro Ferreira e outros ainda declararam ter visto diversos revolveres apontados em direção a vitima.³¹³

O pedido de habeas corpus impetrado por Heron não foi aceito pelo tribunal do júri, embora o advogado tenha elaborado um texto onde empregava mais uma vez o brilhantismo habitual de seus argumentos, desta vez em favor de um amigo de longa data, desafeto político dos trabalhistas e comunistas, e em um momento delicado pelo qual

³¹³ 2º Cartório do Cível e Crime da cidade de Livramento. Relatório de Antônio Brasil Milano, Delegado Regional. Livramento, 31 de outubro de 1954.

passava a nação, com a recente morte de Getúlio Vargas e os ressentimentos políticos e sociais ainda pulsantes.

No Bairro Industrial, o grupo bastante heterogêneo que reunia advogados, jornalistas, pequenos produtores rurais e operários da fábrica tinha na casa de Jovelino Santana um local adequado para reuniões, especialmente nos anos que sucederam a cassação do partido. Nascido em Montevideu em 1913, Jovelino foi criado pelo pai após a mãe falecer no parto. Na fronteira, foi adotado como afilhado de Pedro Gabi, um prestigiado comerciante, maçom e comunista, que atuou como verdadeiro benemérito da cidade, auxiliando na construção do asilo de velhos, doando o prédio onde foi erguida a loja maçônica local, entre inúmeras ações de auxílio aos mais necessitados.³¹⁴ As primeiras ligações de Jovelino com as idéias socialistas não são claramente identificáveis, mas a influência de Pedro Gabi não pode ser minimizada na sua formação. Com o auxílio do comerciante montou uma “provisão”, localizada na esquina das atuais ruas Daltro Filho e Moisés Vianna. Entre 1935 e 1940, conforme rememora Olga Santana, mudou-se para o bairro Industrial, “ainda bastante descampado”. Na juventude, Jovelino foi adepto do boxe e do futebol, e desde os inícios no frigorífico demonstrava preocupação com as condições de trabalho na fábrica. Olga recorda das reuniões na casa dos pais, de finais dos anos 1940 e início da década de 1950, quando o partido estava em ebulição:

Ele queria igualdade de condições para todo mundo, ele era muito socialista. Já era filiado sim, mas não tenho essa certeza. Ele sempre foi muito eloquente no falar e em seguida que se juntava um grupo ele monopolizava o grupo, e ali ele já estava discursando. Porque era um homem que lia muito, ele recebia muitos livros, lembro que no quarto dele tinha uma mesinha de luz, alto de livros e de jornais. Ele lia muito. Estudou em Rivera, acredito que o grau primário de Rivera. Aqui no Brasil não chegou a estudar, mas estava sempre em contato com nossas escolas. Tanto que ele era presidente dos círculos de pais e mestres, ele estava sempre ali junto com a gente. Era fiscal da Cooperativa de Ônibus, que junto com o sindicato dos trabalhadores formaram essa cooperativa, e ele trabalhava nessa cooperativa de ônibus. Mas ele nunca se separou do ofício dele que era o de cortar carne, de açougueiro. E à noite ele ia para as reuniões do partido, e aqui na nossa casa a gente recebia pessoas ligadas ao partido dele, e eles estudavam, meio que escondido aqui. Nós tínhamos um porão grande na nossa casa, como até hoje tem, e ali eles faziam as reuniões. Mas nós como crianças não nos era permitido ficar ouvindo as conversas, então a minha mãe colocava a gente para dormir e ela atendia as esposas dos companheiros que vinham estudar ali e tratar de assuntos da conjuntura nacional, de tudo. E eles ficavam ali estudando, dialogando...³¹⁵

³¹⁴ Jesus Aseff, depoimento ao autor em 22 de março de 2016. Santana do Livramento.

³¹⁵ Olga Santana, entrevista citada.

Jovelino enfrentava uma realidade em que ser considerado comunista significava sofrer perseguições policiais, judiciárias e – talvez o pior – o estigma de violento, subversivo e amoral.³¹⁶ “Chamar o camarada de comunista era o mesmo que falar da mãe”, lembrou Carlos Henrique Civeira Bassedas, que viveu intensamente a realidade da fábrica, entre trabalhadores e chefias, a partir dos anos 40.³¹⁷ O historiador João Batista Marçal, por sua vez acrescenta que “ser comunista em Quaraí, como de resto em todas as comunidades da Fronteira, era tão terrível quanto ser leproso”.³¹⁸ Frente a esses desafios, o virtuosismo necessário para se constituir em um verdadeiro revolucionário exigia obstinação e convicções que envolviam também a piedade com os mais pobres e solidariedade social.³¹⁹ Para Olga, seu pai cultivava tais atributos.

(...) se chegava um freguês que dizia, olha seu Santana, eu tenho uma receita que o doutor deu para meu filho mas não tenho dinheiro, ele prontamente, ele tinha uma gaveta, ele abria a gaveta e dava o dinheiro para a pessoa. Chegava uma pessoa e dizia, ah, Seu Santana, hoje eu não tenho dinheiro para comprar carne. Não, não tem problema, ele pegava e pesava a carne e dava para a pessoa levar.³²⁰

Jorge Ferreira, ao analisar os discursos dos comunistas brasileiros, identifica o resgate de valores associados a uma tradição humanística e também apropriados de preceitos éticos da cultura inglesa dos séculos XVII e XVIII, ligados a tradição puritana. Esse conjunto de exortações morais determinaria uma “ética da constância”, onde os comportamentos “virtuosos”, mais tarde apropriados pelos bolchevistas, teriam lugar. Assim, os revolucionários seriam impulsionados por valores como modéstia, autocontrole, firmeza, e adoção de uma conduta firme e compreensiva com o sentimento dos outros.³²¹ Esse “espírito de partido”, pode ser encontrado na conduta de Jovelino e também em Aladim Rosales, trabalhadores da fábrica e companheiros de causa. Armandina Rosales, filha de Aladim, recorda que o pai era querido por todo mundo, pois “era educado, não discutia, não ficava de impor as ideias no grito”, era operário exemplar e “na fábrica, até os gringos gostavam dele”.³²²

³¹⁶ FERREIRA, Jorge Op.Cit., p.72.

³¹⁷ Carlos Henrique Civeira Bassedas. Entrevista citada.

³¹⁸ MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do Rio Grande do Sul*. Edição do Autor. Porto Alegre, 2004. Pg.252.

³¹⁹ Cavalcante, Berenice. Op.Cit.,Pg. 72.

³²⁰ Olga Santana. Entrevista citada.

³²¹ FERREIRA, Jorge. Op.Cit.,Pgs, 74,75.

³²² Armandina F. Rosales, entrevista ao autor em 20 de junho de 2015. Porto Alegre.

Filho de pai brasileiro e mãe uruguaia, Aladim nasceu em Uruguaiana. Casou-se com Armandina, moça uruguaia, e passou a viver em Artigas, na fronteira com Quaraí. Na década de 1930 mudou-se para Santana em busca de trabalho no frigorífico. Em 1937, ficou viúvo. Pai de três meninas e um bebê de colo (a esposa falecera no parto), Aladim não tardou a encontrar Isolina, uruguaia de Tranqueras, que vivia com o irmão no bairro Industrial. Casaram-se em 1938. Com Isolina, Aladim teria mais três filhos, entre eles, Armandina, que ganhara o nome da falecida esposa. Ela lembra do pai como um “operário ilustrado, auto-didata, muito inteligente”. Articulado, o operário e candidato a deputado federal era colaborador dos jornais de Chiquinho Cabeda e Lúcio Soares Neto, o Tribuna do Povo, e posteriormente escreveria no Unidade. Possivelmente fosse também o anônimo “correspondente” do carioca Voz Operária na cidade.

Na primeira visita de Luis Carlos Prestes à fronteira, em outubro de 1946, Armandina recitou uma mensagem de boas vindas que impressionou o senador e líder comunista. Escrita por seu pai, levou dias para ser decorada, com o auxílio das irmãs. O resultado, no entanto, foi um orgulho para o pai, que iria se acostumar em ver na filha o ideal de boa estudante. “O cinema Colombo estava lotado, eu tinha seis anos, e falei toda a saudação para o Prestes, lembro que fazia gestos com as mãos e falava do povo carente. A visita dele causou grande alvoroço na cidade, e foi transmitida até pela rádio”, recorda Armandina. Nas suas memórias de infância, lembra especialmente dos arredores do bairro, onde a família vivia, nas proximidades da estação de trem da Carolina, em uma das típicas casas de madeira revestidas de lata que faziam parte da improvisada vila operária. Após a greve de 1949 e a demissão de Aladim, tiveram de desmanchar a casa de lata e mudar-se para o bairro Povo Novo, em Rivera. “Não tinha trabalho e o clima para eles era ruim lá no Armour”. Armandina relembra da figura paterna como um homem “perfeito”, que incorporava o que Ferreira designa como o “leque de virtudes” que transformavam o comunista em um homem novo.³²³ “No dia em que foi assassinado ele estava bem vestido, de roupa social. Sempre que chegava da fábrica ele colocava boas roupas, era elegante, estava sempre de terno e gravata”.³²⁴ Isolina não aprovava de um todo o envolvimento do marido na luta social, tinha receio de represálias, e se ressentia dos momentos em que

³²³ FERREIRA, Jorge. Op.Cit., Pg76.

³²⁴ Armandina Rosales. Entrevista citada.

Aladim ficava ausente, das tarefas que o partido impunha, quando “saía e não voltava”. “Foi nessa época que eu me atinei no partido, porque minha mãe tinha medo, mas meu pai era destemido”, recorda Armandina. Rememorando os acontecimentos de setembro de 1950, quando contava apenas 11 anos de idade, acredita identificar agora, passados mais de 70 anos, a preocupação do pai em relação ao rumo que a luta poderia tomar. “No dia 4 de setembro, que era aniversário dele, ele tirou fotos e deu para toda a família. Hoje eu vejo isso como uma espécie de pressentimento que ele teve, ou preocupação com o desfecho das coisas”. Armandina recorda que a família sentiu crescerem as hostilidades a partir do episódio do assassinato. Ela ainda iria morar mais nove anos na cidade, até se mudar para Porto Alegre, onde Ary Saldanha tinha lhe conseguido um emprego, indo viver por um período na casa da família de Solon Pereira Neto, que nessa época já residiam na capital. “A morte do meu pai foi o maior transtorno da minha vida, ninguém esperava aquilo. Foi o Chico Cabeda que identificou o corpo dele, todo metralhado, além do Chico eram muito amigos dele o Lucio Soares Neto, o Solon e a mulher do Solon, a Teresa...”³²⁵

A aproximação de Francisco ‘Chiquinho’ Cabeda Júnior com Aladim remetia a uma conexão mais ampla, que ligava o operário ao grupo de frente da comunicação do partido, composto por Solon Pereira Neto, Lúcio Soares Neto e Chiquinho. O grupo se fortaleceu após a legalidade, e em 1947 surge o Tribuna do Povo. O primeiro número data de 10 de janeiro de 1947, tendo a redação na Avenida João Pessoa, 49 e gráfica na residência dos Cabeda, em Rivera. Aristides Corrêa Leite seria o primeiro gerente do jornal, substituído depois por Athaydes Lima. O jornal fazia parte do esforço em propagar as idéias dos comunistas e especialmente do líder, Prestes, através da Imprensa Popular, uma rede de semanários que afloravam em todo o país. A oficina gráfica foi comprada por Lúcio na cidade uruguaia de Artigas, onde chegou após contatos com um advogado recomendado pelo partido, chamado Montozzi. Ao chegar à fronteira de Santana, a velha máquina gráfica Marinoni foi instalada na casa de Cabeda, em frente ao Parque Internacional. De acordo com Lúcio, “todo o material gráfico era próprio (...) adquirido em memoráveis campanhas financeiras em que participava pessoalmente o senador Luiz Carlos Prestes, o qual veio até Santana do Livramento, falando no comício em frente à Prefeitura, dando entrevistas na

³²⁵ Idem.

casa de Nenela Santana e hospedando-se em minha residência na rua Silveira Martins nº 742”.³²⁶

Francisco Cabeda Junior, conhecido popularmente como Chiquinho Cabeda, era filho de um engenheiro espanhol, natural de Asturias e sobrinho do líder federalista Rafael Cabeda. Somou-se ainda aos 26 anos incompletos às hostes maragatas na revolução de 1923, contra Borges de Medeiros, acompanhando o pai, Francisco, e seus cinco irmãos. A grande inserção de Rafael Cabeda e sua família na política local os colocou na posição de exilados após a derrota na revolução federalista, tendo sido duramente perseguidos pelo chefe político João Francisco Pereira de Souza.³²⁷ O clima de enfrentamento e de lutas influenciaram a atuação de Francisco e seu irmão - o agrônomo Angelo Cabeda, que possuía também grande prestígio moral na cidade - em suas posições futuras contra o mandonismo dos republicanos na região e o poder ditatorial do período Vargas. Quem rememora a atuação do popular farmacêutico Chiquinho é sua filha Sônia, criada entre outros seis filhos, todos adotivos. Sua mãe, sobrinha e filha adotiva dos Cabeda, faleceu aos 20 anos e o bebê com pouco menos de um ano foi criado pela família. Cabeda foi um dos introdutores da homeopatia na fronteira. Nas recordações de infância, Sônia lembra dos encontros entre os companheiros comunistas, que o casal Francisco e Francelina acolhiam na casa situada bem em frente ao local onde a partir de 1943 seria inaugurado o Parque Internacional. “Lá em casa sempre havia um quarto ou uma cama para os companheiros que por ali precisassem ficar um tempo ou passar a noite”, recorda. Assim como Jovelino Santana, Chiquinho fazia questão de auxiliar os mais necessitados e talvez por isso, segundo Sônia, faliu com a farmácia, pois costumava não cobrar de pessoas de baixa renda. A oposição clara do grupo aos que adotavam a usura e acumulação de capitais, a exploração dos mais pobres por taxas de juros extorsivas e contratos injustos, seja de arrendamentos de campo ou aluguéis urbanos, constituía uma causa unificadora da luta comum, contra aqueles aos quais Perseverando Santana chamava de “vinteneros”, que viviam a contar vinténs, apegados ao dinheiro acima de tudo. Na Câmara, Lúcio e Solon

³²⁶ MARÇAL. João Batista. OP.Cit. Pg.260

³²⁷ Em 16 de março de 1903, um acordo entre blancos e castilhistas promoveu uma verdadeira chacina contra jornalistas e remanescentes da revolta de 1893, reunidos nos jornais opositores Maragato e O Canabarro, em Rivera. Os alvos de João Francisco e seus soldados eram os jornalistas Rodolfo Costa, Paulino Vares e o líder Rafael Cabeda. Após intensos tiroteios, onde combatentes federalistas e pessoal da gráfica foram mortos, Rafael Cabeda conseguiu proteção junto a guarnição militar de Santana. Apud: ASEFF, Marlon. Retratos do Exílio. Solidariedade e Resistência na fronteira. Edunisc: Santa Cruz do Sul, 2009. Pgs 30, 31.

identificavam esse perfil ao grupo de cerca de 200 grandes produtores rurais, que possuíam expressivo número de imóveis destinados a especulação imobiliária.

Sônia era ainda muito jovem quando aconteceu a chacina no Parque. Tinha oito anos. No entanto, vivenciaria por muito tempo os reflexos daqueles dias entre amigos e familiares. Suas lembranças são recortes que devem ser sobrepesados à luz do que Alberti situa em um campo de disputa de sentidos, ou seja, uma história construída entre muitas possibilidades.³²⁸ Alguns acontecimentos podem ter sentidos já cristalizados na memória de infância, enquanto outros emergem de reflexões muitas vezes também impregnadas da subjetividade da experiência vivida há muito tempo. Portanto, é dentro desse campo de disputa, onde a “unidade do eu” é algo provisório e construído no presente, que Sônia nos remete a suas lembranças.³²⁹ Na casa paterna, situada em um local estratégico na linha de fronteira, ela iria conviver com duas gerações de militantes reunidos em torno dos ideais comunistas. Os mais velhos, nascidos nas primeiras décadas do século 20, formavam um grupo coeso em torno dos preceitos revolucionários, da revolução inevitável e a decadência do capitalismo. Saudavam o acontecimento fundador da revolução de 1917 e viveram as breves ilusões da insurreição de 1935. No final da década de 1940, no entanto, após anos sombrios de repressão sob o Estado Novo, encaravam uma guinada radical do partido e posteriormente a desilusão que veio com a ilegalidade. É a esses anos que Sônia nos remete, quando se recorda dos velhos parceiros de seus pais e das reuniões em torno do Tribuna do Povo.

Conheci o Aristides, o Aladim, que ia lá vender morango. O Ary Kullmann eu via esporadicamente, porque se reuniam ali. Tinha o jornal aqui, a turminha do pai. O Aristides dirigia o jornal junto com meu pai. Era feito ali, se juntava os linotipos. E o Armour sempre foi muito presente. Íamos para o Armour em piqueniques, com bolos, que se sorteava para o partido. Seu Jovelino era de lá, militante fervoroso, ia todos os dias lá em casa.³³⁰

As supostas contradições ideológicas cercavam a trajetória de Cabeda no partido e eram alvo de desconfiança por parte de alguns companheiros. Adepto ao Partido Colorado, em Rivera, a quem ironicamente chamava “dos piores, o melhor”, era fã do legado do presidente uruguaio José Batlle y Ordoñez, que no início do século 20, promoveu uma série

³²⁸ Alberti, Verena. *Indivíduo e Biografia na História Oral*. Rio de Janeiro: CPDOC. 2000. Pgs. 3,4,5

³²⁹ Bordieu, Pierre. *A ilusão biográfica*. Em: Ferreira, M.M & Amado, J. (coord.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

³³⁰ Sônia Cabeda. Entrevista citada.

de melhorias laborais no Uruguai, como a jornada de trabalho de oito horas, descanso semanal obrigatório e indenizações por acidentes de trabalho. A independência de Chiquinho também se manifestava nas páginas da Tribuna do Povo. Na edição de 22 de fevereiro de 1948, por exemplo, Chiquinho saudava o vereador da UDN, Romagueira de Oliveira, pelo seu posicionamento durante a votação da Lei Orgânica Municipal.³³¹ A sensibilidade pelas questões sociais na cidade, que considerava excludente com os mais pobres, levou o farmacêutico a fundar na década de 1940 o Clube Livramento, destinado a uma fatia da população que não tinha posses para frequentar os clubes mais abastados, como o Comercial ou Caixerai. Em 1946 Chico foi encarregado pelo líder dos comunistas, Santos Soares, a organizar a festa da legalidade do partido, no Teatro Colombo. Perseverando Santana recordou da oposição sectária dos companheiros em relação ao farmacêutico, acusado de ser muito flexível, dialogar e “tomar mate” em demasia com integrantes dos outros partidos na cidade, além de se posicionar ao lado dos colorados, em Rivera. Ainda assim, Santos Soares demonstrava total apoio e confiança em Chico, a quem valorizava a independência ao mesmo tempo em que exaltava a fidelidade a essência das idéias comunistas. Para Santos, Chico exerceria uma função semelhante à de Heron, de “infiltração” em setores mais conservadores da sociedade fronteiriça.³³² Perseverando relembra do amigo:

O Chico era uma figura ímpar, filho de uma tradicional família maragata da fronteira, sobrinho do Rafael Cabeda, o maior caudilho maragato que teve em Santana do Livramento. Tinha muito prestígio e era muito querido por todos. O Santos conhecia bem o Chico. Na legalidade ele disse, Chico, tu vai organizar a festa do partido. E o Chico diz, mas Santos tu sabes que tem uma desconfiança contra mim....E o Santos diz, Chico, fica quieto Chico, vai Chico! (risos). E ele organizou belamente. No dia da legalidade o teatro Colombo tava cheio e ele fez o Chico subir para a tribuna, que ele era a figura e tal. Aqui em Rivera ele entrou para o Partido Colorado e o pessoal dizia que tinha que ir pro partido comunista, mas o Santos dizia, deixa o Chico, ele é de máxima confiança, talvez mais do que muitos que estão aqui batendo no peito. Então ele fazia todo aquele serviço, era uma figura única. E quando morreu o caixão dele saiu daqui coberto com a bandeira do partido.³³³

³³¹ *Livramento já tem, há dias, a sua Lei Orgânica*. Tribuna do Povo. Santana do Livramento. 22 de fevereiro de 1948. pg. 3

³³² Perseverando Santana. Entrevista citada.

³³³ Idem.

Kardecista, assim como Santos Soares e Aristides Correa Leite, Chico muitas vezes trazia emprestadas as cadeiras do centro espírita para as reuniões do partido.³³⁴ Toda a devoção pela luta dos trabalhadores não isentou o farmacêutico, no entanto, de sofrer perseguições internas. Após a morte de Santos Soares, em 1951, foi expulso do partido devido a aproximação com os colorados, em Rivera. Resignado, irônico, foi distribuir no Armour o boletim onde constava sua expulsão. Depois afixou na porta de casa a notícia. Perseverando lembrou do acontecimento.

Pela aproximação com os colorados e a independência, o Chico foi expulso do partido. Saiu no boletim do partido. E o Chico agarrou o boletim e foi distribuir no Armour. E chegou aqui um dirigente nacional querendo ir para Montevideú. E chegou na casa do Chico e estava o boletim pregado na porta dele. E o Chico diz para ele, antes de falar comigo olha ali. Estás falando com um traidor. E o dirigente ficou perplexo com a decisão do comitê estadual. Aí o Chico completou, olha o meu dever com o partido é denunciar o traidor. E por isso já distribuí esse boletim no Armour. E aí o dirigente não aceitou e reintegrou o Chico ao partido.³³⁵

Chiquinho não seria o único a sofrer da desconfiança dos companheiros. Sônia Cabeda, que anos mais tarde seria secretária de Lúcio Soares Neto, quando este se reintegrou à vida política santanense, lembra dos comentários que se sucediam, anos após a chacina, que culpavam Lúcio pelos acontecimentos. Conforme Sônia, Lúcio questionou as ordens de Porto Alegre para que o ato em frente ao Parque não fosse realizado, mas como seria inevitável, resolveu que iria armado. Ela recorda da amizade inabalável de Lúcio e Chiquinho, que mantinham desde a época do Tribuna do Povo e depois no Unidade, comandado por Solon, mas com a presença inegável dos companheiros.

Lucio me contou que desobedeceu, ligou para o partido e eles indicaram para não ir armado, porque a promessa era a de que iriam matar. E saiu ferido lá em casa. Minha tia desmaiou e minha mãe lavou a ferida e levou para o Doutor Pollak, que fez a assepsia e mandou internar. O Lúcio era uma pessoa intocável.....ele ligou dizendo que ele não queria ir, mas a direção mandou ele ir. Alguém começou a desarmonizar, dizendo que era conflito pessoal com o delegado e ele ficou ressentido. Casou com uma mulher exuberante, uruguaia. E ele andava em Rivera, livremente. Ele encontrava o meu pai em frente ao boulevard da praça. Meu pai era o único que se dava com ele, porque ele tinha fé no Lúcio. Até que um dia meu pai fez o Ari Saldanha apertar a mão do Lúcio, desfazendo o mal entendido de que o Lucio teria culpa pelas mortes.³³⁶

³³⁴ Benito Bisso Schmidt investiga a aproximação entre socialismo e espiritismo como uma manifestação comum a muitos militantes marxistas, brasileiros e europeus, que respaldavam suas idéias na cultura cientificista do século XIX. Entre os expoentes dessas correntes de pensamento alicerçadas na racionalidade, destacavam-se Charles Darwin e o evolucionismo; o positivismo de August Comte; a antropologia criminal de Cesare Lombroso e o espiritismo de Allan Kardec. In: SCHMIDT. Benito Bisso. Em busca da terra da promessa. Porto Alegre. Editora Palmarinca, 2004. Pgs 297-311.

³³⁵ Perseverando Santana. Entrevista citada.

³³⁶ Sônia Cabeda. Entrevista citada.

Lucio nunca se arrependeria das escolhas tomadas durante os anos de combates intensos junto ao partido comunista. Em 1960, quando retornava a Câmara de Vereadores sob uma expressiva votação, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, respondeu as provocações de um colega que o acusava de comunista e radical.

(...) Eu, por exemplo, não me arrependo do que fiz no meu passado, nem me envergonho do que fiz no meu passado; o meu passado foi um passado de lutas ; eu não mudei de um partido bom para um partido ruim; eu vim do partido ruim; lutei no partido ruim; lutei num partido de sacrifícios; lutei com toda a expressão da minha juventude combativa e me envaideço, inclusive, desse meu passado. O sentido da luta foi sempre, da minha parte, um sentido ideal.³³⁷

Do segundo grupo de militantes que iriam atravessar os anos da ditadura que se iniciaria em 1964, Sônia Cabeda guarda a viva lembrança de Ary Saldanha e sua esposa Olga, da extensa família Santana, muitos ligados ao partido, como veremos a seguir.

Quando eu me dei por gente meu pai já era comunista, militante. Era o ideal dele. O grupo era pequeno. Depois teve o Ary Saldanha. A mulher dele, Olga, tinha uma chácara e ele tinha uma borracharia. E ele almoçava ali em casa. Até que a Olga ficou cega e eles se mudaram para Porto Alegre. E como ele era um grande militante ele conseguiu que ela fosse até a União Soviética tratar a vista, mas ela teria de ficar três meses lá e ela não quis. E tinha as tias dela, as Santana, ali da Praça de Esportes, que eram muito ricas, fazendeiras. E os filhos dela eram como que adotados por elas.³³⁸

A ligação entre os Cabeda e os Santana, família de tradicionais pecuaristas da fronteira, já vinha de longa data, alicerçada na coloração ideológica em comum, maragata, adeptos das idéias federalistas de Gaspar Silveira Martins, Joaquim Francisco de Assis Brasil e opositores dos Republicanos, reunidos em torno de Julio de Castilhos e Borges de Medeiros. Na fronteira, guardavam distância aos mandos de João Francisco Pereira de Souza e dos Flores da Cunha. Durante a revolução federalista, em 1893, o patriarca Perseverando se engajou na luta e enviou a família para viver na localidade de Salto do Arapey, no Uruguai, temendo por represálias do grupo republicano na cidade. Ao longo da década de 30 e especialmente após a redemocratização de 1945, alguns dos Santana encampariam as lutas de coloração marxista, na consolidação do Partido Comunista na região. Mário Santana, poeta e vereador comunista nos anos 50 tinha em seus irmãos Solon Santana, conhecido como Castelhana, Edson Sona Santana, Rodolfina e Julieta, os mais

³³⁷ Ata nº 1.054 – Sessão Ordinária. Câmara Municipal de Santana do Livramento. 12 de setembro de 1960. Acervo Perseverando Santana.

³³⁸ Sônia Cabeda, entrevista citada.

engajados na causa socialista. Sona Santana fora capitão da coluna de Honório Lemes durante a Revolução de 1923, tendo participado do sangrento ‘Combate da Ponte’ sobre o rio Ibirapuitã. Perseverando Santana acredita que Rodolfina era a mais engajada de suas tias, seguida por Julieta, a mais jovem, em cuja casa por duas vezes esteve hospedado o líder comunista Luis Carlos Prestes, em 1946 e 1960.³³⁹ Maria Amália Santana, filha de Solon e Altamira Pereira Santana, desvenda o intrincado quebra cabeças da coloração de esquerda da família:

Todos eram maragatos. Como seus pais, tios e primos. Minha avó paterna Manoela Fernandes Santana (neta de Brigadeiro Canabarro) e meu avô Perseverando Santanna (nessa família tem quatro Perseverando Santana), foram os primeiros a simpatizar com as idéias comunistas, no que foram seguidos por alguns filhos e filhas. A opção com certeza venho do espírito revolucionário e renovador que permeia a sua descendência. Eram de esquerda: Mário Santanna, Edson Santanna (Sona) Solon Santana (meu pai) Rodolfina Santana Alves (mãe de Achilles Alves, que foi por vários anos presidente do PCB aqui em Livramento e Hélio Alves, também militante do PCB); Julieta Santana e Gaspar Santanna (pai do Perseverando).³⁴⁰

Da segunda geração, destacaram-se na consolidação do partido na cidade os irmãos Achilles e Hélio Santana Alves, filhos de Rodolfina, que tiveram no primo Perseverando, um parceiro de livros e estudos, de espírito moderado e adepto do diálogo com setores mais conservadores. Achilles veio para o partido em 1936. Em 1934 estava ligado ao Partido Libertador, era amigo de Waldemar Ripoll. O assassinato do líder libertador em Rivera, com a posterior capitulação de Raul Pilla, que aderiu ao governo florista pode ter sido a razão que aproximou definitivamente Achilles à militância no PCB. Admirado pelos comunistas da fronteira, o pecuarista e colaborador do jornal Correio do Povo- onde escrevia sobre genética animal- era de confiança absoluta do comitê estadual. Conforme Perseverando, Achilles era “culto, de grande responsabilidade” e exerceria uma função importante no abrigo aos exilados brasileiros de passagem por Rivera a partir de 1964.

A formação de Achilles e Perseverando aconteceu em Porto Alegre, onde a matriarca da família, a avó Manoela Fernandes Santana, os levou para estudar, após a morte do marido, no início da década de 30. Em Porto Alegre aconteceu a aproximação de Perseverando com o marxismo, influenciado também pela avó. Aos 16 anos, enquanto estudava no Colégio Julio de Castilhos, conheceu o romance Cacau, onde Jorge Amado narra a vida dos trabalhadores rurais do sul da Bahia, em um dos primeiros relatos do realismo socialista brasileiro, que iria leva-lo a refletir sobre a realidade dos trabalhadores

³³⁹ ASEFF, Marlon. Op.Cit., Pgs.150, 151

³⁴⁰ Maria Amália Santana. Entrevista concedida ao autor em 12 de dezembro de 2015.

no campo. Em 1930 acompanhou a partida de Getúlio Vargas e os revolucionários gaúchos para o Rio de Janeiro e desde então passou a nutrir um entusiasmo ao mesmo tempo crítico, mas também repleto de admiração pelo trio Getúlio Vargas, Flores da Cunha e Oswaldo Aranha. Assim como Hugo Nequesauert e Heron Canabarro, considerou por muitas vezes as ações do conterrâneo José Antônio Flores da Cunha, como a de um caudilho legítimo, que honrava a confiança de seus liderados, muito embora militassem em campos opostos. Perseverando costumava lembrar de um episódio de sua juventude, quando confraternizava com um grupo de amigos no salão do Clube Comercial, em Santana do Livramento. Teve o ímpeto de ir cumprimentar Flores, que estava no mesmo local, em uma mesa próxima. Desaconselhado pelos amigos, hesitou. No final da noite, ao pagar a conta, foi surpreendido por um gesto que o deixaria de alguma maneira mais simpático ao personagem: as despesas do grupo já tinham sido pagas pelo “caudilho”, que saíra um pouco antes.

Em relação a Lúcio Soares Neto, no entanto, a pecha de caudilho recaía para um sentido pejorativo, talvez devido ao fato de Perseverando atuar mais nas sombras do partido, através da teoria, dos conchavos e pequenas conciliações, enquanto Lúcio era afeito ao confronto direto, como viria a acontecer no episódio do Parque, entre outros embates que mantinha, especialmente em relação aos proprietários rurais. Perseverando, por sua vez, era próximo aos ruralistas, sendo ele mesmo um pequeno produtor, que ganhava força entre seus pares e com o frigorífico ao negociar em conjunto a produção procedente de terras da família e parentes próximos, como as estâncias da Glória, Mojon, Hédro, Chirca, Penhasco, Areia e Granja; as chamadas “Estâncias Reunidas”. Sobre Lúcio, ele acompanhava um sentimento que cresceu entre os companheiros, especialmente depois do episódio do Parque. “O maior defeito dele era ser caudilho, aí é que arreventou ele. Porque o caudilhismo existe em todo o partido, torna-se chefe e depois caudilho. Mas o Lucio não tinha estatura para isso... era mandonista”.³⁴¹ Para Perseverando, o caudilho autêntico, que reuniria os atributos positivos em maior número do que os negativos foi Flores da Cunha. Identificava no ilustre conterrâneo algumas luzes da moral comunista, como a honradez no trato com os adversários e a pouca estima pelo enriquecimento pessoal. Das suspeitas que pesavam sobre o patricio que atingira os postos de intendente,

³⁴¹ Perseverando Santana. Entrevista concedida a Marlon Aseff e Luciano Machado, em 12 de outubro de 2012.

prefeito, interventor, governador, deputado e senador – acerca das mortes ocorridas especialmente em seu período de interventor e governador gaúcho, o memorialista preferiu calar. Ao invés disso, destacava seus atributos.

O governo Flores aqui no Rio Grande foi importantíssimo. E ele tinha a vida privada mais ‘escuiambada’ que tu possas imaginar. Só para ter idéia, quando ele morreu ele deixou uma fortuna: um terreno em Uruguaiana que nem os cachorros dormiam. Da estância que ele recebeu do pai não sobrou nada, jogaram tudo fora. E a administração do Rio Grande foi a melhor que teve. Uma vez o Solon me disse... claro... o Solon era Pereira, o sobrinho do João Francisco, que tinha uma luta tremenda com o Flores... e ele me disse, ‘tchê, nós falava do Flores... que era um louco, mas eu vendo as atas foi a melhor administração e mais honesta que teve no Rio Grande’ O enterro fez o Brizola, bem feito, o Estado tinha que fazer, o hospital pagou o irmão dele, Chico Flores, foi uma fortuna.... e a UDN não estava mais com ele, por ele ter se oposto ao golpe contra o Juscelino.³⁴²

A aproximação do grupo comunista com o “caudilho”, senador pelo Rio Grande, não era de todo surpreendente, pelo menos em suas vertentes pequeno burguesas. Lúcio Soares Neto, que nas décadas seguintes combateria com afinco os latifundiários locais, também fazia parte de um time de jovens admiradores de Flores, que se estendeu da revolução de 30 ao período anterior ao Estado Novo . Em suas recordações, aos 94 anos, guardava ainda o orgulho de ter participado ativamente do levante do dia 3 de outubro, quando Flores, Oswaldo Aranha e Agenor Barcelos Feio atacaram o quartel general da 3ª Região Militar.

Tomei parte da Revolução de 30 na tomada do Quartel General, eu era aluno do CPOR, no terceiro ano. Tinha 19 anos. Eu fui, junto com outros alunos, escalado pra determinadas funções, que inclusive a minha seria vigiar a polícia, que ficava perto do Colégio das Dores, na Rua da Praia. Lá que eu ficava. Particpei da tomada do Quartel General, a tomada do QG deu-se em 15 minutos! Fechou-se o cerco, estavam todos disfarçados né, não estavam fardados, nem nada, todos disfarçados...e então eu participei dessa tomada.³⁴³

Lúcio nasceu na capital gaúcha em 15 de novembro de 1911, de uma família descendente de imigrantes franceses, alemães e portugueses. Aprendeu a ler com a mãe, a professora Arminda Weber Ferreira.³⁴⁴ No curso de Direito, em finais da década de 20, começou a aproximar-se das ideias filosóficas e políticas, discutidas incansavelmente nas repúblicas estudantis. O engajamento político nasceu dos debates com o amigo e mentor Percy de Abreu Lima, criminalista nascido em Santana do Livramento, que conheceu nos anos de estudante. Percy o levou ao tribunal do júri, onde passou a exercer a profissão, mesmo sem

³⁴² Idem.

³⁴³ Lucio Soares Neto. Entrevista a Marlon Aseff e Liane Chipollino Aseff em 11 de agosto de 2011.

³⁴⁴ Perfil. Por Noemi Kurtz. Jornal A Platéia. Santana do Livramento. 11 de junho de 2001. Pg.16

ter finalizado o curso, atuando como assessor nas causas do amigo. Em 1932, com 21 anos, obteve a carteira da OAB. Participou em 1935 da Aliança Nacional Libertadora, posicionando-se contra o direcionamento do governo Vargas. Em 1937, já com trabalho reconhecido, teve de empreender uma fuga rápida devido a perseguição promovida pelos agentes do emergente Estado Novo. Logo depois chegaria a fronteira, onde participaria da banca de defesa de Camilo Alves, acusado de envolvimento no assassinato Waldemar Ripoll, em 1934. Conforme Lúcio,

Em 1937, quando Getúlio Vargas preparava o golpe, eu era partidário de Flores da Cunha e éramos contra o golpe. Formamos o Grupo de Resistência contra a intervenção federal, tínhamos a Brigada Militar do nosso lado, mas Getúlio nacionalizou a Brigada e perdemos as forças. O exército assumiu o comando e tivemos que nos exilar em países vizinhos. Consegui ir de vapor de Porto Alegre a Pelotas, de lá cheguei a Jaguarão e atravessando a ponte me dirigi para Montevidéu. Em Montevidéu, Flores da Cunha ficou alguns anos, eu alguns meses. Vindo para Rivera, conheci outro grande amigo, Victor Graef, natural de Carazinho, advogado de um dos réus implicados no caso Ripoll, que me convidou para atuar com ele neste processo. Nessa época frouxaram a repressão contra minha pessoa e voltando a Porto Alegre retornei a minha atividade. Mas em face das relações que adquiri em Santana do Livramento, voltei, e com a ajuda de outro grande amigo, Carlos Varela, primeiro diretor do jornal A Platéia, que na época cedeu-me um espaço dentro da redação do jornal para que eu atendesse minha clientela, reiniciei minha atividade profissional, sendo assim, aqui me estabeleci e muito trabalhei.³⁴⁵

Nesses anos acontece a aproximação de Lucio com Solon, que trabalhava como redator em A Platéia. Um fato marcante anotado pelo historiador Ivo Caggiani nos traz um indício de que o posicionamento de combate que Lúcio e Solon manteriam pelos anos seguintes contra as ações arbitrárias tomadas dentro do frigorífico pode ter nascido nos dias em que conviveram na redação do jornal. Conforme Caggiani, durante o período da Segunda Guerra, quando parte da produção do frigorífico era destinada ao fronte aliado, foi publicada uma reportagem que denunciava a contratação de trabalhadores estrangeiros, sem a documentação necessária e descumprindo as regras da recém criada CLT. Um cartaz escrito em espanhol, afixado no portão da fábrica, provocou indignação da comunidade, gerando a denúncia em A Platéia. Por ter publicado o texto criticando o fato, o diretor do jornal, Carlos Varela, foi preso e levado a Porto Alegre, sendo liberado dias depois. O jornal, entretanto, ficaria 20 dias fechado e sem circular.³⁴⁶ Nesse período, Lúcio toma contato com os atores políticos locais e desvenda as relações de poder que interligariam os círculos políticos e econômicos da cidade. Das ideias de Prestes já tomara conhecimento

³⁴⁵ Idem. Pg.16

³⁴⁶ Caggiani, Ivo. Sant'ana do Livramento: 150 anos de história. 2º Volume. Aspes: Santana do Livramento, 1984. Apud: Momentos Marcantes. Vasconcellos, Maria Izabel. San'Ana do Livramento. Ontem, hoje e sempre. Pelotas: editora Santa Cruz. Pg. 171.

desde os dias da Aliança Nacional Libertadora e essas ideias iriam amadurecendo com o contato cada vez mais próximo a Chiquinho Cabeda, Heron Canabarro e a observação do cotidiano dos trabalhadores do frigorífico. Com a redemocratização do país e a promulgação da nova constituição, a 18 de setembro de 1946, as Câmaras Municipais tem o funcionamento reestabelecido. Nas eleições de 15 de novembro de 1947, Lúcio seria eleito suplente de vereador, fazendo dobradinha com Amaro Gusmão, o líder operário do Armour, ambos pelo PSP, o partido do paulista Ademar de Barros, que abria espaço aos comunistas, desde que tivessem chances de fazer crescer o partido entre as massas.

Em 1952, dois anos após a chacina, Hugo Nequesauert estava de volta à militância. Desta vez, sua missão seria a de dar prosseguimento a uma diretriz do partido, que reforçava mais uma vez a idéia de aliança “operário-camponesa”, baseada na consolidação de ligas camponesas e estruturação de sindicatos de trabalhadores rurais, a exemplo do que vinha sendo tentado pela via revolucionária em Porecatu, no norte do Paraná, e que acabou resultando em um fracasso real.³⁴⁷ Em Santana, o partido focava suas ações no fortalecimento da luta dos camponeses pelas terras da Estancia Armour e Hugo seria recrutado para abrir uma nova frente, na localidade de Passo das Pedras, a cerca de 20 quilômetros do centro da cidade. A célula rural do partido, organizada por Hugo, consistia em arregimentar os mais identificados com as ideias de emancipação propostas pelo partido e dar início a uma pauta de reivindicações urgentes que seriam encaminhadas ao prefeito, o petebista João Souto Duarte, um grande fazendeiro do município. Conforme Hugo,

Cheguei lá e formei um organismo de base do Partido, de cinco pessoas. A informação que dei pra eles é que nos éramos comunas e que estávamos ali juntos, todos nós, e tínhamos que trabalhar pra ganhar os campesinos, pra melhorar a situação deles. Mas que era importante que eles não deveriam dizer que eram comunistas. Que se identificassem como operários e que me apresentassem como sindicalista, entende? Eles eram da zona, eu peguei os melhores e fiz uma célula do partido. Eu conhecia o principal deles, que era um ferreiro, então escolhi os melhores e começamos a trabalhar, o povo começou a se entusiasmar, porque nós íamos nas chácaras, e dizia que ia levar o prefeito e reivindicar, que o prefeito, o mínimo que fizesse, fosse arar as terras.³⁴⁸

347 OIKAWA, Marcelo. Porecatu – a guerrilha que os comunistas esqueceram. Expressão Popular: São Paulo. 2016.

348 Hugo Nequesauert, entrevista citada.

A força da mobilização acabou por agregar mais de 100 pessoas que assinavam as reivindicações de melhoria para o local, entre elas o uso das máquinas da prefeitura para o arado nas pequenas propriedades. A presença de Hugo, no entanto, despertou a reação policial, que tentou intervir no movimento. A estratégia encampada pelos comunistas, no entanto, colocou na linha de frente da interlocução um conhecido comerciante da região, insuspeito de pertencer a qualquer organização esquerdista. O prefeito não teve outra opção senão comparecer. Durante o diálogo com os camponeses o político se irritou com o linguajar do ferreiro, que identificou como oriundo de uma doutrinação de esquerda. Hugo entrevistou e quase o encontro acaba em violência. A final, os camponeses conseguiram sementes e o manuseio das terras.

Ele meio se incomodou com o ferreiro, pela maneira que ele planteou os problemas, acho que ele achou meio comunista.... e meio ameaçou. Eu estava num rincão perto, saltei nele, no prefeito, e meio que parei o carro dele, e ele me ameaçava me dar e eu ameaçava dar nele, eu meio que dizendo, eu te derrubo em uma bordoadá.. Ele era muito prepotente, um homem que não era ruim, mas que era muito prepotente. Então, aí ele se acalmou, nós pedimos pra ele, eu pedi que lavrasse as terras, e ele disse que não podia porque era uma extensão muito pequena, a dos camponeses. Eu disse, mas não, nós derrubamos os arames e a extensão fica grande. Bom, no final, ele se comprometeu a arar e dar semente, porque ele mandava na prefeitura, nesse tempo tinha depósito de batatas lá. E o pessoal caiu lá imediatamente buscar as batatas, só que as batatas não eram dele, elas não eram dele, mas ele deu um pouco pra tapear, se soube depois que não era, que era depósito do pessoal, dos grandes plantador, mas ele terminou dando, um pouco do que não era dele. Bueno, um pouco depois terminou a reunião, ele veio de jipe e eu vim a pé, só que eram umas três léguas de lá do local da reunião.³⁴⁹

Hugo prosseguiu o trabalho de organização na área rural, mas em menos de um ano a perseguição que passou a sofrer, de intimidações e ameaças policiais, deram um fim ao trabalho, colocando um obstáculo intransponível nos planos do partido, que a partir dali não teria mais inserção nas lutas dos trabalhadores rurais no município. “Depois disso começou a época ruim e a organização terminou por completo no campo”.³⁵⁰ Nesse momento, Lúcio Soares Neto vivia em Montevideu, onde conseguira asilo e já deixara a militância de maneira turbulenta. Conforme Perseverando Santana, o então comunista Plínio Cabral - que viria a trocar radicalmente suas posições políticas antes do golpe de 1964, passando a atuar a favor da ditadura – acompanhou Lúcio em Porto Alegre, após ter sido levado em segredo para um abrigo. Hugo Nequesauert levou Lúcio a Alegrete, passados alguns meses após a

³⁴⁹ Idem.

³⁵⁰ Ibidem.

chacina. De lá ele seguiu para Porto Alegre. Após um breve período na capital, Lúcio se desentendeu com a direção estadual e abandonou o partido, seguindo para Montevideú. Perseverando lembra que Plínio Cabral estava na fronteira quando se deu o suicídio de Getúlio. Naquele momento, o jornalista atuava na Tribuna Gaúcha, avalizando a diretriz radical do partido, de ataques sucessivos ao presidente. Perseverando, que atuava já muito próximo dos petebistas, fator que seria preponderante na diretriz dos comunistas nos anos seguintes e anteriores ao golpe de 1964, obrigou o grupo que o acompanhava – a despeito das idéias de Plínio - a se dirigir imediatamente ao comitê do PTB para prestar solidariedade. A crise do paradigma revolucionário e o culto a personalidade de Stalin começavam a dar sinais de esgotamento.

A aproximação de Perseverando às idéias nacionalistas que naquele momento alinhavam comunistas e trabalhistas o fez muito próximo de Camilo Alves Gisler, maior liderança do trabalhismo na cidade. Apelidado carinhosamente de “caudilho” por Camilo, Perseverando conferia apoio ao líder que considerava o maior catalisador das massas trabalhadoras da fronteira. “Tinha um prestígio de massa incontestável. Era um político manhoso, ardiloso, e o partido apoiou a candidatura dele. Nos comícios tava todo mundo lá, até o Pedrinho Alvarez. Pode dizer que era populista e tal, mas o apoio popular ele tinha como ninguém. Me prezava muito.”³⁵¹ O carisma de Camilo foi responsável pela chegada sucessiva ao Palácio Moysés Vianna de quatro prefeitos do PTB, após o breve período de líderes pessedistas após o Estado Novo. João Souto Duarte (1952-1956) e Pancho Goes (1956-1960), foram eleitos pelo “cabo eleitoral” Camilinho, que por fim assumiu a prefeitura em 1960, vencendo com ampla vantagem os concorrentes. Com o assassinato de Camilinho por Pancho Goes, em 18 de agosto de 1961, em um crime que envolveu disputas internas no PTB, assumiu seu vice, Hermínio de Menezes. Finalmente, em 1964 o ex-secretário de João Souto Duarte, o petebista Sérgio Fuentes, assumiria pelo partido mais uma vez o paço municipal, sendo cassado logo após pelo golpe de 1964.

Para o advogado Fernando Goes, filho de Francisco Reverbel de Araújo Goes, o Pancho Goes, muito embora os prefeitos petebistas fossem grandes fazendeiros, a exceção de Sérgio Fuentes e Camilo Alves Gisler, os diferenciava a posição progressista e nacionalista, em contraposição aos candidatos da UDN e PSD, que mesmo coligados nunca mais

³⁵¹ Perseverando Santana. Entrevista citada.

ganhariam uma eleição municipal. Nessa equação local, Camilo reinava absoluto, com seu estilo popular de angariar votos. “Antes de ser eleito prefeito, Camilinho foi eleito deputado estadual e raramente compareceu à Assembléia Legislativa. O que ele gostava era de ficar por trás, mandando, lá na Casa Castro. E ser o dono dos votos, porque ele elegeu João Duarte e Pancho Goes, que não tinham os votos, eram dele os votos”, assinala Fernando Goes. A política populista dos petebistas incluía a aproximação com as demandas populares, através de políticas assistencialistas que envolviam o estabelecimento de vínculos emocionais com a população. Goes recorda de duas passagens durante o governo de seu pai, que indicam o teor desse direcionamento político.

Não existia supermercados na época, e qualquer mudança de preço era pesada para a população. Então ele começou a regular o preço dos ‘bolicheiros’. Trazia mercadorias essenciais do porto de Rio Grande, comprava barato, com o dinheiro da prefeitura, porque hoje o prefeito vive em uma camisa de força, e na época se tinha mais liberdade. O prefeito não tinha essa atuação do Ministério Público, da lei de responsabilidade fiscal, então não era tão controlado. Meu pai inclusive avalizava pela prefeitura, para tirar dinheiro do banco, para fazer investimentos..... Ele chamava os bolicheiros e acertava o preço das mercadorias essenciais - arroz, massa, feijão, açúcar - através de uma negociação direta, que acontecia no portão do almoxarifado da prefeitura, que dava ali para a Praça General Osório. Ele colocava uma tábua, rústica, ali na frente e ia ensacando os produtos e vendendo para o povo, que ia fazendo fila, e colocava o dinheiro dentro de uma caixa de sapato. Aí os bolicheiros se apavoravam e iam lá na prefeitura, porque o gabinete era aberto, entrava e saía quem queria. Aí diziam, olha seu Pancho tá brabo, tá ruim da gente trabalhar, o senhor tá nos quebrando. E ele dizia, não tem problema, vamos acertar os preços. E sacava do bolso uma cadernetinha e começava a negociar: ‘Arroz, tanto’. ‘Não, tá muito seu Pancho’, ‘Então ficamos em tanto’. E assim ia, com todos os produtos e por alguns meses ficava assim, depois os preços começavam a subir de novo. E a população ia novamente reclamar e mais uma vez se trazia de Rio Grande os produtos de primeira necessidade e começava o processo todo de novo.³⁵²

A política assistencialista também funcionava a pleno vapor no final de ano. Na véspera de Natal, Pancho Goes costumava lotar o campo do popular time de futebol Fluminense, para a farta distribuição de presentes para a população das redondezas. Camilinho, por sua vez, distribuía nas vilas cortes de tecidos, de variadas cores e destinações.

Em suas recordações de filho e assistente do pai, um dos prefeitos mais populares do município, Fernando Goes identifica o frigorífico Armour como uma força sempre presente e parte substancial da economia da cidade, sendo a pecuária local particularmente dependente da fábrica. “Fui advogado por três anos do frigorífico, era uma coisa horrível. O maior problema que tinha lá era a questão do trabalho, a população se desesperava, era a força da elite e a pecuária, que mandava na cidade, e eu sempre fui indignado com essa situação, pois o pecuarista era dependente deles e a população também, pois eles

³⁵² Fernando Goes. Entrevista ao autor em 22 dezembro de 2013.

mandavam e desmandavam, tinha um grupo de pecuarista que eles tratavam de forma privilegiada”, avalia. Os petebistas, assegura Goes, mesmo com uma política de cunho nacionalista e críticos em relação aos grandes monopólios, também dependiam das benesses da fábrica. “O João Goulart vinha discretamente aqui de avião, se hospedava aqui na minha casa e negociava com o gerente do Armour, que morava aqui ao lado de casa, o Don Andrés, que foi por anos comprador do Armour. Vendia de mil a dois mil bois. Ele vinha de Brasília para a estância dele e depois vinha para cá. O Armour tinha um poder aqui na cidade, que mandavam e desmandavam, ninguém se atirava contra o Armour, a maior participação do orçamento do município era do frigorífico. Só o partido comunista que enfrentou eles naqueles anos, mas aí o partido foi diminuindo até ficar quase inexistente”, avalia o advogado.

Para o construtor Eustáquio Apoitia, com a ilegalidade do partido e especialmente após a chacina do Parque, o trabalho começou a ficar escasso para aqueles identificados com os comunistas. “Tu sabe, se tu era comunista perdia o emprego, se fazia concurso não te chamavam nunca, e tu ficava ali esperando. Só se fosse um advogado ou coisa assim, senão não era fácil”.³⁵³ Lúcio Soares Neto, já desligado do partido, voltaria à cidade no final da década de 1950 e em 1960 seria eleito vereador novamente, desta vez pelo PTB. Ainda assim, manteve o estilo agressivo contra aqueles que considerava desleais para com os trabalhadores.³⁵⁴ Chico Cabeda morreria em 1969, aos 72 anos, em Rivera.

Solon Pereira Neto, por sua vez, passou a viver em Rivera, logo após ser posto em liberdade, de onde tocou por um período o jornal Unidade, junto a Ary Saldanha. Mudou-se depois para Porto Alegre, onde trabalhou em A Tribuna. Em 1956, não assimilou a divulgação do relatório em que Nikita Krushev denunciava os crimes cometidos por Stalin. Deixou o partido, passando a trabalhar novamente na imprensa santanense, desta vez integrando a redação de A Platéia, cujo proprietário naqueles anos era Toscano Barbosa, jornalista e militante das causas da esquerda. Logo depois passaria para a redação da Folha Popular, onde desempenhou um papel importante na campanha da Legalidade, em 1961. A chacina também deixou marcas no líder operário Amaro Gusmão, que, conforme

³⁵³ Eustáquio Apoitia, entrevista citada.

³⁵⁴ Em 2001, ao ser entrevistado pelo jornal A Platéia, Lúcio, ao ser instado a citar um uma personalidade internacional não hesitou em citar Vladimir Lenin: “Por prever no século XIX, a globalização comandada pelos Estados Unidos, que hoje é uma realidade”. PERFIL. A Platéia. Op.Cit., Pg.16.

Perseverando Santana, “foi o maior líder do Armour, a massa delirava quando ele falava. Mas depois se apagou, renegou tudo. Ficou muito traumatizado. Se entregou para uma religião”.³⁵⁵

Hugo Nequesauert tentou continuar no ativismo político, concorrendo a câmara municipal, mas desiludiu-se com a má receptividade dos operários a seu estilo popular. “Chegava de bicicleta para pedir votos e aí vinha um advogado num carrão atrás de mim e as pessoas ficavam todas em volta dele...quer dizer, eu vi que não tinha chance contra essa mentalidade”. Após anos de militância, Hugo desistiu: “Existe o seguinte, a gente luta em prol do proletariado, pensa que o proletariado entende, e ele não entende, chega um momento em que ele até se desvia da gente na rua, pra não se comprometer”. Com o dinheiro que ganhou prestando serviços na fábrica, Hugo decidiu tomar conta de suas terras, assim como Heron Canabarro, que aos poucos se afastou da militância e passou a dedicar-se a advocacia e a gerenciar uma propriedade rural que a esposa recebera de herança. Para Eustáquio Apoitia, os anos que se seguiram à chacina, e especialmente com o golpe de 1964, representaram o ocaso de uma militância aguerrida. Restou a ele manter a chama do partido desde um galpão anexo a sua casa. Ali, e também na sede da Sociedade Espanhola, aconteceriam as reuniões que abrigariam ainda um pequeno grupo de militantes em torno das idéias de igualdade e transformação da sociedade santanense.

³⁵⁵ Perseverando Santana. Entrevista citada.

Considerações Finais

“As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.

Onde te ocultas, precária síntese, penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?

Miúdas certezas de empréstimos, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos”.

Carlos Drummond de Andrade- Nosso Tempo

Através da articulação entre os quatro capítulos que compõe esta tese e que permitiram estabelecer um conjunto de reflexões, podemos considerar que o estabelecimento do Frigorífico Armour na fronteira de Santana do Livramento e Rivera proporcionou um aporte significativo no crescimento econômico da região. A partir de então, os grandes produtores rurais passaram a comercializar e escoar a produção do setor primário, especialmente a pecuária, através da fábrica, que ao mesmo tempo proporcionava trabalho a uma parcela não menos significativa da população. Esse aporte, que se constituiu em um diferencial cultural e tecnológico que impactou as formas de vida na cidade, não foi estendido, no entanto, à totalidade da população trabalhadora, seja na melhoria das condições de trabalho na fábrica ou mesmo a um ganho na qualidade de vida da população estabelecida nas periferias e no bairro que se formou nos arredores do frigorífico. Com o final da Segunda Guerra Mundial a fábrica passa a consolidar um papel não menos

importante dentro do grande campo hegemônico dos Estados Unidos sobre o bloco capitalista e particularmente na integração monopólica da produção de alimentos na América Latina. A ação concentradora da fábrica, que passou a barganhar preços e atuar em atividades invernadoras, além de privilegiar um pequeno grupo de pecuaristas, desagradou também os produtores rurais do município e de todo o Estado, que passaram a depender de preços ditados pela empresa, como demonstram os debates travados durante a Assembléia Nacional Constituinte de 1946. Dessa maneira, dos humores da fábrica, maior geradora de divisas para a Prefeitura Municipal e principal compradora do setor pecuário, dependia também o setor de serviços e influenciava o desempenho de toda a economia local.

Com o final do Estado Novo e a redemocratização da sociedade brasileira o espaço político em Santana do Livramento é disputado pelos grandes partidos com representatividade na Câmara Municipal: PSD, PTB e UDN. Correndo por fora, mas não com menos intensidade, os comunistas Lúcio Soares Neto e Amaro Gusmão, na impossibilidade de concorrerem pelo PCB, já cassado pelo TSE, abrigaram-se na sigla PSP. Na Câmara aliam-se ao dissidente pessedista Solon Pereira Neto. Juntos, priorizam as demandas populares, como as questões ligadas a saúde do trabalhador e desvios na legislação trabalhista. Também as lutas pelo pagamento de abonos de final de ano e melhorias no precário sistema de transporte coletivo são abordados com ênfase na tribuna. Constatou-se também uma inusitada ligação, que teve início na revolução de 1930 e seguiu-se na oposição ao Estado Novo, de ativistas como Lúcio Soares Neto, Heron Canabarro e Perseverando Santana, com o líder político José Antônio Flores da Cunha. Heron seria delegado de polícia na fronteira, nomeado pelo então interventor Flores da Cunha. Em Montevideú, Heron iria permanecer exilado por alguns meses na capital uruguaia, onde estava também Lucio Soares Neto, ligados ao grupo de Flores da Cunha.

Em 1947, quatro meses antes do PCB ser colocado na ilegalidade, surge o jornal Tribuna do Povo, criado por Lucio Soares Neto e Francisco Cabeda Júnior. Ao Tribuna do Povo seguiu-se o Unidade, mantido por Solon Pereira Neto e Ary Saldanha. Com uma pauta focada em problemas enfrentados pela classe trabalhadora, os jornais comunistas trouxeram à tona uma realidade pouco conhecida das periferias da fronteira relegada ao abandono e a situação precária de trabalhadores rurais no município. Em pouco tempo os jornais comunistas conseguiram chegar ao coração da classe operária, sensibilizando a

população relegada ao abandono pelo poder público, conclamando os trabalhadores a apoiar as lutas encampadas pelos líderes comunistas e sindicalistas ligados ao partido.

O crescimento da repressão aos movimentos populares leva o partido a adoção de um programa revolucionário em 1948. Os vereadores passam a ampliar as ações de apoio e organização da luta dos pequenos camponeses na disputa pela terra nos arredores do frigorífico, na chamada Estancia Armour. Com a radicalização do partido, que passa a combater abertamente o latifúndio e o frigorífico, Lúcio Soares Neto e Solon Pereira Neto apoiam-se na tese de que a cidade é refém de um grupo de não mais que 150 grandes proprietários rurais, “sócios” do frigorífico e concentradores do capital circulante. A emergência do anticomunismo, a guerra fria e a ameaça atômica somam-se a Guerra da Coreia, em uma combinação explosiva, que coloca os comunistas da fronteira em uma posição de extremo confronto com os inimigos visíveis a olho nu: os imperialistas que produziam ali alimentos enlatados a serem enviados para as tropas americanas.

A direção do PCB passa a ter uma atuação menos centrada em seus intelectuais orgânicos, como Santos Soares e Aristides Correia Leite, que enfrentaram os tempos repressivos do Estado Novo e se consolida na liderança de novos expoentes, mais ligados a uma classe média, composta por advogados, jornalistas e pequenos pecuaristas. A atuação dos militantes partidários ligados aos operários do frigorífico, atuando em paralelo ao sindicato, concretiza uma greve geral na fábrica, em abril de 1949, resultando em 300 demitidos, perseguições e o crescimento da repressão. O Manifesto de Agosto passa a defender uma posição revolucionária e ambígua em relação a representatividade parlamentar. A estratégia de “tensão máxima” levada adiante pelo partido acaba contribuindo para que fosse quase inevitável um enfrentamento de maiores proporções. No dia 24 de setembro de 1950, quatro dos mais ativos militantes operários são mortos pela polícia. A chacina, com a brutalidade e violência que chocou os militantes, suas famílias e a comunidade, desencadeia uma desmobilização política e emocional da qual a militância não mais se recuperaria. Lúcio Soares Neto desliga-se do PCB e exila-se no Uruguai. O rompimento iria deixar feridas profundas e ressentimentos entre os companheiros do partido. Sua atitude no comando do ato em frente ao Parque Internacional nunca foi aceita completamente pelos companheiros remanescentes, que por muitos anos atribuíram a morte dos amigos e militantes a um erro de estratégia do secretário do partido. A comunidade do

Bairro Industrial, no entanto, após seu retorno a Santana do Livramento, continuou a demonstrar apoio ao advogado, elegendo-o vereador, com expressiva votação.

O julgamento dos envolvidos na chacina aconteceu três anos depois e os assassinos são absolvidos pelo tribunal. Embora a herança florista tenha sido enfraquecida no município após as investigações do caso Ripoll e a deposição do governador, com o advento do Estado Novo, no episódio da chacina integrantes do clã Flores da Cunha tiveram participação no caso. Da mesma forma, as sucessivas menções ao nome do coronel Francisco Flores da Cunha em jornais como o Voz Operária, Tribuna do Povo e Unidade como um dos beneficiários dos negócios com o frigorífico mostram que o poder exercido pela família no município ainda era significativo no início da década de 1950.

Com a adesão a linha revolucionária o partido sofre muitas baixas e os militantes remanescentes são perseguidos. Ainda que sob a tensão mais baixa do programa revolucionário, a atitude de confronto ao governo Vargas desencadeia também consequências de repulsa a militância quando do suicídio do presidente. Os militantes do PCB ainda teriam uma atuação bastante consistente no âmbito municipal da Campanha da Legalidade, que reconduziria João Goulart ao poder. Solon Pereira Neto, então redator do jornal Folha Popular e Perseverando Santana, participariam ativamente das ações de organização contra o golpe, mantendo um programa de cunho nacionalista na Rádio Cultura. Com o apoio comunista, os petebistas iriam vencer todas as eleições municipais e constituir maioria na câmara de vereadores a partir de 1952 até o golpe de 1964, quando o círculo político iria se fechar novamente. Dessa vez os militantes comunistas remanescentes das lutas operárias dos anos 40 e 50 seriam fundamentais para o estabelecimento de uma rede de apoio e solidariedade aos exilados brasileiros que procurariam a fronteira para abrigarem-se temporariamente ou empreender fuga para o Uruguai. Os operários do Frigorífico Armour nunca mais iriam repetir uma greve nas proporções que o movimento alcançou em 1949. A fábrica passaria das mãos norte-americanas para uma série de outros acionistas a partir do final da década de 60, porém ainda iria persistir como grande empregador na cidade, mesmo entre altos e baixos, até meados dos anos 1990. Com o fechamento definitivo da unidade, a cidade iria enfrentar uma crise econômica da qual não se recuperaria totalmente até os dias atuais.

Arquivos e Bibliotecas

Periódicos

Montevideu – Biblioteca Nacional do Uruguai (BNU)

El País, 1950.

A Democracia, 1938.

Porto Alegre - Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MCSHJC)

Correio do Povo, a partir de 1950.

Folha da Manhã, a partir de 1950.

Rivera – Biblioteca Municipal Artigas (BMA- Rivera)

Tradición Colorada, 1930/1931.

Santana do Livramento – Museu Municipal David Canabarro (MMDC)

O Republicano a partir da década de 1941

A Platéia a partir de 1940

Folha Popular a partir de 1940

Fontes Impressas

Câmara de Vereadores de Santana do Livramento - Memorial Ivo Caggiani (MIC)

Ata de reuniões legislativas dos anos de 1947,1948 e 1949.

Acervo João Batista Marçal (AJBM)

ILHA, Orestes Rosa . *Memória Histórica da Imprensa Santanense (1860 à 2005)*

Apresentação e notas: João Batista Marçal, Porto Alegre, 2011. (Inédito)

Acervo Perseverando Fernandes Santana (doado ao autor) (APFS)

Discursos e manifestos (originais)

MARIGHELLA, Carlos. *Os comunistas e o orçamento para 1948*. (Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados- Transcrito do “Diário do Congresso” de 11 de outubro de 1947). Editorial Vitória Ltda, 1947.

POMAR, Pedro. *O PCB no Trabalho de Massa*. Informe de Trabalho de Massa da Comissão Executiva ao Comité Nacional do Partido Comunista do Brasil, apresentado pelo camarada Pedro Pomar, no Pleno Ampliado do C.N. em janeiro de 1946.

Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1946.

PRESTES, Luiz Carlos Prestes. *Os comunistas e o monopólio da terra*. Coleção Sabatinas de Luiz Carlos Prestes, 2, Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945.

_____ *Os comunistas na luta pela democracia*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945.

_____ *Depoimento perante a Comissão de inquérito sobre atos delituosos da ditadura*. Ed. Vitória, 1948.

_____ *Como enfrentar os problemas da Revolução Agrária e Anti-Imperialista*. s\d. s\e. (possivelmente discurso proferido no Senado Federal sobre o mesmo tema, posteriormente editado, conforme consta na sessão de bibliografia geral)

_____ *Solução Imediata para os problemas do povo*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte Ltda. s\d.

Livros Raros

AMORÓS HIJO, Antonio. *Caudillismo Salvaje*. La verdade sobre el crimen del Dr. Ripoll. El Periodismo al Servicio de la Justicia. Montevideo, edicion del autor, 1939.

NERUDA, Pablo. *Pablo Neruda Acusa*. Temas de Nuestro Tiempo. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1948.

SANTANNA, Mario. *Os pagos*. Livramento: Imprensa Ltda, dezembro de 1956.

Jornais (originais)

Unidade de 1948 a 1951

Unidade, Ano I, Livramento, Terça-feira, 18 de Maio de 1948, Nº 1.

Unidade, Ano II, Livramento, Terça-feira, 4 de Outubro de 1949, Nº 59.

Unidade, Ano II, Livramento, Sexta-feira, 8 de setembro de 1950, Nº 98.

Unidade, Ano II, Livramento, Sexta-feira, 24 de Fevereiro de 1950, Nº 76.

Unidade, Ano III, Livramento, Quarta-feira, 3 de Janeiro de 1951, Nº 107.

Unidade, Ano III, Livramento, Sábado, 20 de Janeiro de 1951, Nº 108.

Unidade, Ano III, Livramento, Sábado, 24 de Março de 1951, Nº 112.

Unidade, Ano III, Livramento, sábado, 28 de Abril de 1951, Nº113.

Unidade, Ano III, Livramento, sexta-feira, 21 de Dezembro de 1951, Nº 123.

Tribuna do Povo, Ano I, Livramento, sábado 3 de Janeiro de 1948, Nº 65.

O Maragato, 1927 (edição rara)

A Tribuna, Porto Alegre, quinta-feira, 27- 03 -1952

Planfletos (originais)

A Gloriosa Classe Trabalhadora do Armour. Aos Trabalhadores do campo e da cidade a todos os verdadeiros democratas que desejam a independência de nossa pátria. Comité Municipal Pró- candidaturas da F.D.L.N. (s\d)

Comissão de Defesa das Liberdades e dos Direitos Constitucionais Creada em Livramento em Solidariedade a Hélio Santana Alves e Santos Rodrigues; Pela revogação da prisão preventiva de Luiz Carlos Prestes. Livramento, novembro de 1957.

Manifesto ao Povo Santanense, Livramento, 13 de agosto de 1958.

Boas-Vindas a Luiz Carlos Prestes. Santana do Livramento, Junho de 1960.

Partido Comunista Brasileiro, Suplemento NOVOS RUMOS, Ano III, Rio de Janeiro, semana de 11 a 17 de agosto de 1961- nº 127.

Outros documentos

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA - BIBLIOTECA NACIONAL (HDBN)

Voz Operária, de 1947 a 1954

ANAIS- PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, BIBLIOTECA DIGITAL (APCD-BD)

Anais da Assembléia Nacional Constituinte, 1946, Volumes V e VI.

Entrevistas

Antônio Apoitia Neto, 69 anos, advogado. Santana do Livramento (RS), 2004, 2005, 2006 e 2007.

Adão dos Santos Pereira, 70 anos, brasileiro, operário fabril, Santana do Livramento (RS), agosto de 2013.

Armandina Rosales, 78 anos, funcionária pública aposentada, Santana do Livramento (RS), 14 de janeiro 2013.

Carlos Henrique Civeira Bassedas, 88 anos, brasileiro, chefe de sessão do Frigorífico Armour aposentado, Santana do Livramento (RS), janeiro de 2012.

Claudio Antônio Bittencourt Caldas, 65 anos, brasileiro, pecuarista, Santana do Livramento (RS) 26 de outubro de 2015. (Ex-Presidente da Associação Rural de Santanna do Livramento)

Delma Medes Nequesaurt, uruguaia, 83 anos, do lar, Santana do Livramento (RS), 2005 à 2012.

Arturo Eguia, 87 anos, uruguaio, operário fabril aposentado, Rivera (ROU), 2009.

Devercilina Custódio Machado, brasileira, 74 anos, do lar, Santana do Livramento (RS), 2008, 2009.

Diva Alves da Silveira, brasileira, operária fabril, Santana do Livramento (RS), 16 janeiro 2013.

Enilda Cruz Martins, 70 anos, brasileira, pesquisadora, Santana do Livramento (RS), janeiro de 2012.

Eustáquio Apoitia, brasileiro, 85 anos, construtor aposentado, Santana do Livramento (RS) 2002 a 2006.

-Fernando Goes, 65 anos, brasileiro, pecuarista e advogado, 65 , Santana do Livramento (RS), 2015.

Gessy Soares Fagundes, 84 anos, brasileira, do lar, Rivera (ROU), 2009 e 2011.

Hélio Santana Alves, brasileiro, 94 anos, pecuarista aposentado, Rivera (ROU), 2006, 2007, 2008.

Hugo Nequesaurt, uruguaio, 84 anos, torneiro mecânico aposentado e pecuarista. Santana do Livramento (RS), 2005 a 2011.

Humberto Setembrino Carvalho, brasileiro, 67 anos, promotor público aposentado e membro do PCB-RS. Porto Alegre (RS), setembro de 2009, 2010, 2013. Florianópolis (SC) via email em maio de 2017.

Ilza Costa Soares Neto, 78 anos, brasileira, do lar, Santana do Livramento (RS), julho de 2006 e janeiro de 2009.

João Batista Marçal, brasileiro, 68 anos, pesquisador, Viamão (RS), 12.10.2009.

Jorge Ferrão, 82 anos, brasileiro, taxista aposentado, Santana do Livramento (RS), 2015, 2016.

Jurema Caggiani, 77 anos, brasileira, do lar, Santana do Livramento (RS), 2006, 2007 e 2009.

José Cardoso, 80 anos, brasileiro, operário fabril aposentado, Santana do Livramento (RS), 2013.

La-Hire Badaraco, brasileiro, 87 anos, comerciante aposentado, Santana do Livramento (RS), 2008, 2009.

Leonardo Santana Fernandes, 63 anos, brasileiro, pecuarista e advogado, Santana do Livramento (RS), 2014.

Lucio Soares Neto, advogado, brasileiro, 94 anos, Santana do Livramento, Janeiro, fevereiro de 2004 e 2005.

Luis Carlos Santana, 65 anos, funcionário público aposentado, Santana do Livramento (RS), 2015.

Maria Amália Santana, 72 anos, aposentada, Santana do Livramento (RS), 2015.

Marlova Souza Canabarro, 62 anos, brasileira, funcionária pública, Paris, agosto de 2014 e Florianópolis janeiro de 2015, 2016.

Nilson Chaparro, brasileiro, 86 anos, operário fabril aposentado, Santana do Livramento (RS), 2012.

Nubem Medeiros, brasileiro, professor universitário, 73 anos, Porto Alegre (RS), 2010 à 2017,

Olga Santana, 68 anos, professora aposentada, Santana do Livramento (RS), 2011 e 2012.

Oneider Vargas, brasileiro, 49 anos, professor, sociólogo e secretário do PCB de Santana do Livramento (RS), 2010 3 maio 2017.

Oriosmar Ribeiro, brasileiro, 81 anos, operário fabril aposentado, Santana do Livramento (RS), fevereiro de 2011.

Pedro D'Avila de Mello, brasileiro, engenheiro, escritor, Florianópolis (SC), entre 2013 e 2017.

Perseverando Fernandes Santana, brasileiro, 86 anos, pecuarista, Santana do Livramento (RS), entrevistado entre os anos de 2003 á 2015.

REVISTAS

Álbum Armour, 1918-1953.

Revista Cuadernos de Marcha, Montevideo, Uruguay, nº 55, noviembre-1971.

Revista Anos 90, nº 3, Porto Alegre: Revista do Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS, junho, 1995.

Dossiê Cultura e Resistência: Dez anos sem Edward Paul Thompson. Florianópolis: UFSC, Revista do PPGH, nº 12, 2004.

Dossiê Trabalho, Cultura e Poder. Florianópolis: UFSC, Revista do PPGH, nº 14, 2005.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Regional

- ABELLÁ, Luis Alberto e LEÓN, Joel Salomón. *Cosas e gentes de Rivera. La Nomenclatura Viva*. Tomo I. Rivera: Grafias, 1993.
- _____, *Cosas e gentes de Rivera. Los Gobernantes Comunales, Sus protagonistas- 1825- 1919*. Tomo II. Rivera: Grafias, 1994.
- ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour, uma Aposta no Pampa*. Santa Maria: Palotti, 2000.
- ASEFF, Liane Chipollino. *Memórias Boemias: Histórias de uma cidade de fronteira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.
- ASEFF, Marlon Gonsales. *Retratos do Exílio, Resistência e solidariedade na fronteira*. Santa Cruz do Sul, 2009.
- COITINHO, Arlindo. *João Bispo*. Santana do Livramento, Editora A Platéia, 1985.
- _____. *É a luta Doutor!* Porto Alegre: Renascença, 2001.
- _____. *O homem da coxilha*. Santa Maria: Renascença, 2004.
- CAGGIANI, Ivo. *Município de Livramento. História*. Santana do Livramento: Folha Popular, Mimg., 1958.
- _____. *Sant'Ana do Livramento – 150 anos de História*. Volume I. Santana do Livramento: Aspes/ Editora Museu Folha Popular, 1983.
- _____. *Sant'Ana do Livramento – 150 anos de História*. Volume II. Santana do Livramento: Aspes/ Editora Museu Folha Popular, 1984.
- _____. *Cadernos de Santana. Santana do Livramento: (MIG)* 1986.
- _____. *Carlos Cavaco, a vida quixotesca do tribuno popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.
- _____. *João Francisco, A hiena do Cati..* Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.
- _____. *100 anos de Comércio*. Santana do Livramento: Edigraf, 1991.
- _____. *Rafael Cabeda, Símbolo do federalismo*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

- _____ *Honório Lemes, um herói popular*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- _____ *Flores da Cunha, Biografia*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- _____ *Frigoríficos*. Apostila s/d.
- _____ *Charqueadas*. Apostila s/d.
- CARNEIRO, Glaucio. *Lusardo, o Último Caudilho*. Coleção Brasil Século 20. Volume I, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1977.
- CARVALHO, Cirino Bitencourt de. *Lendo o Passado*. Volume I. Santana do Livramento: EDIGRAF, 1986.
- _____ *Lendo o Passado*. Volume II. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1992.
- COITINHO, Arlindo. *O homem da coxilha*. Porto Alegre: Renascença, 2004.
- _____ *É a Luta, Doutor!* Porto Alegre: Renascença 2001.
- NAVARRO, Waldemar Rodriguez. *Villa Ceballos, los que pusieron los cimientos*. Historia de Rivera. Tomo I, Rivera: Editora Atlántida, 1981.
- PINTOS, Anibal Barrios. *Rivera, una Historia Diferente*. Tomo I, Montevideo: 1990.
- _____ *Rivera, una Historia Diferente*. Tomo II. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, 1990.
- SCHÄFFER, Neiva. *A Urbanização na Fronteira*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.
- SCHIRMER, Lauro. *Flores da Cunha, de corpo inteiro*. 2ª Edição, Porto Alegre: RBS. 2007.
- SOUSA, Oneider Vargas de. *As lutas operárias na fronteira: A chacina dos quatro “ÀS”* (Livramento, RS- 1950). Porto Alegre: Editora Livraria Palmarinca, 2015.
- VASCONCELOS, Maria Izabel. *Santana do Livramento, ontem, hoje e sempre*. Pelotas: Editora Santa Cruz, 2015.
- QUADRELLI, Sánchez, Andréa. *A Fronteira inevitável*. Um estudo sobre as cidades de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) a partir de uma perspectiva antropológica. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

Bibliografia Geral

ALMEIDA, Carla Beratriz de. *A propopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: julho 2011.

ARAÚJO, Célia Regina Aiélo. *Perfil dos Operários do Frigorífico Anglo de Barretos. 1927-1945*. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP, 2003.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. IN: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984 .

BAMBIRRA, Vânia. *O capitalismo dependente latino-americano*. 3ª edição, Trad. Fernando Corrêa Prado e Marina Machado Gouvêa. Florianópolis: Insular, 2015.

BANDEIRA, Luís Alberto Moniz. *O ano Vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____ *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

BARRAN, Jose Pedro, NAHUM, Benjamin. *Battle, los estancieros y el império británico*. Montevideo: EBO, 1979.

BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de pesquisa em História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____ *Teoria da História. Os paradigmas revolucionários. Volume III*. 2ª Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BATALHA, Cláudio. *A vida associativa: Por uma nova abordagem da História institucional nos estudo do movimento operário*. Porto Alegre: Anos 90, nº 08, dezembro. Revista do PPG História, UFRGS, 1997.

_____ “Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro no século XIX: Algumas reflexões em torno da classe operária”, In Cadernos AEL: Sociedades Operárias e Mutualismo, Campinas: Unicamp/IFCH V.6, nº 10/11, 1999.

_____ SILVA, Fernando Teixeira da. (Org) *Culturas de classe*. Campinas: Unicamp, 2004.

_____ *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____ *Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na primeira República* Ciências Sociais hoje, Anuário de Antropologia, Política e Sociologia/ ANPOCS, 1990.

BEER, Max. *Histórica do Socialismo e das lutas sociais*. Coleção Assim lutam os povos. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BELLINTANI, Adriana. *Conspiração contra o Estado Novo*. Edipucrs. Porto Alegre: 2002.

BENEVIDES, Maria Vitória. *A UDN e o Udenismo. Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____ *O PTB e o Trabalhismo*. Partido e Sindicato em São Paulo: 1945-1964. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BERLINCK, Manoel T. *Marginalidade Social e relações de classes em São Paulo*. Coleção sociologia brasileira. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1975.

BUONICORE, Augusto César. *Os comunistas e a estrutura sindical corporativa (1948-1952): entre a reforma e a Ruptura*. Dissertação de mestrado. Unicamp. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp. 1996.

_____ *Sindicalismo Vermelho: a política sindical do entre 1948 e 1952*. Artigo. Cadernos AEL – Arquivo Edgard Leunroth. IFCH. Unicamp.S\d.

CAMPODÓNICO, Gabriela. *El Frigorífico Anglo: Memória urbana y memória social en Fray Bentos*. Unesco-Uruguay. anuário 200-2007.

CANUTO COSENZ. *Apoena. Um partido, duas táticas: uma historia organizativa e politica do partido comunista brasileiro*. Dissertação de mestrado. Biblioteca Digital USP, São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e Ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: EdUFF, 1986.

CARONE, Edgar. *O P.C.B : (1922-1924)*. São Paulo: Difel, 1982.

_____ *Movimento Operário no Brasil. (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984.

_____ *Classes Sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática ,1989.

_____ *Brasil: anos de crise (1930-1945)*, São Paulo: Ática: 1991.

- CHAUÍ, Maria Helena. *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*. Col. História do Povo Brasileiro, São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922- 1972)*. Rio de Janeiro: Graal: 1982.
- CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio (ORGS.). *Velhos Vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná*. Curitiba: UFPR, 2008.
- COSTA, Emília Viotti da. *Estruturas x Experiências. Novas tendências na história do Movimento Operário e das Classes Trabalhadoras na América Latina: O que se perde e o que se ganha*. BIB, Rio de Janeiro/ ANPOCS (29), 1990.
- DÍAZ, Universindo Rodriguez. *Los sectores populares em el Uruguay del Novecientos. Primer parte (1907-1911)* Montevideo: Editorial Compañero. 1989.
- _____ *Los sectores populares em el Uruguay del Novecientos. Segunda parte*. Montevideo: TAE, 1994.
- DOMECQ, R. *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1916.
- DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975.
- DUARTE, Adriano Luiz. *Cultura popular e Cultura política no Após-Guerra: Redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-1973*. Tese de doutorado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, junho, 2002.
- ESPIG. Márcia Janete. *O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela história*. Revista Texturas n. 9 / nov.2003 a jul. 2004.
- FRANCO, Guillermo Vasquez. *Ingleses, ferrocarriles y frigoríficos*. Montevideo: Enciclopédia Uruguaya. Arca y Reunidos, 1968.
- FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Volume I. 10ª Edição. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.
- _____ *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Volume II. 10ª Edição. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)* São Paulo: Difel, 1986.
- FERNANDES. Florestan. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1972.

- FERREIRA, de Moraes, Marieta, AMADO, Janaína. (Orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2ª Edição, 1998.
- FERREIRA, Jorge. *Trabalhadores do Brasil: imaginário popular*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- _____ *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____ *Prisioneiros do Mito. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EdUFF - Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- _____ *O imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- _____ *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____ e REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FORTES, Alexandre. Et alii. *Na luta por direitos: estudos recentes em história social do trabalho*. Campinas: Unicamp, 1999.
- _____ *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora Porto-Alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: Educus ; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FORU, *Pacto de Solidariedade- Congresso fundacional, 1905*. In *El sindicalismo uruguayo*. Montevideo, Ediciones Taurus, 2006.
- FRENCH, John D. *O ABC dos operários. Luta e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Caetano do Sul: Hucitec- Prefeitura de São Caetano do Sul, 1995.
- _____ *Afogados em leis. A CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: 2001.
- GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas: Unicamp: 4ª Edição, 1996.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. *Burguesia e trabalho: política e legislação social - 1917-1937*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- _____ *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.
- _____ *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____ SILVA, Fernando Teixeira da (ORG) A Justiça do Trabalho e sua História. Campinas: Editora UNICAMP, 2013.

HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. O Rio Grande do Sul. A Terra e o Homem. Porto Alegre: Globo, 1941.

HAUPT, Georges. Porque a história do movimento operário? Revista Brasileira de História, São Paulo/ANPUH. V. 5, nº10. março /agosto 1985.

HOBBSAWM, Eric. (Org.) História do Marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____ Sobre História - Ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____ Os Trabalhadores. Estudos sobre a história do operariado. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____ Mundos do trabalho: Novos estudos sobre a história da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IANNI, Octavio. Imperialismo na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1988.

JANKE DA SILVA, Neuza Regina. Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? (O Frigorífico Anglo em Pelotas). Dissertação de Mestrado. PUC-RS. 1999

JUNIOR, Caio Prado. A revolução brasileira. São Paulo. Editora Brasiliense, 1978.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. História A arte de inventar o passado. Campinas: EDUSC, 2007.

JUNIOR, Adhemar Lourenço Silva. As Sociedades de Socorros Mútuos: estratégias privadas e públicas (Estudo centrado no RS- Brasil, 1854-1940) Tese de doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do RS, Porto Alegre, 2004.

KAREPOVS, Dainis. A classe operária vai ao Parlamento. O bloco operário e camponês do Brasil (1924-1930).São Paulo: Alameda, 2006.

LEAL, Murilo. A Reinvenção da Classe Trabalhadora (1953-1964). Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

LIMA, Henrique Espada. A Micro-História Italiana. Escalas, Índícios e Singularidades. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.

LOBATO, Mirta Zaida. La vida em las fábricas. Trabajo, protesta y política en una comunidade obrera, Berisso (1904-1970). Segunda edición Buenos Aires: Livros Prometeo, 2004.

LONER, Beatriz Ana. Construção de classe: Operários de Pelotas e de Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Editora Universidade /Unitrabalho, 2001.

LOPES, José Sérgio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. Brasília: UNB\Rio de Janeiro: Marco Zero, 1988.

LOPEZ, Gustavo. Uma breve história do movimento operário uruguaio. Revista Marxismo Vivo. Nº 15, 2007.

LOVE, Joseph. O regionalismo gaúcho. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MATTOS, Marcelo Badaró. E.P.THOMPSON e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2012.

MARTINS, Marisângela. De volta ao presente. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações da democracia (1945-1947). Dissertação de mestrado PPG História UFRGS, Porto Alegre, 2007.

_____ À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil, (Porto Alegre, 1927-1957). Tese de doutorado PPG História, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MARTINS, (Org.) Maria Helena. Fronteiras Culturais- Brasil, Uruguai, Argentina Cotia: Ateliê Cultural, 2002.

MARÇAL, João Batista. Comunistas Gaúchos. A vida de 31 militantes da classe operária. Porto Alegre: Editora Tchê, 1986.

_____ Memória Histórica dos Socialistas Gaúchos. Edição do autor, s\d.

MARX, Karl; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

_____ Carlos Cavaco, o primeiro agitador de Porto Alegre. In A Luta, Órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro - Rio Grande do Sul. Porto Alegre, setembro/outubro de 1997.

_____ Os anarquistas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

_____ A imprensa operária no Rio Grande do Sul (1873-1974). Porto Alegre: s. ed., 2004.

_____ MARTINS, Marisângela. Dicionário Ilustrado da Esquerda Gaúcha. Anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 2008.

MEIHY, Carlos Sebe Bonh, José. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 2002.

_____ (Org.) (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: USP, 1996.

MARTINS, Marisângela. De volta para o presente. Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). Dissertação de mestrado, Porto Alegre: UFRGS, 2007.

_____A esquerda de seu tempo. Escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre 1927-1957). Tese de doutorado, Porto Alegre, UFRGS, 2012.

MENDONÇA, N. O Impacto da fronteira sobre a vida de uma comunidade: Rivera-Livramento. Dissertação de Mestrado. PUC-RS. Porto Alegre. 1980

MERCURE, Daniel, SPURK, Jan (ORG) O trabalho na história do pensamento ocidental. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sônia Guimarães Taborda. Petrópolis: Vozes, 2005.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. Episódios do ciclo do charque. Porto Alegre: Edigal, 1987 .

MONTENEGRO, Torres, Antônio. História Oral e Memória. São Paulo: Contexto, 3ª Edição, 1994.

MORAES, Dênis, VIANA, Francisco. Prestes: Lutas e Autocríticas. 2º Edição. Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

MORAES, João Quartim. Concepções comunistas do Brasil democrático: esperanças e crisações (1944-1954), IN, História do marxismo no Brasil. Vol.3. Campinas: Editora Unicamp, 1998.

PANDOLFI, Dulce. Camaradas e Companheiros. História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PAOLI, Maria Célia. A família operária: notas sobre sua formação no Brasil. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v.4, nº 1-2, 1992.

_____ etalii Pensando a classe operária: os trabalhadores como sujeito ao imaginário acadêmico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.3, nº 6, set. 1983.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Greves no Rio Grande do Sul (1890-1919) in ANTONACCI, M.^a et alli - RS: Economia & Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____ Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade\FAPERGS, 1989.

_____ LUCAS, Maria Elizabeth (Orgs) Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870-1930). Porto alegre: Editora da Universidade\Tchê, 1992.

_____ Cruzando fronteiras: As pesquisas regionais e a história operária brasileira. In Revista Anos 90. nº 3, junho, Porto Alegre: Revista do Programa de Pós-Graduação em História -UFRGS,1995

PIMENTEL, Fortunato. O Rio Grande do Sul e suas riquezas. Porto Alegre: Globo, 1944.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. República Velha Gaúcha: Estado Autoritário e Economia. in ANTONACCI, M. A. et alli - RS: Economia & Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____ República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: IEL\ Movimento, 1980.

_____ História do Rio Grande do Sul. 3ª Edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PORRINI, Rodolfo. “Experiencias de clase trabajadora e ideologias em conflicto (1940-950). In: Camou M.M. e Porrini, R. (Comp.) Trabajo e historia en el Uruguay. Investigaciones recientes. FHCE – FCS – CSIC. Montevideú. 2006

_____ Izquierda Uruguaya y Culturas Obreras em el Tiempo Libre: Montevideo (1920-1950). Tesis de Doctorado. Facultad de Filosofia y Letras. Universidad de Buenos Aires. 2012.

PORTELLI, Alessandro. The Battle of Valle Giulia. Oral History and art of dialogue. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1997.

_____ A Bomba de Turim: A Formação da memória no pós- guerra. Trad. Celina Portocarrero. In Revista História Oral, nº 9, v. 1, 2006.

PRESTES, Luiz Carlos. Contra a Guerra e o Imperialismo. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 1946.

RAMA, Angel. Origenes del movimiento obrero en el Uruguay. In Opición Libertaria. Montevideo: Gael. Panfeto, s\d.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. Crime e Castigo. Conflitos Políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938). Passo Fundo: Editora UPF, 2001.

REVEL Jacques (org.) Jogos de Escalas. A experiência da Microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REISCHEL, Heloisa Jochims e GUTFREIND, Ieda. Fronteiras e Guerras no Prata. São Paulo: Atual. 1995.

REIS, João Carlos. As identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC. 6a Edição, Rio de Janeiro: FGV, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (org.). História do marxismo no Brasil. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, vol. 5, 2002.

RODEGHERO, Carla Simone. Memórias e avaliações: Norte-Americanos, católicos e a recepção do anticomunismo entre 1945 e 1964. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2002.

_____ O diabo é vermelho. Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: UPF, 2003.

RODRIGUEZ, Enrique. Uruguay: raíces de la madurez del movimiento obrero. Buenos Aires: Imprenta. 1989.

ROLDAN, Diego P. Chimeneas de Carne. Una Historia Del Frigorífico Swift de Rosario 1907-1943. Prohistoria ediciones. Rosario. 2008

RUAS, Tabajaras e BONES, Elmar. A cabeça de Gumercindo Saraiva. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SALDANHA, Neli. Nos melhor dos tempos e nas tempestades, Ary Saldanha: Um homem de luta na trilha do socialismo. Caxias do Sul: Eva Eberhardt. 1996.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (ORG.) Por Uma Nova História Urbana. Bernard Lepetit. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTANA, Marco Aurélio. Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa (ORG) Trabalhar o mundo. Os caminhos do novo internacionalismo operário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SEGATTO, J. A., NETTO, J. P., NÉTO, J. R. AZEVEDO, P. C de e SACCHETTA, W. (Org.) PCB - Memória Fotográfica - 1922-1982. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SERVICE, Robert. Lenin. A Biografia Definitiva. Editora Difel: São Paulo, 2006.

SILVA, Neuza Regina Janke. Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário? O Frigorífico Anglo em Pelotas. Dissertação de Mestrado. PUC-RS. 1999.

SOUZA, Blail de. Susana. "Os caminhos e os homens do contrabando" In Prática de Integração nas Fronteiras. Temas para o Mercosul. Porto Alegre: Editora da Universidade, Goethe Institut, Neba, 1995.

SCHMIDT, Benito Bisso. O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos

Cavaco (1878 - 1961). Campinas, PPG em História da UNICAMP, 2002. Tese de doutorado.

_____ Carlos Cavaco: um galã no movimento operário gaúcho. Programas e Resumos. XX Simpósio Nacional de História/ ANPUH. Florianópolis, 25 a 30 de julho de 1999.

_____ O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. Revista Brasileira de História, v.21, nº 41, São Paulo, 2001.

_____ Um Socialista no Rio Grande do Sul. Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). Porto Alegre: Editora Universitária, 2000.

_____ Em busca da terra da promessa: A história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

_____ De Mármore e de Flores. A primeira greve geral do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, outubro de 1906). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SILVA, Fernando Teixeira da. Na luta por direitos: Estudos recentes em História Social do Trabalho. Campinas: Unicamp:1999.

_____ Operários sem patrões. Os trabalhadores da cidade de Santos no entre guerras, Campinas: Unicamp, 2003.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964. 10ª Edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SPURK, Jan. A noção de trabalho em Karl Marx. O trabalho na história do pensamento ocidental. IN MERCURE, Jan, SPURK Daniel, Jan (Org.) Editora Vozes. Petrópolis, 2005.

THOMPSON, Edward Paul. A Formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichenberg. 1ª Editora São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____ As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos. Campinas: Unicamp, 2001.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª Ed., 1992.

WEBER, Regina. Os operários e a Colméia. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

VALDEZ, Lélío Roberto. Os Homens da Swift. Lutas operárias nos anos do estado Novo. Monografia, IFCH, UFRGS. Porto Alegre: 2007.

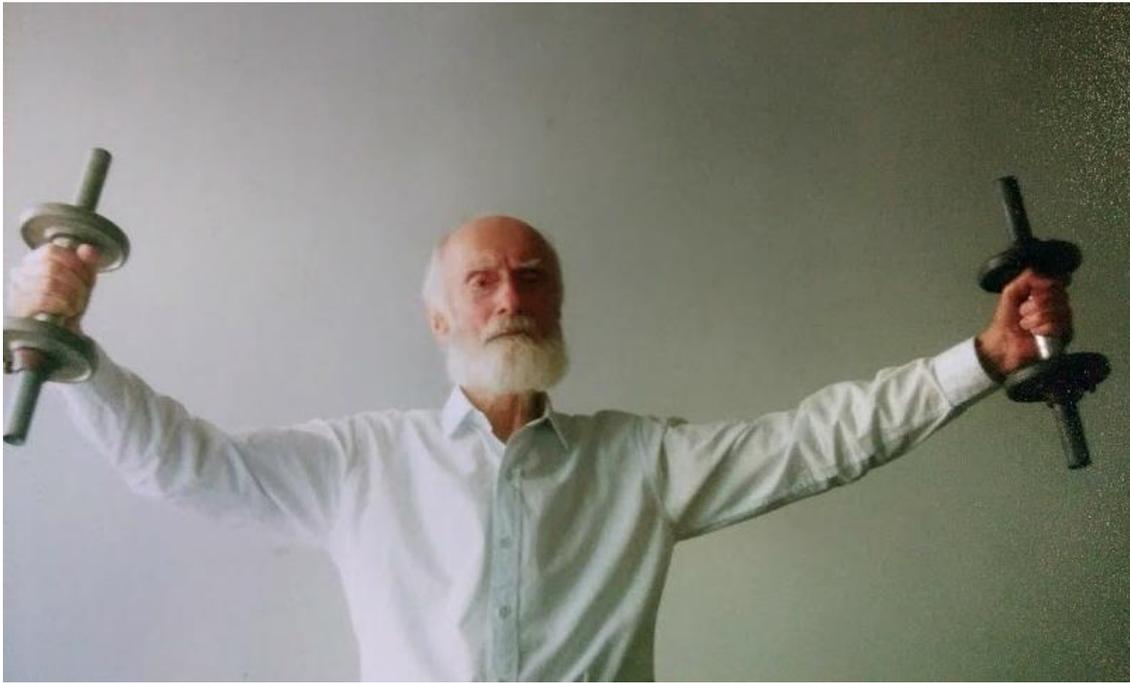
VINHAS, Moisés. O Partidão. A luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Editora Hucitec, 1982.



Peseverando Santana e Hugo Nequesauert (acervo do autor)



Heron Canabarro, Renée Canabarro e Francisco Cabeda Júnior - ao centro, as crianças Nelson e Marlova Canabarro (acervo do autor)



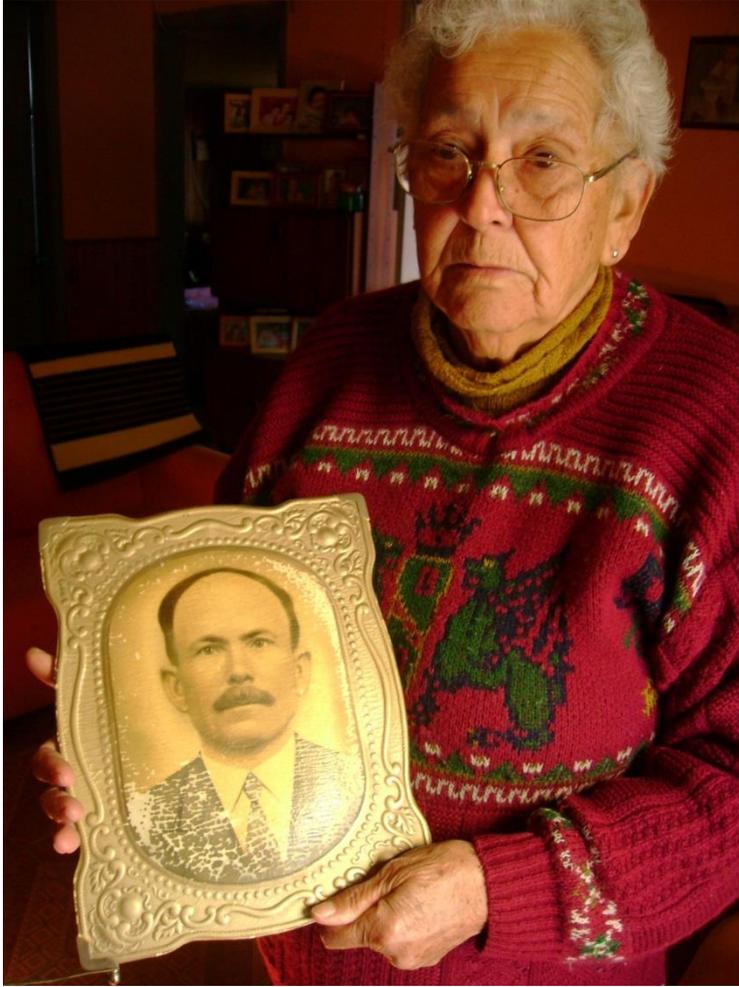
Lúcio Soares Neto (acervo do autor)



Jorge Ferrão (acervo do autor)



Jovelino Santana (acervo do autor)



Gessy Soares (Santos Soares – foto) acervo do autor



Delma Mendes Nequesauert (acervo do autor)



José Cardoso (acervo do autor)



Hélio Santana Alves (acervo do autor)



Solon Pereira Neto (acervo do autor)



Luiz Carlos Prestes e Perseverando Santana, 1960 (acervo do autor)



Luiz Carlos Prestes visita o túmulo dos militantes mortos em 1950. Da esquerda para a direita: Padilha, Ary Saldanha, Pedro Perez, Ângelo Cabeda, Prestes, Eustáquio Aipoitia e Cursino.(acervo do autor)



Abdias da Rocha e Aladim Rosales

O REPUBLICANO

Para Presidente da República:
EDUARDO GOMES

ANO XXXIV — Livramento - R. G. do Su. Brasil NUM 365 2.ª feira 25 de Setembro de 1950

O Discurso do Brigadeiro

Senhores

Na história do civismo e do progresso rio grandeense, a contribuição de Livramento tem sido da mais alta valia. Terra de tradições gloriosas e heróicas, de características peculiares que a singularizam no concerto das municipalidades gaúchas — liberdade democrática tem aqui um culto vivo e permanente, refulgindo no desenvolvimento e bravura dos seus filhos ilustres que tão assinalados serviços já prestaram às instituições republicanas do país.

Entre eles, o general José vibrante de entusiasmo sadio, comungando nas legítimas aspirações de sobrevivência e vitalidades do regime democrático, restaurado pela Constituição de 46 e de recuperação econômica do país, pelo fomento e amparo, sob múltiplos aspectos, da nossa produção.

Dedicando-se preferencialmente à criação de gados, Santana do Livramento orgulha-se, com sobrados motivos, da excelência dos seus plantéis de raças selecionadas, dos rebanhos destinados ao corte e industrializados no seu grande frigorífico.

À imensa classe dos trabalhadores das cidades e dos campos, obreiros anônimos da grandeza do Brasil, Harmonizar o capital e o trabalho, é restituir a paz social.

No lesal entendimento entre empregadores e empregados, no respeito religioso de direitos e deveres recíprocos, no paulatino aperfeiçoamento das franquias trabalhistas, nos cuidados de terra, nas garantias do capital, na exploração das riquezas míseras, no desenvolvimento dos transportes, no abastecimento dos mercados internos de consumo, que se traduz no barateamento da vida, na higidez e educação dos brasileiros, na conjugação dos todos esses fatores construiremos em bases sólidas o edifício da nossa prosperidade, recuperando o largo tempo perdido pelas crises e incompreensões que perturbam o país.

Elementos comunistas provocaram grave desordem, ontem, no Parque Internacional, travando tiroteio com a polícia, resultando 4 adeptos vermelhos mortos e feridos o Delegado de polícia, o sub-delegado e dois inspetores

Na manhã de ontem em varios pontos centrais da cidade as ruas apareceram pixadas com dizeres ilegíveis que constituíam senhas para o brutal conflito que veio se dar à noite como de fato aconteceu.

Aproximadamente as 22 horas, quando os comunistas eram observados pela polícia que proibia o pixamento das ruas reagiram violentamente contra a ordem detonando seus revólveres contra a polícia a qual revidou o ataque brutal e organizado dos adeptos vermelhos, resultado ferido o Dr. Miguel Zacarias, Delegado de Polícia, com ferimento no pé, Sr. Arlo Castilhos, sub-Delegado, também com ferimento no pé, os inspectores Elson e Vidal.

Morreram os comunistas Arl Kulman, Aladim Rosales, Aristides Correa e Abdias Rocha. Há ainda outros feridos.

Edição de O Republicano, 25 de setembro de 1950 (acervo do autor)

*Dr. Perceverando Leutauwa
Uruguai 948
al. l.*

OS NEFASTOS

Efeitos Causados Na Economia Municipal Pela Companhia Armour

Desde muitos anos vem lutando pela emancipação das nossas empresas como uma das primeiras medidas para livrar as massas trabalhadoras e o povo em geral da escravidão e miséria a que estão sendo levados. A situação de crise que atravessa atualmente o comércio e pecuária, o aumento do desemprego e o empobrecimento cada vez maior da população é o resultado da nossa dependência à maior dessas empresas. O Frigorífico Armour, sendo-se que a pecuária é o ramo principal da nossa economia e que o Frigorífico Armour é o estabelecimento capaz de industrializar toda nossa produção pode-se constatar, perfeitamente, que essa empresa imperialista domina não só a nossa principal fonte de renda, como também as demais atividades em nossa terra já que estas últimas são dependentes da primeira. Um fato que comprova essa nossa afirmativa.

(Cont. na 2ª pág.)

UNIDADE

Editor: Rogaciano de Sá. Porara. Data: ... Edição: ...

★ ANO 11 ★ ... 24 de Fevereiro de 1950 ... 76 ★

Contra a Reunião Dos Espiões e Provedores De Guerra

QUASI IMPRATICÁVEL

A PONTE

Do Passo Do Guedes

A ponte do Passo do Guedes, que dá trânsito a dezenas de veículos, principalmente carretas e carroças que abastecem a cidade de ... De nossa parte, temos a dizer que cumpre aos camponeses não apenas esperar que sua reclamação seja atendida, mas, para que rapidamente ve-

Edição de Unidade, 24 de fevereiro de 1950. (acervo do autor)



O Frigorífico Armour em 2015 (acervo do autor)